

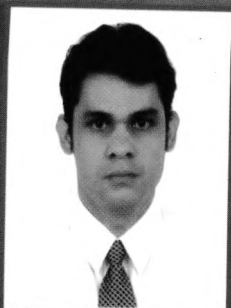
A CABALA DRACONIANA



Adriano Camargo Monteiro



MADRAS



Adriano Camargo Monteiro estuda Esoterismo e Ciências Ocultas desde 1995 e obteve contato com os mais variados ensinamentos afins. É maçom membro da ARLS Madras 3359 (GOSP - GOB); é afiliado à Sociedade Brasileira de Eubiose; é membro da Ordem Rosacruz – AMORC; foi afiliado à Sociedade das Ciências Antigas; foi iniciado no Culto Tao; foi afiliado ao Movimento Gnóstico do Brasil na Nova Ordem; admitido em grupo de linha thelêmica, além de conhecer vários cultos e religiões ocidentais e orientais, participando como convidado e objetivando a pesquisa pessoal. Também pratica tarologia e estuda Teosofia, Alquimia, Gnosticismo, Hermetismo, Cabala Sefirótica e Qliphótica, Budismo, Magia Planetária e Elemental,



MADRAS®

Magia Sexual, Goécia, Necronomicon, etc., buscando a união e harmonia entre *Dark Spirituality* e *Light Spirituality*. Estuda também as obras literárias e mitológicas com interpretação esotérica e metafísica.

Acredita estar, assim, adquirindo maior compreensão de si mesmo e do ser humano, do microcosmo e de seu lugar no esquema do Universo, experimentando o conhecimento na prática, na medida do possível. Por meio de sua obra, pretende contribuir para a divulgação e o exercício prático da Magia e do Ocultismo, assim como divulgar idéias construtivas e ideais libertários para o desenvolvimento da espiritualidade pessoal, despertando um pouco mais a consciência humana. Escreveu também as obras *A Revolução Luciferiana* e *Sistemagia – O Conhecimento Essencial para a Educação Mágica*, publicadas pela Madras Editora, e é ilustrador com ênfase em arte visionária, arte do oculto e surrealismo.

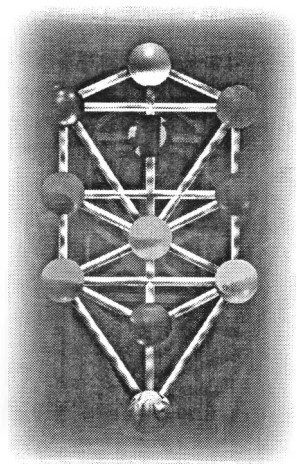
br.geocities.com/adrianocmonteiro



MADRAS

Adriano Camargo Monteiro

A CABALA



DRACONIANA



MADRAS®

© 2007, Madras Editora Ltda.

Editor:

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica Madras

Ilustrações internas e da capa:

Adriano Camargo Monteiro

Revisão:

Arlete Genari

Natalia Gela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Monteiro, Adriano Camargo

A cabala draconiana / Adriano Camargo Monteiro. —

São Paulo : Madras, 2007.

ISBN 978-85-370-0258-2

1. Cabala 2. Espiritualidade I. Título.

07-6060 CDD-135.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Cabala draconiana : Ocultismo 135.4

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da Internet sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana

CEP: 02403-020 — São Paulo/ SP

Caixa Postal: 12299 — CEP: 02013-970 — SP

Tel.: (11) 6281-5555/6959-1127 — Fax: (11) 6959-3090

www.madras.com.br



Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos para:

Wagner Veneziani Costa, Irmão e amigo, pelo reconhecimento, apoio e apreciação, e por tornar meu trabalho realidade para o público sério.

Toda a Equipe Madras, pelo excelente e cuidadoso trabalho editorial.

Simone Fernandes, Irmã, amiga e companheira, pelo reconhecimento, apoio, apreciação, presença dedicada e aprendizado.

A minha família, berço de minha atual existência, pelos cuidados, apoio, colaboração e aprendizado.

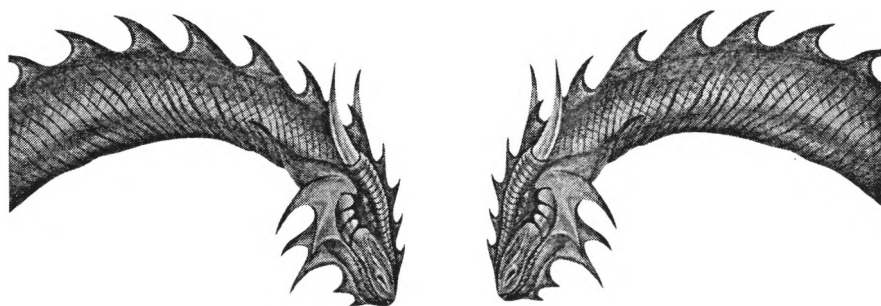
Os meus leitores, pela apreciação e real interesse.

Todos os homens e mulheres que contribuem para a expansão do conhecimento e da sabedoria, na Ciência, na Religião, na Filosofia, na Arte e na Magia, criando muitos “ismos” e “logias”.

Todos os deuses, deusas, anjos, bestas e demônios, por sua força e poder arquetípicos na manifestação de minha existência e na expansão de minha consciência.

O meu Eu, meu Arquiteto e Artífice de Mim mesmo ao longo das Eras, por tudo aquilo que só Eu mesmo posso saber...

Ho Megas Drakon!



Índice

Prefácio	11
A Cabala, a Árvore e o Dragão	15

Parte 1

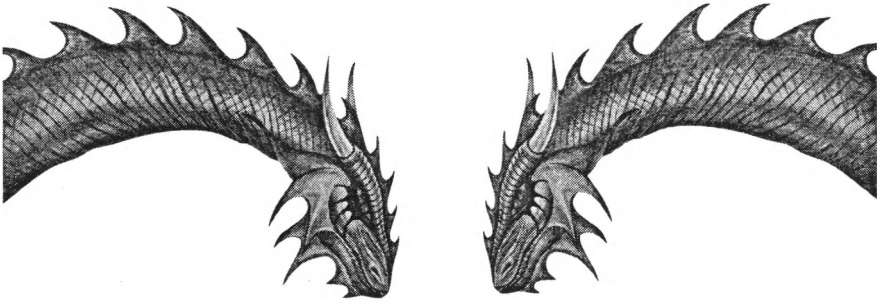
As Sephiroth e suas Qliphoth

Décima Sefhira e sua Qlipha <i>Malkuth – Lilith</i>	37
Nona Sefhira e sua Qlipha <i>Yesod – Gamaliel</i>	45
Oitava Sefhira e sua Qlipha <i>Hod – Samael</i>	53
Sétima Sefhira e sua Qlipha <i>Netzach – A'Arab Zaraq</i>	61
Sexta Sefhira e sua Qlipha <i>Tiphareth – Thagiriron</i>	69
Quinta Sefhira e sua Qlipha <i>Geburah – Golachab</i>	77
Quarta Sefhira e sua Qlipha <i>Chesed – Gha'Agsheklah</i>	83
A Esfera Não-Numerada <i>Daath</i>	91
Terceira Sefhira e sua Qlipha <i>Binah – Satariel</i>	95
Segunda Sefhira e sua Qlipha <i>Chokmah – Ghogiel</i>	103
Primeira Sefhira e sua Qlipha <i>Kether – Thaumiel</i>	107

Parte 2
Os Caminhos e seus Túneis

Décimo Primeiro Caminho e seu Túnel	
<i>Aleph – Amprodias</i>	115
Décimo Segundo Caminho e seu Túnel	
<i>Beth – Baratchial</i>	119
Décimo Terceiro Caminho e seu Túnel	
<i>Gimel – Gargophias</i>	123
Décimo Quarto Caminho e seu Túnel	
<i>Daleth – Dagdagiel</i>	127
Décimo Quinto Caminho e seu Túnel	
<i>Tzaddi – Tzuflifu</i>	131
Décimo Sexto Caminho e seu Túnel	
<i>Vau – Uriens</i>	133
Décimo Sétimo Caminho e seu Túnel	
<i>Zain – Zamradial</i>	137
Décimo Oitavo Caminho e seu Túnel	
<i>Cheth – Characith</i>	141
Décimo Nono Caminho e seu Túnel	
<i>Teth – Temphioth</i>	145
Vigésimo Caminho e seu Túnel	
<i>Yod – Yamatu</i>	149
Vigésimo Primeiro Caminho e seu Túnel	
<i>Kaph – Kurgasix</i>	153
Vigésimo Segundo Caminho e seu Túnel	
<i>Lamed – Lafcursix</i>	157
Vigésimo Terceiro Caminho e seu Túnel	
<i>Mem – Malkunofat</i>	161
Vigésimo Quarto Caminho e seu Túnel	
<i>Nun – Niantiel</i>	165
Vigésimo Quinto Caminho e seu Túnel	
<i>Samekh – Saksaksalim</i>	169
Vigésimo Sexto Caminho e seu Túnel	
<i>Ayin – A'ano'nin</i>	173
Vigésimo Sétimo Caminho e seu Túnel	
<i>Peh – Parfaxitas</i>	177
Vigésimo Oitavo Caminho e seu Túnel	
<i>Heh – Hemetherith</i>	181
Vigésimo Nono Caminho e seu Túnel	
<i>Qoph – Qulielfi</i>	185
Trigésimo Caminho e seu Túnel	
<i>Resh – Raflifu</i>	189

Trigésimo Primeiro Caminho e seu Túnel	
<i>Shin – Shalicu</i>	193
Trigésimo Segundo Caminho e seu Túnel	
<i>Tau – Thantifaxath</i>	197
Posfácio	201
Diagrama I – A Árvore da Vida	203
Diagrama II – A Árvore da Morte	204
Bibliografia	205



Prefácio

Esta obra busca proporcionar uma visão clara e objetiva da Cabala estudada e praticada no Ocidente, abordando também o “outro lado da moeda”, ou seja, as forças qliphóticas, ou tenebrosas, do universo cabalístico.

É um trabalho que pretende ser ainda mais abrangente pela inclusão de diversos assuntos correlatos e, principalmente, dos aspectos sombrios da existência que raramente são abordados na literatura cabalística em geral. O estudo das Qliphoth é um assunto muito obscuro dentro da própria Cabala, muito pouco abordado na literatura cabalística e pela maioria dos ocultistas.

A Cabala apresentada aqui, portanto, constitui a *Cabala Draconiana* (Cabala Hermética e Setiana), como o leitor verá, pois visa ao estudo tanto da Luz quanto das Trevas em diversos contextos; e tem o dragão, em todos os seus aspectos, como um arquétipo muito considerado. Aqui estudamos o Caminho da Mão Esquerda (Espiritualidade das Sombras), no qual a mulher tem muita importância, e o Caminho da Mão Direita (Espiritualidade da Luz), porque assim é o Universo e o homem. Trevas e Luz são dois aspectos de um Todo (*Yin* e *Yang*), e as religiões orientais como o Taoísmo, o Hinduísmo, o Budismo, etc. já há muito tempo compreendem tal dualidade essencial e necessária à manifestação.

É preciso deixar claro para o leitor desavisado que a Espiritualidade das Sombras (*Dark Spirituality*) abrange a magia sexual, a busca do deus oculto individual, o culto ao feminino e sua sabedoria e o acesso às camadas profundas da subconsciência, e está isenta da conotação pejorativa e muito difundida de “magia negra” ou “magia diabólica”.

A *Cabala Draconiana* busca suprir a necessidade de um trabalho mais compreensível e relativamente abrangente, sobre uma matéria que poucos tiveram acesso real e, muito menos, entendimento, devido à sua complexidade e profundidade. A abordagem é acessível e direta, isenta do excesso de terminologias complicadas, muitas vezes sem explicações, para o iniciante que quer aprender, mas que se sente confuso e desorientado.

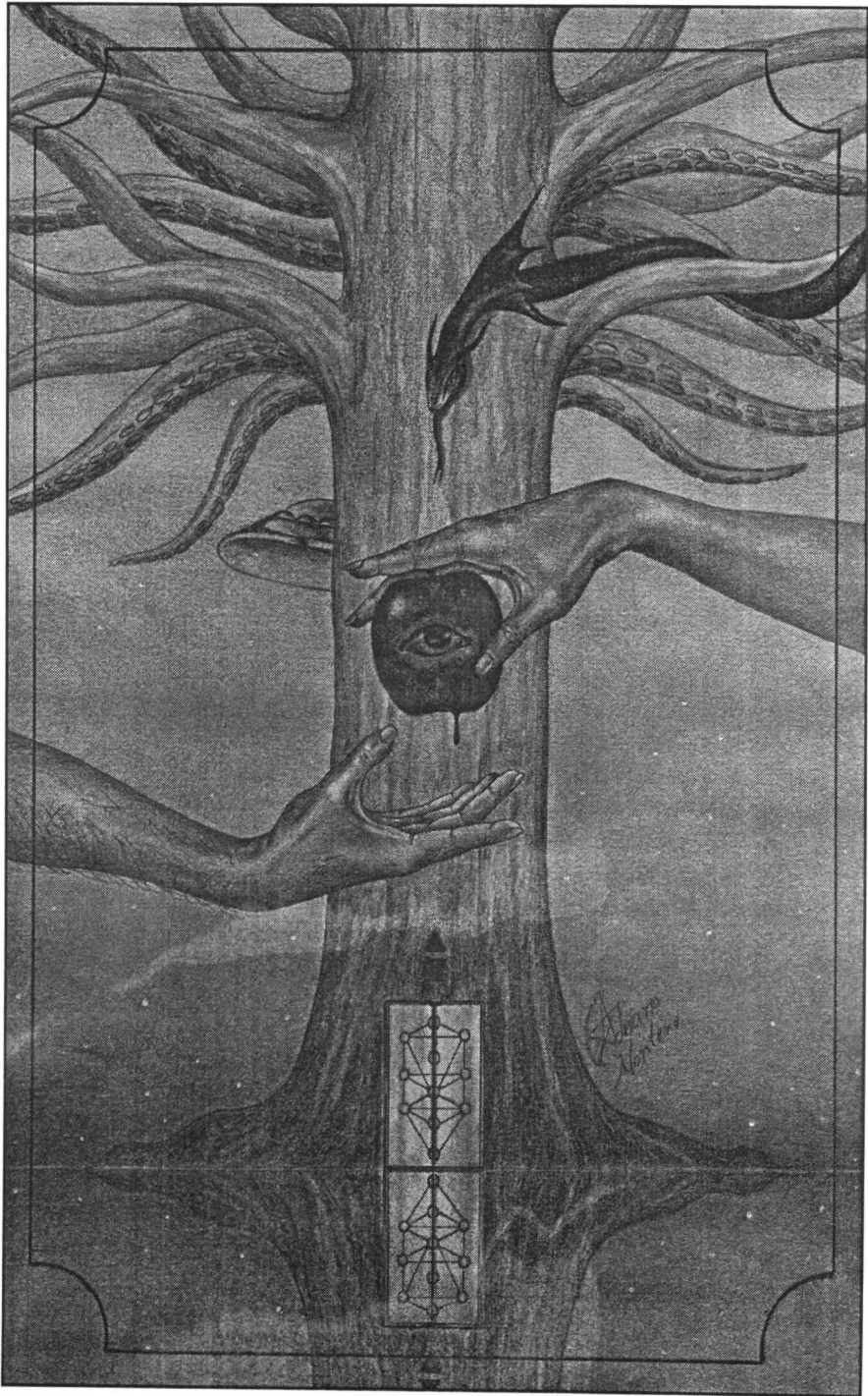
Pode-se dizer que esta obra seja também um tratado de filosofia, religião e ciência evolutivas, com orientações e procedimentos relativamente eficazes para o desenvolvimento consciente, gradual e contínuo do caráter e da alma daquele que tem vontade.

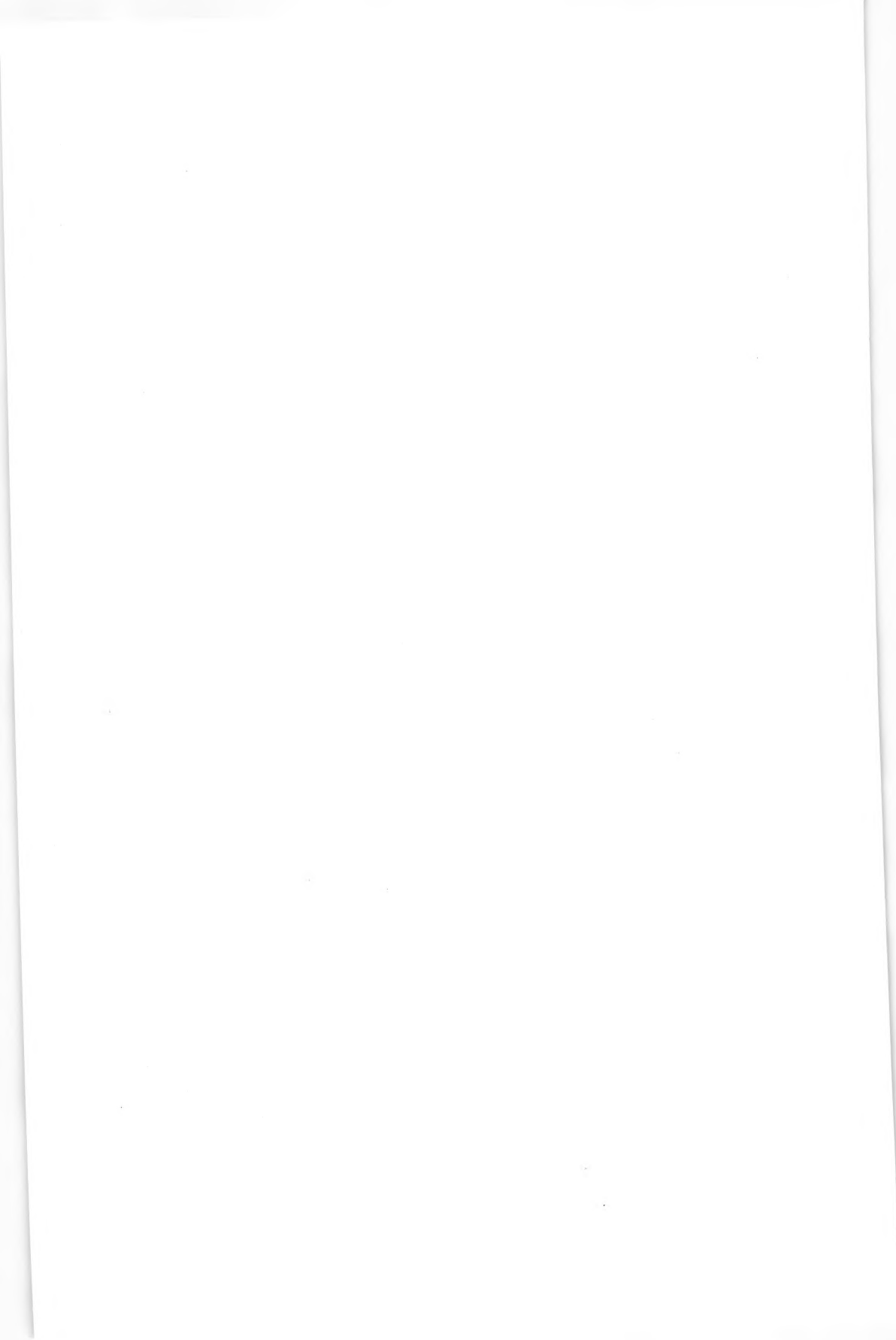
Esta obra servirá ainda ao estudante já familiarizado com o assunto, onde ele poderá obter novos *insights* para seus estudos. E o estudante livre de preconceitos religiosos ou científicos poderá ter aqui uma fonte de estímulo para o seu crescimento em todos os aspectos de seu ser, incitando-o a pensar por si mesmo e a refletir sobre sua condição atual e a do mundo em geral.

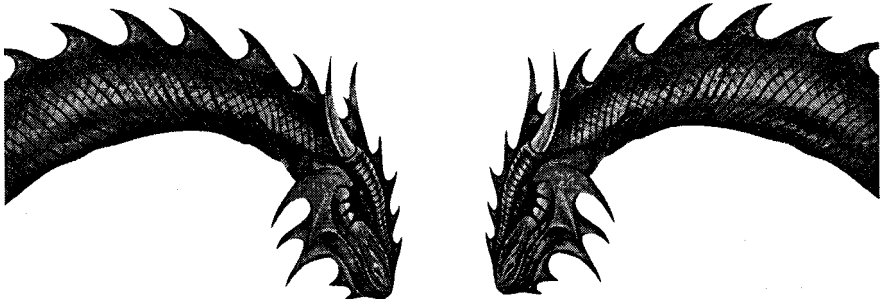
Explicaremos a Cabala pelo mundo em que vivemos, bem como nosso mundo pela Cabala, de maneira inteligível, sintética e sem muitos mistérios. Sendo assim, esta obra pode ser vista como um manifesto cabalista que demonstra a atual situação do mundo sob as influências das Esferas cabalísticas, boas e más, e que transmite idéias para a melhoria da condição de vida na Terra e para o aperfeiçoamento do ser humano. As Esferas sephiróticas da Árvore da Vida, quer dizer, as forças “benéficas” do Universo, estão obscurecidas na grande massa humana, e podemos observar evidentemente a perturbadora influência “maléfica” das Esferas qliphóticas – e dos Túneis – da Árvore da Morte, cuja ação e efeito são descritos aqui de maneira clara e com certo detalhe, como um alerta.

Com relação aos nomes cabalísticos das Esferas, ou seja, os nomes divinos, os nomes dos Arcanjos e dos Coros Angélicos de cada Sefira, e os nomes dos Arquidemônios das Qliphoth – pouco elucidados na literatura cabalística em geral –, procuraremos explicar seu significado, razão e finalidade no esquema do Universo e do mundo.

E como proposta deste trabalho, enfatizamos que é urgente o despertar da consciência espiritual em cada indivíduo que esteja preparado para isto, pois só assim a raça humana poderá viver com maior espiritualidade e respeito consigo mesma e com o Universo.







A Cabala, a Árvore e o Dragão

Cabala, em hebraico QBLH, significa “receber”, e traduzindo livremente quer dizer “tradição recebida”. A palavra também é grafada das seguintes maneiras: Qabbalah, Qabalah, Kaballah, Kabbalah, além da transliteração portuguesa que é “Cabala” ou “Cabalá”.*

Cabala é provavelmente o sistema esotérico e mágico de evolução interior mais completo utilizado na Tradição Oculta ocidental que surgiu e se desenvolveu a partir de conhecimentos mais antigos. De acordo com alguns textos cabalísticos, a Cabala foi revelada a Moisés; segundo outros, foi revelada a Adão pelos anjos ou por um Arcanjo e transmitida de geração a geração. Mas é possível que a Cabala primitiva seja mais antiga do que os hebreus (que podem ter se “apossado” de “muitas coisas” dos outros), remontando aos períodos da Atlântida e sendo passada de forma diluída para vários povos ao redor do mundo, entre eles os egípcios, os caldeus, os sumerianos, os gregos, etc. Aliás, muitos nomes hebraicos podem ser de origem caldeia, persa, babilônica, egípcia, etc. A própria língua hebraica, segundo estudos lingüísticos, originou-se no nordeste da África, ou seja, no Egito, já que é uma língua afro-asiática.

E se pensarmos que Moisés foi criado, educado e iniciado no Egito, podemos concluir que a Cabala tem sua origem nos Mistérios Egípcios Draconianos que são uma herança da colônia atlante no Egito; e a Serpente de Bronze de Moisés certamente é um símbolo cabalístico visivelmente draconiano.

A Cabala Judaica (e o Judaísmo) enfatiza o estudo teórico e intelectual visando à interpretação literal dos seus livros sagrados, que são o Talmude a Torá, ou Pentateuco (as Leis de Moisés), proibindo de maneira

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Qabbalah – O Legado Místico dos Filhos de Abraão*, de Daniel Hale Feldman, e *A kabbalah da Alma*, de Leonora Leet, Madras Editora.

rigorosa a representação pictográfica ou iconográfica em seu sistema e costumes religiosos. Acredita que o estudo meramente teórico é o ápice da espiritualidade humana e que as leis da Torá são a pura vontade de seu Deus, considerando o “povo escolhido” a verdadeira representação ou presença de Deus na Terra. Não busca, e até mesmo ignora, a experiência espiritual direta, a experiência mística interior e os estados de êxtase como uma manifestação da espiritualidade e da evolução.

A Cabala Judaica, como se conhece hoje, surgiu entre os séculos XIII e XIV, e era uma tradição oral até o século XIII, mas atualmente há muita literatura cabalística tanto judaica quanto não-judaica. Entretanto, não é pura e autenticamente judaica, mas sim um desenvolvimento do Paganismo* dos caldeus, babilônios, sumerianos, assírios e egípcios, e que se tornou monoteísta.

A Cabala Hermética, como o nome diz, é o resultado de um conjunto de conhecimentos oriundos do Hermetismo (filosofia oculta e religião greco-egípcia), do gnosticismo primitivo, do neoplatonismo (teosofia eclética primitiva), do cabalismo judaico e do Paganismo, recebendo influências também alquímicas e passando a adquirir características politeístas e até panteístas, já que o trabalho cabalístico pode dar-se também por meio de analogias e correspondências entre arquétipos e panteões de deuses, anjos, demônios, etc., de qualquer sistema, bem como uma infinidade de símbolos de várias tradições esotéricas e religiosas do Oriente e do Ocidente.

Para uma completa correspondência sistemática e prática sobre Ciência (Oculta), Religião, Filosofia e Arte (Mágica), recomendo o estudo do livro *Sistemagia – O Conhecimento Essencial para a Educação Mágica*, Madras Editora, deste mesmo autor.

A Cabala Hermética atual também inclui em seu sistema o Tarô, a Astrologia, a Numerologia, a Psicologia e as correspondências alquímicas, com a possibilidade ainda de se agregar qualquer outro sistema, símbolo ou doutrina que se encaixe de maneira coerente e harmoniosa, porque a Cabala é um sistema que está sempre em desenvolvimento e crescendo com novas revelações. Todo o sistema da Cabala, incluindo seus rituais, invocações, meditações, utilização de símbolos e selos, etc., pode ser entendido como um programa de computador utilizado para acessar certas informações e experimentar certas realidades no “sistema de informação”, sob o controle do operador (o cabalista ou magista), e alterar nossa programação pessoal mental e espiritual, mudar nosso paradigma-realidade individual.

Como mencionado no parágrafo anterior, a Alquimia faz parte da ciência cabalística, e, assim como a Cabala, provavelmente tem sua origem no antigo Egito. *Al-Khimi* ou *Al-Khemi* significa “a química” e “o negro”, referindo-se à pedra negra (carbono) que se transforma no diamante que é

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Paganismo – Uma Introdução da Religião Centrada na Terra*, de Joyce e River Higginbotham, Madras Editora.

lapidado. A pedra negra é também o negrume alquímico que é transmutado em ouro (consciência espiritual). Khemi, Khem ou Kemet era também o nome antigo do Egito e significa “terra negra” devido a uma faixa de terra lodosa e escura ao longo do rio Nilo que era muito fértil (o que sugere a idéia de crescimento espiritual por meio das trevas e da luz). Todos os processos alquímicos são fases do processo iniciático espiritual através das trevas até a iluminação da consciência divina, e no Egito antigo, provavelmente a Alquimia era uma ciência oculta praticada pelos magos-sacerdotes na Tradição Draconiana ou Setiana.

Assim, a Cabala e a Alquimia originalmente eram Artes Negras (não malignas, note-se) que visavam tornar o homem em um deus por meio do trabalho com as primevas forças trevosas (do subconsciente e do universo subliminar).

Estudaremos nesta obra a Cabala Draconiana, ou seja, a união entre a Cabala Hermética (Sephirótica) e a Cabala Setiana (Qliphótica), como já mencionamos, e que visa principalmente ao trabalho mágico de autoconhecimento e desenvolvimento interior por meio do estudo prático e teórico, e que difere muito da Cabala Judaica.

Na Cabala Draconiana, busca-se a sabedoria, a verdade, a experiência direta, a emancipação espiritual, a libertação dos grilhões pesados da matéria e da cega ignorância. Exige-se disciplina e envolve a Ciência, a Filosofia, a Religião, a Arte, a Magia, a Ética, a honestidade consigo mesmo, a coragem e a dedicação. Nesse sentido, a Cabala Draconiana tem similaridades com algumas vertentes do Budismo, especialmente o tibetano xamânico que também trabalha com as forças tenebrosas do Universo e da natureza.

Na tradição ocidental, a Cabala Hermética é classificada da seguinte maneira:

- Cabala prática: magia cerimonial, ritualística, talismânica e meditativa;
- Cabala dogmática: literatura cabalística para estudo teórico e filosófico, etc.
- Cabala não-escrita: disposição e correlação dos diversos sistemas e símbolos na Árvore da Vida e da Morte;
- Cabala literal: utilização dos números e letras por meio da gematria (valores das letras e palavras), notariqon (formação de novas palavras pelas letras iniciais de outras) e temurah (permutação de uma letra por outra).

No sistema cabalístico e seu estudo avançado, utilizam-se essas quatro categorias em maior ou menor grau no trabalho mágico. Entretanto, no presente estudo não vamos seguir exatamente tal classificação.

Sendo uma síntese de Ciência, Filosofia, Religião, Arte e Magia, a Cabala Draconiana é centrada em um hieróglifo chamado *Otz Daath*, a Árvore

do Conhecimento do Bem e do Mal, e não apenas a Árvore da Vida (*Otz Chiim*). *Otz Daath* é um símbolo composto que representa o universo manifestado com o bem e o mal e o microcosmo homem e suas relações; é um mapa psicamental e espiritual do próprio ser humano. É composto por 10 Sephiroth e por 22 Caminhos que interligam essas Sephiroth, e por 10 Qliphoth e por 22 Túneis. Essa Árvore do Bem e do Mal (*Otz Daath*), ou da Vida e da Morte – cujo fruto, o Dragão-Serpente, ou Lúcifer, ofereceu ao gênero humano –, é uma só Árvore com seus dois lados, Luz e Sombras, e será abordada nos próximos parágrafos.

A Árvore é um símbolo e um instrumento de utilização prática, mas tem representações sugestivas ao seu significado em várias religiões, mitologias, etc. A Árvore do Jardim do Éden no qual Eva, a primeira mulher, de beleza virginal, inocente e pura, senhora do paraíso, vivia em perfeita harmonia e prazer angelical com seu esposo Adão, é muito conhecida. Eva provou do fruto “proibido” dessa Árvore do Conhecimento do Jardim do Éden (“Prazer”), adquirindo maior consciência de sua condição, capacidades e poderes. Mas temos outros exemplos: a árvore do Jardim das Hespérides, o paraíso grego; o grande loureiro do Templo de Apolo em Delfos, cujo espírito é a ninfa Dafne que preside a adivinhação pelas folhas de louro queimadas (Dafne se transformou em loureiro para fugir de Apolo); a gigante árvore escandinava Yggdrasil, um freixo no qual Odin*, ou Wotan, adquiriu sua sabedoria, e sob a qual vivem as três Nornas, as deusas do destino; a árvore Bodhi, uma figueira na qual Buda recebeu a Iluminação; o grande carvalho dos druidas e seu alfabeto sagrado das árvores; a árvore do *xocoatl* dos maias, a árvore do cacau, o alimento dos deuses; a romãzeira da vida dos hebreus; a oliveira dos antigos gregos, símbolo da paz, da vitória e da prosperidade, consagrada a Palas Atena; o Jardim das Oliveiras (Getsemani), onde Jesus encarou Satã e seu sangue; a Árvore de Natal (hoje muito desprovida de seu verdadeiro significado), etc.

A popular Árvore de Natal tem origem no Paganismo, antes do nascimento de Jesus, em uma época em que se cultuavam as árvores como manifestações da força da natureza, da fertilidade e da vida. As festas (cultos solares) eram realizadas no solstício de inverno, e as árvores enfeitadas com luzes para afastar os maus espíritos e saudar o Sol de inverno. Jamais a Árvore (de Natal) teve a ver exclusivamente com o nascimento de Jesus, pois o culto à Árvore da Vida é pré-cristão. A própria data de nascimento de Jesus até hoje é incerta, mas foi preciso estabelecer oficialmente um dia para o maior ícone cristão e assim concentrar as grandes massas nas mãos do Cristianismo. O símbolo da Árvore da Vida, do antigo Paganismo, e outros cultos pagãos à natureza foram cristianizados para

*N.E.: Sugerimos a leitura de *As Moradas Secretas de Odin*, de Valquíria Valhalladur, Madras Editora. Ver também: *Lúcifer – O Diabo na Idade Média*, de Jeffrey B. Russel, Madras Editora.

facilitar o “arrebanhamento de ovelhas”, já que era muito difícil categorizar oficialmente tudo como coisa do Diabo.

A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal também passou a ser indenticada com a macieira, possivelmente devido aos termos em latim: *malus* e *malum* que significam “macieira” e “maçã” respectivamente, assim como “maligno” e “mal”. Por outro lado, observamos que as maçãs proporcionam a vida eterna e a juventude e são guardadas pela deusa escandinava Iduna, que as oferece aos deuses de Asgard todas as manhãs. As ninfas do entardecer, as Hespérides, em seu jardim em “algum lugar” no extremo Ocidente, também zelam pelas maçãs de ouro da imortalidade, da sabedoria e do amor.

Na Árvore da Vida ou do Bem temos as Sephiroth. Sephiroth é o plural de Sephira, que significa “número” ou “emanação”, e suas progressões na Árvore da Vida representam o processo de criação do Universo e sua materialização gradativa por meio dos poderes correspondentes a cada Esfera; em sentido contrário, representam o processo de evolução humana. Os 22 Caminhos mais as 10 Sephiroth formam os 32 Caminhos de Sabedoria da Árvore da Vida.

Esses 22 Caminhos são representados pelos arcanos maiores do Tarô, e cada arcano ou Caminho é um estágio, uma fase no processo descendente da Criação, no processo formativo do Universo e sua organização. Os Caminhos são também cada um dos aspectos da evolução iniciática, da Trilha que leva ao autoconhecimento e à autoconsciência.

Os Caminhos – que são chamados de Túneis de Thoth ou Casas de Mercúrio – são a diversidade em muitos níveis de densidade da mesma e única energia cósmica, adquirindo diversas formas e atividades específicas no processo da criação do universo, da natureza e da vida. Esses Caminhos são os elementos necessários para se fazer a transição de uma Esfera para outra, e suas lições devem ser aplicadas na vida diária também, demonstrando em que passo estamos evoluindo. Em um nível mundano, qualquer um de nós vivenciou ou ainda poderá vivenciar todos esses Caminhos; espiritualmente, todos devemos vivenciar nos planos interiores e com consciência. Portanto, cada Caminho indica, na vida encarnada, uma fase da existência psicológica, moral e espiritual do ser humano que evolui por si mesmo.

A Árvore Sephirótica ainda se divide em três pilares, a saber:

- Severidade, o pilar esquerdo no qual estão as Sephiroth Binah (Compreensão), Geburah (Severidade) e Hod (Glória);
- Equilíbrio, o pilar central no qual estão as Sephiroth Kether (Coroa), Daath (Conhecimento, a Sephira sem número), Tiphareth (Beleza), Yesod (Alicerce) e Malkuth (Reino);
- Misericórdia, o pilar direito no qual estão as Sephiroth Chokmah (Sabedoria), Chesed (Misericórdia) e Netzach (Vitória).

Apesar de estarem distribuídas nesses três pilares, no processo da Criação, ou na emanação descendente da força, as Sephiroth seguem o

curso da Espada Flamejante, ou seja, da primeira Sefhira para a última, alternando-se, como um zigue-zague:

- 1 – Kether (pilar central, do Equilíbrio);
- 2 – Chokmah (pilar direito, da Misericórdia);
- 3 – Binah (pilar esquerdo, da Severidade);
- Daath (pilar central, do Equilíbrio); onde está o Véu do Abismo;
- 4 – Chesed (pilar direito, da Misericórdia);
- 5 – Geburah (pilar esquerdo, da Severidade);
- 6 – Tiphareth (pilar central, do Equilíbrio), onde está o Véu do Templo (Paroketh);
- 7 – Netzach (pilar direito, da Misericórdia);
- 8 – Hod (pilar esquerdo, da Severidade);
- 9 – Yesod (pilar central, do Equilíbrio);
- 10 – Malkuth (pilar central, do Equilíbrio).

A Árvore também atua em quatro Planos de manifestação cósmica que correspondem aos quatro Elementos do Universo e da Natureza:

- Atziluth, Plano Espiritual, o Mundo Arquetípico ou Mundo Divino, a partícula espiritual no ser humano;
- Briah, Plano Mental, o Mundo da Criação, o Mundo dos Arcanjos, corresponde ao veículo mental do ser humano;
- Yetzirah, Plano Astral, o Mundo da Formação, o Mundo dos Coros Angélicos, corresponde ao veículo astral do ser humano;
- Assiah, Plano Material, o Mundo da Ação, o Mundo da Matéria, correspondente ao corpo físico humano.

Em termos neoplatônicos, são respectivamente os Planos:

- dos Yngues, as Inteligências Fertilizadoras, as Chispas espirituais que fertilizam a Vida manifestada;
- dos Teletarchae, as Inteligências Aperfeiçoadoras, os Iniciadores da Mente e do Conhecimento;
- dos Synoches, as Inteligências Preservadoras que mantêm a força da Vida e a sustenta;
- dos Daimones, as Inteligências Materializadoras que executam o processo de densificação da Vida na Matéria e suas leis físicas.

Todas as Sefhiroth têm seus poderes manifestados em todos esses quatro Mundos, por meio de seus aspectos e atribuições que infundem suas forças e energias para a Terra.

Acima da primeira Sefhira, Kether, estão os Véus da Existência Negativa, ou seja, os planos de não-manifestação ou de não-existência e estão

muito além de nossa compreensão, pois não há nada que conhecemos que possa expressar e representar esses planos ou estados extremamente abstratos e inconcebíveis para a atual mente limitada do ser humano. A existência como a conhecemos não existe nesses Véus, e como tal não podemos conceber com nossas mentes.

Esses Véus são conhecidos como: Ain, “A Negatividade”, o Vazio, o Nada; Ain Soph, “O Ilimitado”, A Eternidade; e Ain Soph Aur, “A Luz Negativa Ilimitada”. São representados na Árvore por três curvas acima de Kether. Kether é a concentração, o ponto desse último Véu, é o centro da “Luz Ilimitada”, porém não é a luz como a entendemos, possivelmente um estado de não-consciência divina para o qual simplesmente não há descrição. Esses Véus são planos trans-plutonianos (além de Kether), e o Início do que os atinge pode não retornar para o mundo material e nos fazer compreender, pois jamais os compreenderemos enquanto não atingirmos tais alturas abstratas do Não-Cosmos.

Na Árvore Qliphótica, o outro lado da Árvore do Conhecimento (*Otz Daath*), que também é chamada de Árvore da Morte, processa-se a involução, ou degeneração, do ser humano débil em sua totalidade. Essa Árvore é formada pelas Qliphoth – plural de Qlipha, cujo significado é “concha” ou “escudo” e “prostituta” ou “mulher indecente” – que são o reverso e antítese das Sefiroth. São as Esferas infernais e de forças desequilibradas, destrutivas e malignas do universo manifestado, o lado B de toda existência e onde habitam os demônios e suas legiões. Um demônio, ou melhor, um diabo, é a manifestação inferior de uma força e energia, o espírito inferior e primitivo que vive mais nas proximidades da Terra e influencia o ser humano conforme suas fraquezas e tendências egoístas de caráter débil e vacilante. São também forças situadas nas profundezas mais obscuras da subconsciência individual e coletiva. Segundo a teologia, esses demônios são anjos que pecaram antes da criação de Adão e se tornaram espíritos infernais, diabólicos e malévolos, perdendo seu *status* divino, e que visam causar a desgraça humana. A palavra “demônio” vem do grego *daimon*, que significa simplesmente “deus” ou “espírito”. Portanto, os demônios de categoria inferior são deuses menores, e até mesmo espíritos elementais, indiferentes, cuja influência benéfica ou maléfica varia conforme o filtro, ou seja, a índole humana.

Se na Árvore Sefirótica temos seus Caminhos de Thoth ou Casas de Mercúrio, na Árvore Qliphótica vamos encontrar os Túneis de Set ou Cárceres de Choronzon, cuja entrada é Daath – a “toca do coelho” e o “espelho de Alice”.

Choronzon é o fantasma da confusão, da dispersão, da instabilidade, do labirinto (cárcere) de coisas incoerentes e ilógicas que causam incertezas, dúvidas, frustrações mentais, ansiedade, descontrole e medo por falta da verdadeira compreensão das coisas. Ele representa a transição entre o ilusório e o real e vice-versa, e se manifesta sob formas impermanentes de acordo com o estado mental, espiritual e evolutivo de cada um, pois nossa vida também é impermanente no mundo de Maya (Ilusão), o nosso mundo.

Choronzon é o Conhecimento de Daath, o Conhecimento sem Compreensão (Binah), confuso, sem clareza, intrincado, a cilada intelectual que aprisiona a consciência espiritual que só pode se libertar por meio da compreensão interior. Ele é o Guardião de Daath, a entrada para os dois lados da Árvore do Bem e do Mal. A influência de Choronzon está em todas as Esferas Qliphóticas e Túneis da Árvore da Morte, e certamente a maioria dos seres humanos recebe suas influências, em maior ou menor grau, durante a sua vida, como podemos facilmente observar.

Set é o deus egípcio considerado o mais antigo deus já conhecido (em torno de 5 mil anos a.C.), protótipo de muitos outros arquétipos de vários povos do mundo, e em seus cultos arcaicos jamais foi considerado um ser diabólico. É retratado como um homem com uma cabeça híbrida de asno, bode, cão e crocodilo e é considerado o deus da sabedoria das trevas que vai além da vida comum; é o deus do deserto, do submundo, do caos primal, a personificação das forças atávicas do subconsciente e dos instintos primais. Set, ou Set-Tífon, é o deus da destruição, semelhante ao deus hindu Shiva, em seu sentido metafísico; o olho de Set (Shiva) se abre para destruir ou absorver (assimilar) a luz, ou seja, a Criação. É como um buraco negro que absorve tudo, até mesmo a luz. Ele é o negrume alquímico que destrói o ego, a personalidade frágil e efêmera e dá lugar à autoconsciência espiritual.

De fato, Set, Tífon, Shiva, Satã, Saturno, estão muito além da luz, quer dizer, do universo visível para nós, e representam o esforço, o ímpeto e a coragem individuais para se tornar um deus autoconsciente, buscando a sabedoria tanto nas Trevas quanto na Luz. Afinal, a luz só pode ser visível e iluminar quando há escuridão.

Esses 22 Túneis ou Cárceres são as prisões do subconsciente individual e coletivo do passado racial remoto, mas que podem ser abertas pelo Iniciado com a chave da sabedoria; o ignorante sofre as conseqüências de suas influências.

Na Cabala Qliphótica, esses reinos são acessados e assimilados por meio de práticas trevosas e sinistras que podem abranger a utilização do sexo ritualístico, assunção de formas bestiais (licantropia), invocação de arquétipos do Submundo e da Morte, ritos de sangue (vampirismo ritual), ingestão de substâncias enteógenas, práticas vodus, rituais do chöd, etc. Esses procedimentos podem ser combinados entre si ou realizados individualmente, dependendo da capacidade de cada um.

O ritual do chöd, por exemplo, é uma verdadeira iniciação qliphótica tibetana. O adepto, sozinho em um cemitério ou qualquer lugar ermo e macabro, por meio de certos procedimentos ritualísticos e ocultos, utilizando-se de sino, punhal, tambor, trombeta de osso humano e textos sinistros de desintegração do ego, convoca os demônios. É uma experiência infernal, extrema, na qual o adepto se vê em um banquete ou eucaristia qliphótica sendo degolado, esquartejado e devorado por uma horda de demônios vampirescos esfomeados e sedentos de sangue, urrando, gemendo, gritando

e dando gargalhadas infernais. Se ainda não bastasse, o adepto obriga e incita os demônios a se alimentarem de seu corpo rápida e vorazmente.

Há em algumas vertentes do lamaísmo tibetano uma forte influência do xamanismo e da feitiçaria, e muitos ritos e práticas ocultas são de caráter extremamente tenebroso e macabro, o que caracteriza a experiência qliphótica além do sistema cabalístico ocidental.

As Qliphoth foram exploradas pelos ocultistas e magistas Aleister Crowley, Kenneth Grant, Austin Osman Spare, entre outros, cada um ao seu modo e com suas conclusões. Fora do sistema cabalístico, Dante Alighieri, William Blake, Howard Phillips Lovecraft, Carl Gustav Jung, Carlos Castañeda, Timothy Leary, os xamãs de todo o mundo e de todas as épocas, os cultos vodus, os gnósticos primitivos, algumas vertentes do budismo tibetano e os yogues tântricos possivelmente estudaram e trabalharam (ou trabalham) com essas forças sinistras do universo e da psique.* Psiconautas modernos, que fazem uso de substâncias enteógenas, também muitas vezes adentram esses reinos qliphóticos e bizarros e retornam transformados em sua alma, para o próprio bem ou mal; às vezes atingem também reinos de angelical beleza e prazer.

Na Cabala Qliphótica estão todos os instintos primordiais, todos os impulsos agressivos pré-humanos e todas as cascas de antigas encarnações em processo de dissolução, muitas tipificadas em formas animais e utilizadas por forças sinistras conscientes, por seres não-humanos ou demônios. Nesses reinos estão também as forças primevas da raça humana, depositadas no inconsciente coletivo e que podem ressurgir como atavismos na vida das pessoas, em determinadas condições e momentos, de maneira inconsciente e descontrolada, ou deliberadamente e sob controle, no Iniciado. São forças “infernais”, ou em termos psicológicos, poderes do subconsciente. Tais poderes têm sido conhecidos e invocados pelos xamãs, ao longo das gerações, para adquirir conhecimento, sabedoria, desenvolvimento espiritual e para ajudar sua tribo a solucionar problemas de diversas ordens.

Infelizmente, no decorrer de milênios o progresso material da humanidade a tornou fraca e adormecida para essas forças qliphóticas (e sephiróticas) que obviamente continuam existindo e se desenvolvendo também por meio da própria raça humana. Assim, as forças qliphóticas começaram a se manifestar como patologias e enfermidades de toda ordem e grau, como podemos observar na humanidade atual, moderna, mecanicista, materialista e decadente.

Contudo, as Qliphoth são definitivamente malélicas e destrutivas apenas para as pessoas fracas, instáveis, muito materialistas, com medos inúteis e que possuem uma moral de escravo e de rebanho, e para aqueles que já tenham uma índole maligna latente ou não e que estão “desligados” de

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Dante – O Grande Iniciado*, de Robert Bonnell, e *Matrimônio do Céu e do Inferno*, de William Blake, Madras Editora.

seu Eu Superior (Sagrado Anjo Guardião ou Daimon). A esse respeito, podemos citar o clássico exemplo de Dante Alighieri que desceu às infra-dimensões (os planos qliphóticos) em seu processo iniciático, vivenciou e observou cenas e habitantes e permaneceu ileso, retornando de lá com mais conhecimento e sabedoria e com suas próprias conclusões. É claro que há muitos outros exemplos na literatura, nas artes e na cultura de modo geral.

A *Árvore da Morte* pode ser vista como um reflexo invertido da *Árvore da Vida*, como o reflexo em um espelho, e suas Esferas são os focos do Mal que influenciam a humanidade que, por sua vez, deposita mais e mais força maléfica nesses focos. Podemos observar o excesso dos desequilíbrios qliphóticos na vida cotidiana, nas pessoas desequilibradas que não são capazes de conhecer a si mesmas e não encaram seu lado sinistro conscientemente, no mundo em que vivemos: absurdos exteriorizados pelo ser humano (ou inumano), violação do livre-arbítrio, da vontade alheia, dos direitos humanos, crimes de toda espécie e grau, patologias mentais, concepções teratológicas, enfermidades horrendas, depravação, assassinatos e toda espécie de degeneração sexual, etc. E isso tudo com muita frequência como se fosse algo normal... O poder não contido e não transmutado das Qliphoth invade as mídias de massa sutilmente – ou visivelmente, para quem enxerga –, onde podemos observar toda espécie de apologia à depravação, ao desrespeito, à hipocrisia, à mentira, incentivos ao desperdício, à “cultura” da futilidade, da vulgaridade e da ignorância, etc. Enfim, uma verdadeira involução humana inconsciente na face da Terra e que deverá ser consumida terrivelmente pelas mãos da Natureza nos planos das próprias infra-dimensões (as Qliphoth). Somente um Iniciado com total auto-domínio e autoconsciência pode adentrar nesses tenebrosos planos inferiores e sair ileso, sem se tornar corrompido, insano ou enfermo, pois em si mesmo está todo o poder da *Árvore do Bem e do Mal*.

Entretanto, vamos estudar nesta obra a Cabala Qliphótica, além da Cabala Sefirótica, pois no Caminho Draconiano se busca um conhecimento o mais completo possível para que se possa conquistar alguma sabedoria.

A disposição da *Árvore Qliphótica* é a seguinte:

- 1 – Thaumiel, “Gêmeos de Deus”, “Forças Combatentes” (pilar central);
- 2 – Ghogiel, “Estorvadores” (pilar direito);
- 3 – Satariel, “Ocultadores” (pilar esquerdo);
- – Daath, “Conhecimento” (pilar central);
- 4 – Gha’ Agsheklah, “Transgressores”, “Perturbadores” (pilar direito);
- 5 – Golachab, “Incendiários” (pilar esquerdo);
- 6 – Thagiriron, “Litigiadores”, “Ardentes Instigadores” (pilar central);
- 7 – A’ Arab Zaraq, “Corvos da Dispersão” (pilar direito);

- 8 – Samael, “Veneno de Deus”, “Mentiroso” (pilar esquerdo);
- 9 – Gamaliel, “Obscenos” (pilar central, do Equilíbrio);
- 10 – Lilith, “Noturna”, “Fornicária” (pilar central).

Os quatro Planos de manifestação têm suas correspondências infernais ou qliphóticas representadas pelas quatro raças “amaldiçoadas” de gigantes:

- os Anakim, “Anarquistas”, são as forças qliphóticas de Atziluth, estão no mundo dos arquétipos infernais e caóticos, o mundo demoníaco. São as forças da desordem espiritual sem rumo, sem canalização adequada para criar. São conquistados pelo poder do bastão do Pai, ou seja, pela autoridade, jubjugação e ordem (a letra hebraica Yod);
- os Gibborim, “Violentos”, são as forças qliphóticas de Briah, estão no mundo mental dos conflitos e adversidades e das contradições entre os “anjos caídos” e entre as mentes humanas. São as mentes perversas e maliciosas que causam discórdia. São conquistados pela taça da Mãe, ou seja, reconciliação e compreensão (a letra hebraica Heh);
- os Raphaim, “Covardes”, são os poderes qliphóticos de Yetzirah, estão no mundo astral inferior disseminando a covardia e o medo entre os fracos que permanecem estagnados. São as forças do desespero e da passividade em meio às tribulações e injustiças. São conquistados pela espada do Filho, ou seja, pela análise, destruição e eliminação (a letra hebraica Vau);
- os Nephilim, “Voluptuosos”, são as forças qliphóticas de Assiah, e estão no mundo dos homens agindo em suas paixões carnis, causando prazer e dor no mundo material. São as forças da libido descontrolada, da cobiça sexual e material e do impulso obsessivo e inconsciente de copular, procriar e acumular coisas. São conquistados pelos poderes do pantáculo da Filha, ou seja, pelo domínio do corpo e dos desejos e pela estabilidade (a letra hebraica Heh final).

Todas as Qliphoth também têm seus poderes manifestados em todos esses quatro Mundos sinistros e infundem suas energias para a nossa Terra, sendo catastróficos para a maioria dos seres humanos.

As Esferas Qliphóticas são interligadas pelos Túneis de Set, ou Cárceres de Choronzon, já mencionados. Outras denominações para esses Túneis são: Os Gênios das 22 Escalas da Serpente e Os Anéis de Leviatã. Os Gênios das 22 Escalas são as sentinelas infernais dos Túneis que serão descritos neste estudo; as Escalas e os Anéis são os próprios Túneis de Set. Interessante notar também que a própria coluna vertebral do ser humano tem uma forma claramente serpentina ou draconiana, com suas vértebras sugerindo os Anéis de Leviatã.

No contexto de nossa Cabala Draconiana, Leviatã é o próprio dragão-serpente com seus anéis que aprisionam a alma débil e a purgam de suas escórias psicomentais com dor. Ou que são possuídos pelo poder do homem forte e autoconsciente, o Iniciado que cavalga e domina a besta Leviatã, assim como o deus hindu Varuna cavalga o monstro híbrido Makara, um dragão com cauda e cabeça de peixe com uma tromba de elefante.

Leviatã significa “serpente tortuosa” e é a Serpente da Árvore do Bem e do Mal, cuja carne é o alimento do mundo, quer dizer, cujas forças alimentam o inconsciente coletivo e pessoal da raça humana. É um aspecto dos muitos arquétipos draconianos, e é considerada o monstro do caos primevo, ou seja, as forças primitivas do universo, da Natureza e da sub-consciência humana. Tem semelhança com Cthulhu (Kutulu), o monstro híbrido de dragão, polvo e homem do *Necronomicon*,* que sonha terríveis pesadelos (as Qliphoth) nas profundezas no Grande Mar. Cthulhu nos remete também ao polvo gigante Kraken, da mitologia escandinava.

Alguns outros arquétipos de dragões-serpentes são notáveis em nosso presente estudo. Na mitologia grega, o gigantesco verme aquático Karybdis é a besta do caos e sua enorme boca é o próprio vórtice que dá entrada para os Túneis qliphóticos. Na mitologia sumeriana, temos o dragão Kur, senhor do mortos, do Submundo e do Vazio que não é Vazio; e Tiamat (ou Tehom, o “abismo profundo”), o dragão-fêmea do caos, da morte, que foi morto pelo deus Marduk. Nos mitos caldeus, Theli é o equivalente ao Leviatã hebreu. Na mitologia hindu, Ananta (ou Sesha) é a serpente gigante do caos e da morte. Na mitologia inca, a deusa-dragão da vida, da morte, da terra e da destruição, chama-se Mama Pacha. Entre os persas, Azhi-Dahaka é o dragão-serpente do caos e da destruição. Na Idade Média, as gárgulas representavam grotescos dragões da morte que se disfarçavam como estátuas de pedra no topo de castelos e serviam como desaguadouros; umas eram consideradas guardiãs das catedrais que “despertavam” à noite.

A característica intoxicante e perigosa das Qliphoth pode ser vista ainda na serpente-dragão Hidra, da mitologia grega, que tem sangue venenoso e nove cabeças que se regeneram sempre que cortadas (em Alquimia, o sangue venenoso do dragão representa a corrosão e o perigoso ácido nítrico); na serpente marinha venenosa e gigantesca da mitologia nórdica, Mitgard ou Jormungand, cujos anéis abarcam toda a Terra; no dragão devorador Nidhogg, da mitologia nórdica, que sempre está roendo as raízes da árvore gigante Yggdrasil (*Otz Daath*, a Árvore do Bem e do Mal); no Basilisco da mitologia grega, que mata com o olhar, com sua voz bestial e com o toque de sua pele; no dragão-serpente Apep (Apófis), da mitologia egípcia, que forma os labirintos intrincados do Inferno (as Qliphoth) com os

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Necronomicon – As Peregrinações de Alhazred e Nocturnicon – Conjurando as Forças e os Poderes Negros*, de Konstantinos, Madras Editora.

anéis de seu corpo gigantesco, além de devorar as almas dos condenados; no monstro Lothan, o dragão-serpente do mar e do caos dos antigos mitos ugaríticos, semelhante a Apep; na serpente do Abismo (os Túneis), Tlaltecuhtli, da mitologia asteca, cujo corpo forma os Céus e a Terra, e que adora sangue humano e “colecciona” os crânios de suas vítimas; na serpente híbrida Equidna, com busto de mulher, mãe de outras bestas (as formas de vida qliphótica), da mitologia grega; na Medusa, da mitologia grega, descrita como uma mulher sanguinária com corpo e cabelos de serpente, e de sangue venenoso e corrosivo; no dragão-fêmea Ajatar, um monstro venenoso causador de pestilências, da mitologia finlandesa; no dragão-serpente Whiro, da mitologia maori, um monstro da morte e do mal, inspirador da malignidade de nos homens; etc.

Além da mitologia, o dragão-de-Komodo obviamente é uma realidade viva para a Biologia, um dos répteis mais antigos e que talvez mais se aproxime da figura de muitos dragões míticos de caráter cruel (mas sua crueldade é instintiva, movida pela fome e defesa, e não intencional). A diferença é que ele não cospe fogo e não é capaz de voar, mas possui uma linda boca venenosa e letal cheia de bactérias. Ele ataca a vítima derrubando-a violentamente com sua cauda e depois a dilacera e a devora, além de se alimentar também de carniça. E isso não é qliphótico?! Além de tudo, temos exemplos vivos de muitas serpentes peçonhentas (ou não) e muitos répteis e outras criaturas interessantes.

Eis aí alguns exemplos para refletir acerca das Qliphoth e seus aspectos.

Mas o dragão e a serpente também estão na Árvore Sefirótica. A Serpente de Sabedoria é o outro aspecto da Serpente do Mal e toca simbolicamente todos os Caminhos da Árvore da Vida até Kether. A própria serpente do Jardim do Éden é um Dragão de Sabedoria, Nachash, a serpente do desejo pelo conhecimento, pelas descobertas das coisas misteriosas e “proibidas”, pelas sensações do corpo e da mente. Na mitologia grega, vemos que o dragão Ladon se enrola na Árvore do Jardim das Hespérides para guardar as maçãs de ouro (as Sefiroth e Qliphoth). No Hinduísmo há os Nagas, répteis com busto humano e corpo de serpente, de caráter benévolo e guardiões de tesouros (a sabedoria).

Ainda nos mitos gregos vamos encontrar o Dragão de Medéia, que guardava o velocino de ouro na copa de um grande carvalho, ou seja, Kether (Coroa) da Árvore da Vida. Medéia é a feiticeira sacerdotisa da deusa Hécate, tendo se apaixonado por Jasão, o buscador do velocino (a iniciação espiritual).

A palavra “dragão” possivelmente tenha origem no verbo grego *derkein*, que significa “ver”, o que diz respeito à visão astral e espiritual do ser humano evoluído e autoconsciente (o Dragão de Sabedoria), sob o aspecto metafísico. As palavras *drakon* (grego) e *draco* (latim) significam “serpente gigante”, ou seja, o protótipo do dragão.

O dragão é a Serpente do Sexo e da Sabedoria, Kundalini, que sobe até a cabeça do Iniciado, já que o próprio ser humano tem em si a Árvore cabalística. E o sexo ritualístico é uma das práticas do Caminho da Mão Esquerda – e raras vezes do Caminho da Mão Direita, como já foi explicado –, visando a ascensão da Serpente pela coluna vertebral (o tronco da Árvore do Conhecimento (*Otz Daath*)).

A serpente-oráculo grega Píton, que foi morta pelo deus Apolo a flechadas, é um exemplo de Serpente de Sabedoria, a serpente que pode “ver” (*darkein*). E como mencionado anteriormente, o próprio Tarô é uma expressão dos Caminhos da Árvore da Vida, sendo reconhecidamente o mais hermético e completo dos oráculos. A morte de Píton significa que o Iniciado já percorreu todos os Caminhos e que não há mais necessidade deles, ou seja, obteve o conhecimento de si mesmo em sua totalidade, tornando-se sábio.

Uma correspondência muito próxima a Píton é a serpente hindu Kaliya, morta por Krishna. Outros exemplos são: a serpente egípcia Uraeus; a serpente maia e asteca Quetzalcoatl ou Kukulcan; o dragão escandinavo Fafnir; a serpente vodu Damballah, etc.

Na China e no Japão, há o Qilin e o Kirin, respectivamente, que são dragões híbridos com outras criaturas, tais como mamíferos quadrúpedes, são considerados seres benévolos e guardiões e aparecem também na chegada de um mago ou sábio, porém são executores de castigos para as pessoas más. Há muitas representações pictóricas do Qilin/Kirin, que muitas vezes é identificado com uma girafa mítica no Oriente.

Na China, o dragão propriamente dito é chamado de Long e se assemelha muito mais a uma serpente do que ao dragão típico ocidental, representando sabedoria, poder, autoridade, bons presságios, proteção, etc. Há dragões celestiais, guardiões de tesouros, ctônicos, dragões dos rios, fontes e lagos, dragões regentes dos quatro quadrantes, etc. No Taoísmo, religião chinesa, os dragões expressam as forças da natureza e são considerados espíritos guardiões, além de simbolizarem a própria Terra: a vegetação é sua pele e escamas; as terras, seus músculos; as rochas, seus ossos; as águas, seu sangue, etc.

No Japão, é chamado de Tatsu e suas características têm muitas semelhanças com o dragão chinês (Long). O dragão japonês mais conhecido é Orochi, uma criatura gigantesca morta pelo herói Susano. Orochi parece ser o equivalente a Leviatã, Hidra, Apep, Sessa, entre outros.

Na Alquimia temos Ouroboros, o dragão-serpente que morde a própria cauda, símbolo da transmutação alquímica espiritual, da evolução cíclica da alma em seu processo iniciático, do renascimento constante nas esferas ou círculos cósmicos, das fases da natureza e suas transformações. Representa o grande círculo da Eternidade (Ain Soph) que abarca toda a Árvore do Bem e do Mal (*Otz Daath*).

No simbolismo alquímico espiritual, o dragão é um hieróglifo dos quatro Elementos: sua capacidade de voar indica o Elemento Ar (expansão da

mente, elevação espiritual, inteligência); sua capacidade de cuspir fogo mostra claramente o Elemento Fogo (vontade impetuosa, luz, a intuição que se manifesta em *insights* luminosos como chamas súbitas, destruição); seu corpo escamoso e sua capacidade de nadar nas profundezas representam o Elemento Água (inconsciente individual com seu conhecimento oculto, as emoções da alma que fluem e podem nos levar às lágrimas); e seu corpo denso, sua capacidade de se locomover sob quatro patas na terra e seu *habitat* em caverna indicam o Elemento Terra (o corpo físico do microcosmo homem, morada do espírito). Esses quatro Elementos ainda se referem às substâncias *al*-químicas: Mercúrio (Ar); Enxofre (Fogo); Sal (Água); e Chumbo (Terra).

Há também os dois dragões alquímicos, um alado e o outro não, representando a matéria volátil e a matéria densa, respectivamente.

O Caduceu de Mercúrio com suas duas serpentes entrelaçadas é outro símbolo alquímico. São as serpentes Ob e Od, negativa e positiva, peçonhenta e não-peçonhenta, veneno e antídoto, qliphótica e sephirótica, etc. São também a dupla manifestação da Kundalini que pode ser despertada na magia sexual: a serpente que adorna a “coroa” divina (Kether) e a serpente que forma a cauda demoníaca (as Qliphoth) no ser humano. O próprio Caduceu se assemelha aos vevés (sigilos e selos) da serpente vodu Damballah, indicando sua correspondência oculta. O Caduceu tem uma analogia alquímica com toda a Árvore cabalística, pois, como mencionado anteriormente, os Caminhos da Árvore da Vida, os quais são tocados pela Serpente de Sabedoria, são chamados de Casas de Mercúrio (Hermes, Thoth).

O dragão também é a Besta do Apocalipse, ou melhor, o Dragão-Serpente da Revelação por meio da Iniciação nos Caminhos e Túneis da Árvore do Bem e do Mal, ou em outras palavras, a senda espiritual interior e verdadeira de cada um que a busca deliberadamente.

Nos textos bíblicos, o dragão e a serpente são considerados representações do Paganismo, dos pecados, do Diabo (como muitas outras coisas o são) e dos inimigos dos “povos de Deus”. É claro que podemos ver aí uma grande presunção e hipocrisia do “povo de Deus”, que parece sofrer de uma paranóia religiosa ancestral, e que consideram todos os outros povos e religiões da história do mundo como seus perseguidores e indignos das graças divinas.

Mas esse “povo” não é nada santo... E a beleza espiritual de um dragão-serpente transcende qualquer ser humano comum e corrente sem maiores aspirações interiores, e é certamente muito menos bestial do que o homem e todas as suas atrocidades ao longo da história.

Pelo que precede, concluímos, portanto, que o dragão e a serpente se tornaram um forte símbolo, mantido de geração em geração, desde a Antiguidade até os dias de hoje. Podemos ver a fascinação, importância e significado do dragão na própria arte da heráldica, além da arte de realismo fantástico (*fantasy art*) dos últimos tempos, onde ele é muito representado.

Nos círculos de RPG (e fora deles) o dragão também se faz presente, sendo, às vezes, muito cultuado. Afinal, o arquétipo do dragão e sua egrégora são extremamente fortes e praticamente indestrutíveis.

Essa força arquetípica pode ser concentrada nos templos draconianos (ou Dracontias) para reverenciar os dragões como símbolos representativos da sabedoria, da vida e do *Logos* individual.

Sobre as implicações mais metafísicas dos dragões e serpentes em dracologia esotérica, reporto o leitor à obra *A Revolução Luciferiana*, de minha autoria, lançado pela Madras Editora. O leitor também poderá conhecer, na obra citada, um ritual draconiano chamado *O Ritual Equilátero do Dragão*.

Assim, a Serpente-Dragão da Árvore do Bem e do Mal, com todos os seus aspectos e significados, é muito importante na Cabala Draconiana, que concentra seu trabalho na evolução espiritual.

Devemos equilibrar em nosso interior as forças do universo e buscar cada vez mais dilatar nossa consciência espiritual. O objetivo do estudo da Cabala é despertar as forças cósmicas em nós mesmos para nossa própria evolução pessoal. Na Cabala Draconiana (Hermética e Setiana), essas forças são postas em atividade consciente pela prática mágica. Esse trabalho prático se dá por meio da meditação na Árvore e seus símbolos e pela prática ritualística de invocações e evocações, criação e confecção de talismãs, etc.

Além dos arquétipos do dragão, podemos trabalhar com todos os outros arquétipos mitológicos da Árvore do Bem e do Mal (*Otz Daath*) e seus equivalentes em todos os panteões. Os arquétipos são expressões de forças e atividades espirituais, mentais, astrais e de energias da natureza, bem como aspectos da psique humana em todas as suas camadas profundas e superficiais. Todos os deuses, deusas, semideuses, anjos, bestas e demônios das Esferas cabalísticas podem ser considerados arquétipos, sendo que muitos deles são seres individualizados e conscientes, e que podem ser convocados (invocados ou evocados) mediante certos procedimentos ocultos, ou ressurgir “espontaneamente” em certos indivíduos e em determinadas circunstâncias raras. Muitas vezes, apenas as forças desses seres arquetípicos fluem de maneira abstrata em muitas pessoas que são fortemente influenciadas inconscientemente.

É claro, que todos esses deuses, anjos, demônios, bestas, etc., também podem ser considerados como seres extraterrestres que surgiram para humanidade ao longo das eras. Chamar esses arquétipos de deuses, anjos, extraterrestres ou qualquer outro termo, à princípio não tem muita importância, pois o valor desses arquétipos está nos resultados obtidos, nos contatos efetuados via espiritual, mental ou astral, e nos conhecimentos ou mensagens transmitidas ao indivíduo.

As forças inferiores são personificadas pelos arquidemônios das Esferas cabalísticas e têm seus correspondentes em diversas mitologias. Aliás,

considerar certas forças/entidades como demoníacas ou divinas é, muitas vezes, uma questão de ponto de vista; quando há guerra, os deuses de um povo derrotado “tornam-se” demônios para o povo vencedor, assim como os deuses de uma época tornam-se os demônios de outra. Enfim, os arquidemônios são deuses como quaisquer outros, que expressam aspectos diferentes das forças do universo, da existência e da psique humana.

A realidade em si é a experiência pessoal em determinado momento, em determinada fase, é o que o indivíduo canaliza para si e vivencia, seja neste plano material ou nos níveis da mente ou nos planos sutis. A realidade está sempre mudando de acordo com as experiências, com a evolução, com o “filtro” individual e com o tempo. Portanto, as experiências com os arquétipos, ou com as forças que eles expressam, não são exatamente as mesmas para todas as pessoas.

Outra das técnicas muito utilizadas individualmente no sistema cabalístico para contactar os arquétipos e seus planos é o *pathworking*. Trata-se de uma projeção astral ou projeção da consciência nos Caminhos e Túneis através de portas astro-mentais (símbolos e selos pertinentes) e vibração mántrica repetitiva, além de se trabalhar em um contexto ritualístico com base no hieróglifo da Árvore da Vida e da Morte (*Otz Daath*).

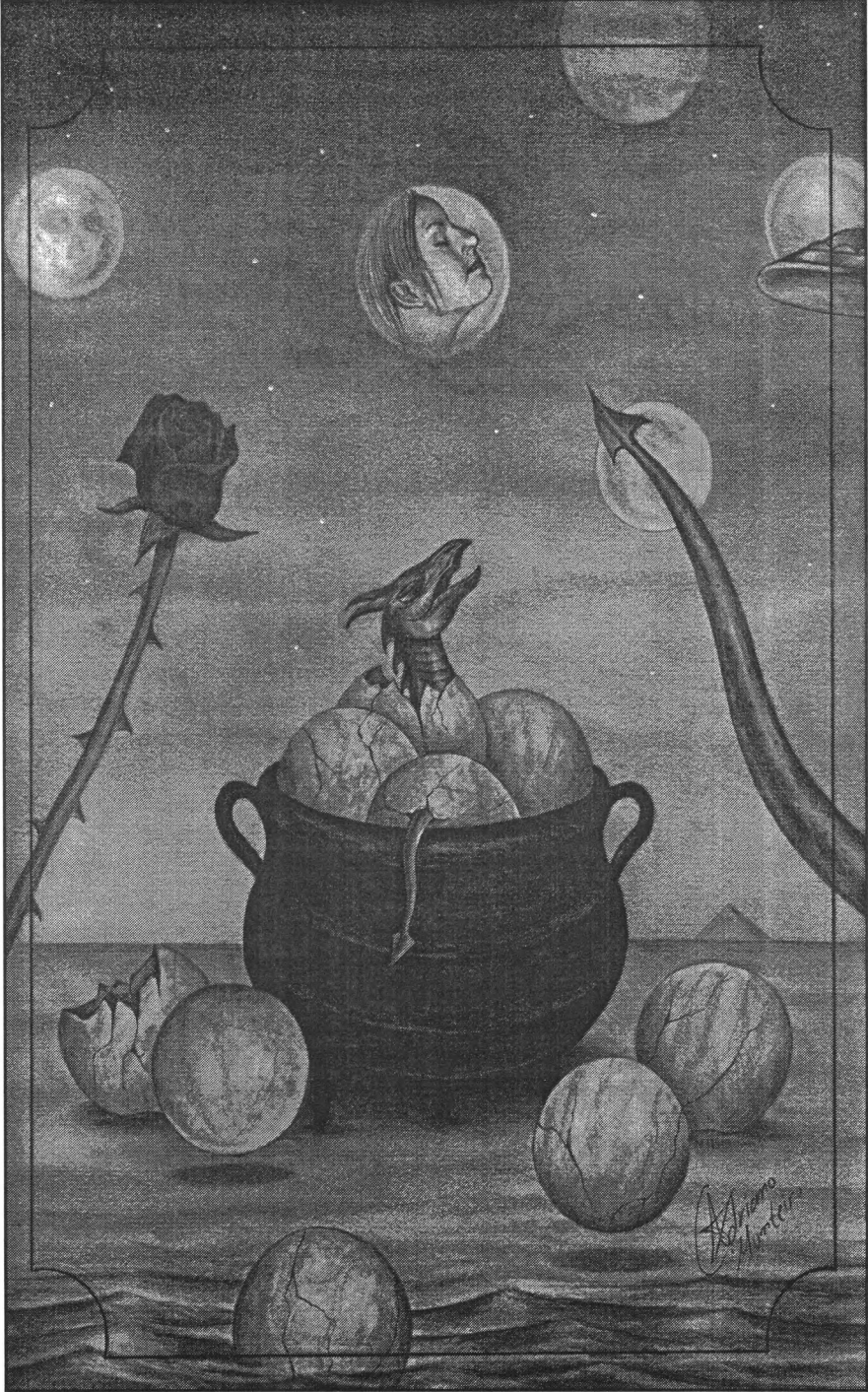
Para se trabalhar com a Cabala Draconiana, o estudante deverá conhecer a Árvore da Vida e da Morte e suas atribuições principais, que constituem o sistema de notação cabalística, e que são:

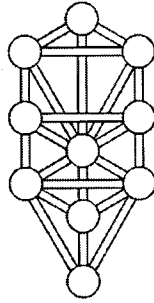
- nome de cada Sefhira e sua localização na Árvore da Vida;
- nome divino da Sefhira (aspecto espiritual da energia e força correspondente);
- nome do Arcanjo (a consciência, a inteligência que dirige a energia e força da Esfera ou Sefhira);
- nome do Coro Angélico (o poder que gera as formas astrais para a manifestação no mundo físico);
- nome de cada Qlipha, sua correspondência com a Sefhira e sua localização na Árvore da Morte;
- nome do Arquidemônio (aspecto inferior ou infernal da força cósmica, natural e humana);
- nome da esfera ou centro/chacra cósmico (a manifestação material, físico-etérica, da força da Sefhira/Qlipha, ou seja, o corpo celeste correspondente);
- nomes de deuses de diversos panteões, a correspondência de símbolos, cores, números, vícios e virtudes, etc.

Uma grande variedade de símbolos e suas descrições pode ser encontrada na obra *Sistemagia – O Conhecimento Essencial para a Educação Mágica*, deste mesmo autor.

Vamos agora ao estudo de cada Sefira juntamente com sua Qlipha correspondente, em sentido ascendente, do ponto de vista da evolução espiritual humana, ou seja, da última até a primeira: de Malkuth/Lilith a Kether/Thaumiel. Depois trataremos dos Caminhos de Thoth e dos Túneis de Set, em sentido descendente, partindo da evolução cósmica até a manifestação mais densa, do Décimo Primeiro Caminho/Túnel para o Trigésimo Segundo.

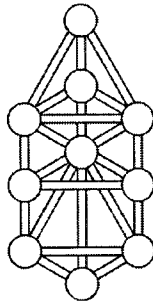
Fornecerei ao final do livro os diagramas essenciais da Árvore da Vida e da Árvore da Morte, com algum detalhe, como um complemento indispensável ao estudo da Cabala Draconiana.

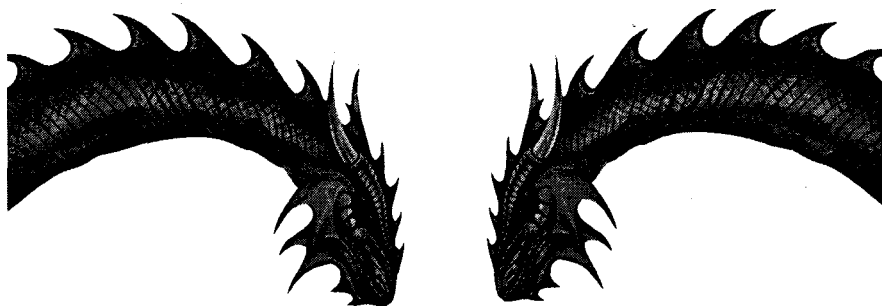




Parte 1

As Sephiroth e suas Qliphoth





Décima Sefhira e sua Qlipha



Malkuth – Lilith

Malkuth significa “Reino” e seus nomes divinos são Adonai Melekh, que quer dizer “Senhor Rei”, e Adonai ha Aretz, que significa “Senhor da Terra”. É o reino dos Elementos e da matéria densa e de seu envoltório energético, sendo o plano físico-etérico da manifestação, ou o reino dos fenômenos físicos visíveis (e invisíveis). Em Malkuth, todos os seres se encarnam fisicamente e é onde temos o plano de ação da consciência sensorial humana que abrange os cinco sentidos físicos e, raramente, em conjunto com o sexto sentido psíquico desenvolvido que atua na consciência humana.

No cabalismo prático, é o Arcanjo Sandalphon quem preside o “aterramento” da consciência físico-sensorial humana e de suas forças espirituais após a visão e o contato do Sagrado Anjo Guardião, entre outras operações mágicas. É no plano físico de Malkuth que se completa e se conclui toda operação mágica com as energias e forças infundidas nas formas materiais.

O impulso evolutivo da consciência no plano material está também sob a regência do Arcanjo Sandalphon, o “Arcanjo Negro”, que trabalha para o cumprimento ou realização kármica nessa Esfera terrestre e dirige as forças que estruturam as formas de vida. Ele é o Senhor da Esfera dos Elementos e do conjunto das partículas conscientes dos átomos – o Coro dos Ashim. A atividade atômica da matéria físico-etérica está sob seu poder, bem como a irradiação energética do organismo geológico planetário como um todo, infundindo suas influências em todos os seres que vivem nele. A biosfera físico-etérica assim formada, com uma integração com a

litosfera, a hidrosfera e a atmosfera, renova então a vida da Terra, em um ciclo contínuo de “reciclagem vital” entre Gaia (a Terra vivente) e todos os organismos vivos que a habitam e fazem parte dela.

A Esfera da Terra (Malkuth) também chama-se Esfera dos Elementos (Cholem ha Yesodoth) e é o plano da matéria animada pelas energias de todas as outras Sefirot, em maior ou menor grau, por forças etéricas, astrais e espirituais entretecidas e organizadas. Malkuth é o receptáculo último do universo manifestado e onde tudo se torna denso e materialmente complicado, porém mantendo-se o equilíbrio natural de todos os Elementos.

Esse mesmo equilíbrio o homem deve buscar em si mesmo, pois os quatro Elementos estão manifestados psicamentalmente e fisicamente, e também expressos de maneira evidente nos quatro temperamentos e humores: o Elemento Ar infunde o temperamento nervoso, que manifesta a rapidez de raciocínio, a astúcia, a benevolência, a impetuosidade, etc., e seu humor é a bile amarela que predispõe à expansão da consciência, ao pensamento sintético e pode ainda elevar a inteligência; o Elemento Fogo infunde o temperamento sanguíneo-colérico, que manifesta a inteligência, a exaltação jovial, a violência e a ira (quando em desequilíbrio), e o humor é o sangue que gera energia, entusiasmo, vontade e coragem para o crescimento pessoal, o impulso para a evolução sem medos ou receios; o Elemento Água infunde o temperamento linfático-fleumático, que predispõe à lentidão, passividade, timidez, serenidade, etc., e seu humor é a fleuma que proporciona sentimentos elevados e fluidez emocional isenta de sentimentalismo grosseiro e volúvel, conduzindo a uma percepção maior da evolução interior e da sensibilidade da alma; e o Elemento Terra infunde o tipo ou temperamento bilioso-melancólico que gera a melancolia criativa – algo muito diferente da nociva depressão –, seriedade, reflexão, estudo, compreensão profunda, introspecção, estabilidade psicológica, etc., e seu humor é a bile preta que torna a melancolia consciente, pois o indivíduo em evolução conhece o próprio caminho a ser seguido e sente uma nostalgia e uma sutil sensação de saber suas próprias origens espirituais.

Os quatro Elementos são também representados pelos quatro tattwas hindus, Vayu (Ar), Tejas (Fogo), Apas (Água) e Prithvi (Terra). As vibrações dos tattwas se manifestam em Malkuth e no ser humano de diversas maneiras e são as correntes ocultas das estações do ano que ocorrem no planeta Terra: Vayu é a origem da primavera; Tejas, verão; Apas, outono; e Prithvi, inverno.

O ser humano encarnado em Malkuth tem um corpo denso e grosseiro, no qual estão contidos os Elementos, porém tal corpo, no humano superior, deve ser perfeito, sadio, forte e resistente, bem formado, auto-regenerativo e livre de qualquer enfermidade. A observação de certos preceitos, virtudes e boa conduta de vida física, cultural, moral e espiritual contribuirão para a saúde geral e para a preservação físico-mental do templo vivo do espírito que é o corpo humano de Malkuth.

Alguns trabalhos da Esfera de Malkuth são: o estudo dos cristais e da geomancia, culto às forças da natureza, ritos ctônicos, a criação e confecção de pantáculos e sua energização, a prática de asanas (posições corporais para concentração, meditação e fluxo adequado de energia), etc.

Virtudes como o discernimento, o equilíbrio interior entre seus elementos psíquicos, o autodomínio em um mundo tão complicado e opressor para o buscador, são necessárias para a auto-Iniciação em Malkuth, bem como a constante auto-observação e a eliminação dos vícios indesejáveis como a inércia, o sensualismo grosseiro, a depravação, a avareza e o descontrole em todos os seus aspectos. Estes são vícios resultantes de desequilíbrios, e os desequilíbrios são manifestações qliphóticas, ou infernais, que atrasam a evolução.

No simbolismo da Esfera de Malkuth, assim como das outras Sephiroth, temos correspondências numerológicas, cromáticas, astrológicas, tarológicas, mitológicas, etc.

O número de Malkuth é 10 (dez), representando a totalidade do universo manifestado e sua conclusão na matéria densa. O um é a Unidade, sendo Malkuth uma unidade múltipla e completa que recebe influxo de todas as outras Esferas; é o objetivo final e concretizado da Criação, o produto final da evolução cósmica que retornará ao Zero Absoluto, à Origem. Dez representa o curso completo de toda a Força que se estabiliza, que se transforma novamente para se concluir em níveis mais elevados; é um (1) ciclo (0) de manifestação e evolução espiritual.

Em Malkuth estão todos os dez do Tarô, expressando um poder completo e estabelecido, desenvolvido até o fim, levando até às últimas consequências o bem ou o mal, em seu respectivo naipe (espadas, bastões, copas ou discos). O dez de paus ou bastões indica opressão e dor no plano material, crueldade, egoísmo e injustiças; o dez de copas expressa o completo sucesso na vida como um todo, êxito duradouro e prazer, porém levando a uma auto-ilusão na vida física e à negligência; o dez de espadas expressa a ruína total de todas as coisas materiais, o fracasso, a destruição e a morte física; e o dez de discos representa grande riqueza material que chega a causar dificuldades e problemas na vida.

As quatro cores que representam os quatro Elementos de Malkuth estão divididas na Esfera da Árvore da Vida: amarelo (Ar); castanho-avermelhado (Fogo); verde-oliva (Água); e preto (Terra).

Para a Esfera da Terra ou dos Elementos (*Cholem ha Yesodoth*, em hebraico), são convergidas também todas as forças astrológicas (Mazloth, a Esfera do Zodíaco), manifestações do poder cósmico que influencia toda a existência, a vida orgânica e inorgânica, etc.

Como arquétipos de Malkuth vamos encontrar os deuses terrestres das riquezas, da fertilidade, da terra, às vezes do submundo e da morte, tais como: Gaia ou Géia (a deusa grega da Terra); Réia (a deusa grega titânica da Terra, preside a matéria e suas leis, é a mãe de Deméter); Deméter (a deusa grega da agricultura e da fertilidade da Terra, é a mãe de Perséfone);

Cibebe (a deusa romana equivalente a Réia); Ceres (a deusa romana equivalente a Deméter); Pã (o deus-fauno grego da natureza e da fertilidade); Plutus (o deus grego da riqueza material e da terra); Hathor (a deusa egípcia da terra e dos prazeres, também associada a Netzach); Seb ou Geb (o deus egípcio do globo terrestre, do submundo e da morte); Lakshmi (a deusa hindu da riqueza da Terra, da natureza e da prosperidade, também relacionada à Esfera de Vênus-Netzach); Gefion (a deusa escandinava da fertilidade da Terra); Druantia (a deusa celta da fertilidade, da natureza e da Terra); Ki (a deusa sumeriana da matéria, da Terra e da fertilidade); etc.

Malkuth também é o grande “filtro” excretor do universo através do qual todas as impurezas, os excrementos e o lixo do universo manifestado devem passar, depositando-se assim nas “conchas” qliphóticas, o caos infernal e pestilento onde toda escória é desintegrada.

Lilith é nome da concha qliphótica – ou Qlipha – de Malkuth, e significa “Noturna”, “Fornicária”. Lilith é também o arquidemônio da Esfera lunar de Yesod, pois a Terra e o plano astral são muito próximos e se influenciam intimamente.

O arquidemônio dessa Qlipha é Nahemah, fêmea de beleza diabólica, demônio do fingimento e do falso amor que ilude. É irmã de Lilith e personifica os impulsos sexuais promíscuos, a obsessão pelos prazeres sensoriais do sexo a todo custo e a negligência, o descaso e o desamor maternal.

Segundo a mitologia, Lilith foi a primeira esposa de Adão, mas quando soube que deveria ser submissa a ele, inclusive sexualmente, ela se recusou a ser sua esposa, partindo do Éden para a região do Mar Vermelho, lugar tido como a habitação de demônios, e lá se uniu a Samael. Adão pediu a alguns anjos que a buscassem e estes ameaçaram assassinar os filhos dela, caso ela não retornasse. Ela não retornou e decidiu se vingar de toda a descendência de Adão. Assim, Lilith se tornou a devoradora de bebês, assassina de mulheres grávidas e uma súcubo que seduz os homens e suga-lhes toda a vitalidade.

A “personalidade” de Lilith era vista como diabólica porque ela era decidida e questionava, contestava e desobedecia o homem (Adão). Esse comportamento de Lilith (e de todas as mulheres que assim o são) sempre foi considerado diabólico pela tradição judaico-cristã, que enfatiza a submissão e diminuição da mulher. Parece estar claro que Adão, na visão judaica, personifica o “povo escolhido” e sua suposta autoridade patriarcal e machista, sendo Lilith a representação do pecado sexual, da fornicação tão condenada, mas tão tentadora nas mentes judaico-cristãs, da contestação e da liberdade de escolha tão inaceitáveis e condenadas.

Seguindo toda essa linha de pensamento e considerando-se a idéia bíblica, poderíamos concluir que, na verdade, Eva deveria ser considerada um ser diabólico, pois foi ela quem provocou a “queda”, o “pecado” e a própria submissão feminina que tanto podemos ver disseminada na religião judaico-cristã.

Mas Lilith como a Qlipha de Malkuth é mais terrível, em termos cabalísticos. Ela é a porta para o trevoso e perigoso plano das entidades diabólicas criadas pela depravação e violência sexuais de toda espécie e grau, que por sinal são exaustivamente mostradas nas grandes mídias e veículos de comunicação, muitas vezes até com forte apologia, mesmo que sejam apenas “sugeridas”. Entretanto, são poucos aqueles que podem perceber isso claramente. O poder da “fornicária” e “noturna” Lilith é manifestado explicitamente na face da Terra e por isso devemos saber discernir as coisas.

Os abortos sanguinários, a rejeição afetiva agressiva e a violência, especialmente doméstica, também geram uma alta carga de energia extremamente perniciosa, obsessora e infernal que alimenta e nutre essa Qlipha e que, por sua vez, é captada e absorvida conscientemente pelos habitantes de tal plano e inconscientemente pelos indivíduos extremamente atrasados, ignorantes e de índole malévola da superfície da Terra. Tais categorias de indivíduos são consumidas por todos os seus crimes e vícios nessa Qlipha, que é a Esfera dos traidores e criminosos passionais, dos promíscuos e pervertidos sexuais, dos pedófilos, dos estupradores, dos sádicos, etc.

Nessa Esfera tenebrosa da Terra ainda permanecem os cadáveres etéricos e astrais dos mortos presos à Terra devido aos seus fortes desejos bestiais, carnais e materiais. O egoísmo extremo e a inconsciência com um obscurecimento gerado pelo estado degenerado tornam tais indivíduos cativos de seus próprios demônios, submersos nas profundezas dessa infra-dimensão abominável.

A Qlipha lilitiana é um verdadeiro esgoto de excrementos cósmicos e psíquicos, o receptáculo de todo e qualquer elemento corrompido, foco de forças infernais e pestilentas remanescentes de elementos degradados destruídos na Terra, dos despojos dos conflitos materialistas. É o depósito das sementes degeneradas que não crescem, não evoluem e que se obstinam a permanecer, a existir e manter suas formas densas. É o apego obsessivo pela vida material que torna esses seres degradados em obstinados, escravizados, presos à Terra e ao materialismo.

Uma vida condicionada pelos ditames do materialismo limita a evolução e enfraquece o ser humano que teme a morte e que pensa apenas haver a matéria desprovida de qualquer elemento divino e espiritual. Mas matéria é energia; o pensamento é energia; o espírito é energia. O que difere é a vibração energética e seu grau de densidade.

A idéia do materialismo se desenvolveu e condicionou a sociedade e a civilização a uma vida limitada, visando tornar o mundo mecanicista, um mundo que favorece apenas uma minoria que explora a maioria dos indivíduos mecanóides fascinados pelas “grandes maravilhas da matéria”, especialmente a matéria industrializada.

O materialismo é uma das principais causas de tantos problemas e desgraças no mundo, além, é claro, do monoteísmo de massa que não deixa

de ser materialista. É a base dos conflitos sociais, econômicos e políticos, com os líderes do materialismo multinacional fazendo o mundo à sua maneira.

Em um mundo estúpido onde o valor de um indivíduo é baseado exclusivamente em suas posses materiais e econômicas, não se pode esperar uma grande evolução consciencial humana. Realmente, são poucos aqueles que têm seu valor reconhecido segundo sua inteligência, talento, caráter, idealismo nobre, sensibilidade e espiritualidade. As pessoas materialistas em demasia parecem insensíveis e grosseiras, não possuem as sutilezas da alma e estão isentas de inquietudes interiores. Isso tudo é facilmente observável.

O que é extremamente útil e importante hoje é somente aquilo que pode gerar lucros, somente lucros, em detrimento de qualquer outra coisa. A família, o lazer, o prazer de aprender coisas novas e interessantes, de fazer coisas gratificantes, de exercitar a criatividade e a imaginação, de buscar o conhecimento pelo conhecimento, a cultura pela cultura, etc., estão sendo considerados inúteis porque não geram lucro para os senhores do materialismo capitalista. A mentalidade de rebanho e a moralidade do escravo imperam na sociedade e em muitas famílias “educadas” nesse sistema ganancioso e desagregador.

Os mais fortes e nobres não são os “trabalhadores”, os escravos proletários mecanóides, mas sim aqueles que buscam criar um mundo melhor, que lutam conscientemente para estabelecer sua vontade livre sem escravizar outros e sem ser escravizado em um mundo de escravos. Muitos desses escravos do materialismo não têm sequer consciência de que estão escravizados, pois estão adormecidos e condicionados ao sistema, e para eles está bom como está: comida na mesa, bebida no bar, uma televisão e mulher para “embuchar”.

Eis o materialismo e o capitalismo qliphóticos de nosso globo físico, um pouco mais acentuados nos países de terceiro mundo.

Na Qlipha da Terra estão as egrégoras da grosseria material, dos valores invertidos, do materialismo capitalista sem controle e das aparências ilusórias. E realmente não é fácil ir contra essas egrégoras.

A imagem arquetípica cabalística da Esfera de Lilith é a de uma linda mulher transformando-se em besta. Agora, reflita o leitor sobre essa imagem.

A maioria dos arquétipos qliphóticos da Terra são os deuses e deusas do submundo, do frio, das trevas, da morte como uma fase da vida, e também da crueldade, etc. Alguns estão associados também às influências de Saturno. Exemplos: Perséfone (a deusa grega do inferno, senhora do mundo subterrâneo, da terra estéril e fria, tendo sido raptada por Hades, tornou-se sua esposa); Prosérpina (a deusa romana equivalente a Perséfone); Néftis (a deusa egípcia do submundo, da morte e da desintegração da vida sob a terra); Osiris (o deus egípcio do submundo e juiz dos mortos, deus da vida,

da morte, da ressurreição e da transformação da natureza, considerado um “deus negro”, é também associado ao Sol); Hel (a deusa escandinava da terra, do inferno, da morte, da dor e da vida gestante nas trevas); Ereshkigal (a deusa sumeriana do submundo, das trevas e dos mortos, rainha do inferno e senhora da Terra); Cailleach (a deusa celta anciã da morte, das trevas e da terra, rege o inverno e a germinação da vida no interior frio e escuro da terra); Macha (a deusa celta da morte e do sofrimento, a “rainha corvo” do submundo, rege a geração e o parto doloroso); Banshee (deusa celta anciã do submundo, anuncia a morte próxima em suas aparições); Coatlicue ou Tonantzin (a deusa asteca da Terra, da escuridão, do inverno, da dor e da morte); Hades (o deus grego do submundo, das trevas, da morte e do frio, também associado a Kether/Thaumiel); Plutão ou Dis (o deus romano equivalente a Hades); Anunnakis (os deuses sumerianos da Terra e do submundo, guardiões dos ossos dos mortos); Mictlantecuhtli (o deus-esqueleto asteca, senhor do submundo das trevas e da morte); Cihuateteo (as deusas astecas esqueléticas e vampirescas das trevas, da morte e do submundo, regem o parto fatal, roubam bebês, e nos homens provocam loucura); Belial (o demônio hebreu da matéria, da terra e da carne, aprisiona as pessoas fracas e ignorantes nos desejos materiais mais densos).

Há muitas deusas e deuses em muitos panteões, mas o leitor inteligente saberá como buscar e se aprofundar no simbolismo mitológico. Na obra *Sistemagia*, já citada, o estudante encontrará um extenso panteão classificado por Esfera planetária.

Alguns símbolos utilizados nos trabalhos de Malkuth/Lilith são o crânio, o tambor, a cruz grega dentro do círculo e o altar negro de cubo duplo.

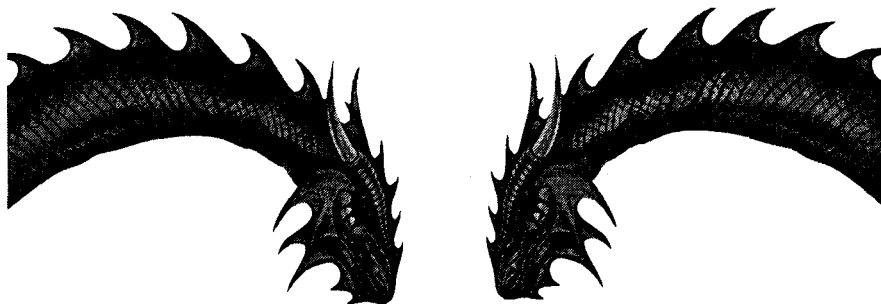
O crânio, ou a caveira, simboliza a terra, os ossos da terra (as rochas), a transitoriedade da vida física e, ao mesmo tempo, a essência imortal da existência através das transformações e dos ciclos naturais e cósmicos da vida, bem como os poderes dos “mortos” autoconscientes e dos ancestrais. E não há nada de aterrorizante em uma caveira, como muitas pessoas querem acreditar equivocadamente.

O tambor é também um símbolo da Terra, do ritmo cósmico primordial da criação e da destruição, do pulsar de todas as formas de vida, dos instintos primitivos e das forças maternas da natureza.

A cruz grega – a cruz de braços iguais – dentro do círculo é um símbolo dos quatro Elementos em equilíbrio dentro da totalidade. O ponto central é o elo entre esses Elementos que interagem entre si no contínuo processo da Criação macrocósmica e microcósmica.

O altar merece aqui uma atenção maior porque é um símbolo concreto, muito importante, utilizado na prática cerimonial, além de nos dar um exemplo de geometria sagrada simples. O altar negro de cubo duplo representa a matéria que dá suporte para as forças espirituais se manifestarem no mundo físico e expressa a totalidade da Árvore cabalística e suas forças

convergidas para a Terra (Malkuth); é o trabalho (mágico) completado. Observando um cubo duplo (ou dois cubos, um sobre o outro) levemente, de cima para baixo, mirando não nas faces, mas nos vértices, podemos identificar todas as Esferas cabalísticas, exceto uma, Malkuth, que representa a própria Terra e o solo do templo cerimonial.



Nona Sefhira e sua Qlipha



Yesod – Gamaliel

Yesod significa “Alicerce” e seu nome divino é Shaddai El Chai, que quer dizer “Deus Vivo Todo-Poderoso”. É a base e a “estrutura” do mundo material ou físico, onde as forças geram os “moldes” de toda existência. É como um útero cósmico que gera e preserva toda a vida em seu desenvolvimento até que venha à luz material. Esse desenvolvimento da semente, do feto e de seu corpo sutil no útero materno é dirigido por Gabriel, a “Força de Deus”, o Arcanjo de Yesod, além de reger o sono e os sonhos e suas mensagens oníricas ou astrais. É em Yesod que está toda a base do DNA dos seres que estão por nascer neste mundo físico e cujas formas astrais finais são purificadas pelo Coro dos Kerubim, as “Criaturas Vivas Sagradas”.

Sendo uma esfera de geração e reprodução das formas de vida, é também a Esfera do sexo e de toda sua fisiologia e atividade, é o centro reprodutivo físico-astral da vida, bem como o centro instintivo de autopreservação. Yesod é também a Luz Astral cujo fluxo e refluxo traz e leva a vida e a morte de tudo sobre a Terra ou Malkuth. É também onde ocorrem as atividades oníricas, os sonhos lúcidos ou não, para onde vão as almas daqueles que já desencarnaram e onde vivem os seres elementais mais inteligentes.

Do ponto de vista psicológico, é a consciência psíquica do ser humano e, em termos junguianos, seu inconsciente pessoal. Esse é o receptáculo de todos os elementos psíquicos rejeitados, reprimidos ou simplesmente relegados ao esquecimento, tais como todos os tipos de conflitos, lembranças, emoções, pensamentos indesejáveis, etc. Muitos dos elementos psíquicos

retidos no inconsciente pessoal, que se tornaram manias ou obsessões, constituem os complexos pessoais que se apoderam da pessoa extremamente sensibilizada e muito suscetível a tudo o que diz respeito aos seus vícios e obsessões, tornando-a, no mínimo, uma pessoa psicótica, ou fanática quando ao extremo.

Em Yesod também está o inconsciente coletivo, quer dizer, a mente-grupal astral constituída de elementos psíquicos extremamente primitivos da raça humana e pré-humana. Trazidos à tona de maneira muito diluída e limitada, esses elementos se manifestam como predisposições, complexos, fobias, instintos e hábitos, heranças de um passado racial muito remoto no processo evolutivo de geração a geração. Essas manifestações é que determinarão um padrão de comportamento e hábitos desde o nascimento do indivíduo, mas que poderá ser modificado caso tenha-se consciência e vontade.

A energia de Yesod é psicamentalmente plástica e maleável e pode ser utilizada magicamente para fins determinados. Portanto, é aqui que entra o conhecimento prático da magia que servirá para o autoconhecimento e maior compreensão dos processos interiores da evolução pessoal e da natureza nesse nível astral. Pode-se também começar a trabalhar com a energia serpentina chamada Kundalini, já mencionada.

No exercício prático dessa Esfera lunar – como pode ser chamada a Sefhira Yesod – o indivíduo pode liberar a autoconsciência, já previamente mais desenvolvida do que a consciência habitual e corriqueira, para funcionar no corpo astral e, conseqüentemente, no nível de Yesod. O corpo astral é o veículo da consciência psíquica e fonte das emoções que tomam forma no plano astral. Esse corpo energético emocional (chamado também de corpo de desejo) é o alicerce e molde exato do corpo físico que, quando abandonado pela autoconsciência, torna-se uma casca vazia, um cadáver astral passível de ser animado por qualquer inteligência maligna ou não, ou entidade astral.

Abandonado como um corpo qualquer sem vida, esse cadáver astral é a sombra inerte do corpo físico. É assim que, no processo evolutivo, os corpos vão sendo abandonados para que a autoconsciência se liberte e se eleve de plano em plano, de grau em grau. Nos indivíduos mais cultos, educados, evoluídos e conscientes psicamentalmente, esse corpo astral – que é chamado também de perispírito, eidolon, linga-sharira, kama-rupa, doppelganger, nephesh – é ativo, leve, mais sutil e bem definido. Nos indivíduos grosseiros, atrasados, degenerados, temerários e extremamente impulsivos e de fortes instintos inconscientes, muito apegados aos desejos inferiores e mundanos, esse corpo é mais denso, lento, obscuro e de baixas vibrações, ficando assim coberto de escórias astrais e psicamentais criadas pelo próprio indivíduo.

Aspectos da energia de Yesod podem fluir para o indivíduo por meio de trabalhos de divinação, por meio dos sonhos lúcidos, pelo aprimoramento

psicológico deliberado e “limpeza” interior, pelo estudo da psicologia oculta e do magnetismo e realizando exercícios de projeção astral ou projeção da consciência.

Como um exercício prévio para se trabalhar com as forças de Yesod, o indivíduo deve adquirir as virtudes da humildade, independência psicológica e pureza interior, pois estas são exigidas se se quiser a Iniciação e o conhecimento de caráter evolutivo nesse nível. A preguiça, a ociosidade, o ciúme e a luxúria devem ser eliminados, pois atrasam a evolução, e um ser de consciência embotada por tais vícios não terá acesso à Iniciação de Yesod e acabará sendo prisioneiro da “concha” da Esfera.

O número de Yesod é 9 (nove), pois é a nona Esfera desde a primeira, Kether. Nove é o número do instinto e da reprodução sexual e expressa o curso evolutivo do homem.

Em Yesod, estão todos os nove dos arcanos menores do Tarô, que indicam um poder intenso, em seu respectivo naipe, capaz de realizar obras para o bem ou para o mal. O nove de paus é poder, saúde e conflitos no sucesso com incertezas sobre o futuro; o nove de copas é sucesso e prazer, inclusive prazer sensual, satisfação e alegria; o nove de espadas expressa desespero e crueldade, enfermidades e sofrimento; o nove de discos indica ganho material, herança e prosperidade.

A cor de Yesod é a violeta, cor do misticismo, do psiquismo e da espiritualidade.

Astrologicamente, Yesod é a Lua (Levanah, em hebraico) e rege o signo de Câncer que infunde o instinto de maternidade e o instinto de preservação e nutrição em todo ser vivo. Câncer expressa uma força expansiva que preenche o Cosmos com a vida e suas formas de manifestação.

No plano do mundo físico, os oceanos, mares, rios e fontes, praias desertas, pântanos, cachoeiras e cataratas, bosques, campos e colinas, os lugares desertos e tranqüilos, os lares familiares e as grandes maternidades, são lugares e regiões onde predomina a influência yesódica da Lua.

Os arquétipos mitológicos lunares são as deusas da feitiçaria, da noite, da maternidade, da feminilidade, das águas, etc. Também são muitos, mas aqui temos algumas: Ártemis (a virgem deusa grega da Lua, a deusa caçadora e selvagem); Diana (a deusa romana da Lua, equivalente a Ártemis); Circe (a semideusa grega e feiticeira luxuriosa e sensual); Ísis (a deusa egípcia da magia, da família, do lar e protetora das crianças); Bast ou Bastet (a deusa-gato egípcia do Mistério, da maternidade, da saúde e regente dos ciclos menstruais); Tara (a deusa hindu do misticismo, da compaixão e da sabedoria); Freya (a deusa escandinava da profecia, da beleza e da paixão romântica); Cerridwen (a deusa celta da Lua, preside a fertilidade, a Iniciação e a inspiração poética); Arianrhod (a deusa celta da Lua cheia, a “Roda de Prata”, rege a gestação e os ciclos femininos); Chalchihuitlicue (a deusa asteca das águas, protetora das mulheres, rege o nascimento e o batismo e causa os dilúvios); Coyochauqui (a deusa feiticeira

asteca); Ayizam (a loa vodu, deusa da Lua, sacerdotisa e musa inspiradora); Hinenuitepo (a deusa maori da noite, dos espíritos e do submundo); Kuan-Yin (a deusa chinesa da misericórdia, da vida, preside o nascimento e a união dos casais).

A Qlipha da Esfera de Yesod tem seus arquétipos sinistros, como veremos mais adiante. Entretanto, a imagem cabalística de Gamaliel é a de um minotauro obsceno, simbolizando a bestialidade sexual e os instintos. Na mitologia grega, o minotauro é um homem com cabeça de touro, resultado da cópula entre um touro sagrado e Pasífae, mulher de Minos, rei de Creta.

Gamaliel é a Qlipha da Esfera e significa “Obscenos”, tendo Lilith como arquidemônio regente. Lilith é a Lua negra, o aspecto sombrio do desejo sexual, a fêmea fatal no subconsciente feminino, o lado noturno da cópula; ela é a Noite (*Nox*, em latim; *Nyx*, em grego; *Layil*, em hebraico). É também a Lua de Sangue, ou seja, o processo fisiológico de ovulação e menstruação periódica, o que causa uma forte alteração psíquica na mulher, perturbando-a, tornando-a relativamente agressiva. O sangue menstrual é o sangue qliphótico lunar do óvulo não fecundado, do óvulo morto, um processo natural atávico que pode ser alegorizado pelo arquétipo lilitiano (lembre-se que Lilith é uma vampira que odeia bebês e mulheres grávidas).

Lilith expressa, de fato, a feminilidade primitiva e selvagem com todos os seus fenômenos fisiológicos e psíquicos, bem como o prazer sexual obsessivo, muitas vezes sem a intenção de gravidez.

O arquétipo de Lilith se desenvolveu, e ela veio a ser considerada um demônio da noite e mãe de todas as súcubos vampiras que atacam homens, alimentam-se de sangue e assassinam bebês e mulheres grávidas, considerados todos como descendência de Adão e Eva que merecem sua vingança. Ela também “adota” todos os filhos de sua irmã Nahemah para devorá-los.

Provavelmente, Lilith tem sua origem na Suméria, onde esse arquétipo era conhecido como Lilitu, e tem também similaridades com a Lamia grega e com muitas outras deusas tenebrosas, como a Kali hindu (também associada a Saturno), a Hécate grega, a Hel escandinava, a Néftis egípcia, a Khado tibetana, etc., algumas também associadas à Esfera da Terra e de Saturno.

Lilith (ou os arquétipos lilitianos) também aparece nos contos-de-fadas populares ocidentais, que possivelmente não eram tão inocentes e cheios de eufemismos como hoje. As feiticeiras malvadas e suas artimanhas para destruir as princesas indefesas são claros exemplos da manifestação de Lilith. Podemos citar alguns dos mais conhecidos: a bela feiticeira dominadora, que se transforma em uma velha decrépita e que prepara poções sinistras para matar Branca-de-Neve (uma enteada indesejável), exemplifica muito bem o perfil de Lilith; a madrasta cruel e suas filhas “selvagens” (as Lilim, filhas de Lilith), com seu ódio, rancor e inveja, que menosprezam,

humilham e maltratam Cinderela, são outras personificações de Lilith; a fada má, que enfeitiça uma bela princesa ainda bebê para que ela adormeça (estado de coma) por muito tempo, indica o ódio lilitiano por bebês e crianças inocentes geradas por outras mulheres; Rapunzel, raptada ainda bebê por um bruxa malvada, é aprisionada em uma torre e proibida de ver qualquer homem durante sua vida, ilustra perfeitamente o comportamento de Lilith; João e Maria (representação de Adão e Eva e de seus próprios filhos), perdidos na floresta (Jardim do Éden), são atraídos e aprisionados por uma feiticeira antropófaga (Lilith); e a Chapéuzinho Vermelho, cuja pseudo-inocência na puberdade mostra o início de seus ciclos menstruais, seus instintos e desejos sexuais se afluando e sua união com o homem “faminto” (o lobo “mau”), é um grande exemplo dos processos primitivos sexuais e fisiológicos tipificados por Lilith e sua união com Samael (o “lobo mau”). Sempre há algum elemento sexual subliminar nesses contos ricos em figuras femininas. Quase todos os contos mais famosos foram criados com os mesmos elementos principais: uma feiticeira ou bruxa “má” (Lilith), uma princesa “inocente” e “boa” (Eva e todas as mulheres que desejam casar e ter filhos) e um príncipe muito heróico e “macho” (Adão e todos os homens machistas).

Eis aí, em diversos aspectos, o arquétipo de Lilith, a deusa sinistra atribuída à Qlipha Gamaliel.

Em Gamaliel, no mais profundo desse terrível plano, temos os sonhos sombrios, as trevas astrais, a feitiçaria do astral inferior e a força cega e negativa da corrente astral, chamada também de Ob (a corrente positiva chama-se Od). O ser embotado nessa região inferior permanece em um estado de inconsciência astral onde tem visões turvas e sinistras, onde seus instintos animais tomam formas aterrorizantes e obscenas, sedentos para se esgotarem em incessantes cópulas, e onde vampiros de forte instinto bestial, larvas astrais e horrendos e ferozes elementais inferiores se movem livremente, tornando esse mundo um verdadeiro pesadelo abominável. A aparência de tais seres indica seu grau de evolução, e muitos vivem imersos nas emanações viciosas do alcoolismo, das paixões mais grosseiras e da matéria em putrefação, especialmente carne e sangue.

Gamaliel é também o círculo infra-dimensional – mais próximo à Terra – que produz imagens deformadas e corrompidas que geram degradação e malefícios. É o círculo das sombras e cascões do corpo astral humano que se tornam espectros pútridos que podem ser reutilizados e animados por outras entidades que habitam esse plano. Esses cascões astrais com resquícios grosseiros de consciência sensorial e manipulados por outras entidades desse plano astral inferior (Qlipha de Yesod) aparecem às vezes em sessões espíritas e invadem a guarda da pessoa passiva e desprotegida, sendo assim vítima deliberada das obsessões desses cadáveres astrais.

Esses contatos com as sombras dos mortos parecem mais como uma prática de necromancia mais sutil e “aceitável” pela sociedade moderna, já que não se utiliza dos restos mortais da pessoa a ser contactada.

Os lampejos de inteligência e consciência que essas entidades astrais ou “espíritos” apresentam são os registros no corpo astral de todos os pensamentos, sentimentos, desejos e ações, isentos de autoconsciência do indivíduo que desencarnou. Assim são criadas duplicações “mecanóides” com a matéria psíquica dos participantes de alguma sessão espírita que contactam tal corpo astral em natural abandono. Mas há exceções em que a manifestação é realmente do recém-falecido. Entretanto, os constantes apelos e chamados aos desencarnados podem atrasar seu caminho e processo de aperfeiçoamento e desligamento deste plano para a continuidade da existência *post mortem*, além de perturbar seu corpo astral ainda não abandonado.

Há casos, logicamente, em que uma pessoa em transe recebe mensagens de seres altamente evoluídos e autoconscientes para a transmissão de conhecimentos e prestação de auxílios. Porém, nem sempre as comunicações com os desencarnados atingem os planos muito elevados, pois esses desencarnados, ou melhor, seu elemento anímico e consciência, seguem o processo evolutivo nos planos correspondentes ao seu grau evolutivo, após a desintegração de elementos astrais indesejáveis criados em uma encarnação.

Na antiga Grécia, já se praticava o que hoje é conhecido como espiritismo moderno, além da necromancia propriamente dita, visando ao contato com os espíritos dos mortos mediante certos procedimentos. Os xamãs e feiticeiros de diversos povos também possuíam (e possuem) os dons conhecidos hoje como mediúnicos para se comunicar com os espíritos, mas muitos feiticeiros tinham a capacidade de ir até os espíritos, em vez de chamá-los para o nosso plano material.

Tudo isso faz parte do estudo da psique para aqueles pesquisadores sérios, sensíveis e livres de tabus institucionalizados, sem as limitações acadêmicas.

O estudo da psique (ou alma) é influenciado por Yesod, entretanto, muito da psicologia acadêmica tradicional deixa a desejar, o que a torna uma ciência desvirtuada e associada aqui à Qlipha da Lua. A Psicologia muitas vezes provoca uma perda de identidade e da centralização do indivíduo, que fica confuso em um mar de padrões comportamentais degradados que estão em voga e que são considerados “normais” devido às insistentes apologias em quase todas as mídias de massa. De fato, muitos psicólogos e psicanalistas recalçados são tão desequilibrados, tão cheios de defeitos e dissociações, quanto seus pacientes. Às vezes, até mais do que estes. O paciente torna-se um reflexo do próprio psicólogo, que vê seus próprios recalques (desejos, pensamentos e sentimentos desequilibrados não admitidos, mas persistentes) em seu paciente.

A ação das Qliphoth é muitas vezes imperceptível para a maioria dos indivíduos inconscientes que pensam que estão muito conscientes de si mesmos e do mundo. Lamentável condição também permanecerá após a morte física, e a pessoa assim adentrará no rio Letes, o lento e silencioso rio do esquecimento, para que retorne posteriormente a uma nova encarnação, sem as lembranças do passado.

Vamos agora aos arquétipos qliphóticos lunares que são, de modo geral, as deusas do “lado escuro da Lua”, deusas das florestas selvagens, deusas feiticeiras e tenebrosas, vampiras voluptuosas, etc. Exemplos: Hécate (a deusa grega da feitiçaria, da noite e dos espectros fantasmagóricos, preside a gestação, o parto e o fluxo do sangue menstrual); Karina (a deusa demoníaca árabe, vampira-súcubo que provoca sonhos depravados nos homens de vontade e caráter fracos, causa o aborto e a discórdia entre os casais); Empusa ou Lâmia (vampira grega sensual que seduz os homens para sugar-lhes o sangue, e se alimenta também de bebês); Dakini (a deusa sinistra hindu que se alimenta de sangue e carne humanos); Khado (a deusa tibetana equivalente a Dakini).

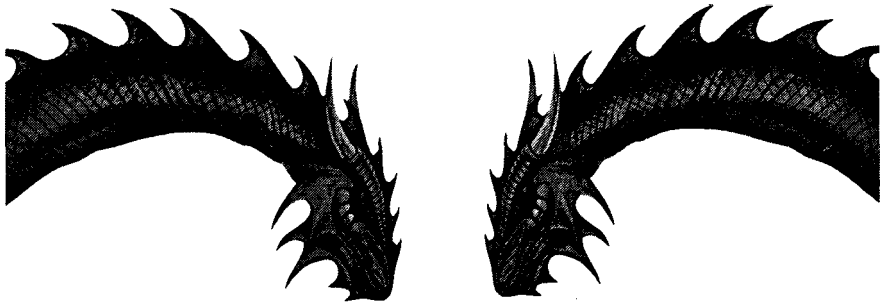
Os símbolos para se trabalhar com a Esfera lunar de Yesod/Gamaliel são a meia-lua, o caldeirão, a taça, o ovo e os perfumes.

A meia-lua é o próprio símbolo da Lua e do plano astral, indicando receptividade e o inconsciente.

O caldeirão representa o útero onde se dá a gestação da vida. É o receptáculo das influências astrais aproveitadas na magia ou na feitiçaria, bem das águas da Terra. O caldeirão simboliza a fusão da água, da terra, do fogo e do ar, e com esses elementos ele pode ser utilizado. A taça partilha de alguns significados do caldeirão e representa também a vagina no contexto mágico e ritualístico.

O ovo representa a criação latente e os poderes latentes e criadores do magista; também partilha do simbolismo do caldeirão e da taça.

Os perfumes são o símbolo do plano astral (e da mente também) que é mais sutil do que a matéria densa do plano físico, e sua fumaça sugere elevação espiritual e o véu do Além e seus mistérios que estão em nós mesmos.



Oitava Sefhira e sua Qlipha



Hod – Samael

Hod, que significa “Esplendor” ou “Glória”, é a oitava Esfera de emanção sagrada. Seu nome divino é Elohim Tzabaoth, ou “Deuses das Hostes”. É o plano mental inferior, o plano organizacional das idéias divinas sob a direção do Arcanjo Mikhael, a “Semelhança de Deus”, cujo poder organiza o Coro dos Beni Elohim, os “Filhos dos Deuses”. Estes são a expressão das energias e formas astro-mentais finalizadas, organizadas, definidas e vivas, animadas com as forças da natureza. Mikhael rege o desenvolvimento da mente criadora intelectual e todos os seus processos no universo manifestado, e protege a raça humana, especialmente os magistas iniciantes, guiando também suas almas através do plano mental inferior, o plano mais sutil, mais rarefeito, da Grande Ilusão que é a Manifestação. Ele também é o Senhor da Magia e criador e transmissor das fórmulas mágicas nas mentes dos Iniciados, assim como Hermes, Mercúrio e Thoth transmitem o conhecimento, a ciência e a sabedoria mágica ao homem e o instruem no caminho evolutivo para libertar-se de Maya. Com relação a isso, o Budismo nos ensina que a Grande Ilusão ou Maya conduz a raça humana ao fatal e vicioso círculo das encarnações, a Roda do Samsara, e que pode ser transcendida mediante o despertar da consciência e a eliminação das causas do sofrimento que é, em essência, a insatisfação do ego e a ignorância, seja ela qual for.

A Esfera de Mercúrio, Hod, é o mundo racional puro, fonte do pensamento humano, da razão e da formulação dos conceitos, é o plano que contém a essência das operações numéricas, da palavra e de todos os símbolos. Portanto, entendemos que em Hod está a origem de nossa mente

concreta, racional e é de onde flui a energia que estimula a inteligência e todo desenvolvimento científico no mundo manifestado.

Mas não devemos pensar que todos os indivíduos na face da Terra têm uma inteligência realmente privilegiada. Há pessoas ou grupo de pessoas que possuem o elemento mental ainda muito subdesenvolvido, mesmo em nossa civilização dita moderna. Esses indivíduos estão em um grau evolutivo atrasado tal que predomina somente elementos astrais, ou seja, elementos emocionais e instintivos. Não estão receptivos aos influxos intelectuais e criativos de Hod que deveriam se equilibrar com as emoções e os instintos de Yesod. Há também aqueles que possuem apenas uma inteligência mediana específica, unilateral, condicionada ou, como pode ser chamada, inteligência de ofício, adquirida única e simplesmente por meio de estudo e atividade profissional e para a atividade profissional no plano essencialmente mundano; ou ainda aqueles que acumulam grande quantidade de informações na memória sem a compreensão de seus significados. Indivíduos assim são quase incapazes de se interessarem por assuntos de caráter evolutivo e de assimilar outros conhecimentos de várias outras áreas e de desenvolverem uma inteligência abrangente aliada à compreensão interior.

O influxo mental de Hod-Mercúrio desce e se manifesta como avançado entendimento intelectual no cérebro, o órgão físico da inteligência, apenas naqueles que estão preparados para isso, naqueles que estão receptivos naturalmente em virtude de seu próprio grau evolutivo ou de consciência esclarecida. Pessoas assim são capazes de descobrir a verdade, ou verdades, por si mesmas, possuem inquietudes e sede por conhecimentos. Tal é a capacidade heurística, ou seja, a arte de descobrir, solucionar problemas criativa e racionalmente, inovar, inventar, de maneira rápida e sem esforço excessivo.

Psicologicamente Hod desenvolve a *persona* que é a “máscara” usada no dia-a-dia. É uma imagem projetada para si mesmo e, principalmente, para a sociedade, uma “fachada” com a finalidade de causar impressões favoráveis, ou, às vezes, desfavoráveis. Os indivíduos em seu meio social e familiar raramente se comportam como gostariam, dizendo o que gostariam e fazendo o que gostariam, então usam essa máscara de conformidade e falsidade que é vista pelo mundo, de maneira até mecânica e inconsciente. É uma falsa projeção que não corresponde, muitas vezes, à verdadeira intenção e sentimento do indivíduo, mas sim uma manifestação de fingimento. É uma auto-ilusão de si mesmo para ser aceito no meio em que vive e beneficiar-se. Configura-se então o aspecto mercuriano da falsidade, da mentira e do engodo que se manifesta no ser humano, ou seja, um aspecto da Qlipha Samael.

Trabalhar com a Esfera de Hod para o autoconhecimento e evolução requer um polimento da personalidade encarnada por meio do exercício da prudência em todos os aspectos da vida, da sinceridade e honestidade, principalmente consigo mesmo, e a busca pelo conhecimento amplo e pela sa-

bedoria e a prática da imaginação criativa, ou seja, a criação de perfeitas imagens mentais pelo esforço da vontade. Estas são algumas virtudes mercurianas necessárias para a Iniciação à Esfera de Hod.

Com o corpo mental – ou *manas inferior* – bem desenvolvido, o Iniciado pode chegar a ter a experiência direta da mente criadora intelectual e de seu funcionamento, uma visão e compreensão do que está por detrás da Criação visível, podendo ver a própria mente. O corpo intelectual no plano mundano é o veículo da inteligência, do pensamento e da razão, assim como das impressões e percepções cerebrais e das atividades do sistema nervoso, e que se une ao corpo astral para poder se manifestar e atuar no corpo denso de Malkuth, formando assim a tríade inferior do ser humano composta por corpo físico, corpo astral e corpo mental inferior, ou sensação, emoção e razão. Esse corpo mental é mais ativo e bem definido nos seres humanos mais inteligentes e evoluídos, e fraco e obscurecido nos indivíduos atrasados e ignorantes que não têm interesse em crescer psicometricamente e evoluir espiritualmente.

O indivíduo trabalhando em Hod pode desenvolver positivamente muito mais seu intelecto e exercer o discernimento, o raciocínio científico consciente e ser capaz de se expressar perfeita e devidamente. Deve aprender também a desenvolver práticas cerimoniais em geral, o poder da autocura, da telepatia, assimilar o conhecimento das línguas e das ciências e aprender a criar e elaborar talismãs. É recomendável ainda o estudo da Radiestesia, do Tarô e das Runas, da Alquimia, do Hermetismo e da Cabala Mágica, bem como técnicas de respiração (*pranayamas*) e mantras (*vibração sonora vocal*), etc.

O número de Hod é 8 (oito), símbolo do circuito mágico polarizado, o plano mental e o plano astral, bem como a energia positiva e negativa. Representa ainda as duas serpentes entrelaçadas no bastão ou caduceu de Mercúrio – já mencionado –, outra referência ao circuito polarizado de energia e a união dos opostos que gera o poder criativo. Oito é o número da mente, da ordem, do equilíbrio e da prudência.

Todos os oito do Tarô estão em Hod e são energias que geram resultados imediatos, porém transitórios. O oito de paus expressa rapidez; o oito de copas indica desinteresse por tudo, insatisfação e abandono do sucesso conquistado; o oito de espadas é a força reduzida devido à dispersão e indecisão, produzindo instabilidade e restrição; o oito de discos é prudência e atenção demasiada em detalhes insignificantes e minúcias, gerando restrição e limitação.

A cor da Sefhira Hod é laranja, a cor do intelecto, da inteligência e da autoconfiança, estimula a mente e fortalece o corpo mental, produzindo alegria e otimismo.

Hod é astrologicamente o planeta Mercúrio (*Kokab*, em hebraico) e rege os signos astrológicos de Gêmeos e Virgem. A energia de Gêmeos manifesta-se como atividade do intelecto, como movimento do pensamento

e do raciocínio prático que capacita o indivíduo a se expressar, comunicar, assimilar e reter informação. Virgem é a inteligência de Gêmeos manifestada na vida prática, trazida para o mundo material. É a semente da evolução da inteligência e da consciência que germina nas trevas da matéria e vem à luz como pensamento e idéias.

Aqui no nosso mundo, podemos encontrar energia mercuriana de Hod em profusão em certos lugares tais como laboratórios, bibliotecas, livrarias, escolas, escritórios, mercados, feiras, perfumarias, ruas metropolitanas em geral, nas grandes fazendas e nos campos cultivados.

Os arquétipos mitológicos de Hod são os deuses da magia, do êxtase mental, do conhecimento, das ciências, das letras, da comunicação, dos negócios, do comércio, etc. Na mitologia mercuriana de Hod, podemos citar alguns dos mais importantes: Hermes (o deus grego do conhecimento, da literatura, da ciência, regente do comércio e também dos ladrões astutos, é mensageiro dos outros deuses e conduz o magista aos sonhos lúcidos e às viagens das almas nos planos sutis); Dionísio (o deus grego do vinho e da embriaguez espiritual e do êxtase); Mercúrio (o deus romano equivalente a Hermes); Baco (o deus romano equivalente a Dionísio); Thoth (o deus egípcio com cabeça de íbis, regente da magia e das ciências, inventor e comunicador da escrita ao homem, é secretário no Salão dos Mortos); Anúbis (o deus-chacal egípcio, guia das almas no Além após o julgamento e embalsamador dos mortos); Imhotep (o deus egípcio criador da medicina, autor dos papiros médicos e arquiteto da pirâmide em degraus, a pirâmide de Djoser); Ganesha (o deus-elefante hindu da sabedoria, das ciências, das letras, rege os negócios importantes e elimina os obstáculos); Sarasvati (a deusa hindu da escrita e do conhecimento esotérico); Hanuman (o deus-macaco hindu do conhecimento secreto, da astúcia, da liderança e da lealdade); Odin (o deus escandinavo das Runas – o alfabeto secreto –, do conhecimento, da magia, da sabedoria e da guerra); Ogmio (o deus celta da escrita, da sabedoria e das artes, criou o alfabeto ogham baseado nas árvores sagradas); Taliesin (o deus celta da escrita e da poesia, bardo e mago druida); Nabu (o deus sumeriano da escrita, mensageiro dos outros deuses, e senhor da sabedoria secreta); Legba (o loa vodu da profecia, da escrita, tradutor dos idiomas dos espíritos, deus da comunicação e mensageiro dos deuses e dos homens); Fu-Xi (o deus chinês das ciências, das letras, do conhecimento, da cultura, criador dos trigramas e do baguá e instrutor da humanidade); etc.

As forças qliphóticas de Hod manifestam-se como falsidade, desonestidade, inveja, etc. Esses vícios fluem na Qlipha de Mercúrio chamada Samael, o “Mentiroso”, o “Veneno de Deus”, o “Prestidigitador”.

Seu arquidemônio é Adramelekh (deus assírio), o espírito do intelecto pervertido e grande conselheiro dos espíritos infernais. A influência de Adramelekh pode causar obsessão pelo conhecimento sem a devida compreensão, e conduzir o indivíduo, prisioneiro em seu labirinto intelectual, à quase loucura, que às vezes pode confundir-se com genialidade.

Samael (a Qlipha) manifesta o mundo das satisfações e das sensações mentais mais grosseiras, da fraude e da perdição intelectuais, causa desolação e a queda da Criação. É o círculo infernal da mentira, da trapaça, da desonra, da infâmia e da decepção, repleto de formas mentais que se reproduzem e se intensificam cada vez que o ser humano compartilha de tais pensamentos e atos medíocres, resultando assim em um entorpecimento mental e atraso evolutivo, tornando o indivíduo desonesto, mentiroso e invejoso, incapaz de se corrigir, pois essas vibrações infernais constantes tornam-se poderosas demais e o envolvem de maneira completa.

A influência qliphótica mercuriana é extremamente forte nas mídias de massa, e aí podemos ver a conspiração de Samael (a mentira que ilude e escraviza) que tem por objetivo dominar e controlar o povo. As massas escravizadas devem sempre estar distraídas para que não se ocupem dos assuntos mais importantes da existência, da vida de suas nações e do mundo como um todo, incluindo as questões espirituais mais sérias. O fluxo de lixo televisivo com sua pseudocultura descartável, os conteúdos viciantes, desagregadores e inúteis da internet, os jornais e revistas da mídia de “panelinha” com informações tendenciosas e sensacionalismo-populacho, manipulando cada indivíduo de nossa sociedade de rebanho, estão gerando as mais diversas enfermidades e desequilíbrios psicomentais e psicossomáticos.

É claro que há exceções em todos esses meios de comunicações, e sempre há um mínimo de conteúdo relativamente interessante e útil, porém é uma pequena minoria que se preocupa com a qualidade, com a cultura elevada e com os valores construtivos. Mas quem irá admitir isso? Quem tem controle sobre si mesmo para poder filtrar e selecionar conscientemente o conteúdo (ou falta dele) de todas essas mídias? As pessoas são como zumbis, manipuladas e controladas especialmente pela TV, concretizando assim os objetivos da conspiração e da corrupção de massa.

E aquele que convive com pessoas do mesmo nível torna-se uma delas, degrada-se por sua própria fraqueza e pelas más influências, pois muitas vezes podemos conhecer uma pessoa por suas companhias e por suas preferências. Somente um grande esforço estimulado por um *insight* do espírito já obscurecido poderá levar adiante o processo de purificação mental e polimento do caráter. Entretanto, isso é muito raro na pessoa comum e corrente já empedernida, insensível, obcecada e cega psicamentalmente.

Samael sendo o lado qliphótico e tenebroso da ciência, seu poder como um “mentiroso” é percebido no materialismo científico do engodo e da escravidão, pois a ciência ainda não tem as respostas mais importantes e reais para a evolução do homem. O que a ciência é incapaz de provar é relegado à categoria de simples utopia, pejorativamente. Ou cria “soluções” igualmente sem base real e verdadeira para mostrar ao mundo como uma verdade científica, porém especulativa ou conspirativa, e dizendo que isso ou aquilo pode ser “teoricamente” concebível e possível. A ciência materia-

lista com seu extremo lucro financeiro superou sua utilidade de sempre servir à humanidade. Seu progresso se restringe a interesses isolados, e a enganação se instala em um mundo cheio de falsidade e medo por não haver soluções para uma vida complicada.

Sim, a ciência evolui bastante em todas as áreas, mas ainda há certa limitação e essa está sendo ofuscada por alguns cientistas mais conscientes e evoluídos, que estão percebendo a relação entre o conhecimento científico o ocultismo e algumas doutrinas religiosas e filosóficas, estão conseguindo mostrar fatos sutis da vida humana e cósmica que a ciência oficial nega-se a aceitar ou apenas redescobre e repete teorias que o ocultismo já ensinava há muito tempo sob outros nomes.

O “Veneno de Deus” também volta-se contra a extrema materialidade da ciência insensível e o planeta rebela-se por meio de catástrofes e epidemias insolúveis, e provocando o fracasso de experiências científicas. O desequilíbrio causado pela ciência materialista está levando o mundo ao apocalipse tecnológico. A obsessão científica desprovida de consciência busca o domínio do mundo com a criação de doenças da modernidade e seus medicamentos caros que geram outras doenças para se “combater” com mais medicamentos caros, e assim por diante. Esse ciclo doentio (anti)científico apenas traz desespero, aberrações e degradações em todos os aspectos da existência física e mental, apesar de nos ter proporcionado algum progresso em quase todas as áreas. Porém, ciência não é só a aparência exterior e material das coisas...

Por outro lado, temos as fascinantes literaturas de ficção científica que parecem mostrar o futuro, seja para o bem ou para o mal da existência humana. Mas não deixemos que esse fascínio científico mercuriano nos distraia muito do verdadeiro estudo acerca de nós mesmos e do universo, porém tendo em mente que o que é ficção hoje pode ser realidade física amanhã.

Como arquétipos qliphóticos de Mercúrio, temos alguns: Apollyon (o demônio grego da mentira e das fraudes, também associado à Sefira Tiphareth); Abaddon (o demônio hebreu equivalente a Apollyon); Deggial ou Al Dajjal (o demônio árabe gigante e cego de um olho, demônio da falsa profecia, o “impostor” que irá perverter e desencaminhar a humanidade por meio de suas palavras cativantes); Ahriman ou Angra Maynu (o demônio persa da mentira, das fraudes, da ignorância, da ilusão e da desordem); Pazuzu (o demônio sumeriano dos ventos que uivam no deserto, voa espalhando pestes, pragas e causando a morte).

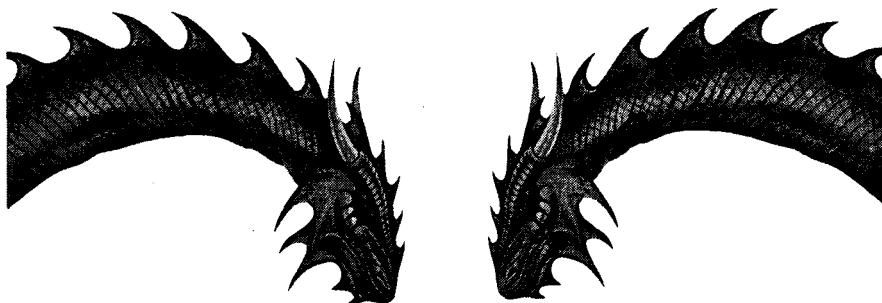
Alguns símbolos das Esferas mercurianas são o caduceu, a varinha, a pluma, os rolos de papiros e a lemniscata. Sobre o caduceu já tratamos em capítulos anteriores.

A varinha é um símbolo da magia e do elemento Ar, utilizada para traçar signos no ar juntamente com as vibrações de palavras pertinentes.

A pluma é outro símbolo do Ar e da escrita, pois a mente, ou o intelecto, produz a palavra que é vibrada no ar, assim como o próprio pensamento e o raciocínio rápido são “elementos aéreos”.

Os papiros são símbolos do conhecimento arcaico e secreto, que contêm as palavras, os signos e as fórmulas da magia tanto da Mão Direita quanto da Mão Esquerda; os livros, revistas e jornais são o desenvolvimento do papiro e hoje se prestam a registrar informações e conhecimentos úteis e construtivos ou inúteis, descartáveis e perniciosos.

A lemniscata é o oito horizontal, símbolo gráfico do infinito e dos ciclos realizados em polaridade no Universo e na Natureza.



Sétima Sefhira e sua Qlipha



Netzach – A'Arab Zaraq

O nome da sétima Esfera de emanção, Netzach, significa “Vitória” e é o plano causal manásico. “Manásico” é um termo adjetivado da palavra sânscrita *manas* que é equivalente ao termo “mental”. É o plano das causas formadoras das existências futuras, o plano mental superior. É o centro de emanção das energias da beleza e do amor que são infundidas no universo material, fazendo tudo se desenvolver e crescer harmoniosamente. A força de Netzach também faz brotar o poder criativo e criador nos seres racionais e irracionais. Seu nome divino é Jehovah Tzabaoth, o “Senhor dos Exércitos”, e sua inteligência é o Arcanjo Haniel, a “Graça de Deus”, cujo poder faz manifestar a força do amor universal, fraternal e, especialmente, o amor conjugal entre homem e mulher, e o amor abstrato da natureza existente entre todas as formas de vida que se unem em polaridade para criar ou procriar. Haniel é o Senhor da Harmonia e o Guardião que zela pelos reinos da natureza, inter-relacionando-os e harmonizando-os. A força da natureza com todos os seus reinos é a expressão do Coro dos Elohim, os “Deuses”, os “Regentes da Natureza”, que são a mente-grupo da Criação, como um exército que funciona sob determinada ordem e de maneira sincronizada executando uma operação ou atividade em comum. Essa força anímica e criativa manifesta-se por meio das formas exteriores e mais densas no universo natural, gera os fenômenos naturais e é a causa de todos os sons da natureza manifesta. Esses Elohim são conhecidos como Gandharvas na Índia, e são os deuses da música, dos sons naturais e do conhecimento que revelam ao homem.

Os Elohim (Devas, em sânscrito) são os deuses de Deus, a manifestação de uma miríade de seres que atuam no Universo e na Natureza, assim como os seres humanos são também deuses (e demônios) em potencial influenciando o mundo. Toda essa interação cósmica entre seres e forças é vista pelo Hinduísmo como o verdadeiro amor transcendental que está subjacente a todas as coisas. É o amor pela verdade sob muitas formas, muitos deuses, muitos caminhos. Essa busca pelo deus interno, pela consciência espiritual dentro do próprio indivíduo e pela verdade é um objetivo do Hinduísmo, assim como é a meta de diversas doutrinas especialmente orientais e também da luciferosofia ou luciferianismo.

As várias modalidades de yoga* do Hinduísmo servem ao buscador de si mesmo e da verdade. Yoga significa “união”, a união com o deus interno que pode ser atingida por meio de suas diversas modalidades: bhakti yoga (amor e devoção ao deus interior); mantra yoga (a vibração de palavras de poder para alterar a consciência); jnana yoga (a busca do conhecimento e a união pelo amor cósmico); carma yoga (a ação consciente para gerar reações psico-mentais e “controlar” o carma); raja yoga (a prática do controle da mente, da concentração que conduz à meditação); hatha yoga (o domínio sobre o corpo físico e as funções fisiológicas, o controle sobre a respiração, etc.); tantra yoga (o culto ao feminino e união sexual sacralizada); etc.

Os tantras são tratados sobre regras e rituais esotéricos e sexuais de adoração ao feminino (Shakti). A palavra *tantra*, traduzindo livremente, significa “instrumento de ritual” ou “instrumento de desenvolvimento”. No Hinduísmo, assim como no luciferianismo, o tantra yoga é uma via focalizada na utilização do sexo (maithuna) para a expansão da consciência e aquisição de conhecimento (vidya, jnana). A mulher é um elemento importante e necessário para a realização da Obra. Ela é Shakti, a parceira e o poder do mago na magia sexual (tantra yoga com cerimonial) que visa à união das forças opostas para gerar força e energia psico-física e iluminação espiritual. Esse é o Caminho da Mão Esquerda (*Dark Spirituality*) – já mencionado no início desta obra – que preza pelo aspecto feminino da Criação em seus diversos graus de manifestação. É a união (yoga) entre Shiva e Kali, quer dizer, aspectos de Set e Néftis, Lúcifer e Vênus, Samael e Lilith, Hades e Perséfone, Odin e Frigga, etc.

Pelo que precede, vemos que Netzach é a Esfera venusiana, e sua “vitória” se dá por meio do amor de Vênus em todas as suas formas naturais e sob a lei hermética do gênero e da polaridade criadora, os princípios harmonizadores da vida. O amor de Netzach é mais do que a mera atração e relação sexual, é uma interação dos pares de opostos com suas forças vitais e mentais equilibrantes e o estímulo criador e a inspiração criativa que advêm dessa interação sutil, suprimindo e completando assim a alma humana.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Yoga – Mente, Corpo, Emoção e Raja Yoga – Quebrando Correntes*, de Suely Firmino, Madras Editora.

Portanto, Netzach é um centro de força criadora, estimulante, ativa e que possibilita o contato com as forças dos reinos elementais da natureza.

A Sefhira de Vênus pode também ser considerada o Devachan – palavra ou termo sânscrito/tibetano que significa “Morada dos Deuses” – ou Swarga, o “Céu” hindu, onde reina a felicidade divina e as mais puras e belas aspirações e ideais da alma como realizações objetivas da mente superior. É o paraíso celestial de cada ser em seu avanço na evolução espiritual com todas as suas causas que irão moldar sua existência. Em Netzach os desejos mundanos e medíocres são transcendidos e então não se deseja mais nada.

O Iniciado que atinge Netzach já pode funcionar em seu corpo causal manásico, ou corpo luciférico, como pode ser chamado. Esse corpo reflete a consciência causal da evolução individual e proporciona um alto poder de intuição e discernimento. É o veículo da mente superior (Manas) unida à alma espiritual (Buddhi, Logos Solar), constituindo um casamento ou união que assimila perfeitamente o resultado de todas as experiências evolutivas do humano superior. E são esses resultados que se tornam as causas (carma) que irão determinar a futura existência e o próximo grau evolutivo do indivíduo. Esse corpo causal é luminoso, forte e potente no ser humano mais evoluído, auto-suficiente espiritualmente, autoconsciente, auto-indulgente, auto-responsável e de mente livre, e muito desenvolvido no Iniciado avançado.

O ser humano superior na Esfera de Netzach experimenta a consciência luciférica, ou seja, a união da mente (Manas) com a alma (Buddhi) que constitui a Luz de Lúcifer. Lúcifer como “Portador de Luz” é o verdadeiro salvador da humanidade, pois sua luz é a sabedoria que leva ao Conhecimento do Bem e do Mal (*Otz Daath*) que conduz o indivíduo à evolução. Lúcifer é Vênus e é Cristo, é Mente e Alma, é emoção e razão, é a “Estrela da Manhã”, ou seja, a Alvorada da Existência, assim como Vênus é a preciosa esmeralda encrustada no espaço negro. Ele é a inteligência e a consciência que desceu na humanidade, elevando-a acima da animalidade até então existente na raça em seus primórdios. Lúcifer, ou Heylel – o “Brilho de Deus” –, é o tentador que instiga o indivíduo a progredir e evoluir espiritualmente, que desperta suas inquietudes interiores e o livra da ignorância. Lúcifer-Vênus é o impulso criador e criativo no ser humano livre e rebelde espiritualmente.

Para um estudo mais profundo sobre Lúcifer e luciferianismo, ou luciferosofia, recomendo a obra *A Revolução Luciferiana*, Madras Editora, deste mesmo autor.

O indivíduo pode ter algum contato com as forças venusianas de Netzach por meio das artes e das emoções elevadas, pois é a Esfera de onde provém a inspiração e a criatividade artísticas, e pode experimentar a visão da beleza do universo, uma experiência direta do amor como força criadora e causal da vida em seus diversos aspectos e níveis.

Mas a arte superior que conduz à Esfera de Netzach jamais poderia ser a pseudo-arte intelectualóide e elitizada de “artistas” estereotipados

que abunda no mundo, produzindo coisas grosseiramente abstratas e ridículas sem nenhuma inspiração.

E com relação à arte da música tudo fica ainda pior, já que os sons criam formas e imagens nos planos astral e mental, constroem paisagens e estruturas arquitetônicas sonoras e influenciam a vida no plano físico, conforme o caráter das composições musicais e as reações emocionais e mentais de seus executantes e ouvintes. Tais influências podem se estender por centenas de metros e perdurar por algumas horas, porém com suas repetições constantes podem durar dias, semanas, meses ou anos. Todos aqueles que já estiveram em uma apresentação musical ao vivo e de grandes proporções poderão entender isso.

Entretanto, toda e qualquer manifestação sonora não deveria sequer ser considerada música. O que dizer então do barulho e ruído? O barulho excessivo e inútil é um grande mal da modernidade, da humanidade atual, podendo levar os indivíduos sensíveis ao colapso nervoso.

Mas o ser humano em desenvolvimento consciente poderá absorver algo da energia de Netzach por meio de certas obras e ações de sua vontade mágica. O desenvolvimento do amor fraternal, o crescimento e harmonia da união conjugal, o exercício da criatividade e a manifestação da arte inspirada pelo processo evolutivo, a conscientização dos mais elevados ideais, a aquisição de cultura útil e devidamente selecionada, a compreensão da filosofia e das artes em geral, o estudo do herbalismo e da natureza e o desenvolvimento do sentido espiritual de justiça e equilíbrio, etc., são recomendações como trabalhos de potencial venusiano.

O elemento venusiano psicológico e estrutural da personalidade é a *anima*, o aspecto feminino da psique, ou alma, é a deusa Vênus. É a “imagem” feminina ideal e perfeita para o homem, quer dizer, é um arquétipo feminino no inconsciente masculino criado pelo seu ideal e pelas muitas experiências com o sexo feminino no passado racial. O registro inconsciente dessas experiências pode determinar, para os homens, as condições das relações deles com as mulheres. Muitas vezes essa “imagem” é distorcida, e as relações com o feminino são também desequilibradas. A *anima* é o aspecto feminino interno do homem, devendo equilibrar-se dentro de si mesmo, sem comprometer sua masculinidade natural. Pode ser sensível, delicado e gentil sem que pareça efeminado. Parte do trabalho preliminar de Netzach é tornar-se consciente da *anima*, no caso do indivíduo masculino, e compreender a importância do feminino para a evolução espiritual. Não falamos aqui de questões meramente sexuais e sim de polaridades naturais sem perversão.

O homem autêntico, assim como a mulher, deve desenvolver o amor pela vontade de amar e o desprendimento para se permitir ser tocado por sua natureza oposta como virtudes necessárias para a Iniciação à Esfera de Netzach. O indivíduo desequilibrado, vicioso, ignorante, que abusa da força venusiana, é conduzido pela lei natural do carma à Qlipha correspon-

dente. Luxúria, impudor e apego aos prazeres fugazes são os vícios que atrasam a evolução e torturam o néscio na Esfera qliphótica de A'Arab Zaraq, porém o Iniciado evoluído e consciente apenas assimila e transmuta suas energias, aprende com o lado negro da Sefhira sem se perder.

O símbolo numérico de Netzach é 7 (sete), o número da organização, da ordem universal, da união do ternário (espírito) com o quaternário (matéria) no próprio homem. Sete simboliza o veículo humano em seu caminho espiritual. É o número do esoterismo e do misticismo autênticos, expressa as forças da natureza, da paz e quietude e da justiça. Representa ainda a busca silenciosa e solitária do indivíduo para atingir sua perfeição.

Todos os sete do Tarô refletem as energias de Vênus-Netzach e expressam forças superiores ao plano material, mas que devem ser controladas por alguém que esteja capacitado. O sete de paus representa o valor e a coragem que podem conduzir à vitória, porém existe a incerteza quanto ao resultado final, mas sua influência é vital e dinâmica; o sete de copas indica ilusão e sucesso ilusório resultantes das emoções descontroladas e da fraqueza de caráter que conduzem ao egoísmo grosseiro, ao envaidecimento e à auto-ilusão por promessas fúteis de amor; o sete de espadas expressa o equilíbrio vacilante e precário, o esforço instável e a desconfiança; e o sete de discos indica decepção devido a um grande esforço com uma recompensa muito pequena, por um sucesso que não foi atingido, possivelmente devido às distrações do amor cego, ou melhor, da paixão vulgar.

Verde é a cor venusiana dessa Sefhira. É a cor da natureza, da harmonia, da fraternidade, dos ideais, do crescimento, da fertilidade, da criatividade e da juventude, combate o cansaço mental e restabelece a cura, a juventude do ser e o equilíbrio.

Astrologica e astronomicamente, Netzach relaciona-se com o planeta Vênus (Nogah, em hebraico), que é o planeta mais brilhante do sistema solar devido ao seu albedo em torno de 79%. Ou seja, o poder de refletir a luz do Sol é muito grande, e por isso Vênus é chamado de estrela, ou Lúcifer, o "Portador da Luz", a Estrela da Manhã e da Tarde.

Vênus rege Touro e Libra. Touro é a vontade firme que não vacila, mas sua ação é lenta porém obstinada, até que o objetivo seja alcançado e a Obra concluída. A força de Libra busca equilibrar a emoção e a razão e unir harmoniosamente a arte e a ciência nos processos mentais, emocionais e evolutivos do ser humano.

Na vida mundana, os ares venusianos, em suas manifestações mais visíveis, podem ser sentidos e observados em certos lugares, tais como museus de arte, escolas de arte, salas de concerto, grandes hotéis, restaurantes, lugares de beleza e volúpia, jardins, fontes, parques ecológicos e zoológicos, e na natureza em geral.

A mitologia venusiana consiste também de alguns arquétipos já relativamente conhecidos, deusas da beleza, do amor, dos prazeres, da natureza, deuses das artes, do conhecimento, da liberdade, etc.: Afrodite (a deusa

grega do amor, da vida, do desejo e da beleza); Urânia (a deusa grega do amor celestial e divino, um aspecto de Afrodite); Nínfia (a deusa grega do amor conjugal, do casamento e dos enamorados, outro aspecto de Afrodite); Hera (a deusa grega do matrimônio, da natureza e do paraíso, protetora das mulheres); Palas-Atena (a deusa grega da justiça, da sabedoria, das artes e do artesanato); as Musas (as deusas gregas inspiradoras dos artistas e poetas); as Hespérides (as três ninfas gregas que guardam a árvore das maçãs de ouro); Eros (o deus grego do amor, do desejo sexual e da natureza, filho de Afrodite); Prometeu (o deus grego titânico da liberdade, do amor filantrópico, do livre-arbítrio e da sabedoria, doou o fogo do Olimpo à raça humana); Lúcifer (o deus romano do amor filantrópico, da beleza, do conhecimento, da luz e da liberdade, possibilitou o acesso do ser humano ao Conhecimento); Melek Taus (o deus-pavão árabe-yezide da sabedoria e da liberdade, deus criador do universo manifestado); Vênus (a deusa romana equivalente a Afrodite); Juno (a deusa romana equivalente a Hera); Minerva (a deusa romana equivalente a Atena); Cupido (o deus romano equivalente a Eros); Hathor (a deusa-vaca egípcia do amor, da alegria, do paraíso, dos prazeres e das artes); Maat (a deusa egípcia alada da verdade e da justiça); Lakshmi (a deusa hindu da sabedoria, da beleza, do amor e da riqueza); Kama ou Ananga (o deus hindu do amor sexual, do desejo, do prazer e da juventude); Gandharvas (os deuses hindus da sabedoria, da música, dos sons da natureza e do desejo, são muito afeiçoados às mulheres da Terra); Frigga (a deusa escandinava do amor, do casamento, do desejo, da sabedoria, da riqueza e da primavera); Iduna (a deusa escandinava do amor inocente, da beleza, da natureza e guardiã das maçãs da vida eterna); Druantia (a deusa celta do amor, da natureza e da sabedoria); Oenghus (o deus celta do amor, da inocência e da juventude); Inanna ou Ishtar (a deusa babilônia do amor, do casamento, dos prazeres e da guerra); Astarte ou Astaroth (a deusa fenícia equivalente a Ishtar); Anunit (a deusa caldeia da estrela vespertina, equivalente a Ishtar); Xochiquetzal (a deusa asteca da beleza, do amor, do sensualismo, das flores e das artes); Mama Coca (deusa inca do amor, do desejo sexual, da euforia e da coca); Erzulie (loa vodu do amor, do desejo sexual, da fertilidade e da riqueza); etc.

Como mencionado anteriormente, a Qlipha venusiana é A'Arab Zaraq e quer dizer "Corvos da Dispersão", "Corvos da Morte". É o lado sombrio de Vênus e onde se opera a magia luciferiana obscura e se pratica o misticismo erótico e sensual da Mão Esquerda.

Seu arquidemônio é Baal, o deus fenício da fertilidade e da sabedoria, a personificação das forças mais inferiores e primitivas da natureza, considerado esposo da deusa Astarte. Mas o nome Baal também se refere a qualquer e vários espíritos e demônios cuja adoração e culto se faz por meio de imagens e ídolos. Baal significa "senhor" e "esposo", e os próprios hebreus/judeus possivelmente também o cultuavam mediante sacrifícios

humanos e ritos violentos e asquerosos. É chamado de Bel pelos babilônios e Ammon pelos egípcios.

Contudo, nomes são apenas nomes que servem para identificar aspectos de forças qualificadas e egrégoras já consolidadas por determinados povos e cultos.

Essa Qlipha é também o mundo dos desejos e de todas as coisas prazerosas e seu deleite que aprisionam e viciam de maneira patológica o ignorante fraco e escravo. Então, o prazer torna-se dor nesse círculo infernal de incessantes festins luxuriosos e bestiais, de glotonarias, bebedeiras, cobiça, ganância e o conseqüente remorso corrosivo. A Iniciação de Vênus pode ser corrosiva para aqueles que fracassam e se iludem mesmo sem saber, e eles são derrotados em meio à própria miséria, banidos do paraíso celestial, com suas escórias viciantes dispersas na Qlipha venusiana. Porém, o indivíduo consciente não se perde em meio às influências qliphóticas, porque ele próprio “dispersou” as escórias de seu caminho, e a morte fazendo dos Corvos seus aliados, pois eles não mais o afetam.

Na Alquimia, o corvo representa a putrefação, o negrume dos elementos indesejáveis da psique que dispersa ou transmuta em consciência clara e sabedoria. O corvo é a morte ou passagem para outra fase de existência em outro nível, é a dispersão da vida no tempo e no processo de putrefação da morte. A morte ou dissolução no grande mar universal e caótico é o retorno dos elementos essenciais à fonte original causal. A água do caos faz a dissolução: o corvo de Noé é tragado pela chuva, mas quando a chuva cessa, uma pomba retorna e se vê um arco-íris no céu. Ou, em outras palavras, as águas do dilúvio (as forças naturais e astrais da dissolução) lavam o negrume e dispersam os restos mortais psico-físicos, deixando livre a essência espiritual (a pomba, ave de Vênus) que retorna pela “ponte de arco-íris” Bifrost à sua fonte original, a Esfera de Netzach.

Em magia sexual, A'Arab Zaraq é a dispersão do ego no ápice do êxtase, a morte temporária da consciência comum e ordinária que dá lugar à experiência espiritual e à expansão do amor cósmico.

A'Arab Zaraq é também a fonte de inspiração da arte sombria (*dark art*), bizarra, sensual, do surrealismo trevoso, da música sinistra que atrai as mentes inquietas, etc., bem como da arte que não é arte, ou melhor, da pseudo-arte já abordada em parágrafos anteriores. A pseudo-arte é o resultado da incapacidade técnica e criativa das pessoas que insistem em ser artistas, mas cuja influência qliphótica não as deixa ver suas reais capacidades, dons e “missão” em outro ramo do conhecimento humano.

Os arquétipos de A'Arab Zaraq são aqueles do desejo descontrolado, dos vícios sexuais, etc.: Hetaíra (a deusa grega do sexo e da promiscuidade); Pandemos (a deusa grega da paixão descontrolada e do desejo sexual implusivo); Pandora (a semideusa grega da beleza e da curiosidade, abriu a caixa que continha todos os vícios e males da humanidade, ficando apenas a esperança no fundo); Príapo (o deus grego do apetite sexual insaciável e

da proliferação da natureza); Sekhmet (a deusa-leoa egípcia das paixões, do desejo sexual impulsivo, da raiva passional, das bebidas alcoólicas e da guerra, também associada a Marte); Fulla (a deusa escandinava da vaidade exagerada e da futilidade); Asmodeus (o deus persa/hebreu da fornicação e do desejo sexual descontrolado, é também o arquidemônio de Marte); Tzinteotl (a deusa asteca do desejo sexual, da promiscuidade, da prostituição e da luxúria).

Os símbolos das Esferas de Vênus são a rosa (com espinhos), a pomba, o espelho, a concha, a lâmpada e a cruz ansata.

A rosa é a flor sagrada de Vênus e simboliza o amor, a pureza, a alma humana e a vontade; com os espinhos caracteriza o aspecto qliphótico de purgação das impurezas, dos elementos indesejáveis da existência e o esforço doloroso para se atingir os planos mais elevados.

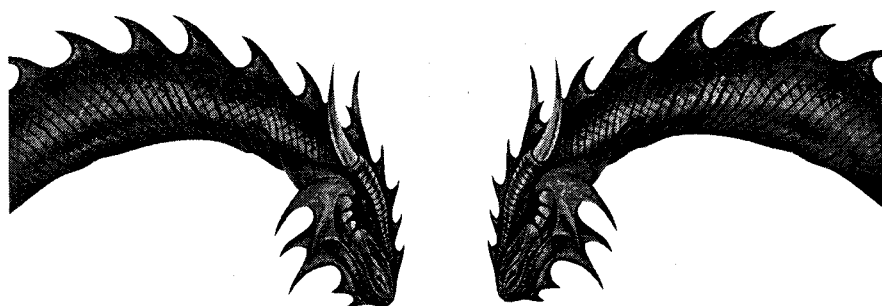
A pomba é a ave sagrada de Vênus e simboliza o espírito e a paz de espírito, a tranquilidade atarácica.

O espelho é símbolo da beleza e da faldade, representa a Terra como um reflexo das Esferas cabalísticas e o ser humano como reflexo dos deuses e demônios; representa uma “porta mágica” para outros planos ou estados de consciência. É associado também à Esfera de Daath, o “Conhecimento”.

A concha representa a vagina, o útero gerador, o desejo e o aspecto feminino da natureza, pois Vênus-Afrodite nasceu de uma concha, em meio à espuma do mar, fecundada com o sangue do falo de Urano, o pai dos Titãs.

A lâmpada é a luz de Lúcifer (o “gênio da lâmpada”), e representa a inteligência, as idéias que iluminam a vida, a consciência e a autoconsciência nos planos sephiróticos e qliphóticos; simboliza o próprio planeta Vênus com seu brilho matutino e vespertino. A propósito, é notável o fato de que as pessoas que carregam lanternas ou velas em uma procissão são chamadas de luciferários.

A cruz ansata é um símbolo da vida eterna e do caminho a ser seguido pela alma em busca do deus interno; representa o amor venusiano, pois é o próprio glifo astrológico de Vênus.



Sexta Sefhira e sua Qlipha



Tiphareth – Thagirion

Tiphareth é a Esfera Solar e seu nome significa “Beleza”. A Beleza aqui diz respeito ao equilíbrio perfeito entre proporções harmoniosas em todos os aspectos da Árvore da Vida, pois Tiphareth é o centro do universo manifestado e o rege dentro das leis harmônicas universais. Em seu nível puramente espiritual é chamada pelo nome divino de Jehovah Aloah Va Daath, que quer dizer “Senhor Deus no Conhecimento”, traduzindo livremente. A sexta Sefhira é o plano búddhico, o plano de unificação entre todas as Sefhiroth; é a Esfera central da Manifestação para onde todas as forças e poderes são convergidos, equilibrando todas as forças cósmicas.

A Luz e o calor vital do universo equilibrado são sustentados pelo Arcanjo Rafael,* a “Medicina de Deus”, que também é o Senhor da Cura que elimina os males da humanidade doente por meio da purificação pelo Fogo Sagrado, ou seja, o calor e luz solares que irradiam vitalidade a todos os seres e restabelecem a saúde física, emocional e mental. Entretanto, o indivíduo embrutecido pelo excesso de álcool, carnes e gorduras – principalmente industrializadas –, etc., não gozam de perfeita saúde física nem mental, e não usufruem da alta vitalidade emanada do poder solar que é absorvida pelo corpo humano através do duplo etérico.

Rafael rege ainda as leis cósmicas sobre o espírito do ser humano, é o Guardião do Templo e seus Mistérios e Sacerdote do Sagrado Matrimônio entre todas as coisas vivas, principalmente a união entre o homem e a

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Comunicando-se com o Arcanjo Rafael*, de Richard Webster, Madras Editora.

mulher que compartilham o mesmo caminho de evolução espiritual e os mesmos objetivos, pois tal casamento verdadeiro e sincero acelera o crescimento de ambos.

Sob a regência de Rafael está também o Coro dos Malakim, os “Mensageiros”, os “Reis” divinos, os princípios espirituais essenciais das forças elementais da natureza, e somente o indivíduo iniciado em Tiphareth, ou o Adepto Menor, pode contactar e controlar as forças elementais com absoluta segurança, porque é preciso se harmonizar, conhecer e compreender a essência espiritual das forças elementais, dos Reis ou Malakim. O Adepto Menor, que adentrou na Esfera ou Plano Solar, que rasgou o Véu de Paroketh (o Véu do Templo), adquire consciência de seu Eu Superior, ou Logos individual, cujas forças elementais estão intimamente relacionadas em sua constituição espiritual.

Do ponto de vista da Sefhira Kether, Tiphareth é o Filho (Logos Solar); do ponto de vista de Malkuth, Tiphareth é o Rei (Deus) que transmuta a energia em matéria e matéria em energia, ou transforma a força em forma e a forma em força, dependendo do aspecto em que se encara esse processo: ou da evolução cósmica para o mundo manifestado, ou da evolução espiritual individual para a fonte da Criação. Sob este ponto de vista da transmutação, Tiphareth é o deus sacrificado na cruz. Tiphareth é o Redentor, pois redime, ou transmuta, as forças inferiores em superiores, mais puras e sutilizadas, equilibrando-as, seja no universo material seja na consciência individual. Assim, o Filho, Tiphareth, mostra o Pai, Deus-Mãe (Kether), na própria consciência do Iniciado.

A compreensão dessa questão é de extrema importância. Não devemos entender o sacrifício como uma perda dolorosa de algo que estávamos apegados. Nada é perdido, e um sacrifício é simplesmente a transformação de alguma coisa em outra coisa, seja lá o que for. Os Mistérios da Crucificação dizem mais respeito aos processos cósmicos e espirituais do que a uma tortura física ou moral. Para que possa haver evolução, o que devemos realmente crucificar é a nossa personalidade mundana e transitória, “perdê-la” para uma força superior, transcender as limitações físicas e sensoriais e penetrar na consciência cósmica de nosso Eu Superior ou Sagrado Anjo Guardião, pois este só surge para aquele que o busca. O esforço de integrar e harmonizar as partes constitutivas elementais da totalidade do Ser é que é o verdadeiro padecimento espiritual. Esta é a redenção individual, e o conhecimento e a consciência do Eu Superior podem ser uma das fases mais críticas do desenvolvimento espiritual; a outra fase é o cruzamento do Abismo onde está a Sefhira “invisível” Daath.

A Grande Iniciação de Tiphareth forma no Adepto o corpo búddhico, ou corpo logóico, no qual se manifesta a consciência do Eu Superior ou Individualidade. É a alma espiritual, unidade e núcleo evolutivo através das encarnações. A experiência mística é uma visão da essência espiritual do Cosmos e sua plena compreensão de maneira espiritualmente intuitiva. Enquanto encarnado em um corpo de carne, tal experiência é como um relâm-

pago extremamente luminoso que nos desperta para um mundo superior. Transcendendo a consciência psíquica de Yesod-Lua, o Adepto concentra uma alta carga de força emocional superior e a exalta até a explosão luminosa. Essa explosão deve durar apenas alguns segundos porque, caso contrário, “queimaria” o sistema nervoso físico-astral de seu corpo em Malkuth, o mundo material, podendo gerar as psico-patologias dos místicos religiosos e suas aberrações emocionais e comportamentais. Após o êxtase místico e sobrenatural na medida certa, o indivíduo muda radicalmente sua vida, permanecendo consciente das verdades espirituais, com sua mente expandida e com sua personalidade capacitada para viver sabiamente na atual encarnação. Esta é a verdadeira iluminação, que, para ser benéfica, deve partilhar da escuridão a qual a luz ilumina, proporcionando-nos a visão e a consciência das coisas criadas nas dimensões em que existimos.

Assim, a Esfera Solar de Tiphareth é o plano da individualidade consciente e perfeita – o Eu Superior ou Daimon – unida ao Cosmos e a tudo o que ele contém, espiritualmente. É a primeira Grande Iniciação para a continuidade da evolução humana. É a morada do Logos Solar imortal, um mundo de pureza, de harmonia e beleza. É um centro de força espiritual radiante que estimula o ser humano buscador a evoluir. Trata-se de um nível inacessível e impossível de se atingir na condição e nos planos inferiores, os quais a maioria dos seres humanos se acorrentam e se acotovelam.

A individualidade aqui não deve ser mal interpretada. O Eu Superior é a Individualidade que peregrina através das encarnações, assimilando experiências e conhecimentos.

O individualismo é diferente. É a introspecção, a centralização do indivíduo em si mesmo, buscando sua preservação e a de seus interesses no mundo, sem prejudicar outros gratuitamente. Não se envolve em problemas alheios e evita causar problemas desnecessários, preferindo cuidar de seus assuntos com interesse. Uma pessoa individualista reconhece sua própria importância e valor e trabalha pela própria evolução, compartilha seus ideais, seus conhecimentos, sua cultura, etc., somente com aqueles que têm afinidade e se interessam pelas mesmas coisas.

O egoísmo também é diferente do individualismo, já que o egoísta busca a centralização de tudo e de todos para si, busca a atenção externa e as coisas que deseja obcecadamente, porém sem compartilhar nada, nem mesmo com aqueles que têm afinidades e simpatia. O egoísmo é uma manifestação qliphótica do individualismo, que só visa ao acúmulo, muitas vezes em detrimento de outros que não têm nada a ver com seu desequilíbrio.

Um trabalho de vontade prévio para se entrar em sintonia com a Esfera de Tiphareth é o exercício das virtudes da devoção à busca, do discernimento religioso, uma atitude convicta acerca da vida espiritual e a intuição. Tiphareth também requer um trabalho de expansão e iluminação gradativas da consciência, a concentração e a meditação. O Adepto pode realizar rituais de teurgia para aquisição de poder espiritual, curas, praticar exercícios de criatividade e manifestação da arte inspirada pela intuição divina,

estudar a astrologia oculta, a musicoterapia, a cromoterapia, o Tarô, a teologia esotérica e a medicina holística.

O número de Tiphareth é 6 (seis), o número do equilíbrio, das proporções perfeitas, o número do macrocosmos e do ser humano perfeito cristificado. É o número de Adam Kadmon, o homem arquetípico, o Christo. Reflete a beleza, a paz, a harmonia e a fraternidade.

Todos os seis do Tarô estão em Tiphareth. Em geral, representam sucesso após um esforço. O seis de paus expressa um grande êxito depois de um grande esforço ou luta; o seis de copas representa o prazer em seu início; o seis de espadas indica um sucesso merecido após dificuldades; e o seis de discos indica sucesso material e nos negócios mundanos.

Como Tiphareth é a Esfera do Sol, sua cor é o amarelo (dourado). É a cor do Logos Solar e da Luz solar. É quente, estimulante mental e intelectual, cor da alegria, do otimismo e da inteligência, reflete confiança, nobreza e sabedoria espiritual.

Na Astrologia, Tiphareth é o Sol (*Shemesh*, em hebraico), e rege o signo de Leão. A manifestação superior de Leão é a consciência espiritual centralizada ou individualizada, o *Logos* central da totalidade humana que impulsiona para a evolução. É o poder da intuição que vem do coração, o centro solar homem.

Na Terra, a influência majestosa de Tiphareth pode ser observada nos grandes palácios, grandes teatros, grandes salas de concerto, grandes catedrais, lugares amplos e iluminados, nas grandes florestas e montanhas.

Mitologicamente, os deuses de Tiphareth são deuses da beleza, da luz, da força, da cura, das artes, da inteligência, etc.: Apolo (o deus grego do Sol, da beleza, da inteligência, da cura, da verdade, da poesia e da música); Hélios (o deus grego do Sol e da luz, que cruza o céu em seu carro flamejante); Febo (o deus romano equivalente a Apolo); Hércules (o semideus greco-romano da sabedoria e da força); Amon Rá ou Atum (o deus-gavião egípcio do Sol, da luz, da força, da justiça, da verdade, considerado o primeiro faraó divino); Osíris (o deus egípcio da vida, da morte, da ressurreição e do sacrifício); Hórus (o deus-falcão egípcio do Sol, do fogo e da força, também relacionado a Marte); Surya (o deus hindu do Sol, da luz e da sabedoria espiritual); Vishnu ou Harê (o deus hindu da força, da inteligência, da abundância, da luz e do conhecimento, sustentador da vida e da Criação); Balder (o deus escandinavo do Sol, da luz, da alegria, da beleza e da cura); Belenos (o deus celta do Sol, da luz, do fogo, da cura e das ciências); Lugh (o deus celta da luz, da fertilidade, da profecia, da medicina, da música, da poesia e da ourivesaria); Shammash ou Uddu (o deus sumeriano do Sol, do fogo, da vida, da verdade e do conhecimento); Quetzalcoatl ou Kukulcan (o deus maia/asteca do Sol, dos ventos, do conhecimento secreto, da inteligência, trouxe para o mundo a árvore do cacau, o *xocoatl*, que é alimento dos deuses); Inti (o deus inca do Sol, da luz, da vida, da profecia, do conhecimento secreto e das artes).

Esses são alguns dos arquétipos de Tiphareth e suas influências no mundo e no ser humano em evolução.

A ignorância sobre os aspectos da evolução e o desconhecimento do Cristo interno individual (que tem seus deuses correspondentes) geram uma grande parte das enfermidades da alma, tais como a tristeza profunda, a confusão mental permanente, a acídia – que é uma preguiça e desolação espirituais –, o estresse, a dissociação psicamental, o apego irracional à personalidade vulgar e às coisas fúteis da vida, etc.

Além das enfermidades da alma já citadas, o orgulho exaltado, o ego-centrismo irracional, a arrogância e a presunção conduzem o indivíduo lamentavelmente à Esfera qliphótica do Sol: Thagirion, o Sol Negro, os “Litigadores”, os “Ardentes Instigadores”, que se combatem entre si, causam o caos, as revoltas, os lamentos e toda fealdade no mundo. É um estado no qual o corpo búddhico é completamente obscurecido ou separado dos princípios inferiores (corpo mental inferior de Hod e corpo astral de Yesod), tornando o ser humano extremamente ignorante, vazio, grosseiro e bestial. O Eu Superior é desligado da personalidade encarnada, deixando esta sem seu elemento espiritual central diretor e organizador. O indivíduo é então arremessado no mundo dos miseráveis prazeres da ostentação, do envaidecimento extremo, do egoísmo infundado e do egocentrismo. Padece inconsciente nesse terrível círculo infernal de conflitos, desperdícios, esbanjamentos, ganância, avareza, mediocridade e hipocrisia, em um caos de forças confusas.

Belphegor é o arquidemônio da Qlipha do Sol Negro, o deus dos moabitas e amonitas (idólatras descendentes de Moab e Amon, os filhos do incesto de Ló com suas filhas). Belphegor induz os humanos fracos ao mal por meio do conhecimento e das descobertas para conquistar poder e glória mundanos, semeia a discórdia por meio das riquezas e é a personificação da misantropia extrema e destrutiva. Belphegor, às vezes, exigia excrementos como oferendas em seus cultos em troca de riqueza para os seus adoradores. Eis aí um exemplo de “redenção” qliphótica, ou transmutação na qual merda vira ouro!

Tal é o toque de Midas, que transforma tudo em ouro. Entretanto, esse toque da ganância não é suficiente para uma existência sábia e sadia, pois a vida é mais do que apenas riqueza material em excesso, e quando tudo se transforma em ouro, pode-se começar a morrer de fome e sede da mesma maneira que o rei Midas.

O ouro (metal solar) é considerado um elemento puro, símbolo do princípio espiritual, incorruptível, que pode até promover a saúde. O ouro também representa dinheiro, poder, riqueza, porém com o risco de conduzir os homens fracos à ganância violenta, à idolatria capitalista e consumista, à vaidade inútil e à corrupção que é escória humana, excremento psico-sociológico. O excremento é dejetivo, resíduo contaminante, matéria que causa doenças. E as doenças, por sua vez, geram riquezas para uma minoria de gananciosos.

As doenças são um grande negócio para a conspiração farmacêutica, assim como a misantropia extrema de Belphegor é um “recurso eficaz” para manter a grande massa de pessoas ignorantes no ciclo da doença e dos medicamentos caros que enriquecem a indústria da medicina, onde só deve faltar o anúncio “Precisa-se de pacientes” colocado nas portas de seus estabelecimentos, salas, consultórios, etc. Tal conspiração com sua rede mundial parece visar primordialmente ao lucro extremo e não à saúde real das pessoas, induzindo os mentalmente fracos e crédulos à hipocondria e à escravidão de seus corpos e mentes nesse ciclo vicioso da enfermidade. É claro que remediar (ou melhor, envenenar) longamente é muito mais lucrativo do que prevenir... E, paradoxalmente, as pessoas parecem gostar de ir ao médico, parecem demonstrar uma espécie de orgulho da necessidade de precisar de tal ou qual medicamento.

Os “Litigadores” e os “Ardentes Instigadores”, Thagiriron, podemos ver manifestados nos dirigentes e “fiéis” das grandes religiões patriarcais do mundo e suas várias ramificações modernas. São instituições organizadas para dominar a massa e instigar o ódio a tudo o que não faça parte de sua doutrina religiosa artificiosa e superficial. Exemplos de guerras e perseguições pseudo-religiosas simplesmente por não existir o respeito ao livre-arbítrio de cada um, exemplos até abomináveis, temos muitos no decorrer da história. São religiões proibitivas do livre-pensar, interessadas principalmente em aumentar o seu poder e a sua riqueza material. Aliás, não devemos nos esquecer de que o famoso Jesus histórico e bíblico não parecia ostentar opulência nem luxo e permanecia humilde, em todos os aspectos, aparentemente, durante toda a sua vida, e ainda assim foi crucificado devido a um “litígio” religioso!

Um dos maiores responsáveis pela indesejável expansão da cristandade em seu início foi Paulo, um perseguidor escravagista, misógino e judeu fariseu de cidadania romana, nascido em Tarso (atual Turquia), que disseminou uma falsa doutrina paulinista em longas viagens de evangelização, no século I, após ter visões religiosas. É claro que Paulo não deve jamais ser tido como o único a ter visões, êxtases e revelações divinas na história da humanidade... E caso o leitor não saiba, a palavra “fariseu” se tornou quase um sinônimo de “hipócrito”.

Agora, essa doutrina com a denominação de Cristianismo e sob variadas formas e distorções é seguida por muitos fiéis fanaticamente, distanciando-se assim do verdadeiro significado da religião e da espiritualidade, vivendo suas vidas de maneira mesquinha, medíocre e hipócrita.

Podemos ver isso na crescente onda do pentecostismo e do neopentecostismo, o culto cristita da nova era, em que os fiéis com pose de gente pura se crêem os “bichinhos de Deus”, reformados, passivos e salvos, e consideram todas as outras pessoas do mundo não-evangélico como indignos, perdidos, pecadores, seguidores do Diabo, etc.

Essas religiões pseudo-cristãs certamente contribuíram para reforçar ainda mais o materialismo embotador, a ganância pessoal e o exacerbado capitalismo “em nome de Jesus”, que degradam a civilização moderna ocidental. Buscam se isentar da responsabilidade de todos os seus maus atos e pensamentos e do mal do mundo, culpando o Diabo por tudo, o pobre Diabo fictício que deve ser exorcizado aos berros. Baseado nisso, as igrejas e suas “atividades religiosas” parecem mais um verdadeiro “*show* de horror” e de mau gosto, porém muito atraente aos novos “clientes” que provavelmente se converterão. Isso é realmente a reta final da decadência, da fraqueza moral, mental e espiritual.

Não é difícil hoje em dia qualquer “criatura de Jesus” abrir uma nova igreja na esquina e lucrar muito com a ingenuidade e fé cega dos outros, já que as igrejas estão isentas de impostos. Com uma igreja em mãos, é fácil adotar as técnicas de estelionato, charlatanismo, lavagem cerebral subliminar e uma evidente, e às vezes agressiva, intolerância religiosa, para seduzir as mentes limitadas, sofridas, condicionadas e gananciosas.

Diversas religiões do ramo judaico-cristão têm programas sociais e assistenciais com variados serviços. Entretanto, você provavelmente só será ajudado se puder concordar com suas idéias e, até mesmo, se você se converter. Afinal, esse “Deus” político e capitalista não trabalha de graça.

O significado do Christo cósmico (assim como de Satã) desapareceu, e o que se cultua hoje é apenas um ídolo externo, um rótulo pseudo-religioso estampado em adesivos, chaveiros, camisetas e diversos outros produtos comerciais, em um culto capitalista e mundial que, na verdade, adora o deus Mammon sob a máscara de Jesus, no melhor estilo “pague para entrar, reze para sair”. Entretanto, existem aqueles que apenas preferem manter uma aparência, um verniz religioso e piedosamente moralista, vivendo covardemente na escória de sua própria degradação, cometendo os mesmos pecados que condenam nos outros, ou seja, verdadeiros diabos que rezam o terço – ou pelo menos fingem rezar.

Por outro lado, infelizmente, há também muitos espiritualistas moderninhos que se crêem muito “da luz”, aqueles que têm horror em falar sobre assuntos que não sejam única e exclusivamente “da luz”! Só luz! Luz total! Tal é a cegueira que essa luz total pode causar naqueles exotéricos de boutique! Se vivêssemos sem um mínimo de sombra no mundo e no universo, certamente não enxergaríamos nada (pois nada existiria) em meio a tal luz ofuscante, o que seria o mesmo que estar em meio às trevas totais.

Vamos agora aos arquétipos qliphóticos do Sol: Quimera (deus grego do fogo destruidor, do conhecimento ilusório, da confusão e da morte, monstro híbrido do conhecimento mal aplicado com intenções maléficas, relacionado também a Daath); Khepra (o deus-escaravelho do Sol “noturno”, do submundo, da morte e da ressurreição); Beelzebub (antigo deus da cura e da profecia, posteriormente transformado em demônio da discórdia, do litígio, da perseguição, causador da ruína dos reis; é outro nome de Baal);

Apollyon (deus grego da morte e da putrefação do Sol Negro, causador de pragas e enfermidades); Zu ou Anzu (monstro sumeriano, deus do destino e das fatalidades da vida).

Alguns símbolos utilizados nos trabalhos solares são a cruz latina invertida, o mastro, o candelabro, os chifres, o círculo com o ponto e o outa (o olho-de-Hórus).

A cruz latina invertida é o símbolo do sacrifício espiritual, da transmutação de algo inferior para algo superior e a união dos opostos na própria alma; é a espada apontada para cima e o falo gerador, a força masculina e positiva do universo manifestado e da Individualidade.

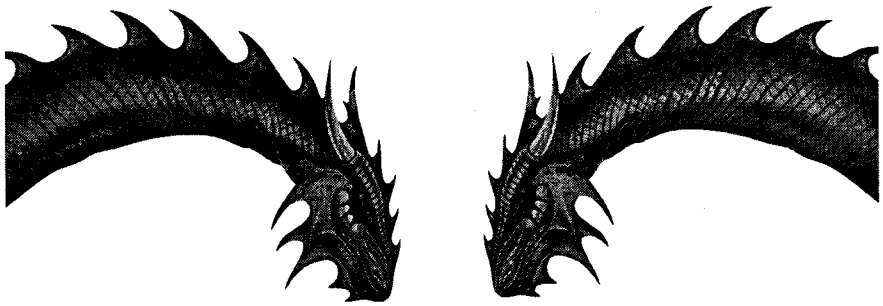
O mastro é um símbolo fálico da fertilidade, da vida e da ascensão.

O candelabro representa a luz e o fogo solares, a iluminação espiritual e a presença do Eu Superior nos trabalhos ocultos.

Os chifres são um símbolo da inteligência expandida e da compreensão espiritual, representando também a autoridade, o poder e a força, e jamais se deve considerá-lo um atributo diabólico. Estão associados também às Esferas de Marte (Geburah), Júpiter (Chesed) e Saturno (Binah).

O círculo com o ponto no centro representa o próprio Sol e o Eu Superior inserido na totalidade do universo, como o centro da evolução individual; é a Criação manifestada no Cosmos com a Luz que brilha nas Trevas.

O outa ou udjat, o olho-de-Hórus, simboliza a visão espiritual do iniciado e a própria visão da Lei na manifestação de todas as coisas. O olho também está associado a Shiva e a Set, os destruidores da ilusão e do universo quando este chegar ao fim de seu ciclo evolutivo. Entretanto, esse olho destruidor não é exatamente um “olho solar”.



Quinta Sefhira e sua Qlipha



Geburah – Golachab

Geburah, a “Severidade”, é o grande plano da Justiça Superior e Executiva. Sua “Severidade” é a expressão da Lei Superior do Carma que se manifesta em tudo e em todos os níveis de existência no universo. Geburah é a sede da Lei da Ação e Reação, terrível àqueles que a ignoram. Seu poder divino chama-se Elohim Gibor, os “Deuses Poderosos”, e age também por meio de seu Arcanjo Khamael, cujo nome significa “Punição de Deus”. Mas esta não é uma punição vulgar como a entendemos. O poder de Khamael é responsável pela disciplina e justiça em todos os níveis da Manifestação. Ele provoca o medo nas criaturas ignorantes e temerárias e causa a destruição de tudo o que é desequilibrado e inútil, removendo os empecilhos e obstáculos do processo de evolução humana e cósmica. Khamael é o Senhor da Vingança, mas protege os fracos e injustiçados e “pune” pela ação do Carma aqueles que violam a Lei. Khamael age na natureza por meio de suas “Serpentes de Fogo”, o Coro dos Seraphim, o Fogo espiritual destruidor e criador que promove a purificação, inclusive da alma humana.

A Esfera de Marte – como é conhecida – é o plano átomico, o mundo de Atman, palavra sânscrita que significa “Espírito”. Nessa Esfera, o Eu Superior está no controle da totalidade humana e a rege por meio da disciplina e da vontade; é a ponta superior do pentagrama sagrado. O Adepto, ainda encarnado, é plenamente consciente desse Espírito interior e tem absoluto controle sobre si mesmo, quando é iniciado em Geburah após sofrer em seu caminho evolutivo. O poder dessa Sefhira pode ser considerado um mal necessário que ensina e educa por meio da destruição e da dor, pois “o que não mata nos torna mais fortes”, como já dizia Nietzsche.

O Iniciado em Geburah é um Adepto Maior e funciona no corpo átmico, o corpo sutil da pura percepção metafísica, purificado de todo obscurecimento, de toda densidade ilusória, deixando transparecer todo o poder da mônada imortal. O corpo átmico é o veículo de manifestação que integra e assimila todas as experiências da mônada autoconsciente, ou Eu Superior, o Daimon, e reflete um estado de consciência espiritual puramente objetivo. O resultado é a percepção da crua realidade do universo baseado na geometria sagrada e na matemática superior em que não há qualquer tipo de intelectualismo ou hipótese cientificista.

E para o Adepto Maior, nesse nível cósmico, é concedido o poder de “negociar” seu Carma com a Hierarquia Divina, pois ele atinge a consciência kármica superior; é o Carma dos Grandes Mestres Iniciados. Ele vivencia a experiência do Poder e adquire o Poder com a capacidade de manipulá-lo corretamente sob o domínio da vontade, não mais estando submisso ao Poder.

Em Geburah as duras Leis do universo e da natureza são executadas, e com sua força purificadora destrói e elimina tudo o que é desnecessário, inútil e imprestável na Manifestação, uma destruição constante do temporal e do transitório que já cumpriram suas funções, buscando sempre o equilíbrio indispensável.

Embora a Sephira marciana seja o plano da pura realidade cósmica, da matemática do universo, do verdadeiro e cru realismo científico espiritual sem a densa Ilusão de nosso plano material, podemos observar uma perversão dessas energias na Terra e na raça humana em lento processo evolutivo.

O ser humano em evolução pode assimilar a energia essencial de Geburah-Marte por meio de alguns procedimentos. O indivíduo superior deve adquirir coragem, força de caráter, disciplina, autoridade, senso de realismo – sem pessimismo ou otimismo –, honestidade e uma franqueza pungente e aguda. Trabalha para a expansão da consciência, para adquirir força e ímpeto controlado, exercer o senso de justiça impessoal, executar obras de destruição e eliminação do imprestável e do inútil, desenvolver a compreensão da justiça e da punição e o domínio sobre a vingança e a ira, estudar a lei kármica, a geometria e a matemática sagradas, se possível.

A psicologia marciana é refletida no ser humano por meio do *animus*, o aspecto masculino da psique, o ideal masculino no inconsciente da mulher. Assim como a *anima* no homem, o *animus* foi criado, na linhagem ancestral da raça, a partir das experiências das mulheres com os homens. As relações com o sexo masculino no decorrer da história humana e feminina foram se consolidando por meio dessas experiências.

Sem que comprometa sua feminilidade natural, a mulher deve trabalhar esse aspecto marciano, esse lado masculino de sua psique, equilibrando-o internamente com sua natureza feminina. Assim, uma mulher pode também manifestar atitudes de força, energia e fúria, quando necessário, sem que pareça masculinizada.

Um trabalho preliminar de Geburah, para a mulher, consiste em se conscientizar do *animus*, compreender que doçura e ímpeto agressivo podem se equilibrar e se manifestar conforme a necessidade ou vontade. É importante que a mulher entenda a questão da polaridade natural e o circuito energético vitalizante e essencialmente complementar entre o masculino e o feminino, e saiba buscar o homem ideal para ser seu companheiro em sua vida, em todos os aspectos e em seu caminho espiritual.

O número de Geburah é 5 (cinco), o número do homem constituído pelos cinco Elementos, simbolizado pelo pentagrama cuja ponta superior é o Espírito ou Eu Superior. É o número da justiça e do Carma, da coragem, da ação, da força impetuosa, do progresso, da liberdade e da impulsividade sexual. Expressa inovação, firmeza de caráter, disciplina e decisão.

Os cinco do Tarô estão em Geburah, a Esfera de Marte, e indicam dificuldades, conflitos e lutas. O cinco de paus expressa um fluxo de força que gera luta; o cinco de copas indica perda emocional e perda de algum prazer muito apreciado; o cinco de espadas é derrota, perda total e fracasso; e o cinco de discos indica dificuldades materiais, perda de renda e falta de dinheiro.

A cor marciana de Geburah é o vermelho, a cor do sangue, do fogo e do ferro, da vida e da morte. Expressa uma energia direcionada e impetuosa, violenta, estimulante. Também reflete a coragem, a força de vontade, a ambição e a cobiça, a paixão e o impulso sexual.

Geburah é o planeta Marte (*Madim*, em hebraico) e rege os signos astrológicos de Áries e Escorpião. Áries manifesta-se como luz das idéias inovadoras do espírito, é o “veículo” da visão consciente da realidade cósmica; expressa força, iniciativa, impetuosidade e firmeza. A energia de Escorpião manifesta-se como desejo de procriar, de se reproduzir; expressa também a destruição útil e a dissolução da Morte natural de tudo aquilo que foi criado, a transformação e transição de estados, condições e energias.

Podemos também observar a influência e atividade de Marte, positiva e negativamente, em vários lugares no mundo. Campos de guerra, academias militares, arenas, prisões, abatedouros, cutelarias, caldeirarias, forjarias, siderúrgicas e metalúrgicas, indústrias em geral, especialmente a indústria armamentista, salas de cirurgias, vulcões e a maioria dos lugares consagrados ao fogo, ao ferro e ao sangue, são alguns exemplos das manifestações do poder de Geburah no mundo material.

Nos arquétipos mitológicos de Geburah, encontramos os deuses da guerra, do fogo, da força e da violência: Ares (o deus grego da guerra, da violência e da força); Hefesto (o deus grego do fogo, dos vulcões e dos metais, trabalha em suas forjarias nos vulcões e fabrica as armas dos deuses olímpicos); Nêmesis (a deusa grega da justiça, da ordem, do carma e do castigo); Marte (o deus romano equivalente a Ares); Vulcano (o deus romano equivalente a Hefesto); Bellona (a deusa romana da guerra, companheira de Marte nas batalhas); Menthu (o deus-falcão egípcio da guerra, da

vitória, das artes marciais, da força e da virilidade); Sekhmet (a deusa-leoa egípcia da guerra, da destruição, da ira, da vingança e das bebidas fortes); Skanda (o deus hindu da guerra e do fogo, é também chefe militar dos guerreiros celestes); Agni (o deus hindu do fogo, do calor e do carma); Tyr ou Tiw (o deus escandinavo da guerra, da vitória, da justiça e da lealdade); Muspel (o deus gigante escandinavo do fogo benéfico do mundo); Teutatis (o deus celta da guerra, das armas e da destruição); Goibniu ou Govannon (o deus celta do fogo e dos metais, forjou todas as armas do povo Tuatha de Dannan); Cuchulainn (o semideus celta guerreiro e violento, de força sobrenatural); Morrigan (a deusa celta da guerra, da destruição e da feitiçaria); Nergal (o deus sumeriano do fogo, da guerra, da destruição e das armas); Kingu (o deus sumeriano da guerra e do destino (carma), de cujo sangue foi criada a humanidade); Huitzilopochtli (o deus-colibrí asteca do fogo, da guerra e senhor dos guerreiros que foram mortos em batalha); Xipe Totec (o deus asteca dos ferreiros, da morte e da vida, é o “Senhor dos Esfolados”, que fez um esfolamento do próprio corpo para alimentar a humanidade); etc.

Evolução requer equilíbrio, e uma aparente virtude em excesso pode atrasar ou estagnar todo o trabalho. A disciplina é uma grande virtude de Geburah, porém quando em excesso ela se torna escravidão, e na guerra motivada por puro egoísmo e ódio, seus combatentes cegamente “disciplinados” são meros “bonecos do sistema”, passíveis de serem substituídos por outros, marionetes manipuladas por promessas ilusórias, servindo vontades geralmente perversas.

As manifestações gratuitas de crueldade, ódio, ira, tirania e destruição inútil atrasam a evolução, embotam a consciência e conduzem ao inflamatório círculo infernal marciano: Golachab, cujo significado é “Incendiários”, os destruidores até daquilo que é útil e necessário. O ódio impetuoso, a vingança caprichosa e egoísta, a inveja, a traição, a discórdia, a dor e a violência destrutiva incendiam e consomem seus perpetradores, cada vez mais imersos no magma qliphótico. É um plano e estado nos quais a mente está escravizada ao grosseiro cientificismo destrutivo e maléfico, aos desejos impetuosos, aos impulsos animais de destruição e dominação irracionais, à tortura e ao desespero crescentes.

O arquidemônio de Golachab é Asmodeus (demônio persa), o perverso espírito dos impulsos animais descontrolados, espírito tentador fornicário de paixões baixas e destrutivas e do assassinato passional. É considerado o construtor (não o arquiteto) do Templo de Salomão, contruindo-o sem a utilização de nenhuma ferramenta.

Os “Incendiários” são vistos hoje em dia na própria evolução da ciência tecnológica de guerra, embora seja também um termo metafórico sugerindo os ímpetus de uma humanidade desumana cheia de ódio e desejo de possuir e matar. O progresso lamentável da engenharia bélica nos deu excelentes presentes explosivos, armas e bombas incendiárias de alto poder

destrutivo em pequena e larga escala, utilizadas ampla e horrivelmente. A Guerra Santa de hoje, altamente equipada para assassinar, destrói cegamente em nome de ideais espúrios, mas também sustenta a indústria armamentista que depende das guerras. A conspiração armamentista lucra com as guerras planejadas em um círculo vicioso e desgraçado de destruição, reconstrução, mais destruição, outra reconstrução... Essas guerras são meros jogos que visam à posse alheia, à dominação e ao lucro extremo. Assim, o poder de Golachab é claramente manifesto no mundo.

Infelizmente, a Guerra Santa e a Jihad devem ser o resultado da conspiração armamentista e da má interpretação de livros sagrados, um entendimento equivocado, ou melhor, um entendimento conveniente aos seus fiéis e praticantes. A “submissão” (islam) a uma suposta vontade de um Deus patriarcal levou muitos fiéis ao equívoco da Guerra Santa e dos maus tratos com as mulheres. O significado de luta e esforço espirituais da Jihad agora é pretexto para violência, guerras, terrorismo, assassinatos e suicídios.

A Santa Inquisição – que é irmã gêmea da Santa Ignorância – e as perseguições religiosas agressivas e desrespeitosas que ainda persistem são também evidentes demonstrações das forças maléficas da Qlipha de Marte. O terrível poder qliphótico, que corre no sangue de indivíduos degradados e receptivos, fatalmente criou o monoteísmo distorcido, o patriarcalismo com seu Deus autoritário, opressor, iracundo e caprichoso. E os indivíduos de mente fraca e estreita que se submetem a tal poder são verdadeiros escravos de Golachab, de corpo e alma, e certamente não estão cumprindo a vontade de nenhum Deus que se preze.

Toda essa perversão de Marte constitui a Qlipha Golachab, incluindo o mau uso da ciência. A ciência materialista ortodoxa novamente se complica por falta de uma consciência mais expandida e mais espiritualizada para uma utilização mais harmoniosa da tecnologia. O conhecimento de Geburah apenas se manifesta em uma porcentagem pequena no mundo científico. Pequena e muito deturpada, materializada e limitada em suas aplicações para a evolução mental e espiritual da raça humana.

A ciência tecnológica é de fato avançada e moderna, mas podemos perceber também que a vida tornou-se artificial e mecanicista demais e a sociedade adoeceu sem saber, atrofiou-se com as “facilidades” da tecnologia, chegando mesmo a parecer uma sociedade de aleijados psicomentais e espirituais. Os humanos se iludiram muito pelo maquinismo tecnológico e se desumanizaram, estão sendo substituídos por máquinas, causando assim um grande problema socioeconômico e uma grosseria no comportamento humano, desmantelando seu caráter.

O preço a se pagar por tal desatino cientificista é a dor e a opressão marcianas da densa tecnologia que evolui, mas que também faz involuir a humanidade, que se torna escrava inconsciente e mecanóide do ferro e de sua era tenebrosa. E as influências marcianas mais densas são facilmente percebidas nos confins mais fechados, sombrios, ruidosos e muitas vezes

quentes das indústrias metalúrgicas, químicas e farmacêuticas, de altos riscos ambientais. Mas é claro que não é só isso.

Obviamente a tecnologia tem sua utilidade, mas é menor se comparada aos graves problemas causados à mente humana, à saúde, à economia e ao mundo natural. E é inegável o fato de que existe uma guerra tecnológica e uma grande disseminação da degradação, da discórdia e do mal deliberado por meios informatizados.

A ciência deveria evoluir juntamente com a espiritualização da consciência humana. Mas não é o que ocorre. Parece mesmo que o que mais temos é um excesso de tecnologia para aborrecer e prejudicar.

Há um grande desequilíbrio, e os poderes de Geburah é que se encarregarão de ajustá-lo.

Vamos ver agora alguns exemplos de arquétipos qliphóticos de Marte: Erínias (as deusas gregas punitivas da vingança e do ódio, violadoras das leis morais); Keres (as deusas gregas bestiais da morte violenta nos campos de guerra, estão sempre lutando entre si e se alimentam do sangue das vítimas); Éris (a deusa grega da discórdia, da confusão, do ódio e da morte violenta); Fúrias (as deusas romanas equivalentes às Erínias); Discórdia (a deusa romana equivalente a Éris); Surtur (o deus escandinavo do fogo e da destruição, rei dos filhos malignos de Muspel, o gigante do fogo); Loki (o deus escandinavo do fogo, do caos e da destruição, é inteligente, astuto e calculista); Fenris (o lobo escandinavo da fúria, da violência e da destruição); Gibil (o deus sumeriano do fogo, do sangue, da morte e da destruição); Samael (o anjo hebreu da morte, da destruição e das paixões violentas); Azazel (o demônio hebreu da guerra, das armas e das paixões violentas, regente das injustiças no mundo dos homens); Pele (a deusa polinésia dos vulcões, do fogo, das paixões violentas, da vingança e da guerra); Andras (o demônio goético da discórdia, dos crimes de guerra e da morte violenta).

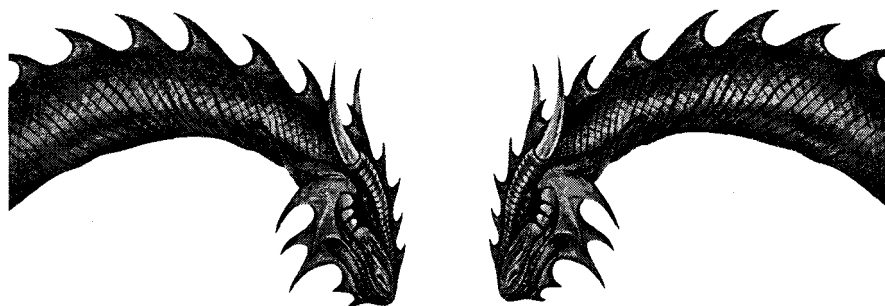
Alguns símbolos de Marte utilizados na Cabala são a espada, o açoite, a corrente, a rosa de cinco pétalas e o pentagrama.

A espada representa destruição, a eliminação do inútil e desnecessário, a justiça e também a morte violenta; serve para banir e invocar, é um símbolo de divisão e análise, do raciocínio e da mente.

O açoite simboliza a severidade da Lei e da Ordem, a dor das ações kármicas e do asceticismo iniciático. A corrente partilha de alguns significados do açoite.

A rosa de cinco pétalas é o espírito renascido após os padecimentos da vida e do carma doloroso criado no passado.

O pentagrama é um símbolo cabalístico da magia e também um antigo símbolo pagão, representando os quatro Elementos e o Espírito; de ponta cabeça expressa as forças cósmicas descendo para a Terra, sendo atraídas para o magista, e não o Diabo.



Quarta Sefhira e sua Qlipha



Chesed – Gha' Agsheklah

Chesed é “Misericórdia”. Seu outro nome é Gedulah, “Grandeza”. A quarta Sefhira é o plano nirvânico, ou brahmânico, o plano no qual o abstrato começa a se concretizar nas idéias arquetípicas espirituais. É a Consciência Abstrata essencial do universo que organiza, que idealiza a Criação, é o Demiurgo (Ialdabaoth) que molda a Matéria divina e a distribui no universo. Isso constitui o processo criativo da Manifestação já planejada com todas as idéias “arquitetônicas” divinas e suas Leis organizadas. O Demiurgo Arquiteto de Chesed faz com que o universo se desenvolva continuamente e harmoniosamente em todas as direções, expandindo-se.

O nome divino da Esfera de Júpiter, como é chamada Chesed, é El, e significa “Deus”. Seu Arcanjo é Tzadkiel, a “Justiça de Deus”, é a força da justiça legislativa cósmica, com domínio supremo sobre a Criação e sobre tudo no universo manifestado. Tzadkiel é o Grande Senhor da Benevolência e proporciona calma, certeza e segurança espirituais. O Coro dos Chasmalim, que significa “Seres Brilhantes”, é o princípio abstrato da Criação, o divino ideal arquetípico que impulsiona e expande a criação das formas da natureza, e está sob a regência de Tzadkiel.

Chesed é o plano do Grande Arquiteto, o “Artífice” do Universo, no qual o Adepto funciona em seu corpo nirvânico, ou corpo átomico superior, em um profundo estado místico de absorção no Cosmos e com a visão da verdade e do amor do Criador, Brahma. O Iniciado vive a experiência do amor, da misericórdia e da grandeza que criam, preservam e expandem o universo manifestado, com a visão pura das divinas idéias arquetípicas e “arquitetônicas” da Mente Divina. O corpo nirvânico possibilita ao Adepto

vivenciar sua consciência em toda sua plenitude, livre de tudo o que é inútil, liberto da roda viciosa da vida, nascimento, morte e reencarnação, o ciclo que gera carma. Portanto, aqui a mônada individual autoconsciente está livre do carma evolutivo e do sofrimento involutivo nos planos inferiores da natureza; o Adepto está “isento” do carma, livre da Roda do Samsara. Não há qualquer obrigação divina ou necessidade evolutiva de se reencarnar, se for sua vontade, pois tal processo já se tornou completamente sem valor ou significado para si mesmo.

No nível inferior do universo, quer dizer, o mundo humano comum e corrente, Chesed tem sua influência no todo da personalidade humana por meio do ego. Este é o elemento da psique mais consciente, organizado com seus pensamentos, lembranças e memórias, emoções, as percepções do mundo, etc., filtrados e selecionados conforme a conveniência pessoal e o grau evolutivo da atual encarnação, com seus desatinos, idiossincrasias, qualidades, etc., peculiares da personalidade. O ego é também o controlador da mente ordinária, da consciência de vigília, mesmo que as pessoas não saibam.

O indivíduo mais consciente de seus processos psicológicos, de suas ações e reações, dos sentimentos bons ou ruins, simpatias e antipatias, pode desenvolver virtudes que o farão evoluir mais rapidamente e ficar mais receptivo às influências de Chesed-Júpiter. Temperança, caridade, justiça e misericórdia praticadas com consciência e discernimento elevam o ego mais próximo da sua essência espiritual.

Além de desenvolver as virtudes jupiterianas, o ser humano que quer evoluir deve ainda exercer o senso de justiça impessoal e de equidade, estudar o caráter, desenvolver a ordem, o senso de honra, realizar trabalhos para a aquisição de paz interior e satisfação espiritual, realizar obras de caridade com certo discernimento, fazer trabalhos para a prosperidade, organizar métodos de estudo de educação esotérica, criar, administrar e manter um templo mágico, estudar a teologia esotérica, adquirir poder e força física de maneira equilibrada com o desenvolvimento espiritual, sem obsessão ou fanatismo.

O número de Chesed-Júpiter é 4 (quatro), o número da base sólida e racional da Criação. É o número da esfinge (que contém em si os quatro Elementos), do espaço terrestre, dos quatro quadrantes e dos quatro pilares do conhecimento humano (Ciência, Religião, Filosofia e Arte). Expressa a estabilidade e a Obra realizada; é a chave dos segredos da natureza. Quatro também é o número da pirâmide com seus quatro lados, que simbolizam as energias elementais descendentes que fluem para o universo manifestado, expandindo-se e espalhando-se até a base material, sendo seu ápice a própria Divindade da qual essas forças emanam.

Todos os quatro do Tarô estão na quarta Sefhira, Chesed, e geralmente representam a realização de algo, a conclusão de qualquer trabalho ou ação. O quatro de paus representa trabalho perfeito e concluído; o qua-

tro de copas expressa prazer passivo, sucesso com alguma ansiedade; o quatro de espadas é descanso após a luta; e o quatro de discos representa poder material, sucesso material imediato e ordem.

A cor da Esfera de Chesed é o azul, a cor do céu imenso, limpo e claro. Reflete elevação espiritual, amor, lealdade, alegria e os grandes ideais. Irradia paz e uma sensação de expansão e amplitude.

Astrologicamente, o planeta Júpiter (*Tzedeq*, em heráico) rege os signos de Peixes e Sagitário. Peixes manifesta-se como atividade expansiva, como multiplicação da vida e crescimento, como livre expansão da alma manifesta na Criação. Sagitário manifesta-se como poder de união, de fusão, de ligação entre a mente divina e a intuição no Eu Superior ou na mônada individual autoconsciente.

No nosso mundo terráqueo podemos ver as influências jupiterianas de Chesed em palácios, grandes castelos, imponentes catedrais, metrópoles, grandes e majestosos teatros, tribunais, bancos, restaurantes finos, grandes cordilheiras, montanhas enormes e verdes, etc.

Em Chesed temos os arquétipos paternais e patriarcais e os deuses da riqueza e da bondade, da justiça, da ordem, da força: Zeus (o deus grego do céu e do trovão, da ordem e da justiça, criador generoso e bondoso); Plutus (o deus grego da abundância e das riquezas materiais, portador da cornucópia da riqueza e da fartura); Júpiter ou Jove (o deus romano equivalente a Zeus); Ptah (o deus egípcio bondoso e generoso, criador e preservador, deus da sabedoria e da vida); Amon ou Amen (o deus-carneiro egípcio da verdade, da justiça, da força e da vida, criador e preservador do mundo, um aspecto do deus Ptah); Khnum ou Chnoufis (o deus-carneiro egípcio criador, artífice modelador do universo, outro aspecto de Ptah); Indra (o deus hindu do trovão e do céu, criador generoso, preservador da vida e protetor da humanidade, é um aspecto de Brahma); Brahma (o deus hindu do céu, criador e sustentador do universo); Thor (o deus escandinavo do céu, do trovão, do raio e da coragem, deus da prosperidade e das riquezas e protetor da humanidade); Taranis (o deus celta do trovão e do céu, criador e sustentador da vida); Dagda (o deus celta da sabedoria, da riqueza e da prosperidade, com seu caldeirão sem fundo provê alimento e fartura para todos os seres); Marduk ou Bel (o deus sumeriano do céu, do trovão, da riqueza e da fartura, deus criador e sustentador do mundo e protetor da humanidade); Tlaloc (o deus asteca do céu, do trovão e das chuvas, criador e preservador do mundo, provedor de sucesso e abundância); Tangaroa (o deus maori do céu, do trovão e dos mares, criador generoso, deus da vida e da riqueza, deus supremo de todos os seres); Tupã ou Caramuru (o deus tupi do céu, do trovão, criador e sustentador do mundo e de todas as criaturas).

Mais adiante veremos alguns arquétipos qliphóticos que expressam os vícios e desequilíbrios de Júpiter, que se manifestam em muitos indivíduos receptivos.

Os indivíduos perversamente egoístas são seres muito desequilibrados nos quais predominam os vícios da Sefhira jupiteriana. A hipocrisia é um tipo de egoísmo comum predominante nas grandes religiões de massa e entre seus seguidores, até mesmo entre aqueles não-praticantes. É um descarado fingimento de virtudes, devoção religiosa e moralismo inútil. Os hipócritas se escoram no pedestal de um falso Deus criado à imagem e semelhança deles mesmos e se eximem de qualquer responsabilidade quanto aos seus atos, condenando nos outros o que eles mesmos gostariam muito de fazer, ou realmente fazem às escondidas. Para os hipócritas, tudo “é a vontade de Deus” (quando não é do Diabo), crendo-se sempre muito fiéis, corretos e bondosos.

Mas o hipócrita no comando de alguma organização ou instituição se torna ainda um tirano. Sua hipocrisia pode se manter em segurança e ele se põe a fazer coisas que sempre gostaria, mas proíbe, julga e condena seus seguidores ou subordinados. A bondosa e equilibrada autoridade de Chesed torna-se opressora, vaidosa e gananciosa, e o tirano apenas quer sua vontade cumprida, seja lá como for, cometendo o maior de todos os atos de desrespeito, com violência e crueldade: a violação do livre-arbítrio e do livre-pensar. Por outro lado, a cega obediência a uma autoridade déspota transforma o ser humano em escravo temerário e passivo, um fanático incapaz de ver por detrás das aparências, de avançar em busca da verdade e da sabedoria, incapaz de pensar por si mesmo e de questionar, acomodando-se simplesmente à condição miseravelmente imposta por seu algoz ditador. O mesmo acontece com a misericórdia excessiva que torna o indivíduo covarde, fraco, sem autoridade sobre si mesmo e sem discernimento.

Até aqui, o leitor inteligente deve ter notado que tais vícios e defeitos são manifestações evidentes da Qlipha de Chesed, o lado sinistro da Sefhira: Gha’Agsheklah. Gha’Agsheklah significa “Transgressores”, “Perturbadores”, e são as forças que causam estagnação, passividade diante de problemas que devem ser resolvidos, passividade e inação diante do mal, da corrupção e da perversidade. Nessa Qlipha, o indivíduo degradado permanece em um estado no qual sua consciência está obscurecida pela escória kármica criada por sua própria mente grosseira e atrasada ao longo de muitas encarnações. Ele é um “transgressor” e “perturbador” porque transgrediu as Leis da evolução da consciência e vive em meio aos demônios “perturbadores” que ele mesmo criou. O amor verdadeiro de Chesed se torna sentimentalismo passivo e indolente, e a misericórdia que deveria trazer paz de espírito se transforma em atos de covardia e permissividade em uns e indulgência hipócrita em outros.

A Esfera qliphótica de Júpiter é o círculo infernal da opressão, da tirania, do poder patriarcal abusivo, da escravidão dos covardes, do fanatismo, da hipocrisia, da gula e da ostentação, em que reina a anarquia, a desordem e a perdição.

Gha' Agsheklah é o centro do abuso patriarcal político e religioso. De fato, a religião, a política e a ciência são praticamente idênticas em seus procedimentos para “solucionar” (ou criar) problemas de várias ordens. A política faz e desfaz, cria leis e proibições inúteis ou desfavoráveis, mas favorece a si mesma, conforme sua conveniência e capricho; a ciência igualmente cria novas teorias e conceitos, mas ignoram outros, encaixando forçosamente as coisas em seus padrões intocáveis, nomeia e elege planetas, mas rebaixa outros, tudo conforme sua conveniência; e a religião cria novos santos e dogmas e amaldiçoa outros, determina o que é de Deus e o que é do Diabo, também conforme sua conveniência. E, assim, o mundo se complica e os seres humanos são feitos marionetes do sistema.

Sob o fluxo livre e fácil da força dessa Qlipha, as grandes religiões patriarcais tornaram-se grandes e lucrativos negócios financeiros, além de, até certo ponto, exercerem alguma autoridade política. Seus dirigentes velhacos gananciosamente sempre querendo mais e mais, escravizaram os seus fiéis de mente estreita que pagam por salvação, e exige-lhes somas em dinheiro para “a glória de Deus”. O cifrão foi adotado como o principal símbolo da religião judaico-cristã, um símbolo fortíssimo apenas para as transações financeiras dos falsos religiosos que perderam o verdadeiro sentido espiritual.

A religião patriarcal judaica parece condicionada dentro de proibições, regras ultrapassadas e obrigações fortemente materiais. Não busca a experiência metafísica do espírito, a expansão real da consciência; seu misticismo procura se ater ao estudo teórico e intelectual da Torá e de outros livros.

Assim, as “ovelhas” das grandes religiões de massa vivem em grande pompa e vaidade, mas, infelizmente, sem a verdadeira espiritualidade de Chesed.

Chesed também rege a prosperidade, a abundância e a fartura. Sua Qlipha representa os excessos de pólos opostos: o esbanjamento e o desperdício, e a miséria e a fome. A fome, se não for sanada devidamente, pode levar o indivíduo à gula incurável quando tiver a oportunidade para tal. O vício da gula é digno de nota, pois seu poder sempre causa problemas físicos e psicológicos, muitas vezes de difícil solução, fazendo com que o escravo da boca morra lentamente. E como é natural, após o “prazer” vem a dor. E as pessoas ainda vivem resmungando depois de cometerem seus desatinos e excessos. Assim é o ser humano...

Apesar da fome em muitos lugares do mundo, há uma infinidade dos mais variados produtos alimentícios no mundo e um grande desperdício. A indústria alimentícia parece lutar para conspirar contra nossos estômagos e paladares. Os alimentos naturais e livres de químicas são os mais caros, enquanto uma avalanche de produtos industrializados com todo tipo de aditivo insalubre cerca as pessoas por todos os lados. Contudo, as pessoas buscam se intoxicar com o excesso de tais alimentos que são muito atrativos e saborosos devido aos produtos químicos.

A própria sociedade conspira contra si mesma quando se ilude com os infinitos comerciais surreais da TV; as pessoas não sabem que são elas mesmas os “sócios” que financiam a insalubridade alimentícia. Assim, a enfermidade se instala e as pessoas não entendem por que estão doentes! Os efeitos são cumulativos e só após um certo período é que se faz sentir os sintomas. Então, as pessoas se “envolvem” com a indústria farmacêutica porque a indústria alimentícia já as “encaminhou”.

Certamente, isso jamais irá parar, mesmo com os esforços de pessoas conscientes. Enfim, pode ser apenas mais uma conspiração entre tantas outras que visam ao domínio e ao lucro extremo a qualquer preço. Com a abundância qliphótica de Júpiter, ou seja, com o aumento da quantidade de alimentos industrializados e aditivados, a riqueza cresce nos bolsos de uma minoria que realmente não se importa com a saúde de ninguém.

Como Chesed é a Esfera da riqueza, da abundância, da prosperidade, do conforto, do bem-estar, sua Qlipha influencia o ser humano fraco por meio das maravilhas materiais do mundo, iludindo-o e tornando-o um foco de desperdício energético e material, sempre muito ansioso para ser visto e notado em sua ostentação vazia e desnecessária, envaidecendo-se miseravelmente em sua existência perdulária e impulsiva, sem inteligência ou consciência, sem força de caráter, sem compreensão, sem evolução, lamentavelmente...

Podemos observar na face da Terra todas essas manifestações inferiores instigadas pelo arquidemônio dessa Qlipha: Astaroth (o mesmo nome da deusa fenícia), o espírito da ostentação, da indolência e da vaidade ilusória, grande tesoureiro do inferno e regente das ciências acadêmicas mal aplicadas.

Vamos citar agora alguns deuses qliphóticos de caráter jupiteriano: Mammon (o deus fenício da riqueza, da opulência, da avaréza financeira e da ganância); Zagam (o deus hebreu da farsa, da falsificação e das fraudes financeiras e políticas); Limos (o demônio grego da miséria, da fome e da escassez); Behemoth (o demônio hebreu dos prazeres animais do paladar, da glotonaria, da obesidade e do desperdício); Tântalo (o semideus grego da gula e da fome, roubou o néctar dos deuses e foi condenado a um suplício para sofrer a fome e a sede); Minotauro (o deus grego da opressão e da gula insaciável, uma besta com cabeça de touro que se alimenta de carne humana, encarcerado em um labirinto); Fraude (a deusa romana da fraude, das farsas e da ilusão das aparências).

Alguns símbolos de Júpiter são: a suástica, o cajado ou o cetro, o orbe e a pirâmide.

A suástica é uma cruz muito mais antiga do que o nazismo, e representa o movimento de expansão ou contração do universo; é um símbolo da boa sorte, da alegria e da saúde.

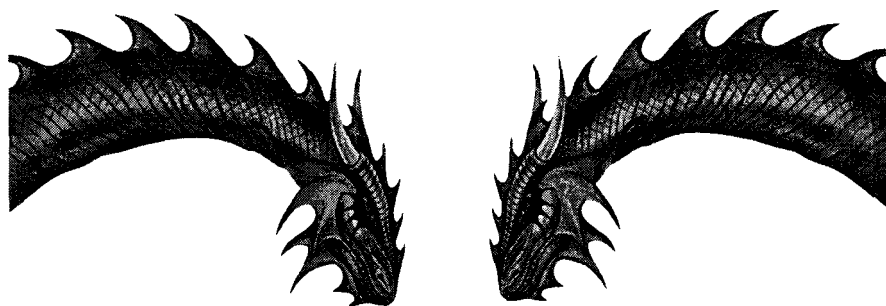
O cajado e o cetro simbolizam a autoridade e sabedoria espirituais do iniciado e o poder do magista, assim como é a muleta do sábio ancião no fim

de sua existência; pode também ser usado como instrumento de autoritarismo e opressão.

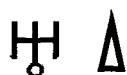
O orbe é o globo do mundo representando o poder e o domínio sobre as forças materiais e sobre si mesmo.

Sobre a pirâmide muito se tem falado, porém não vamos nos estender em discussões polêmicas. Há muitas pessoas que não acreditam em quase nada, mesmo sem ter informação suficiente para basear suas conclusões, sem ter lido diversos autores sobre o assunto; ou, muitas vezes, sequer têm conclusões, mas apenas não acreditam, sem mais nem menos.

Para os nossos propósitos neste estudo, basta dizer que a pirâmide expressa as forças cósmicas expandindo-se e “descendo” para a Terra (e tem também essa finalidade), e simboliza os Mistérios, a Iniciação e o próprio universo – ou seja, a Obra concluída – constituído pelos quatro Elementos (metafisicamente) regidos pelo Espírito Arquiteto.



A Esfera Não-Numerada



Daath

Daath significa “Conhecimento” e é considerada uma Sefhira – e também uma Qlipha – “invisível”, não aparecendo na maioria das ilustrações da Árvore da Vida. Quando aparece, é representada por detrás do Caminho da Grande Sacerdotisa, no Pilar do Equilíbrio, de forma sutil e não numerada. Pode ser considerada o Trigésimo Terceiro Caminho da Árvore da Vida e da Árvore da Morte, pois está além dos 32 Caminhos conhecidos. Daath não possui nome divino, Arcanjo ou Coro Angélico, e surge, no processo da Criação, das energias de Chokmah, a Sefhira 2, e Binah, a Sefhirah 3, que estão no Triângulo Superior da Árvore, além do Véu do Abismo, onde se situa Daath. É o Conhecimento que deverá se tornar Sabedoria (Chokmah) por meio da Compreensão (Binah). É o Conhecimento do Abismo Cósmico, o Conhecimento do Bem e do Mal, que é o segredo da Criação manifesta.

Estar em Daath e permanecer isento de compreensão ainda ilude e aprisiona, mesmo que imperceptivelmente, na cela da falsa teologia, da falsa deificação de si mesmo, pois Daath contém todo o conhecimento cru do universo manifestado, a Ilusão do real como uma amálgama de todas as Sefhiroth e Qliphoth, uma dimensão de loucura dispersa para todos os lados. Para Daath, são convergidas todas as Sefhiroth e todas as Qliphoth, do mesmo modo que para Tiphareth (Jehovah Aloah Va Daath) são convergidas as forças das Sefhiroth.

Sob esse prisma, Daath é a porta para o lado reverso da Árvore, o universo B, é um portal entre as “duas” Árvores, que na verdade são uma: a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal (*Otz Daath*). Daath é a

própria semente que contém a Árvore do Conhecimento, que contém o universo; é a semente da planta que é néctar ou veneno.

Seguindo tal raciocínio, a semente é como um holograma, contendo em si o todo, a informação do todo em qualquer parte do todo. Assim, Daath é o grande holograma do universo A e do universo B, ou seja, sephirótico e qliphótico.

Trata-se de um plano de transição do universo “real” (Ilusão) para o potencial (Real) na Árvore Sephirótica, onde o tempo não existe. O Iniciado só conseguirá realizar essa transição se tiver uma vontade verdadeira e forte e todos os seus elementos em perfeito equilíbrio e completamente purificado das escórias de suas encarnações na Terra, pois ele deverá ter uma visão extremamente clara e capaz de distinguir a Realidade da confusão ilusória. Poderá “filtrar” toda a energia de Daath com discernimento espiritual e não ser vítima do conhecimento falso, da distorção e da insanidade.

Daath é a ponte pênsil que liga ao supremo plano espiritual, mas também é o calabouço do condenado que sempre vacila, pois o indivíduo não preparado se perderá desesperadamente na corrente caótica, ficando cativo em seu labirinto insano e tendo sua consciência devorada pelo arquidemônio enochiano Choronzon, o senhor da dispersão e do conhecimento falso e confuso, o senhor de Daath. A influência de Choronzon no mundo causa a confusão da grande massa de força humana fragmentada que se dispersa, voltando-se depois contra cada indivíduo que então se perde e se desorienta na vida, em vez de uma concentração para o progresso de cada um e da vida no planeta.

Estudando Daath, a conclusão a que se pode chegar é que toda a existência manifesta abaixo do Abismo Cósmico (abaixo de Daath), a matéria-energia, o tempo-espaço, são ilusões criadas pela Mente Divina. É como um jogo, uma brincadeira que pode até parecer de mau gosto, se formos refletir bem. Mas deveríamos aprender a “brincar”, já que somos também ilusão em um universo de ilusão cujo objetivo final é o despertar da consciência espiritual e nossa retirada vitoriosa desse jogo aparentemente (e realmente) perigoso e assustador.

Para se cruzar Daath, é preciso que o indivíduo seja perfeitamente resolvido psicologicamente e que possua todas as virtudes morais e espirituais possíveis, e uma das mais difíceis dessas virtudes é o total desapego. Trata-se de uma fase do caminho espiritual extremamente crítica e delicada, em que todas as dúvidas e medos já deveriam estar eliminados definitivamente.

Apesar de ser uma “falsa” Sephira ou uma Sephira sem número, ou uma não-Sephira e não-Qlipha, pode-se atribuir a essa Esfera o número 11 (onze). Onze é o número da Magia e das transformações e, conseqüentemente, da Ilusão. Expressa a dualidade da Manifestação e a Árvore dupla, pois $1+1 = 2$, ou seja, a Árvore Sephirótica (10) mais uma (1), que por sua

vez possui mais uma Árvore (10) que possui mais uma (1)... E assim por diante, em um ciclo dual alternante que se completa (10) e recomeça (1); é como um sistema de código binário. Onze é o número das dez Sefiroth mais uma Sefira falsa, e das dez Qliphoth mais a Qlipha falsa: Daath.

A cor de Daath é um cinza-prata violáceo meio indefinido, porque o falso conhecimento é cinza, indefinido, uma mistura de luz e trevas, branco e preto, bem e mal, alegria e desespero, prazer e dor, alegria e trevas, paz e sombras, branco e mal, bem e dor, desespero e deus, prazer e demônio, amor e mal, branco e ódio, amor e ódio, desejo e discórdia (Eros e Éris, o amor erótico e a discórdia que muitas vezes se origina no desejo), etc. Enfim, um verdadeiro caos.

Daath é representada astronomicamente e astrologicamente pelo sistema estelar binário de Sírius (Sothis ou Sopdet), da constelação do Cão Maior, que no Egito antigo era simbolizada graficamente por um triângulo isósceles e uma estrela estilizada. Está a oito anos-luz e é uma estrela dupla, Sírius A e Sírius B, sendo esta última chamada também de Po-Tolo pela primitiva tribo africana dogon que já a conhecia em detalhes muito antes de ser descoberta por meio de potentes telescópios em 1862. Segundo os dogons, esse e outros conhecimentos foram trazidos por seres alienígenas chamados nommos, conhecidos como homens-peixes. No Egito, Sothis era vista ao amanhecer juntamente com o Sol e a inundaçãõ do rio Nilo, marcando assim o início do ano egípcio com o forte calor do verão. Sírius significa “brilhante” (do latim *sirius* e do grego *seirios*), e era também a grande estrela da Iniciação e dos Mistérios. Eis aqui um fato para reflexãõ à luz da analogia simbólica.

O planeta Urano também passou a ser uma representação astrológica de Daath, após sua descoberta no século XVIII. Urano é co-regente de Aquário e sua força é revolucionária e caótica, é energia destrutiva para os despreparados e conformados, pois sua força quebra tabus e impele à evolução drasticamente de maneira perturbadora e com determinação. Mudanças fortes e às vezes súbitas, ocorrem no indivíduo e no mundo por meio da influência de Urano, mesmo que tal mudança cause catástrofes e destrua a ordem estabelecida.

O deus grego Urano é um correspondente mitológico de Daath. O outro é Janus, o deus romano que possui dois rostos opostos, olhando para lados contrários. Janus é o deus da dualidade, que olha para o passado e para o futuro ao mesmo tempo, que busca conhecer tudo, seja bom ou mau. Janus é “porta” para a vida e para a morte, para a lucidez e para a loucura, para o bem e para o mal...

Podemos também atribuir à Esfera de Daath, o deus egípcio Set, já abordado longamente neste livro. Além de Daath, Set está associado à próxima Sefira, Binah.

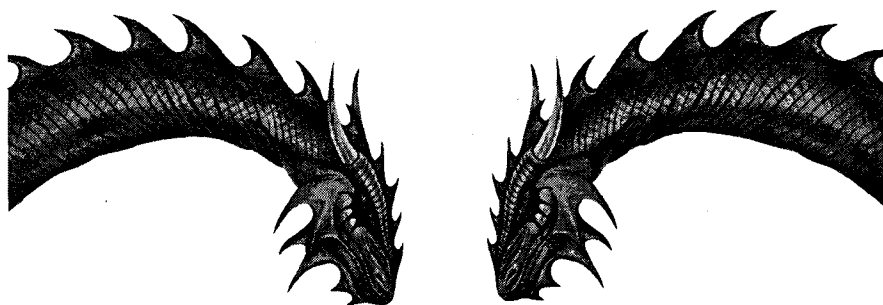
Alguns dos símbolos mais interessantes e significativos de Daath são o calabouço, a cela de hospício, a casa maluca, o labirinto, o cubo mágico, a

semente, o holograma, o espelho (de Alice), a toca do coelho, a cabeça de Janus, o relógio mecânico, a “oficina do Diabo”, o palhaço, a máquina do tempo, a caixa de Pandora, o código binário, o cérebro, o disco rígido do computador, a torre de Babel, o navio fantasma, etc.

Além dos símbolos citados (alguns principais) e das atribuições astrológicas e astronômicas, podemos considerar todos os símbolos possíveis para Daath, os antigos e os modernos, os sagrados e os profanos, os concretos e os abstratos, infinitamente, bem como desconsiderar qualquer símbolo também. Paradoxal? Absurdo?

Pelo que precede, Daath pode ser considerada como o centro principal da magia do caos ou caoísmo, que é um sistema não muito sistemático no qual cada magista faz seu próprio sistema. Na magia do caos o mais importante é a experiência individual (como em qualquer outro sistema ocultista), a busca pelos estados alterados de consciência, o desenvolvimento pessoal e a responsabilidade ou irresponsabilidade pelos seus resultados. Crenças são adotadas ou criadas à vontade como meios de se atingir determinados fins ou objetivos, podendo ser abandonadas ou substituídas por outras. O magista caótico visa alterar sua própria “realidade” e utiliza tudo o que possa ser útil e funcional para o seu sistema pessoal, como, por exemplo, magia cabalística, xamanismo, magia enochiana, tantrismo, *Necronomicon*, doutrinas religiosas, magia goética, mitologia, psicologia junguiana, *radiônica*, tarô, neurologia, fisiologia, biologia, mecânica quântica, ciência acadêmica em geral, plantas enteógenas e psicoativos sintéticos, sigilização, ufologia, música atonal, rock progressivo, filosofia, artes, literatura, poesia, fantasia, ficção científica, teorias, hipóteses, etc. Enfim, tudo pode ser adaptado e utilizado no sistema caótico no qual não há mestres, gurus ou professores, a não ser que o magista queira.

Assim como a magia do caos, Daath é um verdadeiro pandemônio que influencia a vida na Terra e as civilizações. Na humanidade, a influência de Daath pode gerar insanidade ou criar gênios encarnados...



Terceira Sefhira e sua Qlipha

ち

Binah – Satariel

A terceira Sefhira cabalística, ou Esfera de emanção divina, é Binah, situada no Triângulo Superior da Árvore. Binah significa “Compreensão” e é o plano paranirvânico, está além do assim chamado Nirvana. É o plano da Raiz da Matéria (ou Mulaprakriti, em sânscrito), um plano muito abstrato, próximo do Absoluto. Binah é a Matriz Primordial do universo, o Útero divino que contém tudo o que foi, é e será; é o Receptáculo da Essência Eterna e de toda Matéria, um abstrato Caos homogêneo e original. Por ser muito elevada e abstrata, apenas é possível descrever Binah em termos abstratos sugestivos. É o plano da Não-Substância ainda não modelada, é a Raiz da Substância contida, restringida, ainda não manifestada. Binah é a origem do Cosmos, o Grande Mar de Vida e Morte do universo. Sendo a origem primordial da Matéria, Binah é a doadora da vida, mas ao mesmo tempo é doadora da morte, pois ela limita o fluxo de força para acondicionar a vida na forma, ou seja, “aprisionar” o espírito na matéria, no universo manifestado; Binah é o Espírito Santo que desce à Manifestação. Assim como a *yoni* ou vagina – o principal símbolo de Binah – dá a vida no mundo material, ela também dá a morte para a existência espiritual que encarna na matéria “amarga” e dolorosa que, por sua vez, também morre para libertar o espírito.

O nome divino da Esfera de Binah é Jehovah Elohim, que quer dizer “Senhor Deus” ou “Deuses do Senhor”, e seu Arcanjo é Tzaphkiel, a “Contemplação de Deus”. Tzaphkiel é a força mais primitiva de involução cósmica e humana nos planos da forma, no processo de materialização da Vida. Mas é também responsável pela espiritualização pura do ser humano

que a busca por meio da compreensão espiritual e da contemplação do Puro Espírito. Em sua manifestação mais inferior, quer dizer, mais próxima do homem encarnado na Terra, o Arcanjo Tzaphkiel é o criador dos rituais secretos e esotéricos transmitidos aos Adeptos, e é o Senhor do Templo.

O Coro Angélico dos Aralim também está sob a regência de Tzaphkiel. Aralim significa “Tronos”, é o princípio espiritual da estrutura básica da Matéria Primordial amorfa na qual a Força primitiva dinâmica de Chokmah tem seu fundamento e fixação para se desenvolver na forma manifesta que será moldada e organizada por Chesed. Pode-se dizer que como trono, Binah entrona Chesed, que é a Sefhira seguinte na Árvore e que molda o universo a partir da Matéria-Energia pré-existente em Binah.

Na Esfera de Saturno, como é chamada Binah, o Adepto vive um estado místico de absorção na fonte espiritual amorfa de toda a Matéria, e experimenta uma consciência espiritual de mais alto grau na qual compreende a Realidade Absoluta da causa de toda Existência e o próprio fim da Existência, do Tempo e do Espaço. Ele experimenta a visão da dor espiritual suprema e o Mistério da dor, que o conduz a uma compreensão da Matéria Primordial que gera o universo manifestado no plano da forma e o sofrimento e a morte inerentes à própria existência. Em Binah não há corpo sutil humano ou veículo de manifestação cósmica, mas apenas o espírito individual e amorfo, conscientemente imerso na Raiz do Universo, sem qualquer veículo para velar e obscurecer sua pureza, pois a fonte da Vida e da Matéria é pura, e somente a Matéria é maculada em seus níveis mais densos na Criação. Aqui, a mônada está livre e autoconsciente junto de sua Mãe.

Binah, ou Marah, outro título da terceira Sefhira, está no topo do Pilar da Severidade, e como poder de restringir e condicionar a força do Puro Espírito ela é severa, pois a vida na forma materializada vê sua morte no horizonte. No nascimento já está implícita a morte; a morte da forma, a destruição da própria matéria, seja ela qual for, para que a essência espiritual retorne à sua Origem no Absoluto. Portanto, no processo de densificação do universo, que se condicionará à forma, estão implícitas a dor e a morte, porque a matéria é finita e sofre modificações, e a dor apenas existe nos planos mais densos e para aqueles que têm consciência da dor.

Sob o ponto de vista da morte e da dor, que deveriam ser entendidas como algo transcendental, Binah é considerada levemente como o mal. Sendo a forma e limitação o oposto da força e fluidez, Binah é o par oposto de Chokmah.

Binah também é Saturno, o Senhor da Forma e da restrição; Binah é Satã, o “opositor”, Criador e Senhor da Matéria, porém entendidos de maneira muito vulgar e anti-espiritual pelas massas humanas. *Satan* possivelmente tenha se derivado das palavras sânscritas *satata* e *sanatana*, que significam “eterno”, “permanente”, um dos títulos de Shiva (equivalente ao deus egípcio Set), o que faz sentido nesses níveis elevados da manifestação espiritual em Binah e além.

Independentemente disso, o bem e o mal surgiram e fazem parte de um único Todo, o Absoluto, seja de forma latente ou manifesta. Aqui, a compreensão (Binah) nos mostra o devido significado das coisas; a compreensão interior, espiritual e verdadeira, e não uma mera racionalização do intelecto ordinário que transforma o indivíduo em um tolo.

Satã-Saturno, assim como Binah, é o criador original da raça humana material com todos os seus instintos naturais, com sua fisiologia e com suas forças subconscientes, e um satanista que se considera autêntico entende isso. Satã-Saturno-Set-Shiva-Shaitan é a fonte da compreensão para o livre-arbítrio e responsabilidade que nos livram da ignorância para que possamos buscar o conhecimento de nossa própria totalidade individual. Mas a teologia considera esse livre-arbítrio uma heresia.

O indivíduo pode sentir algo do poder de Binah por meio de sua vontade exercendo o raciocínio frio, estudando a filosofia oculta e a tanatologia esotérica, executando trabalhos para aquisição de conhecimento e compreensão, exercícios de concentração, trabalhos de asceticismo e reclusão, obras de destruição e morte (espiritual e psicológica), rituais de trevas e invocações das forças trevasas primordiais do cosmos, com consciência e discernimento.

Psicologicamente, as trevas incubadoras e criadoras de Binah-Saturno se refletem na psique do indivíduo por meio da, assim chamada, sombra, uma amálgama de todos os instintos primitivos, o terrível e caótico subconsciente. A sombra é a fonte de grande poder criativo e da sabedoria mais profunda da existência, e por isso não deve ser reprimida e sim utilizada para a expansão da consciência e para a evolução individual. É também o mais poderoso, o mais influente e o mais perigoso dos elementos da psique humana e deve ser subjugado e assimilado conscientemente pelo Eu Superior de Tiphareth. Em termos alquímicos, é o Chumbo dos Sábios, a matéria-prima da consciência humana, energia densa, metal pesado que é transmutado no ouro da consciência.

Em certo estágio da evolução da consciência, o humano superior já adquiriu as virtudes do silêncio e da seriedade, o que certamente é muito difícil para muita gente. No silêncio está a seriedade e a concentração para conduzir o crescimento pessoal por meio do estudo, da observação e da continuidade de propósitos no caminho espiritual.

A Sefhira Binah tem como expressão numérica o 3 (três), número da criação, conservação e destruição de tudo o que existe. As tríades e trindades são reflexos de Binah, como a unidade ternária espiritual e genética – pai, mãe e filho. O três tem sua representação no processo de inspiração, retenção e expiração; na dimensão do tempo (passado, presente e futuro); nas formas tridimensionais; no ternário atômico (prótons, elétrons e nêutrons), etc. Três é ainda o número da estabilidade, da responsabilidade, da paciência, da inteligência e da seriedade.

No Tarô, todos os três têm correspondência com Binah. Representam algo que foi iniciado, a realização de uma ação: o três de paus expressa uma força que foi estabelecida, que pode gerar orgulho e arrogância; o três de copas indica abundância e fartura, etc.; o três de espadas é infortúnio, dor e infelicidade; e o três de discos expressa trabalho material, negócios e disciplina material.

A vibração cromática de Binah é o preto, a cor primordial das Trevas da criação e destruição, do Grande Útero do universo, do oculto e do espaço cósmico. Poucas pessoas entendem que sem o preto a luz não pode se manifestar, não pode ser visível; sem o contraste de luz e sombras não enxergaríamos nada. O preto também expressa a força da Matéria e da Tradição Mágica, sugere e reflete severidade, respeito e estabilidade psicamental e material, relaxa e descansa os olhos. Entretanto, não é exatamente uma cor e sim ausência de luz, ou seja, ausência de todas as cores.

Astrologicamente, a força de Binah está no planeta Saturno (*Shabbathai*, em hebraico) e sua influência é mais evidente nos signos de Capricórnio e Aquário. Capricórnio expressa as alturas espirituais e a alegria da caminhada iniciática, de volta à Raiz de Tudo. Aquário é a manifestação da profunda inteligência cósmica e da compreensão acerca da origem da existência de tudo no Grande Mar Universal.

A sutil manifestação de Saturno-Binah em nosso mundo físico pode ser vista de maneira distribuída em vários lugares, tais como museus de antiguidades, cemitérios, mausoléus, sítios arqueológicos, ruínas, grutas subterrâneas e cavernas, desertos durante a noite, vales rochosos, montanhas solitárias, as profundas águas abissais, qualquer lugar obscuro, silencioso, triste ou relativamente angustiante e assustador.

Os arquétipos mitológicos de Binah são os deuses mais antigos, severos, deuses primordiais da sabedoria trevosa, deuses de dor e da morte, deuses terríveis e agressivos, divindades das sombras e do frio: Kronos (o deus grego líder dos titãs, deus antigo do tempo, da morte e da agricultura, devorava seus filhos para não ser destronado); Tânatos (o deus grego da morte, do frio e das trevas); Moiras (as deusas gregas primitivas da vida e da morte: Cloto, a “Fiandeira”, que gira o fuso da vida; Láquesis, a “Medidora”, que mede o fio da vida com sua vara; e Átropos, a “Inevitável”, que corta o fio com sua tesoura; regem o destino dos homens e dos deuses); Saturno (o deus romano equivalente a Kronos); Parcas (as deusas romanas equivalentes às Moiras); Sobek ou Sevek (o deus-crocodilo egípcio das inundações do Nilo, da agricultura, do tempo, da vida e da morte); Taurt ou Taoer (a deusa-hipopótamo egípcia da Matéria e da Terra, a grande mãe do mundo); Shiva (o deus hindu da morte, da vida e do tempo, destrói o universo e a Ilusão com a abertura de seu terceiro olho); Durga ou Gola (a deusa hindu “inacessível”, a origem da Raiz da Matéria e da Ilusão, é um aspecto de Kali); Ymir (o gigante deus escandinavo do Caos e da Matéria, de cujo corpo foi criado o universo por Odin); Nornas (as deusas escandi-

navas da vida e da morte, que vivem sob a árvore Yggdrasil, tecendo o destino dos homens e dos deuses, são as três irmãs Urd, Verdandi e Skuld); Tiamat ou Tehom (a deusa-dragão sumeriana das Águas Primevas, mãe do universo, criadora e destruidora da Raiz da Matéria, seu corpo deu origem ao mundo e ao céu que foram criados por Marduk); Absu ou Apsu (o deus sumeriano das Águas Abissais do Espaço e de toda Sabedoria, é esposo de Tiamat); Tezcatlipoca (o deus asteca das trevas, da morte, da matéria e da sabedoria, irmão do deus Quetzalcoatl); Shaitan ou Iblis (o deus árabe equivalente a Satã); Po (a deusa polinésia da morte e da vida, das trevas e da Terra, a mãe do universo); etc.

Esses são alguns dos arquétipos de Binah que também podem partilhar das características de Malkuth.

Os vícios da Sephira Binah manifestam-se em sua Qlipha chamada Satariel, que significa “Ocultadores”. O arquidemônio é Lucifuge (demônio romano), “aquele que foge da luz”, espírito ocultador e destruidor dos deuses e de tudo o que é sagrado e divino, causador de deformidades e aberrações da natureza.

Satariel é um plano e estado no qual a consciência está ocultada e obscurecida pela completa ignorância. Aqui o silêncio dá lugar a uma espécie de avareza do espírito caracterizada pela retenção excessiva até do que é necessário, ou seja, pela negação do essencial.

Isso é algo muito diferente de saber guardar segredo, pois a capacidade de silenciar incrementa o magnetismo pessoal e desenvolve a vontade e o poder sobre si mesmo. Mesmo que não exista realmente um segredo iniciático em determinados casos, a pessoa é testada quanto a sua lealdade, honradez, respeito e poder de vontade.

Em Satariel, a ignorância causa o sofrimento incompreensível e o medo irracional do desconhecido, das trevas e da Morte, impossibilitando o entendimento existencial. É o círculo infernal da ignorância, da dissimulação, da falsidade, da blasfêmia, do asceticismo fraudulento, do desrespeito e do materialismo cético.

Os “Ocultadores” qliphóticos, as cabeças negras e chifrudas com seus olhos medonhos atrás de véus, derramam sua influência no mundo onde podemos ver seus resultados em todas as religiões que manipulam a fé das massas, que ocultam o conhecimento e a verdade, iludindo a multidão inconsciente que permanece estagnada e acomodada com a farsa de Deus e do Diabo fincada em cada cabeça de rebanho. Nos Ocultadores, no nosso mundo, dissimulam, propagam a ignorância, difamam tudo o que não se encaixa em seus dogmas e regras e segregam as mentes inteligentes e revolucionárias para que não “desviem” a manada; criam uma outra Inquisição, moderna, sutil, que é ocultada sob uma falsa moral religiosa e sob os costumes sociais condicionados. Ocultadores são também todos aqueles que fingem, que mentem, que enganam para tirar vantagens de inocentes e ignorantes.

Assim são as grandes religiões monoteístas que inventam desgraças onde não deveriam existir; que inventam pecados, proibições e marionetes patéticas como o Diabo dogmático. Tudo bem pronto para ser engolido sem reclamação.

Infelizmente, a fé cega, limitada e ignorante em um Deus em um Diabo pessoais que estão sempre em guerra, torna o ser humano indolente, negligente, preguiçoso e espiritualmente imaturo, já que para ele todas as regras morais, sociais e religiosas já foram determinadas, escolhidas e “receitadas” antecipadamente, deixando assim que o devoto acomodado apenas creia, tenha “fé”. Pensar e agir por si mesmo é muito mais difícil, requer inteligência, discernimento, responsabilidade e inquietudes espirituais.

Assim, os tolos da fé cega crêem em um Satã forjado pelos manipuladores da fé; crêem em um Satã que combate Deus e que quer a ruína dos fiéis. Mas se crêem é porque têm fé! Logo, sua fé é, na verdade, dividida entre Deus e Satã, do mesmo modo que estes dois supostamente dividem o domínio do mundo! Entretanto, tudo é culpa de Satã, ou do Diabo, e os fiéis nunca têm culpa de nada, nunca se responsabilizam por seus atos, pensamentos e desejos, por piores que sejam. O pobre Satã carrega toda a culpa das ações arbitrárias da humanidade doente. Sem Satã e seus sequazes, a quem os tolos hipócritas irão culpar pelos males do mundo e de suas vidas? Afinal, o Satã dogmático e caricatural é o principal sustentáculo da cristandade.

Por outro lado, existem os declarados (pseudo-)satanistas, equivocados, que podem ser comparados àqueles aos quais eles pretendem se opor e agredir. Também “pecaram” em compreender o significado de Satã e corromperam sua imagem do mesmo modo que seus detratores, colocando-o simplesmente em uma condição material, mundana, sem características espirituais e metafísicas, como uma imagem de seus próprios adoradores de mente limitada. Essas pessoas cultuam o mesmo Satã que a teologia amaldiçoa! Qual a suposta superioridade de um ou de outro? Ambos estão equivocados lamentavelmente.

As pessoas devem compreender que Satã é Deus. É uma única e mesma força polarizada para criar e manter o equilíbrio cósmico, não podendo jamais um existir sem o outro, pois a luz só pode ser percebida sobre o fundo negro das trevas. Satã é, de fato, o “Adversário”, o opositor que combate a fé cega instituída, os dogmas perniciosos e ultrapassados e a ilusão forjada pelos proprietários da fé. Não tem nada a ver com coisas diabólicas.

O leitor poderá ver a diferença entre Satã, Lúcifer e outros seres “polêmicos” na já citada obra *A Revolução Luciferiana*, Madras Editora, deste mesmo autor.

Vamos citar alguns arquétipos qliphóticos saturninos: Caronte (o deus grego do inferno, velho barqueiro grotesco, avarento e cruel, que conduz as almas condenadas); Euronymous (o demônio grego da morte e do inferno,

rege a putrefação orgânica e se alimenta de carniça); Gréias (as deusas gregas da senilidade e da decrepitude, irmãs muito antigas que já nasceram velhas, banguelas e cegas, mas que compartilhavam um único olho móvel como uma bola de cristal); Kali (a deusa negra hindu da morte, da destruição e do tempo, de aparência macabra e sanguinária, é um aspecto de Shakti ou Poder de Shiva); Ravana (o gigante deus hindu do tormento, da morte e das metamorfoses, senhor dos rakshasas, antigos seres malignos antropófagos que freqüentam cemitérios e atormentam o homem); Mara (o demônio budista da ilusão e escravidão materiais, dos vícios, da morte e da destruição); Carrefour ou Kalfou (o loa vodu das trevas, da destruição, da morte e das encruzilhadas, perigoso senhor dos espíritos sinistros, influencia o ser humano fraco e rege a feitiçaria tenebrosa); Baron Samedhi (o loa vodu dos mortos, dos cemitérios e das encruzilhadas, rege a morte, as trevas e a fertilidade, é obsceno e guarda o conhecimento ancestral dos mortos); Ghoul (o demônio árabe do deserto, da noite e da morte, monstro vampiresco semelhante a uma hiena, que devora os viajantes do deserto e viola túmulos para se alimentar de carniça); Supay (o deus inca da dor, da morte e do inferno); Camazotz (o deus-morcego das trevas, da morte e da iniciação oculta e trevosa no inferno); Jasha (o demônio-morcego japonês do rancor e do ódio femininos); Anhanguera (o deus tupi ancião da morte, da noite e do terror).

Os símbolos saturninos utilizados na Cabala Draconiana são: a vagina (ou *yoni*, em sânscrito), o caldeirão, a taça, o triângulo invertido, o túmulo, o sarcófago, a foice, a túnica negra, o crânio e o tambor.

O caldeirão e a taça, já abordados na Sefhira Yesod, representam aqui o Grande Útero primordial, a fonte de toda a Matéria cósmica. A taça é também Ginnungagap, a Grande Taça da Ilusão dos escandinavos, o Mar do Caos do Espaço Primordial de onde provém toda a Matéria e a Vida; é a vagina da Grande Mãe, Binah.

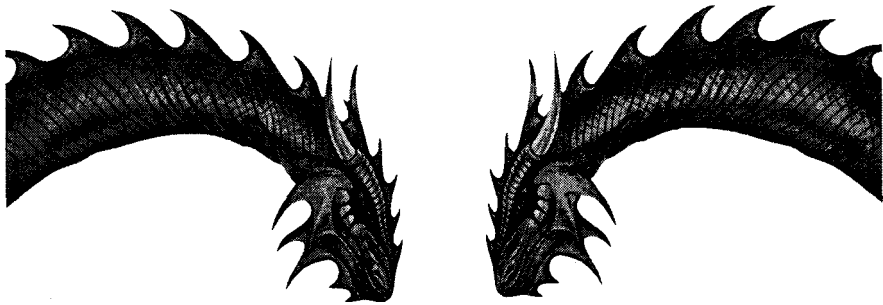
O triângulo invertido é o símbolo equivalente à vagina, ao útero e à taça, além de ser o glifo alquímico da Água ou do Grande Mar.

O túmulo e o sarcófago simbolizam, obviamente, a morte ou melhor, a transformação e o retorno à origem primitiva da matéria. São símbolos femininos, já que a morte neste mundo significa renascimento em outro.

A foice é outro símbolo de morte e transformação, de passagem e do tempo de todas as coisas.

A túnica negra representa o ocultamento, a introspecção e o silêncio. É usada nos trabalhos cabalísticos cerimoniais e na magia de modo geral como um sinal de recolhimento, isolamento da vida mundana e cotidiana. Indica a idéia de segredo e sagrado, de seriedade e concentração no trabalho.

Sobre o crânio e o tambor, já abordamos na Sefhira Malkuth. Esses símbolos se associam tanto à Terra quanto à Esfera de Saturno.



Segunda Sefhira e sua Qlipha



Chokmah – Ghogiel

Chokmah significa “Sabedoria” e seu nome divino é Jah ou Jehovah, o “Senhor”, “Deus”. É a força masculina mais elevada e pura do Cosmos, a primeira manifestação do pólo positivo, um poder dinâmico, impetuoso, incontido, representado pelo falo ou *linga*, o órgão sexual masculino. Mas isso é apenas uma representação, pois não devemos entender essa referência sexual em termos de sensação física e erótica, mas sim como um fluxo e corrente de energia cósmica positiva. Essa energia será convertida em negativa, gerando a terceira Sefhira, Binah, e aí ficará “retida” para que tenha início a formação do universo que se manifestará em níveis de densidade, funcionando sempre em polaridade criadora. Chokmah é o Pai Divino em seu nível mais abstrato e o impulso criador e fecundante do que virá a ser o universo manifestado e material. É um centro de energia dinâmica em ebulição, energia ativa e estimulante em movimento.

Chokmah é o plano *amupadaka*, termo sânscrito que significa “sem pais”, quer dizer, aquele que existe por si mesmo como uma atividade, uma fluidez e desdobramento da Sefhira Kether, um fluxo de força de pré-manifestação. Talvez seja relativamente difícil de conceber essas idéias em nossas mentes, mas não há outra maneira de descrever a natureza dessa Sefhira.

Em Chokmah não há veículo de manifestação ou corpo sutil, pois é um plano ou estado de consciência em que a energia espiritual é pura,

amorfa e em movimento. Entretanto, o Iniciado em Chokmah torna-se um Mago verdadeiro e completo, Iluminado, com visão e discernimento espirituais, conhecendo o segredo da polaridade cósmica e o significado espiritual do sexo e da alternância da polaridade nos planos de manifestação.

Chokmah é a Esfera do Arcanjo Ratziel, o “Segredo de Deus”, o Arcanjo do Mistério, o Guardião da Sabedoria, a Inteligência diretora da força que impulsiona as descobertas que contribuem para a evolução da humanidade. Ratziel dirige a Roda da Criação, ou seja, o Coro dos Auphanim, mantendo-a em movimento perpétuo, gerando a força, a energia, que flui para criar a forma. Os Auphanim são as inteligências ou anjos das estrelas que animam as constelações, especialmente a roda zodiacal.

Psicologicamente, todo Iniciado na Sefhira Chokmah deve estar completamente livre das repressões e imune às dissociações psico-patológicas, deve estar com todas as partes da sua natureza humana e espiritual equilibradas e desobstruídas para que possa fluir essa corrente de força de Chokmah. Essa força é atraída para baixo, para o Adepto, por meio do Tetragrammaton, ou o nome de quatro letras – YHVH (Yod, Heh, Vau, Heh, Jehovah) – para ascender novamente e ser orientada conforme sua vontade. É um trabalho de extrema devoção à Grande Obra, à própria evolução, e sem essa virtude não é possível atingir essas alturas do Espírito.

O número da Sefhira Chokmah é 2 (dois), porque Chokmah é o desdobramento da primeira Sefhira Kether. Dois é o número da polaridade, dos pares de opostos que regem todo o universo manifestado cujo Pai é o pólo positivo da Mãe para a qual toda a força de Chokmah é direcionada.

Os dois do Tarô estão em Chokmah e expressam o início e o desdobramento de algo. O dois de paus é domínio e poder estável; o dois de copas expressa a força da fluidez e da harmonia entre os opostos em todos os níveis; o dois de espadas representa o equilíbrio das forças, o fim de uma luta e a restauração da paz; e o dois de discos é a expressão dos pares de opostos no plano mais denso e suas mudanças de maneira equilibrada na matéria e nas coisas mundanas.

Na Árvore da Vida, a cor de Chokmah é cinza para representar e simbolizar a Luz velada da Unidade, a Luz de Kether densificando-se sutilmente em Chokmah.

Astrologicamente, Chokmah é a Esfera do Zodíaco (*Mazloth*, em hebraico), as forças cósmicas que são “filtradas” pelas constelações zodiacais e que se qualificam para influenciar toda a Existência. Essas constelações constituem a Roda do Zodíaco, que é representada graficamente por uma roda com 12 raios.

Netuno, após sua descoberta no século XIX, passou também a representar a força dessa segunda Sefhira e é co-regente do signo de Peixes. A força netuniana é dinâmica e tempestuosa, sutil e elevada, representa a sabedoria a ser alcançada por todo aquele que está preparado, mas também impulsiona o indivíduo despreparado e não muito evoluído a cometer atos rebeldes e irracionais cujos resultados ele não terá controle.

Na mitologia, os deuses que têm correspondência com Chokmah, ou mais especificamente com o planeta Netuno, são os deuses masculinos da sabedoria oculta e dos oceanos (entendidos aqui como o Espaço e seu fluxo de força cósmica positiva): Poseidon (o deus grego rebelde e impetuoso dos oceanos e das tempestades, que preside a fertilidade masculina e a sabedoria oculta; Netuno (o equivalente deus romano); Varuna (o equivalente deus hindu); Niord (o equivalente deus escandinavo); Ea (o equivalente deus babilônio); Dagon (o equivalente deus caldeu/hebreu); Paikea (o equivalente deus maori); Igigi (o equivalente deus sumeriano, o deus do espaço e das estrelas).

A Qlipha de Chokmah é Ghogiel, os “Estorvadores”, e aqui o indivíduo débil será impedido de avançar em sua evolução, terá obstáculos e será confinado em vez de fluir na força positiva de Chokmah.

Seu arquidemônio é Beelzebub (deus fenício), traduzido como “Senhor das Moscas” ou “Senhor dos Escaravelhos”. É o deus da perseguição e dos obstáculos, que provoca a queda dos reis patriarcais, mas já foi considerado um deus bom, curador, guia das almas e deus dos oráculos.

Assim como Jehovah, Baal-Zebud é o “Senhor”, e seu aspecto opressor e estorvador se assemelha com o Jeová de certos fanáticos que distorcem ainda mais o que já está distorcido: os textos bíblicos.

A Bíblia é certamente uma coisa polêmica. Mas se todo o conhecimento divino e humano fosse apenas a Bíblia, o mundo seria um grande tédio e estagnação, um estorvo. Contudo, as pessoas gostam de polêmicas.

Com a presunção característica de quem se crê puro e salvo, esses fanáticos inconvenientes, que chamam a si mesmos de “testemunhas”, recriaram uma “nova” Bíblia, inclusive alterando o título, adaptada às suas próprias conveniências e caprichos, com uma interpretação da “palavra de Jeová” já pronta e enlatada para engolir. Afinal, esse Jeová bíblico também é assim, caprichoso, egoísta, ciumento, acusador, repressor e sem graça. E os senhores dirigentes dessa coisa, que não se sabe ao certo se é religião, igreja, salão, tribunal, banca circulante de revistas, livraria ambulante, etc., possivelmente acreditam ser um modelo de Jeová na Terra, ditando ordens e procedimentos comportamentais na vida das “testemunhas”. É preciso do policiamento de outras “testemunhas” para que qualquer outra “testemunha” não caia nas garras de Satã e dos “espíritos iníquos”, ou se converta para alguma religião ou seita “satânica”, quer dizer, todas as outras religiões, seitas e doutrinas do mundo, sejam orientais ou ocidentais, milenares ou modernas.

Eis aí um verdadeiro estorvo para a liberdade e para a evolução psicamental e espiritual; mais uma influência qliphótica entre tantas.

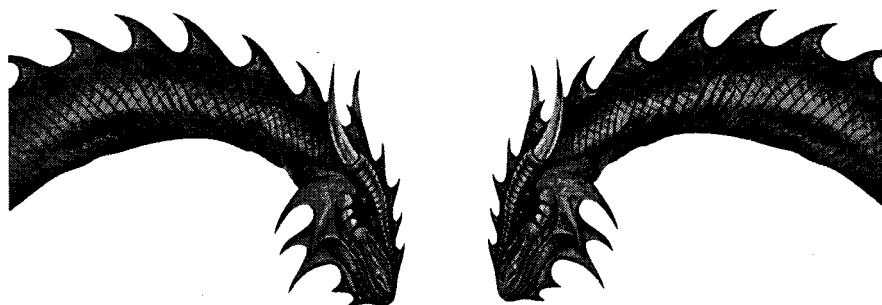
O “estorvo” de Ghogiel também é manifestado pelas dificuldades inerentes à própria existência mundana e material, os obstáculos e empecilhos que visam barrar lamentavelmente o impulso de vida da maior parcela do mundo com problemas de toda ordem, inclusive os conflitos irracionais e

egoístas entre os sexos (as “testemunhas” de Deus não podem fornicar, ou seja, fazer sexo sem casar, mas concordam com a condição submissa da mulher).

O desperdício de energia e suas fontes naturais é outra ação do poder estorvador de Ghogiel, que mina a Terra e nos deixa à mercê de uma falência planetária. Há a alternativa da energia atômica, mas o ser humano ainda não está preparado para usá-la com perfeita segurança, ainda não tem completo domínio sobre essa força extremamente contaminante e perigosa, ficando essa alternativa energética e suas conseqüências catastróficas sob os domínios qliphóticos de Ghogiel, a força sinistra da segunda Sefhira.

Para além das Esferas de Binah e Satariel na Árvore do Conhecimento, há poucos arquétipos mitológicos que as representam. Chokmah é uma Sefhira muito elevada e sutil, energia pura e livre, e sua Qlipha, Ghogiel, chega a representar um sutil entrave para as forças cósmicas e humanas, que pode ser percebido e transcendido. Entretanto, podemos associar o já citado Jeová bíblico como seu arquétipo qliphótico.

Os símbolos utilizados aqui são o cetro e o falo. O cetro já foi abordado na Sefhira Chesed (Júpiter), que é um desdobramento imediato de Chokmah no Pilar da Misericórdia. O falo (ou *linga*, em sânscrito) simboliza o princípio masculino abstrato, primordial e espiritual do universo, é a força masculina impetuosa, o fluxo de energia livre em direção ao Receptáculo feminino para gerar a Vida; tem correspondência com o cetro e o cajado.



Primeira Sefhira e sua Qlipha



Kether – Thaumiel

Kether é a primeira Sefhira da Árvore da Vida e quer dizer “Coroa”. Seu nome divino é “Eheieh”, que significa “Eu Serei”, indicando que Kether é a origem de tudo o que será. É a coroa de toda a Criação e a partícula espiritual, a centelha divina pura que coroa o homem. É o plano adi, o “primeiro”, o plano supremo e primordial do Deus Desconhecido, o qual devemos buscar, porque a vida, a matéria – seja lá em que nível de densidade – e nossa personalidade, são efêmeras e transitórias. Apenas nossa centelha divina, que deve se tornar autoconsciente, é imortal. É o plano do Amorfo, do Puro Ser Desconhecido, da Existência latente. De Kether tudo surgiu e é para onde tudo retornará, para onde todo o universo manifestado se recolherá após uma evolução cósmica.

Mas há uma inteligência em Kether e esta é o Arcanjo Metatron, o “Príncipe das Faces”, que leva a influência do Puro Ser para a manifestação, possibilitando à matéria “aterrar” o Espírito Puro e condicioná-lo na forma, ou seja, conduz o Iniciado até a presença do Supremo Deus, que é a essência de todos os Deuses.

A fonte dos Elementos em seu aspecto mais puro e espiritual é o Coro Angélico dos Chaioth ha Qadosh, as “Criaturas Vivas e Sagradas”. Esses Elementos atingem o ápice da materialidade e da atividade na Esfera de Malkuth. A fusão desses Elementos em Kether e sua expansão no processo de Criação têm representação na famosa cruz suástica ou cruz gamada.

Assim como Chokmah, tentar falar de Kether de forma objetiva nos leva a idéias aparentemente inconcebíveis em nossas mentes ainda em evolução na matéria densa. Kether é a Unidade Indiferenciada na qual não existe qualquer manifestação dos pares de opostos. É um plano e um estado cósmico de latência das forças positivas e negativas que criam o universo. Kether é uma Sefhira indefinível que contém o potencial de toda a Criação visível e invisível.

Isso pode ser visto no símbolo taoísta do *Yin* e *Yang*, que mostra os dois princípios opostos do Universo contidos um no outro. O taoísmo representa a “natureza” de Kether, que é essa interação latente dos opostos. O Caminho (Tao) do Espírito Divino é a manifestação que só é possível por meio das forças opostas para criar. Portanto, o Tao é o curso da Energia Cósmica Primordial despertada de sua latência (Kether, *Yin/Yang*); do Tao, ou Kether, surge a consciência divina que funciona em polaridade, “descendo” os níveis de densidade e criando o universo e o mundo em que vivemos.

O Taoísmo ensina que em essência a vida deve ser simples, assim como é a essência de Kether; ensina que todos os seres fazem parte da Unidade, que são partículas espirituais do Absoluto. O Tao busca essa reintegração e harmonização com o Espírito Supremo, ou Energia, que sustenta toda a Criação e pode elevar a consciência humana, especialmente do Iniciado.

Em Kether, o Iniciado, com a plena capacidade de êxito na Grande Obra, sente a eternidade em sua consciência e uma sensação indescritível de que é imortal, compreende profundamente a transitoriedade das coisas, uma compreensão que está além do pensamento humano. Aquele que atinge Kether une-se ao Deus de si mesmo – implicitamente masculino e feminino, mas latente – e torna-se pura autoconsciência espiritual sem qualquer tipo de forma ou veículo de manifestação limitante e condicionante, sem qualquer resquício de matéria, apenas o aprendizado e a sabedoria da evolução.

Kether é a Unidade perfeita e original; logo, é expressa pelo número 1 (um). O um é o ponto, o centro, o princípio, a origem da multiplicidade cósmica, divide-se em dois, meio masculino meio feminino, em uma operação de divisão-somatória, com o surgimento do primeiro par de opostos, as Sephiroth Chokmah e Binah.

Todos os ases do Tarô são expressões de Kether, expressões da força primordial e primária dos Elementos. O ás de paus é o Puro Espírito em si mesmo, a origem de tudo; o ás de copas indica o princípio do desdobramento do Puro Espírito e seu direcionamento; o ás de espadas é a força tornada consciente e invocada para o bem ou para o mal; e o ás de discos expressa a força espiritual materializando-se e proporcionando o desfrute das coisas materiais.

A cor de Kether é o branco, a cor que não é uma cor e sim a soma de todas as cores, as quais estão invisíveis assim como todas as Sephiroth estão em Kether como sementes ou embriões latentes. O branco reflete todas as cores porque possui todas as cores ou energias, formando a pura luz branca, portanto é a cor da pureza e do Puro Espírito de Kether.

Astronomicamente, as nebulosas do espaço infinito representam Kether. São universos latentes em massas esbranquiçadas ou de outras cores formadas de poeira cósmica e gases muito rarefeitos, são os Primeiros Remoinhos da Criação (*Rashith ha Gilgalim*, em hebraico).

Astrologicamente, Plutão representa Kether. Foi descoberto no século XX e sua órbita define o limite extremo de nosso sistema. Não há um consenso quanto a sua qualificação como um planeta, sendo até mesmo considerado um corpo alheio ao sistema solar e que foi capturado pela órbita de Netuno (tal é sua característica trans-planetária, assim como Kether). Sua energia é renovadora, rege o surgimento da vida e seu desaparecimento na morte ou absorção cósmica. É co-regente de Escorpião e rege as mudanças radicais em grande escala, e conduz à Realidade Suprema e à evolução espiritual em seu ápice, com todas as transformações necessárias, nos processos da vida e morte, destruição e renovação.

O Iniciado incapaz de agir no mundo físico e de aprender suas lições adentra inevitavelmente na Qlipha de Kether: Thaumiel, os “Gêmeos de Deus”, as “Forças Combatentes”.

Moloch é seu arquidemônio (o deus fenício), o semeador de pestes e o senhor dos sacrifícios de crianças. Mas Moloch nada mais é do que Melek, o “Rei” das Qliphoth.

Em Thaumiel, a consciência se desorganiza e se confunde em um lamaçal de incoerências (como em Daath, que está no mesmo Pilar Central que Kether/Thaumiel). A individualidade não adquire coesão, não se diferencia do caos qliphótico e é aniquilada, tornando quase inútil a existência do indivíduo espiritualmente incapacitado que é vítima dessas “Forças Combatentes”, desse caos amorfo.

Os “Gêmeos de Deus” são todos os sofrimentos desnecessários no mundo devido à ignorância e à ausência de uma certeza interior da existência de um Poder Supremo acima da Criação e em nós mesmos, pois somos parte desse poder.

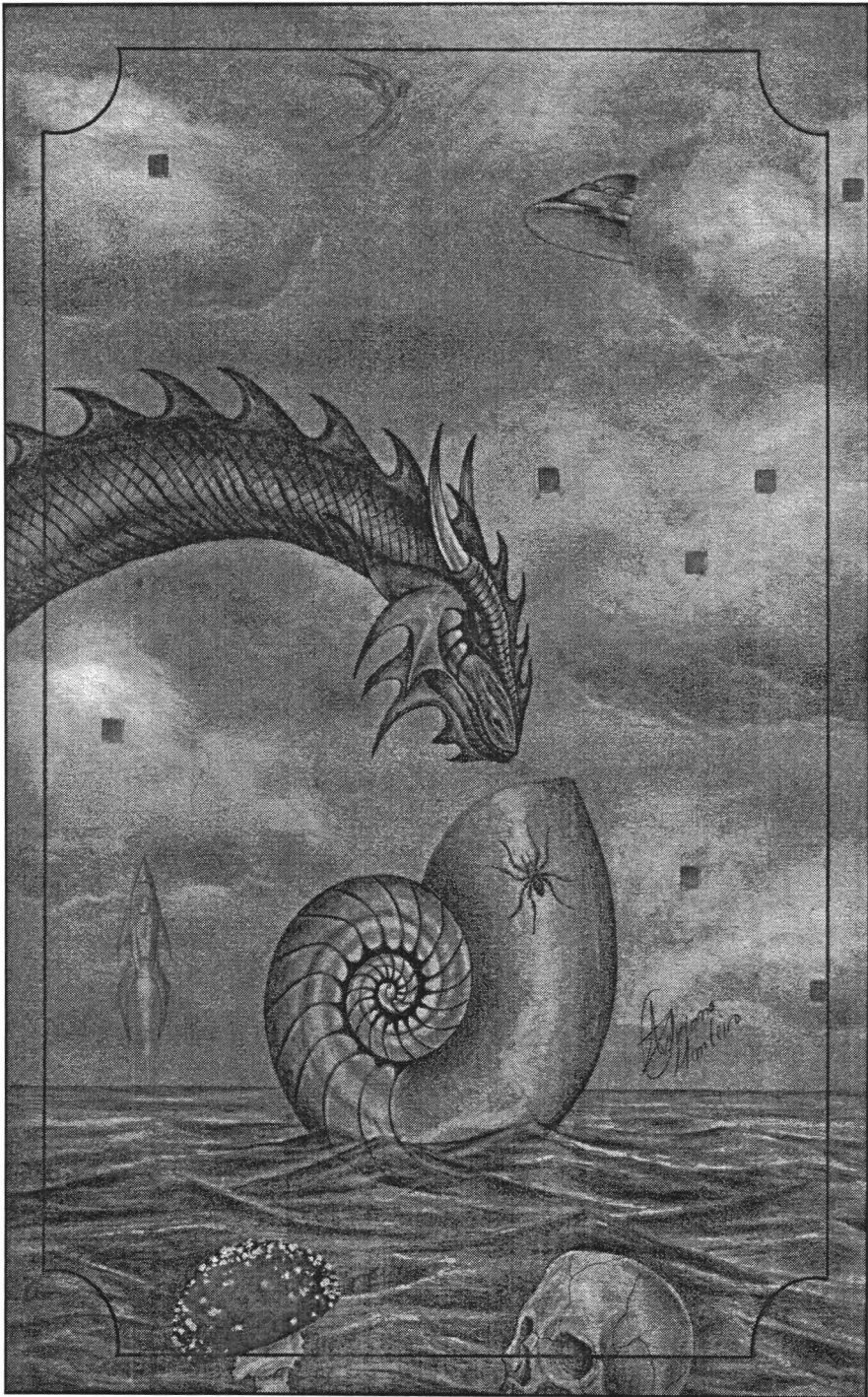
As “Forças Combatentes” da estupidez – ou teimosia na ignorância – é que impossibilitam a paz de espírito na humanidade que se recusa a aprender a viver e despertar para uma vida superior.

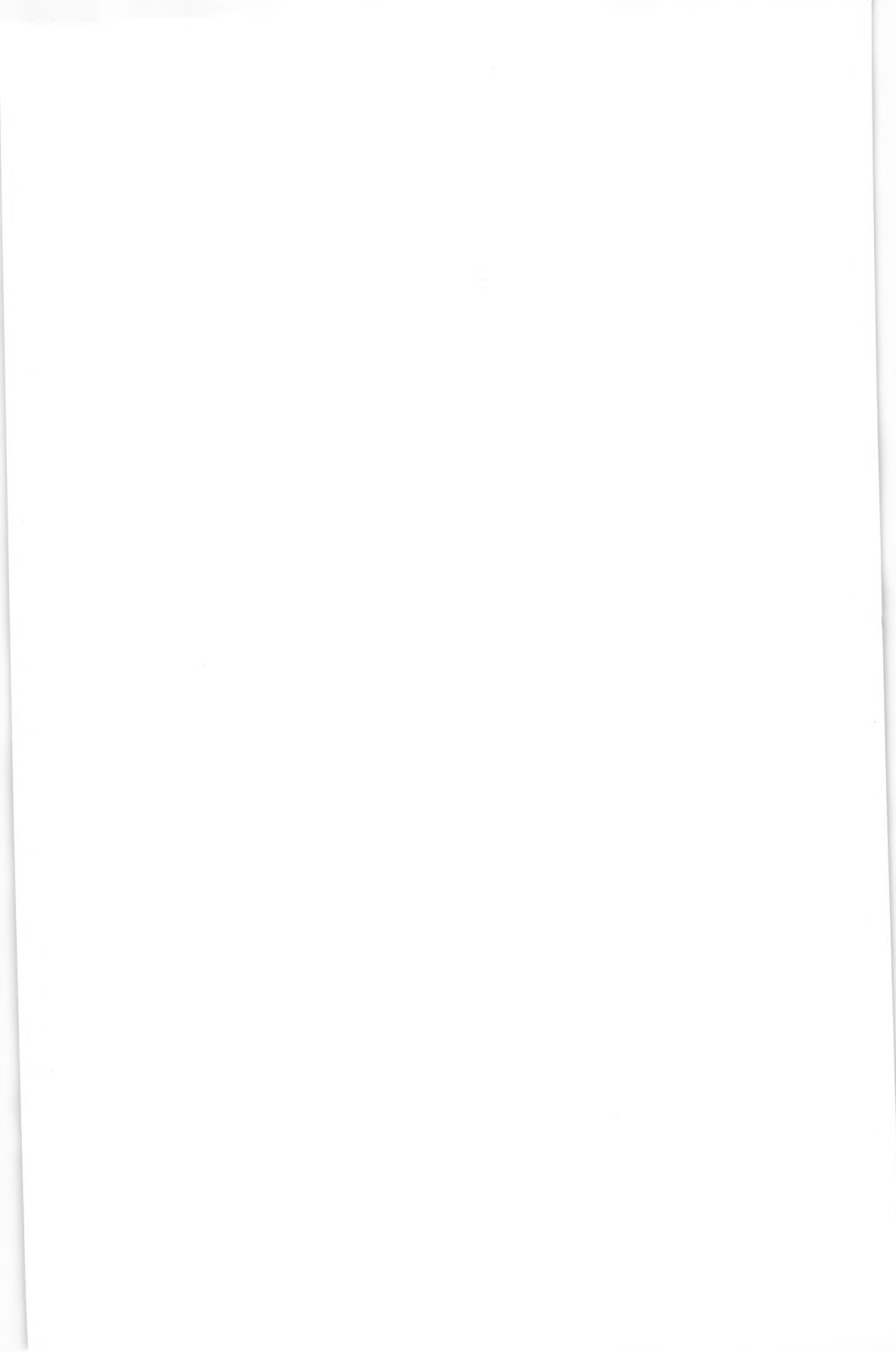
Na mitologia, podemos citar o deus grego Hades e o deus romano Plutão, ambos já referidos na Esfera de Malkuth/Lilith, que é Kether em um arco inferior. Outras correspondências mitológicas são: o deus hindu Brahman, o Princípio Espiritual do Universo, o Absoluto, a essência de Brahma; a deusa hindu Aditi, a Deusa Imanifesta do Espaço Infinito; Nuit ou Nu, a deusa egípcia equivalente a Aditi, associada também ao Véu de Ain Soph Aur.

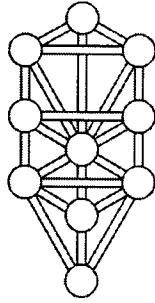
Os símbolos cabalísticos são: o ponto, a suástica e a coroa. O Ponto é a Primordial Latência Espiritual que irá se diferenciar e expandir; é a origem de Tudo, o Princípio Imanifesto do Universo.

Sobre a suástica já falamos em Chesed. A suástica aqui é o primeiro movimento (*Primum Mobile*) originando-se do ponto para dar início à Criação.

A coroa simboliza o Princípio Espiritual Absoluto, o Rei do Universo em toda a sua abrangência, assim como é a consciência espiritual totalizada do ser humano.

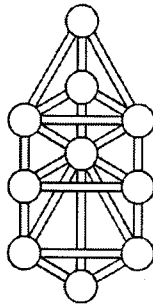


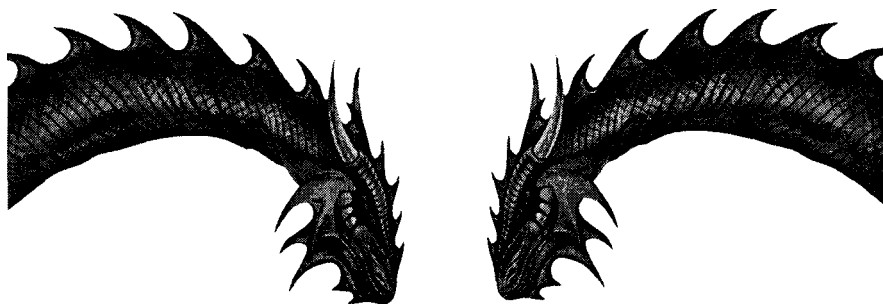




Parte 2

Os Caminhos e seus Túneis





Décimo Primeiro Caminho e seu Túnel

№ 0

Aleph – Amprodias

Aleph é a primeira letra do alfabeto hebraico e o primeiro Caminho propriamente dito da Árvore da Vida, que liga Kether a Chokmah. Mas devemos nos lembrar que há 32 Caminhos na Árvore, contando com as Sefiroth. Assim, Aleph é o Décimo Primeiro Caminho; o Décimo é Malkuth.

Aleph é como o Alfa grego, a origem de tudo. O Arcano 0 (zero), O Louco do Tarô, é o correspondente de Aleph e representa Kether – o Ovo Cósmico – que dá origem ao universo manifestado. Aleph significa “boi” e representa aqui a energia ativa que será materializada no universo visível e na Terra, que são o ponto de partida para a evolução espiritual humana.

O Louco simboliza o êxtase espiritual, a sabedoria e o princípio primordial da Criação cuja origem é a Mente “Vazia” do Louco. O Vazio (Sunyata) é o Zero (algarismo que possibilita expansão numérica infinitamente grande), que é o Ovo com toda a Vida latente que também se manifesta infinitamente. O Louco (o Ovo) é andrógino, mas também é assexuado, pois os pares de opostos das forças cósmicas se anulam uns aos outros, estabelecendo-se assim o equilíbrio perfeito da inatividade e do repouso que é o próprio Zero inativo ou Nada.

Esse equilíbrio perfeito e primordial do Nada, que é origem de Tudo, é o resultado da soma ou união entre a Energia Masculina da Unidade (+1)

mais a Energia Negativa Feminina (-1) que é igual a Zero: $(+1) + (-1) = 0$. Eis a Dissolução Universal, Laya, o ponto neutro e indiferenciado no centro do Nada. Essa Dissolução é representada pelo Círculo, símbolo da totalidade do universo.

Assim, o Caminho do Louco expressa o Nada Criador que é a Origem Neutra da Mente e do Pensamento Divino. No Nada apenas há o Silêncio Absoluto nesse Vazio, o Silêncio do Pensamento Divino. Esse Deus do Vazio é o Grande Louco que cria em sua “cabeça vazia” o próprio universo, a manifestação de Kether.

Portanto, o ovo, o zero, o vazio e o nada representam a vida em potencial latente, a própria semente do cosmos na qual estão contidos todos os quatro Elementos que constituirão o universo em sua manifestação.

Mas o Ar é o primeiro Elemento a entrar em atividade. Ele ativa o Fogo Criador de tudo o que irá se manifestar no Cosmos. O Ar é o Sopro de Deus que vivifica o Fogo, que, por sua vez, aquece o Ovo do universo em sua grande incubação cósmica e divina que é o primeiro movimento, o primeiro impulso criador, os primeiros remoinhos (Rashith ha Gilgalim) de Kether, como espirais de ar quente.

Kether é a Luz Oculta Primordial, é Luz Negra e é Luz Branca onde ainda não há qualquer manifestação da vida cósmica diferenciada, portanto uma não-vida, do mesmo modo que não podemos ver absolutamente nada em qualquer luz absoluta, bem como em qualquer escuridão absoluta. Quando não há a percepção da vida e da consciência, não há existência e qualquer manifestação cósmica.

E para aqueles que se acham seres da luz, só luz, são equivocados que não compreendem o contraste dos opostos para que haja manifestação visível da vida e do universo em seus vários planos de densidade. Essas pessoas negam as trevas para ficarem na cegueira causada pela luz total onde não se pode ver nada! Para haver diferenciação, vida, diversidade, é preciso a interação da luz e das sombras, como é mostrado no símbolo taoísta do *Yin* e *Yang* já mencionado.

Todo o universo manifestado será absorvido por essa Escuridão Divina, de volta ao Zero, ao Nada repousante, ao Ovo, entrando, dessa maneira, no Pralaya, o Grande Repouso Cósmico, por uma “eternidade periódica” inconcebível para a limitada mente humana ordinária, para novamente dar início a um “novo” universo que se expandirá, quer dizer, o nascimento de um novo Manvantara ou período de atividade cósmica.

No ser humano, o Louco representa o próprio Iniciado que vai sendo “desintegrado” no Caminho de Aleph, em direção à Esfera de Kether, com todos os seus princípios e aspectos psicomentais. O Iniciado é absorvido na Origem de tudo, na Luz Oculta e é integrado com sua consciência espiritual no Grande Ovo Zero do Universo, no êxtase da Dissolução.

O Caminho de Aleph pode proporcionar sabedoria, genialidade, intuição elevada, entusiasmo, reforçar a lucidez, possibilita a liberdade de pen-

samento e idéias, criatividade, inovação. Mas é preciso que o indivíduo esteja buscando conscientemente evoluir, que esteja disposto a vivenciar e experimentar as forças dessas dimensões de consciência.

Na Árvore da Morte, o correspondente ao Caminho ou Túnel de Aleph é o Túnel qliphótico de Amprodias, que liga a Qlipha Thaumiel a Ghogiel. É o Túnel da “irracionalidade”, dos poderes extra-humanos que podem parecer loucura. O Iniciado que penetra nessa dimensão se liberta e expande sua consciência para outras realidades, muito além do que a mente comum pode conceber.

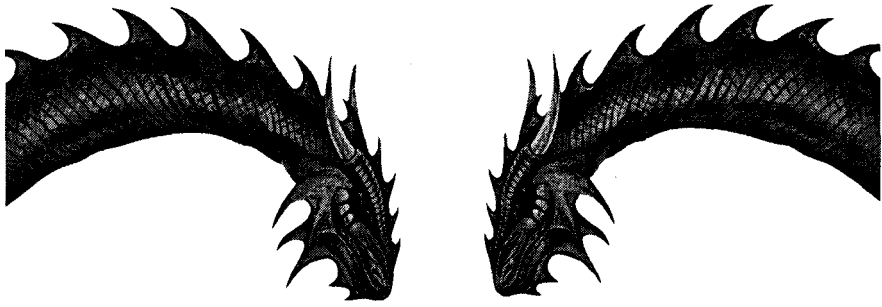
O Túnel de Amprodias pode proporcionar o vislumbre de espécies de consciência alienígena ou não-humanas, de outras formas de existência, de dimensões desconhecidas. Entretanto, o indivíduo percebe que o universo manifestado é uma grande brincadeira aparentemente desprovida de significado, um estado de consciência irracional e insano que o faz sentir-se uma vítima da Criação.

No ser humano débil, as energias do Túnel de Amprodias causam desespero e tristeza diante da insignificância e da fragilidade da existência, da crueldade da vida como um todo, tornando-o mesmo assim, apegado à rotina aparentemente “segura”, aborrecido, inquieto, ansioso e com medo do futuro e de possíveis mudanças em sua vida. Há também uma inconsciente preocupação com seu destino espiritual, o que pode levá-lo a contrair vícios mundanos.

A distorção causada por esse Túnel qliphótico na raça humana pode ser vista em diversos desvios e patologias psicomentais, como insensatez extrema, estupidez, instabilidade, comportamento impulsivo e inconsciente, irracionalidade, passividade diante daquilo que provoca pavor, etc. Pode ocorrer certos tipos de isolamento voluntário e mórbido, abandono de si mesmo, comportamento errante e entregue à fatalidade, muita insegurança e deslealdade temerária.

Indivíduos extravagantes demais, parecendo uma espécie de loucura, buscam de maneira inconsciente ocultar suas debilidades e patologias e muitas vezes se fazem de vítimas das circunstâncias. Suas relações são instáveis devido ao estado emocional e evolutivo imaturos, mas, principalmente, por causa de sua irresponsabilidade e de sua deslealdade. A irresponsabilidade pode se generalizar, e o indivíduo fraco sente-se insatisfeito com tudo, comprometendo lamentavelmente sua saúde mental e física, o que o faz recorrer ao abuso de remédios e outros meios de fuga.

Por outro lado, todo indivíduo devidamente preparado saberá assimilar o conhecimento dessa dimensão, poderá sentir-se feliz por saber que tudo é eterno. Ele estará seguro, com sua sanidade intacta. Aqui, a risada e a gargalhada o preservam da loucura, da dissociação de personalidade e dos delírios. As gargalhadas aliviam e dispersam as tensões psicomentais e servem para banir todos os medos e receios, coisa que os antigos nórdicos provavelmente já sabiam.



Décimo Segundo Caminho e seu Túnel

𐤁 𐤀

Beth – Baratchial

O Arcano I do Tarô, O Mago, é o Caminho de Beth que liga Kether a Binah. Esse Caminho é uma transição entre o Absoluto e a Raiz da Matéria, e é uma força que dirige o Espírito Supremo para a Fonte da Matéria. O Mago é Mercúrio, o “mensageiro” divino que transmite a Energia do Supremo Desconhecido (Kether) para o Caos manifesto de Binah. O Mago controla a Força Divina que provém da Origem de tudo e a dirige até a Esfera de Binah, onde se desenvolve a Vontade Criadora do Pai-Mãe Não-Manifesto, a Vontade de formar por meio da Energia Pura existente.

Mas o Mago não cria, apenas canaliza e organiza a Energia que contém o potencial da Criação e a faz vibrar, quer dizer, inicia o processo de atividade criadora, o movimento da Vida que deseja se formar, mas que antes permanecia em Silêncio no Vazio.

A Energia Pura é a própria semente latente de todos os Elementos que formarão o Universo preenchido pelo Espírito divino. A letra hebraica Beth significa “casa”, sendo este o Caminho pelo qual o Mago organiza a Matéria do universo manifestado para tornar-se então uma “casa”, uma habitação para o Espírito Supremo.

No Caminho de Beth-Mago está o Princípio da Vibração, pois tudo no universo vibra em níveis variáveis de energia, seja espiritual, mental, astral ou material. A vibração tem início, e assim cria a vida em diferentes graus

vibratórios de densidade de uma única e mesma energia cósmica ou divina, conforme os planos de manifestação, desde a mais baixa vibração, que é matéria densa e grosseira, até a mais rápida e elevada, que é o Espírito Puro de Kether.

Assim, o Mago é o Verbo Divino, uma projeção ou desdobramento da Mente Unitária antes em Silêncio. É o Caminho do Verbo Criador, aspecto da Unidade, o Primeiro *Logos*, o canal primordial do Pensamento Divino que é transmitido à Manifestação.

O Iniciado também encarna o Princípio da Vibração, quando pronuncia os nomes de poder, as palavras de invocação, os mantras, etc., em seus rituais, criando assim seu próprio universo mágico dentro de si e em seu templo físico-astral.

Como mencionado, o Caminho do Mago é um canal de manifestação do deus Mercúrio, e seu Caduceu representa aspectos de atividade da força cósmica e bioenergética. As asas do Caduceu representam o elemento volátil, a energia sexual volatilizada e transmutada; o bastão ereto representa a coluna vertebral pela qual sobe essa energia, também chamada de Kundalini, já abordada anteriormente; as duas serpentes são os canais etéricos ou energéticos Idá e Pingalá que surgem dos órgãos sexuais, são a polarização e o equilíbrio das forças ativa (Od) e passiva (Ob) de uma mesma energia (*Yang* e *Yin*). Od e Ob são as forças opostas que mantêm o equilíbrio do universo, que se unem para criar, e cujo resultado é a Luz (sobre o fundo negro das sombras). No ser humano evoluído, tal Luz é a consciência; no universo manifestado representa o Sol e todas as estrelas.

Pelo que precede, vemos que o Caduceu de Mercúrio, ou de Hermes, é um símbolo sexual sagrado em sua expressão mais elevada e nobre, porque Deus é sexo, e sexo é uma força divina desde o Alto até o mais denso, na natureza e na matéria, por meio da polaridade natural inerente à própria vida.

A influência do Caminho de Beth pode ser observada no ser humano por meio da sabedoria, inteligência, criatividade, vontade, astúcia, iniciativa, dedicação aos propósitos, pela capacidade de adaptação e de causar mudanças quando necessário, etc. Estas são as qualidades do magista que sabe agir e sabe o que quer, que possui o conhecimento e o discernimento para realizar sua vontade. Mas, lamentavelmente, a maioria das pessoas realmente não tem uma vontade verdadeira, e sim, um terrível agregado de desejos, cobiças e caprichos vacilantes e contraditórios.

A distorção qliphótica do Caminho de Beth-Mago é o Túnel de Baratchial, que liga a Qlipha Thaumiel a Satariel, no qual a mente racional, a consciência, é afetada pela alma animal. Esse fenômeno às vezes acontece por si mesmo e de maneira inconsciente, entretanto ele pode ser provocado com a utilização de perigosas substâncias enteógenas e bioquímicas. Sem orientação e devida segurança, é um procedimento arriscado e não deveria ser realizado por indivíduos inconscientes e inconseqüentes. A agres-

siva e primitiva mente subliminar e instintiva, ou alma animal, trazida à tona para manifestar-se na mente consciente conduz o Iniciado à exploração qliphótica de mundos e estados de consciência desconhecidos.

Baratchial é o Mago qliphótico e sua representação na Terra pode ser encontrada em alguns aspectos dos feiticeiros xamãs do mundo inteiro. Os verdadeiros xamãs que nascem e vivem em certas tribos ou clãs espalhados pelo mundo freqüentemente fazem uso de substâncias enteógenas e tóxicas para libertar seu espírito em busca de conhecimento e soluções para sua tribo. Essas viagens psiconáuticas às vezes se dão nas dimensões sombrias do universo, ou seja, nos planos qliphóticos com seus característicos habitantes e formas de vida consciente que podem ser perigosos para o indivíduo fraco e temerário e que ainda não foi iniciado no uso correto e controlado de tais substâncias.

Esse interesse por substâncias enteógenas é resultado da descoberta do conhecimento e do que ele pode trazer. É tão antigo quanto a própria humanidade, desde o tempo em que os frutos da Árvore do Bem e do Mal despertaram o estímulo por mais e mais conhecimento e por experiências psicomentais e espirituais além das banalidades da vida material. Essas substâncias, em geral naturais, também podem aliviar as dores da existência, sejam do corpo ou da alma, buscando-se a cura de maneira holística. De fato, a linha que separa a cura e a morte é quase imperceptível quando se trata de substâncias enteógenas relativamente tóxicas. Contudo, nesses assuntos a diferença entre bem e mal é só uma questão de dosagem e de percepção.

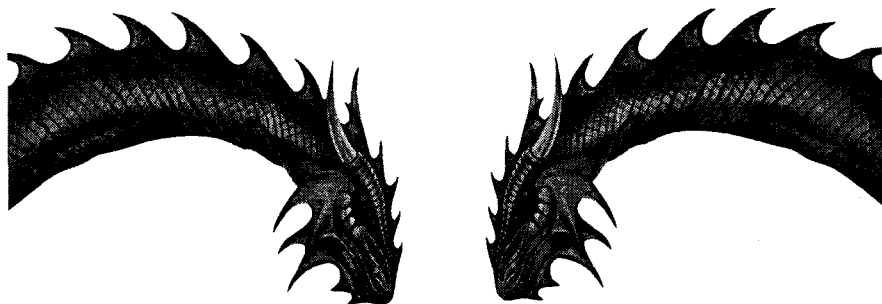
Os instrumentos ritualísticos do “mago qliphótico” e do psiconauta xamânico são diversos, mas podemos citar: o cachimbo queimando alguma planta “sagrada” (Elemento Ar); o bastão de osso e a fogueira (Elemento Fogo); a taça de crânio com bebida enteógena (Elemento Água); e o tambor (Elemento Terra), entre outros.

O terrível poder do Túnel de Baratchial influencia a humanidade por meio das descobertas químicas e do cientificismo negro que pesquisa a mente e a maneira como ela pode ser afetada, de forma a aumentar o prazer, expandir a consciência, adquirir conhecimento e facilitar a busca da verdade pelo meio mais rápido porém mais perigoso, se não estiver sob controle. Baratchial também possibilita a descoberta das drogas farmacológicas e a manipulação química do meio ambiente natural.

O indivíduo fraco e de psique instável sofre as influências de Baratchial de forma degradante. Torna-se abatido, desanimado para agir, é indeciso em todas as áreas de sua vida. De espírito pobre, o ser humano acomodado em crenças pré-estabelecidas e não vivenciadas se vê horrorizado com a possibilidade de expandir sua consciência até mesmo pelos meios mais seguros. Esse é um dos motivos que os ocultistas científicos e magos às vezes são vistos com temor e desdém vacilante típicos dos covardes.

Os cientistas de Baratchial são aqueles indivíduos de inteligência mecanóide e automática e escravos da ciência, sem discernimento e sem sensibilidade.

Por outro lado, a maioria dos indivíduos comuns e inconscientes é escravizada pela bem propagada cultura massificante e popularesca como um zumbi manipulado por uma vontade mais forte. Sobre isso, o leitor pode recordar do que falamos nas Esferas de Mercúrio, Hod/Samael.



Décimo Terceiro Caminho e seu Túnel

⌘ II

Gimel – Gargophias

O Décimo Terceiro Caminho é A Sacerdotisa, o Arcano II, o Caminho de Gimel, que significa “camelo”. Gimel liga Kether, o Absoluto, a Tiphareth, o Eu Superior. O camelo representa as Forças que conduzirão o indivíduo no longo Caminho solitário e assustador em busca de Deus, cruzando o Abismo do Conhecimento, Daath. O camelo é o “veículo” que cruza esse Abismo de desolação no caminho iniciático no qual o Iniciado vive a escuridão da alma antes de chegar ao fim, ou Absoluto (Kether).

O Caminho de Gimel é o canal das energias de Daath, ou conhecimento sem compreensão, que pode enlouquecer, mas é também um canal das energias de Binah-Compreensão, a Grande Mãe. Esse canal, ou Túnel de Gimel, liga então o Pai (Kether) ao Filho (Tiphareth), e o Iniciado só conseguirá cruzá-lo até o fim se adquirir a compreensão – que o protege da insanidade – de todo o conhecimento caótico e disperso de Daath, de onde emerge a cabeça do monstro aquático Leviatã, expressão do conhecimento indomável e sem compreensão para aqueles que estão despreparados. Mas para os Adeptos competentes e autoconscientes, Leviatã torna-se o Dragão-Serpente da Sabedoria e da Iniciação, a Serpente Ouroboros que devora a própria cauda, símbolo da eternidade e do infinito.

O Túnel da Sacerdotisa está no Pilar do Equilíbrio na Árvore da Vida, entre as duas colunas do Templo da Ciência Oculta, ou Esoterismo, formando

a entrada para o Abismo do Conhecimento. O Templo é a própria Árvore e as colunas representam as sagradas forças duais ou polarizantes do universo que o sustentam e o equilibram.

A Sacerdotisa é a portadora do cálice sagrado ou graal, a taça que dá o Conhecimento. A taça da Sacerdotisa simboliza a *yoní*, o órgão sexual feminino e o útero no qual é gerada e formada a vida com o sangue real (*sangraal*) da linhagem semidivina ou do deus encarnado no humano superior. A *yoní* é a porta para o Ventre Materno Cósmico que contém as Águas que geram o universo. Portanto, a *yoní* representa o Mistério mais oculto do Esoterismo, o que torna a Sacerdotisa a representação mais elevada, sagrada e secreta (secretar, secreção sexual, o fluxo das Águas da Deusa Mãe) da Ciência Oculta, os Mistérios Divinos, *Gnosis*.

As Águas do Ventre Materno da Sacerdotisa, o cálice sagrado e a letra Gimel, ou o camelo – que é como a taça, capaz de reter ou armazenar água –, representam o Receptáculo, a Fonte Pura das formas que virão e irão fluir na corrente criadora, na secreção cósmica, densificando-se cada vez mais conforme descem aos planos de manifestação. Entretanto, essa Fonte Divina da vida jamais se altera e se macula porque a Sacerdotisa é sempre Virgem, incorruptível por ser divina, eterna e altíssima. Essa é a essência do significado da Virgem Maria arquetípica. Ela é a Mãe Divina, Stella Maris, que permanece eternamente pura mesmo gerando a vida e dando à luz. Sua “concepção” divina é imaculada e oculta, pois se trata de um dos maiores Mistérios do Esoterismo.

Gimel é um canal da Consciência Pura do universo, que é a origem das formas mentais, das formas-pensamento que irão constituir todo o universo manifestado. Essas formas, que antes eram energia amorfa, serão revestidas de matéria sutil para criação da vida em todos os planos cósmicos, vibrando cada vez mais densamente.

É no Túnel da Sacerdotisa que está o Segredo do Abismo, o Conhecimento de Daath, ocultado atrás da luz prateada da Deusa Mãe. A luz prateada é a Lua cheia que brilha na escuridão do Túnel de Gimel, o Grande Deserto. Ela é um véu que oculta o fluxo e refluxo da Consciência Pura, a mutação que se dá no processo de Criação, do sutil para o denso, e as infinitas transformações que ocorrem continuamente nesse processo criativo de formar a vida. A Lua-Sacerdotisa é a luz neutra nas trevas e unificadora das forças opostas cósmicas.

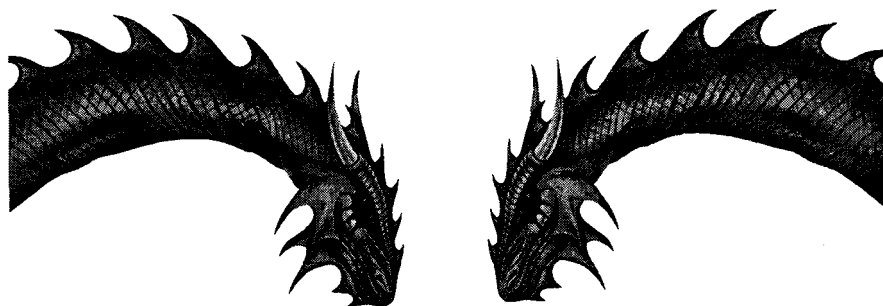
A Sacerdotisa manifesta-se sutilmente no indivíduo receptivo por meio da imaginação criativa, da boa memória, da compreensão, da intuição da alma e do desejo de saber. Ela o sensibiliza conferindo-lhe compaixão com discernimento, com paciência, com bom senso, infunde emoções saudáveis, discrição no falar, silêncio interior, senso de observação e segurança emocional. E especialmente nas mulheres, o fluxo de energia de Gimel infunde o instinto maternal e o desejo de gravidez.

O canal qliphótico da Sacerdotisa é o Túnel de Gargophias, que liga a Esfera qliphótica de Thaumiel a Thagiriron. Aqui está o poder sobre os sonhos e o poder do instinto para criar conforme a vontade. Gargophias conduz o Iniciado aos contatos extra-humanos de outras dimensões bem como outras formas de vida extremamente antigas da evolução terrestre, e aos mistérios da primitiva partenogênese – a autofertilização feminina com o desenvolvimento do óvulo sem a semente masculina.

No Túnel de Gargophias estão as imagens registradas do passado remoto da raça humana e do planeta. Imagens de uma época em que o ser humano era muito diferente do que conhecemos hoje, um período arcaico assustador de pré-consciência humana, em que predominavam a animalidade irracional e as repugnantes aberrações genéticas da natureza ainda em evolução, dos seres ainda sem mente, muito anterior ao desenvolvimento de uma civilização. Aqui estão as visões terríveis da crueldade da natureza que buscava o aperfeiçoamento de si mesma e das raças e seres recém-surgidos, uma manifestação densa e agressiva da Deusa-Sacerdotisa, como um pesadelo extraterrestre.

A influência qliphótica de Gargophias pode ser vista no nosso mundo como o conhecemos. Podemos ver seu poder nas experiências genéticas e nas mutações resultantes dessas aberrações científicas, na criação de vírus em laboratório, etc., estimuladas por mentes que buscam o segredo da manipulação da vida e a dominação do mundo, mentes expandidas e assombrosas que divagam na esperança de se tornarem deuses para criar conforme seus caprichos, “brincando” de Frankenstein.

A psique do indivíduo também é afetada inconscientemente por essa poderosa energia tenebrosa. Instabilidade emocional, freqüentes e fortes alterações de humor e caráter, inconsciência generalizada, fantasias e ilusões permanentes, intenções ocultas e dissimuladas, etc., são enfermidades da alma de todo indivíduo atrasado em sua evolução. Os psicóticos com suas dissociações de personalidade e esquizofrenia são exemplos comuns da influência de Gargophias nas mentes débeis.



Décimo Quarto Caminho e seu Túnel

⌒ III

Daleth – Dagdagiel

Daleth é o Décimo Quarto Caminho da Árvore e corresponde ao Arcano III do Tarô, A Imperatriz. Daleth liga Chokmah a Binah e significa “porta”, simbolizando a passagem das formas do Caminho de Gimel que vão se tornando mais densas no processo de Criação. Essas formas se definem e adquirem corpos nos planos da natureza, tornando o universo expansivo e cheio de diversidade. A porta é uma passagem aberta para a luz da vida por onde fluem as Águas da Fonte para a manifestação do universo. Essas Águas em movimento são a energia feminina estimulada e ativada gerando a vida dentro de Leis e limitações no universo que se materializa.

No Caminho da Imperatriz flui o Princípio Feminino do universo em toda sua força e plenitude. É a Grande Mãe Natura, outro aspecto da Virgem, concebendo a vida. Seu filho é o *Logos* Solar (Tiphareth), que irá reger o Mundo, ou seja, organizar o Cosmos nascente.

Esse Princípio Feminino perfeito é representado por Vênus ou Afrodite, que nasceu em meio à espuma do mar fecundada pelo sangue de Urano. Seu trono imperial é uma concha marinha que simboliza a *yoni* – o órgão sexual feminino –, quer dizer, a “porta” da vida no plano mais denso. A concha também sugere a materialização do universo que surge das profundezas das Águas Puras da Grande Mãe. Tal materialização das formas

irá “revestir” o Espírito divino, a essência espiritual da natureza e todos os seus aspectos.

O nascimento da Imperatriz venusiana pode ser entendido como o surgimento do próprio desejo, pois ela é a essência de todo desejo que se concentra e vai se tornando mais denso nos níveis mais inferiores da Manifestação. Este é o desejo de criar, de gerar a vida com amor e beleza, é o desejo que leva à proliferação de todas as formas de vida no universo.

O desejo do Espírito pela vida é o amor. Simbologicamente, a vida é representada pela famosa cruz ansata ou *ankh*, que é também o símbolo astrológico de Vênus. O Espírito Santo é tradicionalmente simbolizado pela pomba branca, uma ave sagrada também atribuída à Vênus. E o desejo divino, que é amor, é simbolizado pela rosa, a flor sagrada de Vênus. O amor da natureza é expresso pela fecundidade e pelo florescimento da vida que o Espírito deseja; é o desejo da Mãe Divina.

No ser humano, a Imperatriz da Natureza é o aspecto feminino de seu Filho, o *Logos* Solar, o Sagrado Anjo Guardião em cada um. Ela também infunde as emoções superiores e a intuição espiritual e dá a capacidade da imaginação criativa de visualização das formas mentais. Essas formas que o ser humano cria têm seus efeitos no mundo em que vive, onde cada um cria suas realidades por meio de seus pensamentos, de seu poder imaginativo, sendo responsável pelas formas energéticas que gera em torno de si, seja um paraíso ou um inferno.

No caminho iniciático, passar pelo Túnel de Daleth, a Porta, é penetrar nas trevas do Grande Útero Materno e conhecer o divino processo gerador da vida, e vivenciar a essência do amor e do desejo metafísicos. Mas o Adepto também ama a vida manifesta confinada na forma densa com seu ciclo de nascimeto e morte.

A energia que flui do Caminho de Daleth proporciona beleza à existência, encanto e graça às formas de vida, traz realização, abundância e harmonia na natureza. No ser humano que está evoluindo, as forças da Imperatriz venusiana traz uma forma de prazer saudável nas coisas da vida e prazer na busca espiritual, proporciona dons naturais, especialmente o dom das artes, traz paz interior, bondade, criatividade e alegria. Torna o indivíduo sincero, honesto com os sentimentos, equilibrado e seguro emocionalmente e com notável maturidade espiritual.

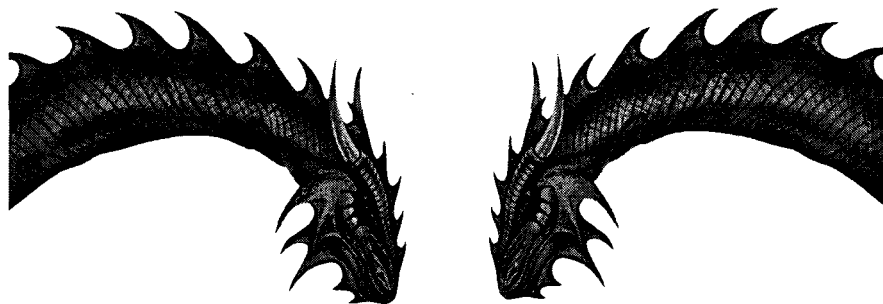
As forças qliphóticas de Daleth fluem no Túnel de Dagdagiel, de natureza muito selvagem e sombria. Aqui a vida é vista em sua forma crua e real regida pelas forças elementais que mantêm todas as formas de vida, belas ou asquerosas e horríveis. O amor nessa dimensão de consciência tenebrosa é um amor que a raça humana ainda não compreende, um amor que se traduz em desejo pelas coisas mais infra-dimensionais da natureza. Os seres desse plano têm um amor trevoso por sua própria existência, porém essencial à vida da natureza como um todo. O amor qliphótico desse Túnel é cruel, violento, “sanguinário” mas natural, pois a existência tem por

objetivo realizar os processos mais primitivos de atração, reprodução e morte de todas as espécies de vida de maneira impessoal, buscando o desenvolvimento, transformação e perpetuação das espécies.

O Iniciado no Túnel de Dagdagiel entra em contato íntimo com os seres elementais mais tenebrosos e em comunhão com todas as formas de vida da natureza. Entretanto, o incauto pode se embriagar com essa experiência e se perder nesse reino sombrio sem ter como voltar a si.

O Túnel de Dagdagiel liga a Qlipha Ghogiel a Satariel, e sua influência nos seres humanos débeis e vulgares se manifesta como frivolidade, luxúria, libertinagem, falta de discernimento, degeneração sexual e enfermidades sexuais, tirania materna, etc.





Décimo Quinto Caminho e seu Túnel

♃ IV

Tzaddi – Tzuflifu

O Décimo Quinto Caminho é Tzaddi, o Arcano IV do Tarô, O Imperador. O Caminho de Tzaddi liga a Sefhira Chokmah a Sefhira Tiphareth e é por onde flui a energia masculina que estimula o desenvolvimento do universo manifestado e da vida. É uma força que estimula a formação das estruturas da natureza em seu processo criativo e as organiza. O Imperador representa o Princípio Masculino plenamente desenvolvido do universo, que trabalha para a “educação” de seu Filho, o *Logos Solar*, que irá reger a Manifestação e o microcosmos homem consciente, sendo seu Sagrado Anjo Guardião ou Eu Superior.

O poder desse Caminho – que geralmente é representado pelo globo e a cruz de braços iguais – é para estabelecer o reino cósmico (a Criação) que será regido pelo *Logos Solar*, com sabedoria divina, nos planos abaixo do Abismo de Daath.

O Caminho do Imperador é um aspecto da Energia Pura de Chokmah em sua atividade formativa que estimula o desenvolvimento do Filho, Tiphareth, que é a Alma divina unida à Mente superior. É uma atividade relativamente restritiva porque a influência “materna” concentra e limita a energia para a formação da vida e do *Logos Solar*.

O Imperador também é um poder que se manifesta como Mente superior e razão no homem superior. A Mente Superior da Esfera de Netzach é um aspecto de Tzaddi, tem sua origem primordial em Tzaddi, o Caminho

do Imperador. Tzaddi representa a atividade mental organizadora e racional do ser humano, que em Netzach se une com a imaginação criativa e com os instintos. Se considerarmos que Netzach é Vênus, uma manifestação da Imperatriz, Tzaddi é seu “amante cósmico”, o Imperador.

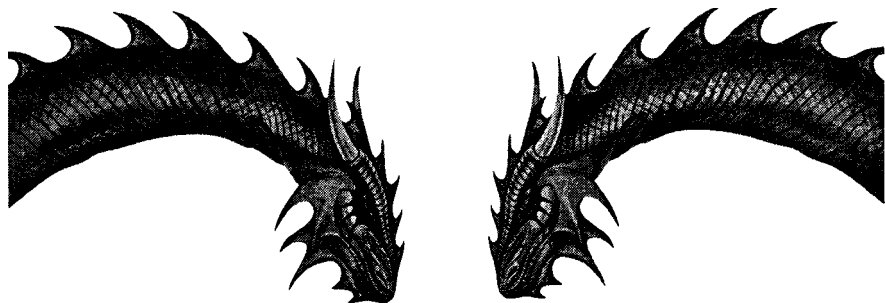
Tzaddi é um aspecto superior do Demiurgo Arquiteto de Chesed, cujo arcanjo é Tzadkiel, o aspecto mental do Demiurgo no nível de Chesed, que é um desdobramento imediato de Chokmah, no Pilar da Misericórdia. Tzaddi significa “anzol”, o instrumento que “pesca” a matéria pré-existente no grande Mar do Caos da Mãe para criar o universo manifestado. O anzol também se assemelha à forma do cajado, símbolo de poder e autoridade divinas.

No ser humano, o Imperador reflete o aspecto masculino do *Logos* Solar, do *Daimon* de cada um. Ele é *manas*, a mente superior com a alma espiritual do indivíduo autoconsciente, altamente espiritualizado e senhor de si mesmo e de sua Obra realizada.

A influência sutil das forças de Tzaddi-Imperador no mundo comum e corrente pode ser observada na vida dos indivíduos de inteligência mediana. Tzaddi gera estabilidade em todos os aspectos da vida e infunde coragem, autoridade, valor, compreensão, poder de decisão e liderança, grande capacidade de organização, honestidade, iniciativa, estímulo para buscar metas e êxitos, etc. Esse é um aspecto de Áries, o signo do Imperador; o aspecto infernal e desequilibrado está no Túnel qliphótico.

As forças qliphóticas do Imperador são encontradas no Túnel de Tzuflifu, que liga a Qlipha Ghogiel a Thagiriron. Aqui as forças fluem em paixões agressivas sob a vontade do Iniciado que demonstra sua ira controlada sem receios ou temores, sua autoridade e seu poder contra injustiças estabelecidas, contra a covardia dos sistemas que “falham” por conveniência e contra a ignorância masculina cujo orgulho de macho grosseiro não pode ser arranhado por ninguém, muito menos por uma mulher ou por uma criança.

Mas essas forças qliphóticas também fluem nos indivíduos fracos, descontrolados, gerando manifestações de rebeliões cegas, irracionais e violentas. As forças do Túnel de Tzuflifu encontram um canal de manifestação naqueles indivíduos sem autodomínio que abusam de si mesmos violentamente e moralmente, e naqueles que abusam fisicamente dos mais fracos, cometendo violência gratuita e covarde contra mulheres, crianças e animais. O abuso de autoridades que impõem obediência cega sob opressão e violência e as atitudes de homens de família que exigem submissão de suas mulheres sob coação e ameaças, e que na verdade são autênticos covardes machistas e misóginos, também são exemplos do poder infernal do Túnel de Tzuflifu no humano atrasado e de mente estreita. É um canal infernal de forças cegas que causam tirania, autoritarismo, brutalidade, dominação, covardia, egoísmo, conflitos, guerras, incompetência e a triste e lamentável paixão violenta isenta de amor verdadeiro, muito comum entre as pessoas mais comuns ainda que abundam pelo mundo.



Décimo Sexto Caminho e seu Túnel

⋆ V

Vau – Uriens

Vau é o Caminho do Hierofante, o Arcano V, o Décimo Sexto Caminho, que liga a Sefhira Chokmah a Chesed, ou seja, une o Espírito à Manifestação, ou as energias criadoras ao processo de Criação e organização do universo, o que é representado pela letra hebraica Vau, que significa “prego” ou “gancho”, um objeto que liga ou une coisas. O ser humano evoluído também está conscientemente ligado ao Espírito por meio da intuição desenvolvida, uma espécie de emoção superior que traz conhecimento e compreensão. O Espírito divino, ou macrocosmos, é tradicionalmente representado pelo hexagrama, o Selo de Salomão ou Estrela de Davi, a estrela de seis pontas, e o homem ou microcosmos tem sua expressão na estrela de cinco pontas, o pentagrama sagrado.

O Hierofante-Vau é um canal de forças “construtivas” e unificadoras. O Hierofante é o Grande Mestre da religião verdadeira, pois sua função no nível material é unir, re-ligar o ser humano ao seu Espírito divino. Portanto, os ensinamentos e as lições do Caminho do Hierofante visam abrir um entendimento de que a própria essência espiritual humana está ligada ou unida ao universo manifestado, e ao Imanifesto como partícula espiritual. Mas a compreensão desse Caminho só pode surgir por meio da intuição verdadeira, que é uma re-ligação entre o Pai (Chokmah-Chesed) e cada ser humano, com seu *Daimon*, ou Eu Superior, a Individualidade. Mas para

isso é necessário que cada indivíduo evolua e se torne autoconsciente, sempre atento a “ouvir” a Palavra do Espírito (Hierofante), a “voz do silêncio”, receptivo aos ensinamentos verdadeiramente intuitivos e espirituais.

A religião autêntica e espiritual é aquela que existe dentro de cada ser porque o discernimento e a intuição que trazem sabedoria são inerentes àquele que busca evoluir, e não há igreja ou religião alguma no mundo que tem a posse de toda a verdade, como alguns fanáticos de fé cega gostariam. A verdade é uma busca pessoal que nenhum papa, padre, pastor evangélico ou guru oriental pode revelar. O Hierofante representa aqueles instrutores sinceros e honestos que também estão evoluindo por iniciativa própria e que instruem os que estão mais atrasados, mas que querem realmente seguir o caminho de autoconhecimento e sabedoria espiritual.

Por outro lado, o Caminho do Hierofante é um Caminho agressivo devido ao seu fluxo de força criadora que busca materializar o Espírito. É um Caminho no qual atua o Demiurgo, o Arquiteto do universo manifestado como o concebemos. Ele arquiteta o universo material, no qual o Espírito divino se manifestará nos níveis mais densos, pois é a partir da energia divina já pré-existente (a matéria da Mãe Binah com a força do Pai Chokmah) que o Demiurgo Hierofante cria o universo e o liga ao Espírito essencial que a tudo permeia. No microcosmo-homem, o Demiurgo “aprisiona” a essência divina, a mônada, que deve evoluir e adquirir autoconsciência, mas que ainda é incapaz de manifestar-se plenamente devido à inconsciência da transitória personalidade humana cegamente fascinada pela matéria.

O Demiurgo é o Regente obstinado a concluir sua Obra e a instruir os seres humanos; é Touro, o signo de Vau, com sua persistente vontade de criar e estabelecer o universo material para que as mônadas adquiram experiência e retornem autoconscientes ao Pai-Mãe (Kether).

Sendo assim, o Hierofante é o instrutor que ensina, que mostra o Caminho para a compreensão sobre a ligação do homem com o Cosmos. Entretanto, apesar de o Espírito estar “pregado”, preso à Terra, ele pode também dominar a matéria conforme o poder e a consciência de cada ser humano encarnado, e libertar-se da cruz da matéria, da cruz do martírio; a mônada está crucificada e sofre para libertar-se.

A influência do Hierofante na vida mundana se dá por meio das religiões ou doutrinas exotéricas que são, na verdade, caminhos e instruções externas dos segredos esotéricos com a finalidade de indicar os meios de se avançar na evolução espiritual. O Esoterismo é o Mistério mais oculto das Iniciações espirituais e está por trás das doutrinas e religiões exotéricas honestas, apesar da proliferação de muito exoterismo pasteurizado com um verniz de butique de luxo, e de muitos “gurus” mitômanos que dizem possuir a verdade e a solução final e exclusiva para os males da humanidade.

De um modo geral, as forças que fluem do Caminho de Vau-Hierofante trazem para o mundo e para as pessoas mais receptivas e sensíveis um aprendizado interior, equilíbrio, senso de respeito, sabedoria, autoridade

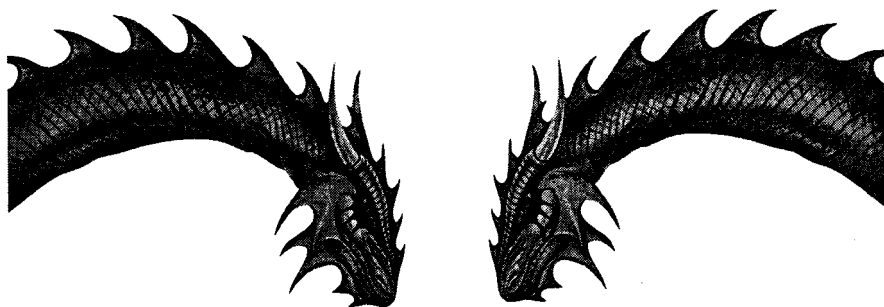
com discernimento, rigor moderado, senso de dever, integridade, dignidade, misericórdia, poder e proteção espirituais, benevolência e inteligência esclarecida, ao contrário da inteligência mecanóide limitada ou de ofício. Os indivíduos influenciados pelo Caminho de Vau tornam-se leais, sinceros, buscam a paz e sentem prazer em dar bons conselhos. Muitos seguem o caminho religioso e tornam-se líderes exotéricos, praticando também a cura pela magnetização energética.

Porém, sua influência sinistra e malignamente severa também pode ser sentida por meio do Túnel qliphótico de Uriens, que faz ligação entre a Qlipha Ghogiel e a Qlipha Gha' Agsheklah. O aspecto perverso do Demiurgo pode ser visto nas manifestações da autoridade religiosa opressora e excessivamente moralista e condenatória. Percebe-se essa força maléfica e limitadora nas religiões politicamente instituídas que exigem total submissão e obediência de seus rebanhos de fiéis e condenam rigorosamente qualquer questionamento ou dúvida, tolhendo assim o livre-pensar e a livre-escolha dos que anseiam por respostas e pela verdade, e que são, por isso, caluniados e “excomungados”.

Entretanto, as energias do Túnel de Uriens também causam má fé e uma espécie de “bondade” excessiva nos indivíduos mais fracos e temerários, ou melhor, uma covardia passiva que os faz parecer muito bondosos e tolos. Esses indivíduos sentem-se dependentes de alguma autoridade espiritual e permanecem sempre acomodados torpemente em dogmas convenientes e equivocados para não se responsabilizarem por nada, acreditando que “tudo o que acontece é a vontade de Deus, segundo o que seus dirigentes afirmam.

O Iniciado no Túnel de Uriens adquire a consciência de suas próprias convicções, a coragem e a ousadia de viver por si mesmo contra o comum e corrente, sempre desgastado, contra o comportamento de rebanho que conduz à miséria interior e à idiotização de massa, contra os julgamentos equivocados dos pseudo-religiosos e suas exigências destemperadas e ridículas.

Esse Túnel qliphótico é infernal, mas pode abrir a visão do sábio que permanece imune à sua influência deletéria, tornando-o mais consciente do próprio valor e capaz de enfrentar sua própria existência despida das ilusões de proteção no universo manifestado, encarar o terror da realidade da vida e a força que está por detrás das aparências materiais. O Iniciado adquire capacidade de gerar força em seu favor e assim ser invulnerável por si mesmo, sem as ilusões e superstições da ignorância.



Décimo Sétimo Caminho e seu Túnel

† VI

Zain – Zamradiel

O Arcano VI, Os Amantes, é o Décimo Sétimo Caminho da Árvore da Vida. O Caminho de Zain liga a Sephira Binah a Tiphareth. Zain significa “espada”, implicando uma separação, uma divisão. Nesse Caminho, a separação se dá na energia formativa andrógina (Binah-Chokmah), dissociando os aspectos masculino e feminino do universo, em uma interação entre forças gêmeas, opostas e iguais. Essas forças são os dois aspectos do Sagrado Anjo Guardião de Tiphareth, pois ele é o Espírito andrógino da Individualidade humana.

É importante enfatizar que o termo “andrógino” não tem nada a ver com o conceito comum de sexo físico ou de fisiologia genital. É uma questão de polaridade de forças espirituais, que são o fundamento do universo e da vida e que estão em equilíbrio na mônada autoconsciente do Iniciado.

As forças duais, opostas e gêmeas também se manifestarão em todos os outros níveis mais densos do universo, sob diversas formas de existência. Assim, o Caminho de Zain-Amantes expressa o surgimento dos opostos, da dualidade necessária à manifestação do universo e de toda a vida.

Entretanto, tais forças opostas – positiva e negativa – devem “casar-se”, unir-se no Iniciado, no indivíduo que despertou a consciência de Tiphareth, ou o *Logos* Solar. Esse casamento das forças opostas ou duais constituem uma morte sacrificial espiritual no qual o *Logos* Solar, no interior

do Iniciado, “morre”, ou seja, sua dualidade se funde e deixa de existir de forma manifesta e separada para renascer unificada como uma só força equilibrada, na qual estão o positivo e o negativo divinos e latentes.

É o retorno ao estado divino de androginia primitiva indiferenciada antes da separação entre as energias masculina e feminina nas formas da Manifestação. Trata-se de um processo alquímico de união e sacrifício, de casamento e morte, por meio da vontade dirigida, que o homem e a mulher evoluídos devem realizar. Enquanto encarnados, o homem e a mulher podem realizar a transmutação de suas energias sexuais nesse casamento alquímico, que confere a sabedoria e a androginia espiritual do Eu Superior, o Anjo

Esse grande Anjo eterno e individual tem também duas naturezas, uma angelical e outra demoníaca, que estão subordinadas e ligadas ao Espírito Supremo, Kether, que as controla e as equilibra, pois essas inevitáveis naturezas duais são necessárias aos planos de manifestação, atuam no universo e no próprio homem. As palavras “angelical” e “demoníaca” não devem ser entendidas aqui como bem e mal segundo o conceito judaico-cristão. “Angelical” significa anabolismo, construção, criação, assimilação, retenção; “demoníaca” significa catabolismo, destruição do que é inútil e nocivo, desagregação, libertação. Para o Anjo de Tiphareth, essas duas forças têm igual importância, pois também são necessárias ao metabolismo do universo, à manutenção da vida em todos os seus níveis.

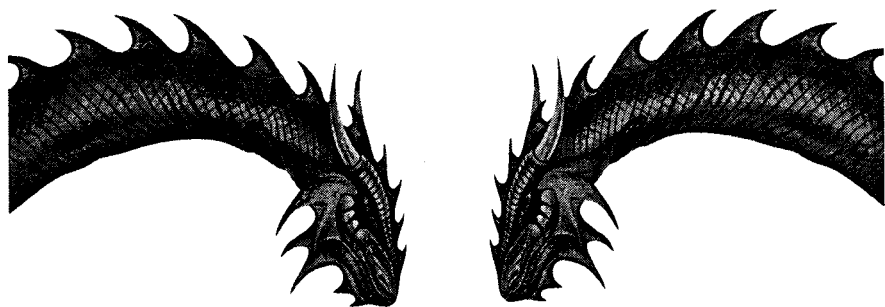
O Caminho dos Amantes, em certos aspectos, pode representar o Jardim do Éden no qual houve a separação entre o masculino e o feminino – homem e mulher (Adão e Eva como expressão do gênero humano). O próprio significado de Adão e Eva é muito pertinente nesse Caminho. Adão, ou *Adam* em hebraico, significa “terra vermelha”. A palavra *dam* significa “sangue”, e a letra *A* é o *Aleph*, a primeira letra que corresponde ao Elemento Ar, assim como o signo aéreo de Gêmeos, que também é relacionado a esse Caminho. Mas aqui o Ar é mais especificamente o *prana* (alento vital) e o oxigênio do sangue que irriga todo o corpo de “barro vermelho”, ou carne, da raça humana. O sangue é o fluido kármico da humanidade (Adão e Eva), a materialização biológica da Individualidade. Eva (*Hovah*) é a materialização da vida humana com seus instintos naturais e a própria Terra, e também a “queda”, ou descida, do Espírito na matéria, ou melhor, a encarnação humana com sua mônada inconsciente e obscurecida pela densidade na Terra.

Porém, o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal (*Otz Daath*) consumido pelo ser humano superior pode resgatar a condição paradisíaca “perdida”. A “expulsão” do Éden foi por causa do “consumo” desse mesmo fruto sem a devida compreensão e domínio das forças opostas do universo e da vida, levando a existência humana à degradação e à perdição, tal como podemos observar no mundo. O Dragão da Sabedoria, o guardião da Árvore, deve ser conquistado.

As influências do Túnel ou Caminho de Zain podem ser observadas nos indivíduos que têm consciência do seu livre-arbítrio, que detêm o poder de escolha e decisão, que têm liberdade de pensamento e desejo de união e casamento, porque as energias desse Caminho geram forte atração entre os opostos.

Os indivíduos desequilibrados são receptores das forças qliphóticas do Túnel de Zamradiel, o Caminho infernal que liga a Qlipha Satariel a Thagiriron na Árvore do Mal, o lado sombrio da Árvore do Conhecimento. Suas forças geram crises emocionais, causam rejeição e sentimento de rejeição, inconstância em todos os aspectos da vida, dependência emocional, dificuldades de relação e infidelidade conjugal, arrependimentos e remorsos constantes. Zamradiel torna o caráter fraco e vacilante, incutindo dúvidas irracionais, indecisão, incertezas, dispersão de idéias e objetivos, incapacidade de deixar a proteção materna, insatisfação e tagarelice conflitante interior. O poder desse Túnel qliphótico aumenta o medo do desconhecido e o medo de perder a personalidade efêmera e desequilibrada, e gera uma lamentável incompreensão da morfologia e da fisiologia sexuais, causando manifestações pervertidas e anti-naturais da sexualidade.

No Túnel de Zamradiel, o Iniciado prudente e consciente pode canalizar seu poder de concentração para as profundezas da mente e ser capaz de reconhecer os aspectos duais de si mesmo, unindo-se com sua sombra gêmea e absorvendo-a para transmutá-la em força que será canalizada para a evolução e aquisição de sabedoria. Aqui há a transcendência da personalidade transitória encarnada que contribuiu para a criação dos aspectos obscuros da existência. Os limites entre a consciência do ego ordinário são desintegrados e assim a consciência funde-se com as energias da subconsciência. O Iniciado adquire o poder de equilibrar o primitivo masculino com o primitivo feminino em seu próprio interior, assimila suas facetas atávicas representadas por Adão e Eva, Samael e Lilith, Shiva e Kali, Set e Néftis, Apolo e Ártemis, Lúcifer e Vênus, o Dragão e a Serpente, etc.



Décimo Oitavo Caminho e seu Túnel

♠ VII

Cheth – Characith

O Arcano VII, O Carro, é o Décimo Oitavo Caminho, Cheth, que liga a Sefhira Binah a Geburah na Árvore. Cheth significa “cerca” ou “cercado”, e sugere uma “proteção” em torno de algo. Esotericamente, o Caminho de Cheth é um canal de energia que cerca e conduz o Espírito divino rumo à Manifestação. É um fluxo de energia espiritual que é “descarregado” no universo e que será acondicionado nos níveis inferiores; o Cálice Sagrado é derramado, e o sangue (o veículo espiritual e kármico da vida) batiza o Iniciado.

O Carro representa a fluidez que transporta o Espírito divino da Fonte da Grande Mãe para a Esfera de execução dos poderes cósmicos dentro da Lei de Ação e Reação. Esse Espírito permeia toda a Manifestação e busca “disciplinar” a Matéria (de Binah) e o universo visível; a “disciplina” de Geburah está por detrás da execução do mundo material dentro da Ordem e da Lei.

Pelo Caminho de Cheth, o Espírito Supremo desce no Iniciado avançado que atingiu Geburah, que compreende a Lei da Matéria e Energia e que pode dominar seu carma. A vitória dos princípios superiores sobre os princípios inferiores da totalidade humana e da condição material confere o conhecimento com compreensão (Binah) na busca pela sabedoria. Isso se

dá após o cruzamento do Abismo, antes do Triângulo Superno da Árvore, com o conseqüente desenvolvimento dos poderes latentes da mônada individual.

No Caminho de Cheth, o Carro transporta e leva o indivíduo através do Abismo sombrio do conhecimento caótico do Véu do Abismo. O Iniciado cruza o Abismo (de si mesmo) e chega à compreensão de sua missão espiritual na existência, conhecendo Leviatã, o filho da Mãe Binah. A serpente Leviatã é um aspecto do Dragão Iniciador, é a sombra que deve ser convertida em luz e consciência, é o “treinador” íntimo de cada indivíduo, o Iniciador que prova o candidato à sabedoria mais elevada por meio de dificuldades e padecimentos individuais.

A idéia e a imagem do dragão estão perfeitamente ligadas à simbologia esotérica e metafísica, como já foi abordado longamente neste livro. O dragão é um ser que tem em si a totalidade da Manifestação guiada pela consciência espiritual e representa a síntese perfeita da natureza e do ser humano equilibrado e sábio.

No plano físico ou mundano, a energia do Caminho de Cheth desce para o Iniciado, que passa a adquirir total autodomínio, poder mental e espiritual. O indivíduo comum também recebe um fluxo dessa energia, mas como ele é obscurecido e sem consciência, a ação é limitada. De modo geral, a energia de Cheth pode proporcionar algum autoconhecimento, espiritualidade, senso de equilíbrio interior, senso de moral, confiança em si mesmo, desejo de domínio, desejo de união com fidelidade. Sutilmente, o indivíduo sente-se apegado à família e à proteção do lar, deseja casar-se e tornar-se popular, tem ambições e vitalidade para buscar o êxito e a vitória almejada, porém com certa cautela.

Essas influências são também emanadas pelo signo de Câncer, associado ao Caminho de Cheth, que em um nível metafísico expressa a maternidade de Binah inerente a todas as coisas, sua contenção e preservação da vida dentro das leis de cada plano de densidade.

No Caminho de Characith, o Túnel qliphótico que liga a Qlipha Satariel a Golachab, há a possibilidade de aumentar o poder material e o poder de atração sexual, bem como a plena satisfação de todas as necessidades básicas de sobrevivência.

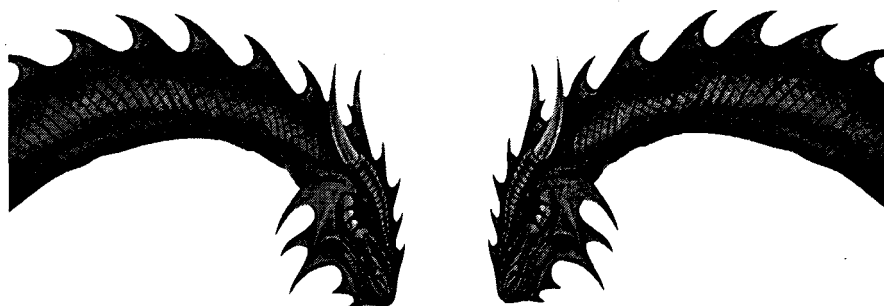
É um canal de energias venenosas que viciam os incautos, podendo transformá-los em vampiros energéticos que se alimentam das energias geradas pelos prazeres mais tenebrosos. Esses vampiros fascinam suas vítimas por meio de ilusões e as atraem para o definhamento que aniquila, sugando-lhes as energias. Assim, os vampiros sempre se mantêm jovens, cheios de vitalidade e magnetismo.

O Túnel de Characith é um Caminho aquoso no qual flui pestilência e contaminação psicamental e matéria orgânica utilizada, etérea e putrefata resultante da densificação de incessantes desejos asquerosos e sanguinários. O belo dragão do Caminho de Cheth aqui se torna um morcego

hematófago e contaminante, expressão animalesca dos desgraçados vampiros que atacam os infelizes seres viciados e já exaustos pela constante consumação de seus baixos desejos. Os vampiros também tomam alimento de outras formas frescas de vida para a satisfação de seus próprios prazeres pervertidos.

As forças do Túnel de Characith tornam os seres humanos fracos irresponsáveis por seus atos instintivos primitivos e animalescos com suas conseqüências inevitáveis e geralmente terríveis para a estabilidade psicamental da pessoa.

Essas forças qliphóticas infundem repugnância pelos fluidos sexuais naturais dos humanos e um desrespeito e desconsideração pelo aspecto feminino da vida e da natureza e suas atividades fisiológicas. Apesar de lamentável, são fatos muito evidentes na vida íntima dos indivíduos atrasados e imaturos psicamentalmente.



Décimo Nono Caminho e seu Túnel

♁ VIII

Teth – Temphioth

A Força é o Arcano VIII do Tarô e é o Caminho de Teth, que liga a Sefhira Chesed a Geburah na Árvore da Vida. É um canal de força que expressa o surgimento do Eu Superior do indivíduo. Teth significa “serpente”, a Serpente da Sabedoria, a serpente-dragão Leviatã, a Guardiã do Conhecimento Sagrado do Abismo (Daath). Teth também é a Serpente Ígnea Kundalini que pode ser despertada pela força de vontade do Iniciado, fazendo-a ascender da base da coluna até o cérebro, estimulando os chacras.

O despertar da Kundalini pode ser realizado mediante a união tântrica sagrada entre o masculino (Sol) e o feminino (Lua), ou seja, entre o homem e a mulher Iniciados. Tal união resulta na consciência solar-lunar do *Daimon*, o Eu Superior, capacitando os Iniciados a controlar a força vital e todos os outros poderes em si mesmos. Assim, o casal Iniciado deve atingir o grau de consciência necessário para que tal operação mágico-espiritual se realize em segurança, indo além do Sol central do universo, o Sol de Tiphareth, para cruzar o Abismo, guiado pelo *Logos Solar*, o Sagrado Anjo Guardião.

Tradicionalmente representado por um leão e uma mulher, o Caminho da Força é o canal do poder solar no processo da Criação do universo, no nível logo abaixo do Abismo *daathiano*. É a força primitiva do Demiurgo Criador dando continuidade à criação do universo. O leão representa a força vital do universo e expressa o princípio masculino, a energia cósmica

bruta controlada e restringida pela vontade de criar. A vontade que doma ou acondiciona essa força é representada pela mulher, o aspecto feminino da Criação, um aspecto da Virgem Mãe abaixo do Triângulo Supremo e do Abismo.

O leão-serpente da Força representa as fases da consciência que se eleva. Sua bestialidade são as forças e energias selvagens do universo e da natureza exterior e interior do Iniciado, sem o controle da vontade; a segunda fase, da fera domada, representa essas forças e energias controladas e direcionadas que levam o Iniciado a atingir níveis superiores de autoconsciência além da Manifestação regida pelo *Logos* Solar.

O leão-serpente (o aspecto solar de Leviatã) é o Guardião do Conhecimento de Daath, e somente aqueles que têm o controle sobre a força ígnea de tal besta e que domaram a força do ego animal e os impulsos bestiais têm acesso livre. As chaves abrem as portas do Cosmos e do conhecimento, o Segredo do Abismo detido pela serpente Leviatã, filha ou aspecto projetado da própria Divina Mãe e do Pai.

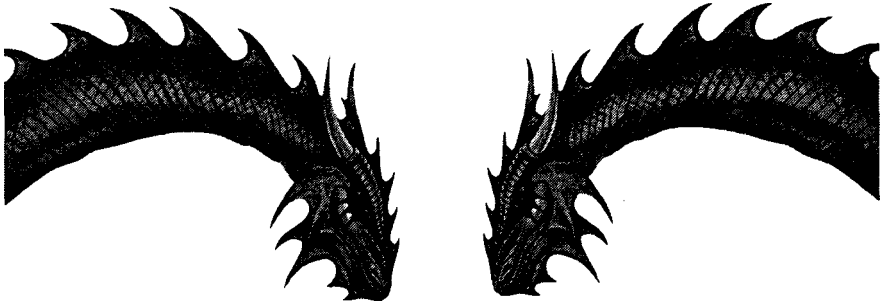
O Caminho de Teth-Força, assim como a Esfera Solar de Tiphareth, está no centro da Árvore e pode ser simbolizado pelo hexagrama com um ponto no centro. Essa estrela de seis pontas bem conhecida é um símbolo da união do Fogo com a Água, a fusão das energias opostas. Dessa fusão surge uma terceira força: a autoconsciência da mônada logóica. O ponto no centro da estrela representa essa consciência, bem como a semente masculina que penetra no Útero. O Fogo representa o leão; o Sol, o falo; a Água é a mulher; a Lua, a vagina. O leão aqui também se refere ao signo solar de Leão, correspondente ao Caminho de Teth.

No ser humano comum e corrente, de sensibilidade e receptividade medianas, o Caminho da Força infunde profundas emoções, autocontrole, autoconfiança, magnetismo, vitalidade, beleza e atração física. O indivíduo mais evoluído assimila a força de Teth e manifesta coragem, valor, força espiritual, força de vontade, forte intuição, compreensão, firmeza e nobreza de caráter, inteligência, liderança, maturidade e lealdade.

No indivíduo já muito degradado, a força qliphótica flui livremente transformando-o em um semi-animal. Do Túnel de Temphioth, que liga a Qlipha Gha' Agsheklah a Golachab, jorra a energia bestial da arrogância, da brutalidade, do medo irracional, da crueldade e do descontrole sexual. A vítima receptiva desses poderes sente-se fraca, seu coração torna-se frio, sua mente torna-se estéril, manifesta-se uma falta de autoconfiança, falta do senso de poder pessoal e uma incapacidade de se entregar ao amor com prazer e segurança, um medo do sexo e insegurança emocional. É um canal de forças ígneas bestiais que consomem a consciência, é o caminho descendente da serpente Kundalini que desperta as paixões sexuais violentas, gerando dissipação de energia e exaustão viciosa.

Porém, o sábio pode usar esse poder para aumentar sua vitalidade física e magnetismo pessoal para criar, curar e crescer, pode canalizar a

força vital e integrar-se com os impulsos e sensações sexuais e sensuais sem cair em degeneração e exaustão, unindo-se com seus instintos primais e tomando consciência dessas forças para controlá-las conforme sua vontade.



Vigésimo Caminho e seu Túnel

IX

Yod – Yamatu

Yod é o Vigésimo Caminho, o Arcano IX do Tarô, O Eremita, que liga a Esfera de Chesed a Tiphareth. O Caminho de Yod é o surgimento da Luz no universo e o nascimento do *Logos* Solar, representado pelo Eremita e sua luz, a primeira manifestação da força solar no universo. Esse Caminho é a continuação do processo do Caminho anterior (Teth).

O Eremita é também uma faceta do Sagrado Anjo Guardião de cada ser humano, é um aspecto de Lúcifer, luminoso, o *Logos* que tem consciência (luz) de sua própria existência e objetivo como intermediário entre seu Pai-Mãe e o indivíduo encarnado no mundo material. O Eremita é a semente essencial de seus Pais Divinos, assim como a individualidade humana é a semente brotada do Eremita lógico e o espermatozóide material é a semente do ser humano físico.

A energia espiritual espermatozóica está presente em toda natureza e fertiliza a Terra e toda a vida. Um único espermatozóide é necessário para fecundar um óvulo, e essa única e solitária semente pode ser expressa pela imagem do solitário Eremita que gera sua própria luz e adentra no deserto sombrio do universo manifestado para criar a vida espiritual com consciência de sua própria origem.

Yod significa “mão”, a mão de Prometeu-Lucifer que doa fraternalmente a luz do Fogo Sagrado à raça humana, para que todos tenham acesso

à sabedoria desde que cada um desperte sua consciência espiritual. Portanto, o Eremita andarilho é o Portador da Luz que caminha solitariamente e independente no vasto universo, iluminando-o e libertando cada ser humano.

Yod é luz, fogo sagrado, energia sexual transmutada que desperta a autoconsciência logóica. Essa transmutação se dá por meio de um trabalho de alquimia sexual e pela castidade e pureza interior. Entretanto, devemos frisar que a castidade aqui não é a pseudo-castidade do celibatário hipócrita e degradado, mas sim a verdadeira castidade que não abusa torpemente da sexualidade e a utiliza para a expansão da consciência. O Iniciado que trabalha com polaridade de forças e transmuta suas energias sexuais para a expansão da consciência é que realmente está praticando a castidade; ele manifesta as forças de Virgem, o signo do Caminho de Yod, pois busca gerar a vida dentro de si mesmo, a vida cósmica autoconsciente que germina de sua própria semente (a mônada). O celibato pregado por certas vertentes religiosas é uma abominação psicamental e sexual que só gera degradação e escândalos. O celibatário hipócrita vive obsedado por suas próprias fantasias sexuais imundas e é tão fraco consigo mesmo que chega a cometer as piores inépcias ou “pecados” sexuais que tanto ele gosta de condenar nas outras pessoas.

As energias do Caminho de Yod influenciam nosso mundo e os seres humanos que têm uma tendência à solidão, à introversão e introspecção, à desconfiança e à lentidão de maneira geral. O indivíduo comum e corrente relativamente receptivo sente necessidade de buscar o conhecimento e o autoconhecimento, tem necessidade de isolamento, busca experiência e esclarecimentos e conselhos com prudência. O indivíduo mais evoluído também sente necessidade de solidão, mas com consciência e propósito, fala pouco, é silencioso física e mentalmente, discreto e prudente, estuda com seriedade e paciência para adquirir o autoconhecimento e a consciência espiritual, é observador, modesto e honrado.

No Caminho qliphótico do Eremita, ou seja, o Túnel de Yamatu, que liga a Qlipha Gha' Agsheklah a Thagiriron, o Iniciado penetra no submundo mental “proibido” para buscar o que foi perdido ou esquecido, trazer os antigos arquétipos da Terra e assimilá-los por meio de sua mente subconsciente. Ele adquire também a capacidade de encarar os submundos sem medo ou receios infundados. Pode aprender o segredo dos minerais da Terra e adquirir o poder das pedras para curar e gerar energia para contactar outros planos de consciência.

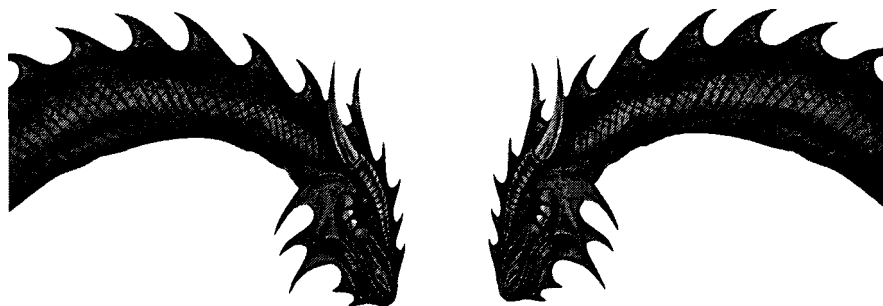
O Iniciado compreende a importância do corpo denso em sua encarnação e aprende os princípios da magia da terra, é capaz de ativar os poderes de antigos sítios arqueológicos e sua egrégora “adormecida” e atravessar os portais energéticos ou centros de forças espalhados pelo globo terrestre.

Mas o poder do Túnel de Yamatu abala e “materializa” a mente do indivíduo fraco que possui uma cegueira material tal que chega mesmo a

ter muito medo do inferno e da morte. Esse medo tolo e inútil faz com que a ciência materialista utilize desesperadamente a tecnologia para retardar o envelhecimento, manter a juventude física e conservar o corpo material, ignorando completamente a essência espiritual humana.

No Túnel de Yamatu, a ciência é novamente distorcida e tudo na Terra é considerado sob o ponto de vista meramente material, ignorando-se a força que permeia a vida desde os minerais até os seres humanos. As pessoas se embotam e acreditam que tudo na natureza é inesgotável e que está disponível para o capricho e ganância da ciência inescrupulosa, como podemos observar no mundo.

Os indivíduos débeis fortemente influenciados pelas forças do Caminho de Yamatu podem tornar-se fanaticamente céticos, moralmente perversos, maus conselheiros, preguiçosos física e mentalmente, morosos e de má vontade, teimosos, imprudentes, cheios de receios e medos infundados. Reprimem-se devido ao equívoco religioso e tornam-se hipócritas que exibem uma pseudo-castidade de fachada, como já mencionamos.



Vigésimo Primeiro Caminho e seu Túnel

⤵ X

Kaph – Kurgasiar

O Caminho de Kaph liga a Sefira Chesed a Netzach, sendo o Vigésimo Primeiro Caminho, referente ao Arcano X do Tarô, A Roda da Fortuna. No Caminho de Kaph flui o poder que une a Individualidade, ou Eu Superior, à personalidade encarnada.

A palavra Kaph significa “punho” e simboliza um ciclo fechado e completo que dá início a outro, a volta completa de um círculo ou a rotação de uma roda, tal como a Roda da Fortuna. O punho simboliza a força da vontade, o poder e a ação. É o punho do homem autoconsciente, do Iniciado que domina os quatro Elementos primordiais, e também o punho de Zeus-Júpiter, o Demiurgo e Arquiteto do universo. Sendo assim, podemos deduzir que o punho e a roda são símbolos equivalentes.

A Roda da Fortuna representa o universo manifestado em contínua expansão e atividade criativa. Tal atividade é mantida pelo movimento dos aspectos duais do cosmos que geram o equilíbrio e todas as transformações e mudanças dentro dos ciclos evolutivos e involutivos.

O Caminho de Kaph é um canal de forças que possibilitam a ascensão espiritual, a riqueza da alma e o domínio do Espírito sobre a matéria com seus quatro Elementos, o domínio do Eu Superior sobre a personalidade. Essa é a ascensão da Roda, trazendo consciência aos seres do universo manifestado. Mas a Roda não pára de girar, e quando sua rotação atinge a

curva inferior, os seres fracos e atrasados não evoluem, eles descem juntamente com seu movimento. Isso significa, portanto, que a essência espiritual da humanidade foi dominada pela densidade da matéria, que o frágil ser humano vive sem consciência em meio à pobreza de espírito e ignorância.

No Caminho de Kaph e na própria vida, ser “afortunado” é estar bem preparado psicamental e espiritualmente, conquistando cada vez mais riquezas espirituais. Por outro lado, pode-se merecer a pobreza e a miséria da alma, pois esse Caminho, ou o curso da Roda, irá sempre proporcionar o que cada um merece. E isso podemos ver na própria vida, no nosso mundo, onde o atraso evolutivo ou nível psicamental são evidentes na maioria das pessoas comuns e impulsivas, e que muitas vezes sequer têm noção de tal condição.

A Roda da Fortuna, ou Roda do Samsara (“Rotação”, em sânscrito), representa a evolução e involução cósmica e natural de todas as formas de existência. A terrível involução se dá nos aspectos inferiores e sombrios da natureza, e evoluem lentamente para uma nova ascensão e oportunidade de vida consciente. Esse é o fluxo mecânico da existência que arremessa a escória humana nas infra-dimensões do universo (as Qliphoth) para que seja destruída, libertando assim a mônada individual que estava sufocada, obscurecida e sem condições de se manifestar e adquirir autoconsciência.

O Iniciado que busca evoluir deliberadamente deve tentar se apartar desse círculo vicioso de nascimento, sofrimento, morte, etc. Deve se livrar dessa Roda do Samsara por meio da Senda Iniciática que o leva aos mais altos níveis de consciência espiritual. O Iniciado vence a esfinge e seu enigma e desvenda o mistério do próprio homem-deus.

A esfinge, símbolo hermético, é o grande Iniciador dos Mistérios, um outro aspecto do Sagrado Anjo Guardião que inicia o indivíduo nesse Caminho de autodescobertas espirituais, tornando-se capaz de solucionar o enigma da própria existência e assim não ser “devorado”. Em outro aspecto, a esfinge é também a síntese do próprio universo manifestado com seu Espírito que o rege, sendo equivalente mesmo ao próprio dragão.

Kaph, sendo um Caminho regido por Júpiter, suas influências são geralmente benéficas. Na vida mundana e comum, as energias do Caminho de Kaph podem proporcionar boa “sorte” em todos os aspectos, favorecer mudanças positivas, infundir força para superar obstáculos, gerar felicidade dentro de certos limites, conforme o carma individual, e favorecer a ascensão espiritual daqueles que a buscam conscientemente. O indivíduo receptivo às energias de Kaph aprende a ver a importância real das coisas, não se importando com meras aparências e convenções sociais, aprende a aproveitar as boas oportunidades de ascensão material, profissional e pessoal, e sabe se relacionar de maneira saudável e harmoniosa com seu cônjuge.

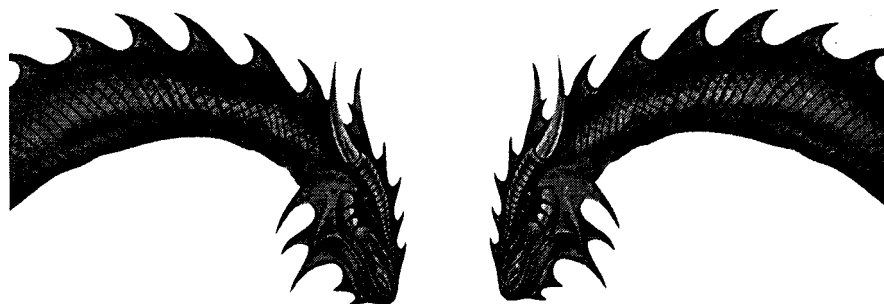
As forças qliphóticas da Roda circulam no sombrio Túnel de Kurgasiakh, que liga a Qlipha Gha’ Agsheklah à Qlipha A’ Arab Zaraq, ou seja, a ligação entre o lado tenebroso de Júpiter e Vênus. Esse Túnel é um plano de mani-

festação no qual o Iniciado conhece os padrões arquetípicos que formam a personalidade criados ao longo do tempo, de geração a geração que habitam a Terra desde o passado remoto e sua conexão com o fio da vida e sua linhagem sangüínea. Aqui se descobre a herança genética e os ancestrais da raça humana, que por sua vez é a própria reencarnação ou retorno desses ancestrais, indefinidamente, entretecendo-se na teia kármica pelo elo de sangue.

No Túnel de Kurgasiax não há ilusão nem esperanças tolas, mas somente a visão do processo inalterável da morte e do renascimento na teia da linhagem sangüínea, no fio da roda-de-fiar das Parcas, as deusas do destino, da vida e da morte; o próprio sangue que corre nas veias e artérias é o fio da vida que é cortado por uma das Parcas quando chega o fim da existência física. Nesse Túnel, o Iniciado torna-se capaz de aceitar e compreender a lei kármica e negociá-la, administrando seu próprio caminho. Entretanto, o indivíduo comum pode sentir uma alegria inconsciente nos ciclos da vida e simplesmente aceitar e se conformar com seu “destino”, com sua moralidade de escravo.

No ser humano comum e sem maiores aspirações espirituais, a força do Túnel de Kurgasiax gera incompreensão dos processos kármicos e uma crença passiva e indolente na ilusão da sorte e nas coincidências. Porém, coincidências não existem, e no universo nada é arbitrário. O que existe é uma sincronicidade de eventos, fatos e indivíduos que estão ligados uns aos outros pelos laços kármicos, efêmeros ou duradouros, apesar de não existir uma compreensão sobre tal fenômeno.

Essa falta de compreensão interior verdadeira torna as pessoas hipócritas, crendo-se muito virtuosas, livres dos “castigos de Deus” e das coisas más do mundo que são, supostamente, coisas do Diabo. Mas o indivíduo débil é vítima de si mesmo e sente os efeitos distorcidos da força qliphótica, torna-se um fracasso humano incapaz de aprender e evoluir com os erros e equívocos, transforma-se em um ser volúvel, instável, cheio de vícios (pois os vícios são cíclicos como a roda) e prejudicado materialmente, moralmente, psicologicamente e espiritualmente.



Vigésimo Segundo Caminho e seu Túnel

↳ XI

Lamed – Lafcursiax

O Vigésimo Segundo Caminho é Lamed, o Arcano XI do Tarô, A Justiça, que liga a Esfera de Geburah a Tiphareth. Lamed significa “agulhão”, ou seja, energia pungente que “obriga” o universo a entrar em equilíbrio, e estimula e encoraja a pessoa a continuar em seu Caminho Iniciático para evoluir.

No Caminho da Justiça, todo trabalho interior se processa espiritualmente e é avaliado e julgado constantemente. O indivíduo será e terá para si aquilo que corresponda e seja resultado de seu trabalho espiritual de expansão da consciência.

O Caminho de Lamed é representado mitologicamente por Maat, a deusa egípcia da Verdade e da Justiça. Maat age com imparcialidade para equilibrar o universo e todas as coisas, dentro da Lei de Causa e Efeito. Ela estende o poder de Geburah para executar a Ordem e a Justiça e avalia e julga todas as ações e reações, inclusive tudo o que é cometido pelos seres humanos. Tal é o trabalho de Libra, o signo zodiacal do Caminho de Lamed, e da Maat, que regem a Criação sempre de maneira justa.

Além de Maat, esse Caminho é representado por Nêmesis, a deusa grega da Justiça, da Verdade, do Carma e da “punição”, e por Thêmis, a deusa grega da Ordem e da Harmonia cósmicas e universais.

No Caminho de Lamed flui a força que estabelece a ordem e o equilíbrio de tudo o que surgiu do Ovo Cósmico (Kether), desde o universo manifestado até o microcosmo com sua chispa divina e corpo físico. Sem a Justiça, a existência de toda a vida e manifestação não seria possível porque ela é parte essencial da vida macrocósmica e da vida de cada ser, em todos os aspectos e níveis. O Caminho da Justiça é canal das forças primordiais da ordem universal e natural que age sem interrupção. A Justiça é uma força purificadora do cosmos que executa a Lei, que destrói e elimina tudo o que é inútil, desnecessário, nocivo e desequilibrado, com sofrimento ou não.

A lei kármica é uma ação que nunca falha e que sempre ajusta os efeitos às suas causas naturalmente, de maneira impessoal, no universo todo. No ser humano, Maat cumpre essa Lei, “cobra” o que deve ser cobrado, “acerto das contas” de todos aqueles que causam o desequilíbrio, seja em si próprios, nos outros ou que abalam a ordem natural das coisas.

Aqui, a única lei superior ao carma é a lei do amor. Não o amor vulgar, mas sim o amor espiritual, em seu sentido mais metafísico, o amor como atração de forças opostas que cria e rege a Criação. Esse amor superior está por detrás de toda ação equilibradora que abarca todo o universo fundamentado na força polarizada e harmonizadora que sempre buscará se manter como tal; é o amor de Vênus, regente de Libra ou Maat, por toda a Criação que busca a harmonia universal.

No plano mundano, as influências do Caminho de Lamed podem proporcionar, para aqueles que estão sempre receptivos, paz e harmonia, equilíbrio e estabilidade em todos os aspectos. O indivíduo adquire o senso de observação e avaliação de si mesmo e de qualquer situação, tornando-se prudente, sincero, disciplinado e com integridade moral. As energias de Lamed infundem a capacidade de ser imparcial, de julgar justamente e decidir, além da compreensão do carma.

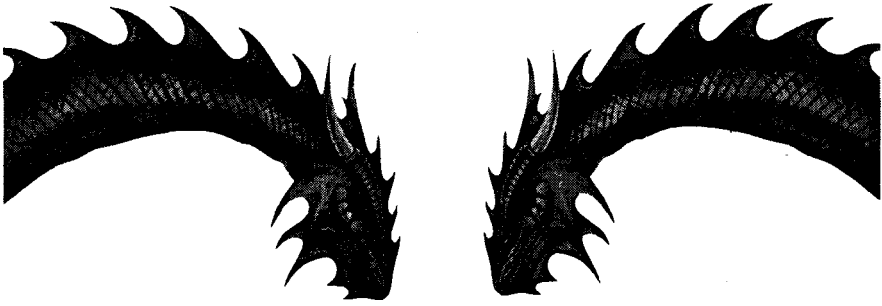
Lamed mostra que as escórias psicomentais é que geram o carma pessoal que deverá se esgotar em uma próxima existência. Essas escórias devem ser identificadas pelo indivíduo que busca evoluir e eliminadas mediante uma transformação radical de si mesmo, mudando os paradigmas mentais, comportamentais, sutalizando as emoções e aprimorando o caráter, buscando obter autodomínio, autoconsciência, elevando sua cultura e eliminando os excessos das banalidades cotidianas.

O canal qliphótico da Justiça é o Túnel de Lafcursiax, que liga a Qlipha Golachab a Thagiriron. No ser humano fraco, a influência desse Túnel pode gerar o medo de se sentir livre e o medo de sentir prazer, bem-estar e alegria, causando uma contenção de energia que se converte em desequilíbrio psicamental com comportamentos intolerantes e autopunições injustas e desnecessárias que fluem de Golachab. O indivíduo desenvolve um grande medo de errar e de se libertar de culpas inúteis criadas sem razão alguma.

As forças qliphóticas de Lafcursiax causam o desequilíbrio na lei dos homens, injustiças e equívocos de autoridade unilateral e muitas vezes machista, gerando abusos e infundindo medo em pessoas inocentes.

Porém, o Iniciado não é afetado pela força maléfica, mas age no limite entre o controle e o não-controle e sem medo de corrigir desequilíbrios por meio de sua ira justa e necessária no momento certo, no lugar certo e pelas razões certas.

No distorcido Túnel de Lafcursiax, pode-se também conhecer o inevitável processo de desequilíbrio e equilíbrio da vida que flui no caos qliphótico do qual é possível extrair alguma energia criativa, com discernimento e consciência.



Vigésimo Terceiro Caminho e seu Túnel

♁ XII

Mem – Malkunofat

O Caminho de Mem é o Vigésimo Terceiro, o Arcano XII do Tarô, O Enforcado, que liga a Sefhira Geburah a Hod. Mem significa “água”, a água da consciência na qual o Iniciado é batizado e atinge um grau de Iniciação interior, ou seja, expande sua mente para além de Hod, a Esfera da mente universal. Em tal estado de êxtase, no qual o Iniciado “se esquece de si mesmo”, ou de sua personalidade situada a partir de Hod para baixo na Árvore, todos os seus sentidos sensoriais e psíquicos ficam “flutuando”, deixando que o Eu Superior se liberte das limitações materiais e psicológicas para imergir na Esfera de Geburah, o plano do puro realismo cósmico e espiritual e da Justiça Superior do Carma.

Nesse verdadeiro processo batismal, o indivíduo é iluminado e deixa de ser tudo o que ele é, tudo o que ele pensa ser com sua mente intelectual. Sua personalidade é dissolvida no fluxo catabólico de Geburah, e uma nova perspectiva de si mesmo e do universo é assimilada pela consciência do Eu Superior. A luz brilhante da água batismal ilumina até as profundezas mais ocultas do indivíduo e clareia sua existência que continuará no mundo material.

O batismo (do grego *baptismós*, “imersão”) no Caminho de Mem é conseguido por meio da meditação, um processo no qual consiste em imergir no vazio mental, livre de toda e qualquer atividade racional, intelectual ou

imaginativa, para que a luz do realismo espiritual inunde a consciência. À consecução do batismo sobrevém a morte da personalidade comum, das paixões e dos desejos egóicos, e o indivíduo se regenera, vivencia em si mesmo a essência do universo e suas forças polarizadas.

Entretanto, o sacrifício do batismo verdadeiro é voluntário, já que o indivíduo sacrifica a sua personalidade terrena e sua mente racional, apesar do involuntário e “obrigatório batismo tradicional” ter sido realizado em alguma igreja cristã no início da infância da maioria das pessoas.

No plano mundano, o batismo deveria ter um significado e efeito real. A criança, ao ser batizada no plano físico, conforme o rito gnóstico, tinha seus corpos sutis em desenvolvimento estimulados pelas vibrações da água magnetizada, ou consagrada, preparando-a para a formação fortalecida do caráter e para a manifestação da Alma divina. Além disso, o batismo não é uma exclusividade do Cristianismo (como muitas outras coisas), é muito mais antigo, sendo praticado pelos antigos egípcios e pelos caldeus, entre outros.

Contudo, no batismo iniciático, a consciência do Eu Superior “não mais existe” em seu corpo físico; liberta-se temporariamente do agregado egóico e intelectual. O Eu Superior se vê a si mesmo, autoconsciente e sábio, sendo ele o objetivo da própria busca do Iniciado.

Assim, Mem é o Caminho da inversão no qual o indivíduo é buscado por sua consciência espiritual e “salvo” dos grilhões mundanos para encontrar o deus de si mesmo, transformando sua condição interior e sua “visão” do universo e do mundo.

No Arcano XII, é mostrado o Enforcado de ponta cabeça, em uma posição que pode ser considerada como a posição do *viparita karani*, na qual o magista pode estimular e vitalizar o cérebro, expandir a mente e meditar. De fato, não é preciso ficar pendurado pelos pés, mas apenas estender as pernas para o alto (apoiadas na parede) e manter as costas sobre o piso, sem se mover.

As influências do Caminho do Enforcado afetam o ser humano comum. O poder desse Caminho gera o amor e a devoção sem intenções ilícitas e estimula o sacrifício nas relações interpessoais e amorosas. O sacrifício é o principal elemento desse Caminho, e as pessoas receptivas à sua influência tenderão a se sacrificarem voluntariamente por meio de caridades e trabalhos missionários sem qualquer interesse egoísta, buscando também se aperfeiçoar moralmente. Outros adquirem maior sensibilidade psíquica e buscam a elevação interior por meio do misticismo e da meditação.

Por outro lado, os seres mais atrasados estão sintonizados com as energias infernais de Mem que fluem no Túnel de Malkunofat, que liga a Qlipha Golachab a Samael na Árvore da Morte. As forças desse Túnel são poderosas e caóticas, deletérias para a mente rudimentar e despreparada. O indivíduo pode se afogar em um mar de confusão primitiva e enganosa, correndo o risco de patologia psicomental. A fraqueza e a ignorância o arrastam na degradação moral resultantes de equívocos, decepções, per-

das, fracassos e vícios em geral. Há também uma grande inversão de valores no mundo moderno incentivada pelas grandes mídias e pela própria sociedade, conduzindo a civilização “moderninha” ao atoleiro da estagnação e do atraso evolutivo.

No Túnel de Malkunofat estão as águas densas, turvas e estagnadas da depressão, do desânimo, do abandono e da negligência consigo mesmo, podendo causar desinteresse total pela existência, ingratidão, sofrimento e medo de perder o ego efêmero e frágil. Uma pessoa assim, atolada inconscientemente no Túnel de Malkunofat dentro de si mesma, é incapaz de plena lucidez, de sonhar ou viajar em uma utopia sadia que dê algum sentido à existência.

Os problemas que a inépcia e a fraqueza causam levam o indivíduo a fugir da realidade irracionalmente, em uma luta interior que ele não consegue vencer. Assim, as forças infernais finalmente o aprisionam nas terríveis patologias psicossociais e mentais do alcoolismo, da toxicomania, dos vícios sexuais, das obsessões e da insanidade. O que resta então é a internação psiquiátrica, o cárcere ou o cemitério.

No Túnel de Malkunofat, as águas turvas e estagnadas geram o dogma enganoso do batismo sem efeito algum para a expansão da consciência ou para a melhoria do caráter. Devido à ignorância e quase completa ausência de compreensão, as pessoas acreditam em uma espúria salvação pelo batismo cristão, em uma libertação do pecado original (entre muitas outras invenções). Essa tal idéia absurda de pecado foi ampliada e difundida por Paulo, o hipócrita escravagista e misógino já citado anteriormente.

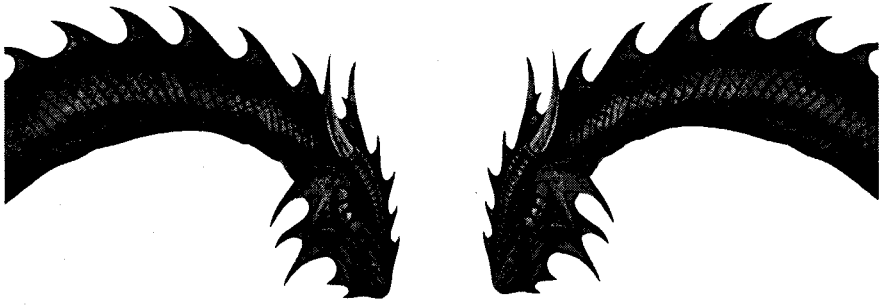
Os verdadeiros anticristos no mundo são os próprios propagadores dos pecados que eles tanto querem se livrar. Acreditam equivocadamente que um homem veio sofrer por seus “pecados”. Ou seja, “posso pecar à vontade porque alguém previamente já morreu por meus pecados e estou salvo para sempre”. Isso é fé cega, porque jamais alguém pagaria, sem mais nem menos, pelos desatinos de uma raça humana atrasada e inconstante, e jamais teria a intenção de salvar os ociosos de espírito e os hipócritas que se fingem de virtuosos.

A cruz do Calvário é a verdadeira cruz do anticristo, a horrível cruz da morte, do desespero, do sofrimento e da ignorância que toda a cristandade adora. É a cruz do pseudo-dogma de salvação, da opressão, do cristianismo materialista, hipócrita e de politicagem que prega uma “verdade” invertida às pessoas de fé cega e acomodadas. É a cruz da estagnação qliphótica, do escravo que se apega a uma segurança ilusória pasteurizada.

E a cruz latina invertida, que muitos supõem ser a cruz do anticristo, é na verdade a cruz do Iniciado iluminado que inverteu a si próprio e consequentemente sua visão do universo, que imergiu sua cabeça no cru realismo cósmico. É a cruz das pessoas livres e responsáveis que estão contra o fluxo nocivo das massas. Tal cruz é ainda a espada de Geburah apontada para cima, para o alto, sendo brandida pela liberdade.

O canal qliphótico pode ser útil para o Iniciado que é mais do que um ser humano comum cheio de debilidades incontroláveis. Há sempre a possibilidade de contactar seres que se manifestaram na Terra em uma era muito remota da raça humana, seres antigos e monstruosos que conhecem o segredo do passado planetário.

O Iniciado pode manipular mentalmente e com autoconsciência as correntes astro-mentais inferiores, utilizando o Túnel como portal para viajar no espaço e no tempo, com Malkunofat proporcionando as visões místicas do espaço, da realidade cruel dos processos de destruição de tudo o que seja necessário, sem medo de se perder ou de enlouquecer. Pode sentir o despedaçar de sua mente ordinária e de sua personalidade transitória e ver o desespero da aquilação daqueles que se agarram ao ego embotado por escórias.



Vigésimo Quarto Caminho e seu Túnel

✪ XIII

Nun – Niantiel

Nun é o Caminho da Morte, o Arcano XIII do Tarô, o Vigésimo Quarto Caminho, que liga a Sefhira Tiphareth a Netzach. Nun significa “peixe”, assim como a palavra grega *ichthus*. O peixe representa a energia do Eu Superior fluindo e penetrando no interior do indivíduo autoconsciente, bem como a energia do *Logos* Solar que vitaliza o universo manifestado. A energia logóica de Tiphareth se transforma na essência vital do mundo material e se converte nos poderes da natureza, os próprios deuses da natureza, os Elohim de Netzach, as criações do *Logos*.

O peixe é também um símbolo da renovação e manutenção da vida, e a renovação e transformação das energias de vida e de morte em um constante movimento de fluxo e refluxo cósmico e microcósmico. As energias criadoras do *Logos* fluem para Netzach, que concentra as forças primordiais da natureza. Netzach é Vênus, um aspecto da Grande Mãe, e o peixe é um dos animais associados ao culto da deusa Vênus-Afrodite.

A *vesica piscis* (vesícula de peixe) é a representação estilizada do peixe e também um símbolo do órgão sexual feminino, que é um portal para vida que surge de Netzach, o plano causal. Biologicamente, a vesícula de peixe é uma bexiga cheia de ar que serve para os peixes subirem ou descerem na água. Essa analogia na natureza pode ser vista no Caminho de Nun,

onde as energias da Vida e da Morte fluem entre as Esferas de Tiphareth e Netzach.

A Morte é tradicionalmente representada por um crânio ou um esqueleto portando uma foice. Essas imagens, que parecem ser um tabu para os tolos, é apenas um símbolo, uma representação da essência espiritual e das formas astro-mentais da natureza e de sua perduração em meio a todas as transformações e processos no decorrer da vida e da morte. A foice da caveira é um instrumento simbólico de Saturno ou Cronos, o deus titânico do tempo, da vida e da morte. A ênfase aqui é no simbolismo espiritual da morte e não simplesmente na morte física. A caveira e sua foice “mata”, destrói, todo aquele que cruza o Portal da Morte, através do Caminho de Nun, para renascer em uma nova vida. É a “morte” necessária do ego para que a vida autoconsciente do *Logos* individual se desenvolva, assimilando as experiências astro-mentais.

No processo de desenvolvimento espiritual, cruzar o Portal da Morte significa se elevar ao Sagrado Sol Espiritual para conhecer o Sagrado Anjo Guardião, o *Logos*, e atingir a consciência solar. Uma fase de existência “morre”, ou se transforma em outra mais elevada, pois é o ego ordinário e transitório, os desejos efêmeros que “morrem”, eliminando também a ilusão de viver apegado à existência física. Tal processo iniciático, a princípio, se dá nas trevas (interiores), uma verdadeira putrefação alquímica da personalidade e de todos os elementos psíquicos indesejáveis, que dá lugar a uma nova vida nesse nível evolutivo.

Podemos entender essa transformação como uma segunda morte. O ser humano, ainda vivendo no mundo físico, pode buscá-la espontaneamente, ou sofrer nas garras selvagens da natureza, nos planos qliphóticos, para se limpar de toda escória psicamental.

A morte, nesse Caminho, é representada também pelo signo zodiacal Escorpião, uma influência destrutiva necessária à transição para outro nível de consciência e existência. Contudo, Escorpião indica resistência à dissolução da morte e um forte desejo pela vida material. Isso pode ser ilustrado também pela relação entre Tântos e Eros, o deus da morte e o deus do amor e do desejo. Ambos são necessários aos ciclos da existência, tanto a morte ou dissolução quanto a criação e a procriação. O amor gera a vida e a morte; o sexo é a causa da morte, pois tudo o que nasce vê a morte no horizonte. O óvulo e o espermatozóide se unem e morrem para dar vida a uma nova criatura que também morrerá.

Na vida comum, as forças do Caminho de Nun geram transformações radicais, renovação de idéias, mudanças inevitáveis, términos de ciclos e início de outros. Toda fase dolorosa da qual é preciso se libertar, todo desprendimento de coisas supérfluas, toda destruição de ilusão, todo aprendizado e evolução em novos caminhos, são impulsionados pelas forças de Nun, ou da Morte. O ser humano mais evoluído compreende as mudanças, busca sua espiritualização e a transformação radical de conceitos, idéias,

paradigmas, comportamentos, costumes e crenças, uma verdadeira revolução luciferiana individual.

Mas como poucas mudanças ocorrem com relação à morte, as pessoas continuarão como são. O temor e o tabu quase patológicos da morte levam os indivíduos às experiências terríveis das forças qliphóticas de Nun, o Túnel de Niantiel, que liga a Qlipha Thagiriron a A'Arab Zaraq na Árvore da Morte.

As influências do Túnel de Niantiel no ser humano fraco e temerário geram o medo absurdo da morte, da velhice e das doenças com a consequência paradoxal de atrair ou acelerar tais condições, manifestações e enfermidades. As forças perturbadoras de Niantiel causam uma preocupação excessiva com o tempo, especialmente com o passado e com o futuro desconhecido, sobrevivendo a insegurança, a tristeza e sofrimentos inúteis com perdas desnecessárias.

No mundo atual podemos observar a obsessão pela aparência, pela juventude e pelo prolongamento da vida em detrimento do crescimento espiritual, mental e moral e da saúde. É uma insensatez que leva as pessoas a buscarem recursos tecnológicos para realizarem suas obsessões; mas, por outro lado, ironicamente, se autodestroem com péssimos hábitos de vida, comportamentos e dietas lamentavelmente desequilibradas e aditivadas quimicamente. Esses hábitos obsessivos conduzem mais rapidamente à tão temida morte, e com sofrimento, o que é pior.

A maioria das pessoas não compreende sequer o termo “morte”, obviamente distorcido pela cristandade. Existe um medo da morte e pavor do que ela pode trazer, que anula qualquer esforço de compreensão acerca de tal assunto. Quando morremos fisicamente neste mundo, nascemos em outro, mais sutil, e realmente não há o que temer. Apenas os ignorantes temem desesperadamente a morte e se arrepiam só de falar nela. A morte não existe. O que existe é uma transformação de matéria e energia, de estados de consciência e existência. Assim, o indivíduo temerário e ignorante sente tristeza com esse fenômeno, sofre em sua personalidade egoísta, teme mudanças, acomoda-se em sua ignorância, teme esforços para aprender coisas novas e crescer...

Mas, apesar de tudo, as pessoas continuam visitando os cemitérios, tornando esses locais mais qliphóticos do que já são, carregando-os de vibrações extremamente negativas, se já não bastassem as emanções físico-etéricas contaminantes e deletérias dos cadáveres em putrefação. Os intensos sentimentos de tristeza, agonia, desespero e solidão irradiados pelos que visitam os cemitérios estorvam o caminho dos desencarnados e impregnam o ambiente de formas astrais e mentais desagradáveis e deprimentes, saturando o ar que se torna impróprio para a saúde física e mental. Além disso, existe a presença inadequada, forçada e insistente de “almas penadas”, corpos astrais de indivíduos desencarnados e inconscientes que ainda desejam ardentemente viver no mundo físico, ou padecem devido aos

negócios que possam ter ficado pendentes durante a vida, remorsos, arrendimentos, vingança, ganância, paixões, etc.

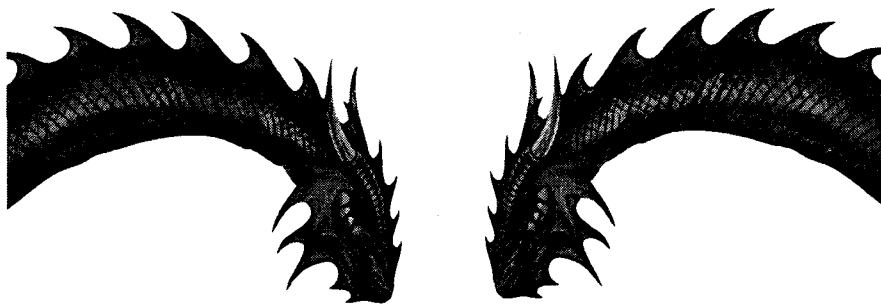
As pessoas são mórbidas, mas não assumem. Adoram ir em cemitérios visitar túmulos empoeirados que guardam apenas ossos sem vida. Não se deram conta de que os mortos estão mortos! O ente querido (ou odiado) não é o corpo em decomposição, nem está nos ossos exumados! Os ossos são agora propriedade exclusiva da natureza e dos espíritos elementais inferiores que se encarregam de lhes dar o devido fim, reduzindo-os lentamente aos seus elementos originais.

Portanto, as pessoas conscientes e mais evoluídas, principalmente os magistas, não devem fazer muitas visitas a cemitérios e funerais, já que nossa sociedade ainda não é madura e civilizada o suficiente para cremar todos os mortos humanos e reduzi-los a pó de uma vez por todas, evitando assim muitos inconvenientes astrais e físicos para os vivos e também para os mortos, e como uma providência sanitária e de preservação do meio ambiente.

Apenas os adeptos do vodu e de Baron Samedi (entre outros loas) podem precisar de cemitérios com mais frequência; do contrário, as pessoas impressionáveis, vulneráveis e sem conhecimentos ocultos deveriam se abster.

No Túnel de Niantiel também estão as idéias científicas mais terríveis, tais como a utilização de energia atômica ou nuclear indiscriminada que afeta a constituição genética e cria formas de vidas “mutantes”, deformadas, propagando enfermidades físicas e mentais resultantes de radiação letal, e a violência contra a natureza com o conseqüente desequilíbrio de seus ciclos e as catástrofes para se reequilibrar. Essa ciência “venenosa” e mortal também é regida por Escorpião, porém em seu aspecto qliphótico personificado pelo perigoso demônio sumeriano Akrabu, um híbrido de escorpião com busto de homem.

Mas esse plano qliphótico pode trazer conhecimento ao Iniciado que tem consciência e aceitação da assim chamada morte e da reencarnação. Niantiel pode proporcionar a vivência e o conhecimento dos processos e das transformações, a visão da vida na morte e vice-versa; pode mostrar a vida surgindo da putrefação da morte porque putrefação é atividade e atividade é vida, por pior que pareça.



Vigésimo Quinto Caminho e seu Túnel

▣ XIV

Samekh – Saksaksalim

O Vigésimo Quinto Caminho da Árvore da Vida é Samekh, o Arcano XIV, A Temperança, que liga a Esfera de Tiphareth a Yesod. Samekh significa “esteio”, ou seja, é o Caminho cujas forças são o apoio, o sustentáculo do universo manifestado. É um canal de força controladora do fluxo astral e da energia que “molda” toda existência material, constituindo assim o mecanismo por detrás do universo visível; é o controle do *Logos* (Tiphareth) sobre a luz astral (Yesod).

Samekh é também o Caminho direto que conduz definitivamente ao contato com o Sagrado Anjo Guardião. O *Logos* Solar individual se revela como sendo o próprio e real ser do Iniciado iluminado, seu protetor e verdadeiro Iniciador, interior e antes secreto. É uma união verdadeiramente mística e autêntica com o deus interior, ou a mônada individual que adquire autoconsciência. O Sagrado Anjo Guardião, ou Eu Superior, então ilumina a personalidade do Iniciado encarnado e a torna mais “polida”, adequada e correta à vida superior na Terra. É o que acontece antes da putrefação, na morte, dos elementos indesejáveis do ego.

A culminância dessa experiência mística pode ser atingida mediante a transmutação das energias sexuais. As energias opostas, masculinas e femininas, combinam-se em um trabalho de alquimia sexual, com temperança e moderação, e seu fluxo é controlado pela vontade que conduz à

consumação dessa união que ativa uma corrente da energia Kundalini, a Serpente. Todo esse processo é lento e gradativo, porém, seu ápice é simbolizado pela seta de Sagitário (o signo desse Caminho) disparada para o céu, em direção ao Sol (Tiphareth). Na mitologia grega, Quíron, o centauro iluminado pela consciência e sabedoria, é um representante significativo de tal processo, e sua seta é um símbolo da vontade direcionada pelo *Logos* e da experiência extática espiritual. Outro mito grego é Abaris, o Aeróbata, sacerdote do Templo de Apolo (o deus do Sol), que voava montado em uma flecha de ouro, tinha o dom da profecia e o poder de curar a alma e o corpo.

Assim, é a verdadeira e real Alquimia que se realiza nos próprios Iniciados, autênticos laboratórios alquímicos com seus elementos essenciais: corpo físico, representado pelo Sal e pela Terra; energia masculina, representada pelo Enxofre e pelo Fogo; e a energia feminina, representada pelo Mercúrio e pela Água. O homem e a mulher são os alquimistas que trabalham com a fórmula da Alquimia Sexual, ou Pedra Filosofal, para transmutar e sutilar suas energias na Grande Obra, ou *Magnum Opus*, “A Química” da natureza espiritual (Al-Khemi).

Nesse Caminho de Samekh, o Iniciado irá transcender o psiquismo astral de Yesod. Mesmo sendo um Caminho de Iluminação, é perigoso, porque por meio da Alquimia pode-se gerar uma carga muito alta de energia astro-mental que deve ser dosada e controlada pela força de vontade e pelo poder da mente para que não “queime” o sistema nervoso físico-astral, o que causa as psico-patologias emocionais e comportamentais dos místicos desequilibrados e “loucos”.

Pressa e impaciência demonstram fraqueza e imaturidade mágica. Os Iniciados devem compreender que a obtenção de resultados é gradativa e que não se pode esperar “milagres” em curto prazo: o Caminho de Samekh é o Caminho da Temperança. Os efeitos dos trabalhos alquímicos são cumulativos e os poderes latentes se desenvolvem de acordo com os méritos e esforço de cada um.

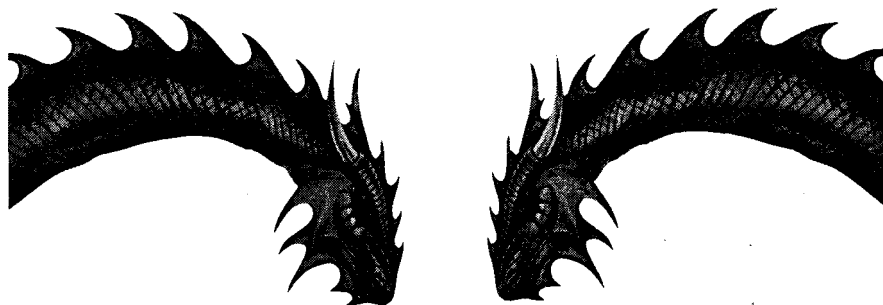
Assim, um ritual alquímico ou de magia sexual prevê a invocação do Sagrado Anjo Guardião para que ele possa zelar pelo trabalho até sua conclusão. No final de todo processo, o Anjo se revela para o alquimista e este recebe seu verdadeiro nome divino, o nome logóico de seu Eu Superior.

No ser humano comum, as influências de Samekh ainda podem ser benéficas, tornando o caráter desenvolvido e elevado. O amor surge isento de paixão grosseira, com afeto, proteção e afinidade entre homem e mulher. As pessoas sentem alegria, são sinceras, buscam evolução e boas condições de vida sem muita preocupação.

O fluxo de energia do Caminho da Temperança possibilita a ação humana controlada no mundo material, com disciplina, serenidade, equilíbrio, paciência e moderação. As pessoas honestamente procuram agir de maneira correta e benévola, buscando novos conhecimentos e união de forças para a realização de algo.

Porém, o indivíduo mais atrasado sofre o desequilíbrio das forças qliphóticas que fluem no Túnel de Saksaksalim, que liga a Qlipha Thagiriron a Gamaliel. Sua influência gera a incompreensão da importância e da realidade das forças opostas e complementares em todos os aspectos e níveis de manifestação, causa desequilíbrios e degeneração sexual com repugnância e aversão pelo sexo oposto, porém com apetites sexuais intensos, reprimidos e animalescos. Há um impulso para causar discórdias, ira, dispersão e descontrole em todos os aspectos. Esses são também alguns dos sintomas apresentados pelos místicos mitômanos, desequilibrados, destemperados e histéricos que existem pelo mundo.

Por outro lado, no Túnel de Saksaksalim há a possibilidade de manipular as correntes vitais eletromagnéticas para a evolução por meio do cultivo dos opostos, o masculino e o feminino. Aqui pode ser visto o andrógino cósmico primitivo, protótipo das primeiras raças sem mente da Terra. O Iniciado pode adquirir o conhecimento da matéria/energia astral que é “moldada” para construir o universo físico com tudo o que ele contém, com tudo o que há de bom e o que há de mau.



Vigésimo Sexto Caminho e seu Túnel

♁ XV

Ayin – A'ano'nin

O Caminho de Ayin é o Vigésimo Sexto, o Caminho do Diabo, o Arcano XV, que liga a Sefhira Tiphareth a Hod na Árvore. Ayin significa “olho”, o olho do intelecto ordinário, o olho da visão física limitada do mundo sensorial. Por outro lado, e principalmente, é também o olho da visão interior do Eu Superior que pode nos fazer ver o que está além da matéria grosseira. Ayin é o Olho de Set e o Olho de Shiva, cuja abertura destrói o universo manifestado, quer dizer, a Ilusão.

O real poder expressado pelo Arcano XV é o de elevar o ser humano além das ilusões materiais para atingir a consciência da Esfera do Sol, do *Logos*. Tal significado e finalidade desse Caminho podem ser verificados pelo próprio número do Arcano: $15 = 1+5 = 6$. Seis é o número da Sefhira Tiphareth (o *Logos* Solar, o Eu Superior) a qual o Caminho de Ayin está ligado. Ou seja, o Diabo é só uma máscara enganosa (característica de Hod-Mercúrio) que oculta o verdadeiro Deus interior, a verdadeira consciência espiritual do *Logos*, do mesmo que a imagem grotesca de Baphomet.

Baphomet significa “batismo ou iniciação de sabedoria” (do grego *baphe*, “batismo”, e *metis*, “sabedoria”), o que é pertinente para o nosso estudo. Possivelmente de origem greco-egípcia, trata-se de um símbolo hermético-setiano e alquímico, um híbrido andrógino de sátiro com cabeça

de bode e busto humano com de seios de mulher. Expressa a união dos opostos e a humanidade materializada com sua força sexual que pode ser utilizada na Alquimia com a interação de forças polarizadas. Simboliza a energia criativa da Natureza e do ser humano.

No Caminho de Ayin, o Diabo expressa as formas densas e aprisionadas do masculino e do feminino, manifestadas no universo físico. Nesse Caminho flui mais densamente os dois pólos da mesma energia primitiva e originadora de todas as formas materiais, sendo o Diabo (não o Diabo cristão) a representação do próprio universo material, a energia criativa do *Logos* Solar em sua forma mais densa e organizada intelectualmente. Portanto, o Diabo surgiu do Absoluto e é fruto das forças polarizantes que criam o universo e suas formas; é Filho da Mãe Suprema e do Pai Supremo.

O universo e tudo o que nele existe foi criado pelo Absoluto (Kether), e isso inclui o tão temível Diabo que sempre “cumprе as ordens” de seu Pai (e Mãe). Sua função ou missão microcós mica é libertar a humanidade da miserável condição em que se encontra por meio da tentação material e tudo o que ela engloba, para que o Espírito assimile e domine a matéria, e para que a personalidade, ainda encarnada, desenvolva o discernimento e o autodomínio.

Entretanto, o Diabo dogmático da cristandade não existe, é uma farsa ridícula e patética inventada para aterrorizar os fiéis ignorantes e mantê-los na servidão, sustentando a opulência da Igreja (ou igrejas, no caso da epidemia pentecostal que se alastra pelo mundo). O único e maior diabo que existe é o próprio ser humano, é cada indivíduo perverso, egoísta, hipócrita, não importa onde nem em que classe social ou econômica, inclusive no meio cristã.

No Caminho de Ayin, o *Logos* Solar – o Filho – se disfarça na matéria, e apenas se revela àqueles que transcendem a forma grosseira e a mente racional do mundo sensorial. No bestiário simbólico, o bode ou a cabra simboliza a matéria e o “aprisionamento” da mônada do indivíduo ignorante e inconsciente que não compreende e não vê nada além do mundo material; é uma alegoria do ser humano cativo na matéria, prisioneiro de Maya, a Ilusão do mundo físico, o que é muito diferente da idéia sobre o bode expiatório, chamado de Azazel pelos hebreus. Este, pobre e coitado animal inocente, supostamente era obrigado a “receber” todos os pecados e impurezas do povo e assim banido para o deserto, onde o Diabo deveria estar, para morrer.

Atitude semelhante também existe no ritual do holocausto, no qual um cordeiro era sacrificado e completamente incinerado no lugar da pessoa pecadora como se ela estivesse sendo entregue a Deus. Cordeiros jovens eram sacrificados diariamente pelos judeus para se livrarem de seus pecados, em uma atitude de hipocrisia e submissão.

O bode é uma representação de Capricórnio, o signo associado ao Caminho de Ayin. É um bode com a parte traseira de peixe, de certo modo, um aspecto do deus egípcio Set, já bastante abordado anteriormente, e do alegre deus grego Pan (Tudo), a potência criadora de toda a Natureza manifestada. Capricórnio representa elevação, alegria e o desenvolvimento espiritual surgindo da escuridão da matéria.

Equivocadamente, o Bode de Mendes também era identificado com o Diabo, que era nada mais que uma máscara que ocultava o verdadeiro deus egípcio Amon, representado com cabeça de carneiro e não de bode. Mendes era o nome grego de uma região no Baixo Egito, e Amon-Ra era o supremo “deus oculto” ou Amen. A conhecida palavra “amém” (que significa “assim seja”) deriva do hebraico “amên” que, por sua vez, vem do nome de Amen-Ra ou Amon, que significa “deus oculto”. É o deus solar de Tiphareth, o deus oculto individual por detrás das distorções do Diabo dogmático.

Eis aí mais uma indicação de que a Cabala não é puramente judaica.

No Caminho de Ayin, o Iniciado conhece o duplo de seu próprio *Logos* e vê por detrás da imagem grotesca e do intelecto a consciência superior. Pode conhecer o processo de sacrifício ou transformação de uma forma ou condição inferior que dá lugar a uma condição superior de ser. Satã “desce” e se manifesta nesse nível de consciência e desfaz a ilusão material, liberta o indivíduo do medo e do equívoco e mostra a verdade das coisas. A dicotomia entre Deus e Diabo desaparece, pois tal separação na realidade não existe.

O ser humano comum e corrente pode ser influenciado de maneira benéfica pelas correntes energéticas de Ayin. Há um fluxo de força material que pode trazer ganhos materiais, lucros, poder e domínio nos negócios materiais, mas com o risco de forte apego material, de comportamentos inescrupulosos e de atividades ilícitas viciosas. Por outro lado, o Caminho do Diabo traz reflexões filosóficas, religiosas e proporciona a capacidade do raciocínio lógico e frio, e também possibilita fazer a transição entre a consciência do ego ordinário e a consciência do Eu Superior.

Os fracos sofrem lamentavelmente as terríveis influências qliphóticas do Diabo que fluem do Túnel de A'ano'nin, que liga a Qlipha Thagiriron a Samael na Árvore da Morte. As forças desequilibradas de A'ano'nin produzem formas densas também desequilibradas, projetando a Luz Astral pervertida, quer dizer, reflexos distorcidos da Luz Astral que criam formas grotescas – o aspecto maléfico do mundo material – mas também imagens e formas belas que visam iludir os seres humanos no mundo físico-astral. As atividades e influências da Luz Astral pervertida geram fortes paixões e desejos no indivíduo inconsciente, devido às ilusões das formas criadas. Afinal, no Túnel do Diabo flui o poder qliphótico de Mercúrio, ou seja, Samael, a Qlipha de Hod. Aqui está o aspecto enganador de Mercúrio, a mentira, a ilusão que não deixam ver a verdade, que ocultam o Real Ser, o

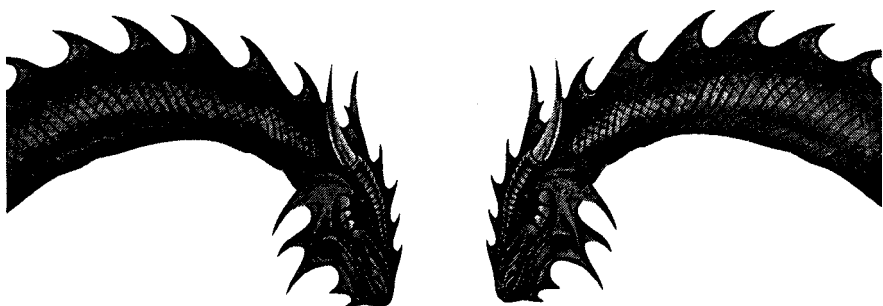
Logos Solar. Nesse Túnel, Mercúrio é o ladrão que rouba a consciência, o discernimento, a razão e a alma dos fracos para que não tenham inquietudes e percepções espirituais e se tornem muito materialistas e estagnados na ilusão.

Com esse Túnel, a humanidade, de modo geral, torna-se impulsiva, cheia de vícios, obsessões, degenera-se, deprava-se, torna-se egoísta, violenta, cruel, sofre e causa sofrimento. Outras pessoas são tentadas ainda a praticar malefícios por meio de feitiçaria e a provocar intrigas para satisfazer seus interesses ilícitos. São pessoas fracas, ignorantes e atrasadas, que estão receptivas às forças de A'ano'nin e não conseguem se libertar de toda essa escória. As forças são obscurecedoras e torna-se difícil a compreensão iluminar tais indivíduos que se sentem impotentes diante da matéria e suas "maravilhas"; porém, sentem-se culpados, e o prazer que pensam estar usufruindo da vida material, principalmente do sexo, transforma-se em sofrimento e submissão. Pessoas assim são as que assumem a hipócrita imagem de moralismo extremo e propagam os tabus sexuais e mundanos, convertendo-se em pseudo-religiosos degenerados, disseminando a ignorância odiosa acerca dos processos naturais, fisiológicos e psicológicos da condição carnal e física de todos os seres humanos, e tornando a existência mais dolorosa do que realmente deveria ser.

No Túnel de A'ano'nin, o Iniciado pode ver a força sexual geradora, impetuosa e descendente que se precipita na matéria. Aqui flui o poder opressor, denso e lento da geração material e animal que obscurece e aprisiona o Espírito do ser humano inconsciente, bem como a lentidão das forças nos processos naturais da vida física. Aqui estão todos os desejos da raça humana, desejos fortes, densos, agressivos, materiais, terríveis, desejos impulsivos pela vida física e pelos prazeres e pseudo-necessidades. Todos esses desejos formam o caráter e o campo astral de cada indivíduo, trazendo-o para a encarnação terrena em um círculo vicioso, indefinidamente...

O Iniciado pode, contudo, sentir-se uno com o mundo material sem "perder sua alma" para Samael, ou obscurecer sua consciência, podendo exaltar seus sentidos e ver prazer em todos os ciclos da vida sem degradar-se, na companhia alegre de Pan. Consegue compreender que o ser humano também é uma entidade natural e com impulsos instintivos primitivos, apesar da necessidade de se ter autocontrole.

Os poderes de A'ano'nin conferem ao Iniciado a sabedoria do corpo e o conhecimento da matéria, abrindo os contatos com os espíritos da terra e com todas as formas de vida, inclusive as repugnantes, da Natureza. O Iniciado não é vítima dos desejos, e sim, adquire a capacidade de materializar tais desejos conforme a vontade, podendo extrair energia vital dos mesmos e da própria natureza.



Vigésimo Sétimo Caminho e seu Túnel

☞ XVI

Peh – Parfaxitas

Peh é o Vigésimo Sétimo Caminho, o Arcano XVI, A Torre, que liga a Sefhira Netzach a Hod. É o Caminho cujo poder equilibra e estabiliza a personalidade do indivíduo que está evoluindo por si mesmo, une a mente superior intuitiva com a mente intelectual pura. Peh significa “boca”, indicando que esse Caminho é a entrada pela qual as forças mentais superiores são assimiladas pela personalidade e o canal pelo qual tais forças são emitidas sob a forma de linguagem intelectual oral para a manifestação exterior, ou seja, a propagação da palavra inspirada pela intuição espiritual e organizada pelo intelecto racional.

O equilíbrio entre a mente superior intuitiva e o intelecto, que resulta na propagação da palavra divina (*Logos*), pode revelar a verdade, ou parte da verdade, despida de artificialidades e limitações equivocadas do ego. A revelação da verdade “destrói” a própria personalidade ilusória do indivíduo e toda confusão que oprimia sua mente. Peh é a boca que invoca Shiva, o destruidor, para que abra seu Terceiro Olho (*Ayin*) e destrua a Ilusão.

Aqui está a grande Torre de Babel, a terrível Torre de confusões, tagarelices e desentendimentos interiores, destruída para que o indivíduo tenha um lampejo de sua verdadeira identidade espiritual, de sua essência divina, de seu *Logos* Solar individual. É a destruição da Torre, ou seja, da limitação da consciência, dos conceitos equivocados e dos tabus programados

pela família e pela sociedade, desde o nascimento, solidamente construídos, tijolo por tijolo.

No processo de Alquimia Sexual, contudo, a Torre representa os órgãos sexuais masculinos e femininos durante a transmutação da energia sexual que destrói as limitações da consciência, expandindo-a. Shiva e Shakti se encarnam no casal que se torna uma expressão de Ardhanari (união de Shiva e Shakti) no processo alquímico polarizado que desperta a Serpente Kundalini, destruindo os tijolos de escórias psicomentais como um raio fulminante.

As pessoas que estão no Caminho de Peh devem invocar as forças destruidoras de Marte em si mesmas para destruir os alicerces psicomentais indesejáveis, os equívocos, os falsos conceitos, os tabus programados desde a infância, o fanatismo, etc. Por vontade própria, o ser humano deve combater e destruir tudo o que o aprisiona para se ver livre de toda ignorância cega, da arrogância e do orgulho tolo, e conhecer sua verdadeira essência espiritual. Mas nem todos têm força de vontade e de caráter suficientes para empreender essa guerra. Porém, para tal é possível invocar os Senhores da Guerra, tais como Tyr, Marte, Ares, Nergal, Menthu, Skanda, etc.

No Caminho de Peh devem ser destruídas todas as torres religiosas, toda crença em falsos gurus, falsos conselheiros, falsos pastores de ovelhas cegas, que aprisionam a grande massa fanática em um grande mercado de almas decadentes disputado por muitos “investidores”. Aqui, pode-se vivenciar uma legítima rebelião contra a escravidão da alma, pois transformações violentas e dolorosas são necessárias na presente Idade do Ferro individual, o Kali Yuga de cada um. Portanto, somente por meio da destruição de todas as torres de aberrações da psique humana é possível ver a luz espiritual verdadeira que sucede a uma existência de lastimável escravidão inconsciente.

Mas suas influências também são benéficas para o indivíduo comum, possibilitando uma mudança radical devido aos vislumbres espirituais que podem ocorrer e uma conseqüente libertação de antigas idéias inúteis e limitadoras. A pessoa sente um alívio de tais opressões psicomentais, rompe elos desnecessários com o passado, compreende as ações kármicas de sua existência e tem um lampejo da verdade espiritual.

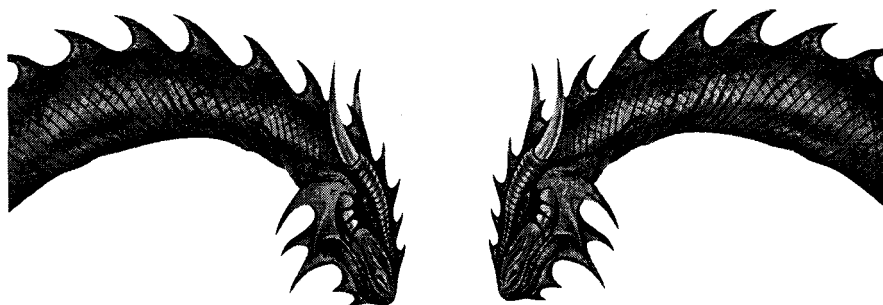
Os indivíduos mais fracos e atrasados são vítimas, por si mesmos, dos poderes qliphóticos da Torre, ou seja, o Túnel de Parfaxitas, que liga a Qlipha A'Arab Zaraq a Samael. Dessa torre infernal, fluem violentamente as forças que destroem o ser humano frágil e de orgulho tolo em meio aos conflitos de toda espécie. A energia de Parfaxitas é violenta e provoca um desejo sexual muito exaltado, mas sem amor verdadeiro, um comportamento geralmente sadomasoquista, com o terrível resultado da carência e rejeição afetivas com desejo irracional de destruição e prazer pela violência.

Assim, os poderes da Torre de Parfaxitas aprisionam a maioria das pessoas comuns e correntes, isolando-as terrivelmente em suas mentes estreitas e conceitos limitados e equivocados.

A limitação do povo é tal que não se busca compreender a essência do verdadeiro religar divino, não consegue e não quer se livrar da ignorância. As pessoas não são livres, mas vivem acorrentadas no cárcere do pré-conceito sem conhecimento, sem embasamento, sem conteúdo válido, cativas de sua própria psique deficiente e condicionada. Esse Túnel conduz à escravidão de idéias, à limitação de pensamento, aos conceitos falsos generalizados, à timidez mórbida e ao medo.

No mundo, de maneira geral, as energias de Parfaxitas se materializam sob a forma extrema de guerras inúteis, genocídios, assassinatos, lutas, catástrofes, ruínas, dificuldades, acidentes e mortes violentas, como acontece com muita freqüência ao redor do mundo. Essas manifestações qliphóticas são uma festa para as Erínias (Fúrias), as deusas da vingança e do ódio que punem com seus punhais e tochas todos os violadores das Leis. Essas três irmãs manifestam o horror apenas pelos seus nomes, que indicam suas ações: Megera, a Odiosa; Tisífone, a Assassina Vingadora; e Alecto, a Incessante.

Contudo, no Túnel de Parfaxitas o Iniciado pode canalizar a violenta energia sexual para servir sua própria vontade e expandir sua consciência nos atavismos pré-humanos, não-humanos e trans-humanos existentes na Torre qliphótica, e que se libertam para a manifestação na psique humana. Os limites da mente inferior e terráquea são destruídos, podendo-se contactar as formas de vida extraterrestre. Os poderes de Parfaxitas podem ser utilizados para modificar o que foi pré-programado desde o nascimento e reprogramar a própria realidade, trabalhando a evolução de si mesmo.



Vigésimo Oitavo Caminho e seu Túnel

⌘ XVII

Heh – Hemetherith

A Estrela é o Vigésimo Oitavo Caminho da Árvore da Vida, Heh, o Arcano XVII do Tarô, que liga a Sefhira Netzach a Yesod. Heh significa “janela”, a janela aberta para a contemplação do céu estrelado, do universo cheio de vida e sua origem causal, ou seja, o plano de Netzach. É um Caminho que leva o Iniciado para a abertura da sua mente superior luciférica, além do psiquismo astral de Yesod.

No Caminho de Heh, o Iniciado vê através de sua janela mental a brilhante Estrela da Tarde, Lúcifer. Tal Estrela, que é também venusiana, somente se manifesta quando há a necessária escuridão (*layil*), tornando possível a visão (*Heh*, “janela”) do universo manifestado e do conhecimento.

Lúcifer é um aspecto do *Logos*, a mente superior e a inteligência, que se “rebela” em meio às forças selvagens do Universo e da Natureza (os Elohim de Netzach) e lhes imprime ordem, coerência e sabedoria. Em outro nível, Lúcifer é a consciência expandida que exalta a Individualidade entre a mente coletiva de seres condicionados.

A consciência luciférica no Iniciado deve gerar um impulso deliberado e consciente para a evolução e elevação espiritual. O indivíduo se inicia nos Mistérios Venusianos do amor espiritual e do sexo alquímico revelados pela sábia serpente do Éden, outro aspecto de Lúcifer-Vênus. Lúcifer desce pelo Caminho de Heh, portando o amor espiritual por toda a Criação, e

deseja a vida consciente e cheia de êxtase e proveito a todos os seres. Seu poder estelar flui para formar a personalidade organizada e pensante no ser humano evoluído, desenvolvendo as emoções superiores, a vontade e a intuição. Todas essas dádivas da Estrela luciférica proporcionam o livre-arbítrio individual que deveria ser exercido com plena consciência e discernimento.

Heh é também o Caminho por onde flui a essência do universo material e onde estão as energias da natureza perfeita ainda não materializada grosseiramente. Nesse estágio da Criação, o Universo e a Natureza são representados pela jovem, bela e desnuda Vênus com seus seios derramando o leite em gotas que formam as estrelas, símbolos da origem da vida. É como as ânforas derramadas do signo de Aquário, a força zodiacal associada a esse Caminho. Aquário expressa a união entre a inteligência superior e a compreensão intuitiva da alma na busca pela sabedoria (*Sophia*); são as duas ânforas ou seios de Vênus-Afrodite.

Vênus, a Divina Mãe Natura, mostra com sua força e beleza naturais que o indivíduo deve atingir sua perfeição (da natureza e do amor espiritual) por meio da Iniciação e dos ensinamentos de Lúcifer, seu Filho e aspecto de si mesma.

Lúcifer é o dragão conselheiro e defensor de cada magista, de cada Iniciado, que traz inspiração e entusiasmo no Caminho Iniciático em busca da sabedoria e do autoconhecimento. Ele nos mostra que temos direitos e deveres como um ser divino e que somos responsáveis por nós mesmos, por nossa própria evolução e por nosso crescimento espiritual. Mostra-nos como abrir a janela para o universo, abrindo nossa visão cósmica, do mesmo modo que o deus-pavão Melek Taus abre sua cauda salpicada de “estrelas”.

Aqui, novamente reportamos o leitor à obra *A Revolução Luciferiana*, deste autor, para saber mais sobre Vênus, Lúcifer e a doutrina do ser humano superior e suas implicações.

As experiências no Caminho de Heh são obtidas por meio de vários procedimentos esotéricos e desperta a intuição que está relacionada com as emoções superiores da alma. O intelecto assimila a experiência, fazendo o indivíduo compreender os planos interiores e desenvolvendo a capacidade superior de visualizar e de imaginar criativamente. Essa assimilação se dá quando a força do Caminho desce à psique, após o êxtase, e une-se à mente intelectual, depositando-se na memória como alimento (inquietações espirituais e energia criativa).

As influências da Estrela trazem para o ser humano receptivo realização pessoal, satisfação, alegria, harmonia, sentimento fraterno e liberdade. Renova as forças, o entusiasmo e a autoconfiança, faz surgir o amor sincero e com vontade, a inspiração e o poder da imaginação criativa e da intuição espiritual naqueles que estão predispostos e possuem um certo grau evolutivo. O indivíduo que já nasce sob os fortes auspícios da Estrela será capaz de sonhar com mais lucidez, terá a mente livre e criativa, será um

livre-pensador, contestador e inquiridor, buscará sempre sua paz pessoal interior e a dos outros e sentirá aversão por discussões, porém saberá se defender adequadamente quando necessário. Tal pessoa poderá ser incompreendida pelos outros que são mais atrasados psicamentalmente e se ocupam demais com as banalidades da vida comum.

O indivíduo que não desperta para a evolução pessoal sofre as influências qliphóticas da Estrela, que vêm do Túnel de Hemetherith, ligando a Qlipha A'Arab Zaraq a Gamaliel. O efeito é uma ausência do sentido espiritual, uma ausência do elo intuitivo com o universo, falta de inspiração e de ideais espirituais com a manifestação do materialismo científico e das pesquisas biomecânicas sem base ocultista.

As influências de Hemetherith embotam a alma dos materialistas. Os pseudo-religiosos pregam a falsa idéia de que o divino é inatingível pela compreensão humana. Os evangélicos vão mais longe ainda, dizendo que o mundo físico é governado pelo Diabo e seus seguidores. Absurdo! O mundo se tornou “impuro” sim, mas pela própria maldade humana e suas vibrações deletérias, porém sua natureza original e essencial é sagrada, bela e merece respeito (pois é Vênus em sua total manifestação material).

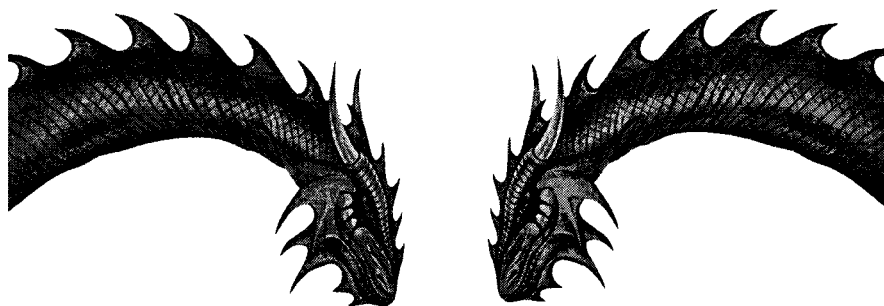
Podemos observar uma teimosia e uma rebeldia inúteis, falsas esperanças em falsas crenças e negligência de si mesmo, já que muitos acreditam que suas debilidades, maus pensamentos e atos reprováveis são influências do Diabo. Realmente a irresponsabilidade individual, a hipocrisia e a velharia são coisas qliphóticas.

Mas, no Túnel de Hemetherith, pode-se ligar a consciência terráquea à vida cósmica subliminar, uma constante união energética sexual (de polaridades) das forças cósmicas da Natureza com sua manifestação material. As correntes astrais positivas e negativas fluem entre si e “copulam” para criar e expandir a teia da vida, assim como os neurônios (estrelas do microcosmo) de um cérebro “superior” se conectam para expandir a inteligência e a “vida mental”. As conexões astro-mentais do universo geram toda espécie de alma-grupo, ou campo morfogenético, que ressoa no sangue das espécies como uma “inteligência sangüínea” que flui de geração para geração em todo o globo.

No Túnel da Estrela está o conhecimento e a visão das forças telúricas do planeta que fluem para a vida e interagem com a consciência humana.

O Iniciado pode, por meio de determinadas práticas, acelerar suas vibrações energéticas e ativar seus poderes cósmicos estelares por detrás das secreções naturais do organismo físico e expandir sua mente para a evolução, comunicando-se telepaticamente ou astralmente com as forças inteligentes ocultas do mundo manifestado. Afinal, os sistemas nervoso e endócrino, ambos interligados, podem afetar a própria mente e as emoções.

Enfim, no Túnel de Hemetherith se encontra a sabedoria sombria da Mãe Natureza, do Dragão-Serpente, ou as correntes astrais descendentes. É Lúcifer que “desceu” para aprimorar o ser humano; é o deus estelar somente visível nas trevas criadoras da Noite (*Nyx, Nox*).



Vigésimo Nono Caminho e seu Túnel

♁ XVIII

Qoph – Qulielfi

O Vigésimo Nono Caminho é Qoph, o Arcano XVIII, A Lua, que liga Netzach a Malkuth na Árvore da Vida. É o Caminho no qual a força criativa superior do plano causal se manifesta, materializando-se em formas orgânicas inferiores, gerando a vida física. A força criativa, ou luciférica, da natureza utiliza as energias astrais que constituem os campos morfogenéticos humanos responsáveis pelo desenvolvimento orgânico no ventre materno. Tal desenvolvimento é simbolizado por Peixes, o signo de Qoph, e expressa a energia a partir da qual as células do corpo humano se desenvolvem e continuam nesse desenvolvimento durante toda a vida, renovando as células mortas.

No útero, que pode ser considerado o Caminho de Qoph em sua manifestação mais física e densa, está o sono profundo da criatura que irá nascer, a qual ainda está se desenvolvendo e ainda está desprovida de consciência individual.

A Lua também é responsável pela fluidez e desenvolvimento material do sangue nos seres encarnados, sendo o sangue a matéria orgânica primordial e vital que circula no corpo físico. No Caminho de Qoph se dá a materialização do sangue e, conseqüentemente, do carma no mundo físico. O sangue da menstruação e do parto estão igualmente relacionados com o

Caminho de Qoph e com os processos sexuais primitivos da Lua, a Grande Mãe em seu aspecto selvagem e fisiológico.

O significado de Qoph é “nuca”, e nuca é a Lua, um astro cujo brilho é um reflexo obscurecido da luz do Sol, a cabeça ou consciência desperta do ser humano. A Lua é a pequena luz que antecede a iluminação mental cujo veículo é o cérebro no corpo físico desenvolvido. Nesse corpo a partícula espiritual fica “aprisionada” com o agregado psicológico humano.

O Caminho da Lua é perigoso, no qual o indivíduo enfrenta os terríveis “inimigos” nos confins de sua psique, os elementos causais de sua nova encarnação e que se manifestam em sua alma. É o sono consciente repleto de pesadelos e muitos confrontos que levam ao despertar da consciência.

No Caminho de volta para o plano causal (Netzach), a vida se transforma em “morte”, e as forças de Qoph movimentam as energias formativas que se dissipam no mundo material/astral e retornam à sua origem, ao Jardim do Éden do plano de Netzach, à Esfera dos Elohim, de Vênus e Lúcifer.

A influência do Caminho de Qoph é muito forte na psique humana, aumentando a sensibilidade psíquica, mas podendo torná-la instável. A pessoa adquire um sentimentalismo excessivo e se apega muito ao lar materno, que também é relativamente recíproco. Apesar disso, há alguma inquietude da alma e uma capacidade criativa de gerar mudanças. Alguns têm uma imaginação excessiva e descontrolada, sonham de maneira confusa, vivendo de ilusões e sofrendo desilusões.

As piores influências para as pessoas fracas e estagnadas ocorrem através do Túnel de Qulielfi, que liga a Qlipha A'Arab Zaraq a Lilith na Árvore qliphótica. Nesse Túnel, o excesso domina o indivíduo que não sonha mais, mas vive pesadelos. Não há mais a capacidade da imaginação criativa. Vive cheio de superstição e medo de tudo que lhe parece sobrenatural ou inexplicável, de tudo que possa lembrar a morte ou coisas tétricas, de tudo que possa ser fisiologicamente natural e primitivo, medo até mesmo de animais considerados nésciamente como seres “maléficos”, tais como corujas, corvos, sapos, serpentes, lobos, aranhas, mariposas, etc. Mas esse medo talvez seja devido à perseguição cristã às pessoas que gostavam muito de animais. Os hipócritas e cruéis perseguidores religiosos viam o Diabo em todos esses animais citados, e todo aquele que possuía um gato corria o risco de ser condenado e executado pela Igreja. Contudo, muito antes da pernicioso religião cristã, os egípcios protegiam e veneravam os gatos como representação da deusa Bast e celebravam com alegria tudo o que ela representava.

O medo enfraquece cada vez mais o indivíduo que vive em meio a suas próprias adversidades, em seu próprio mundo sombrio e horripilante, insatisfeito, correndo o risco de insanidade, irradiando más influências e vibrações nocivas para o mundo. Qulielfi o aprisiona na obscuridade hipnótica de si mesmo, no terror, na obsessão, na falsidade e no erro. Outros menos desequilibrados são tentados a praticar magia negra, sortilégios e

feitiçaria baixa para movimentar forças ocultas nocivas em direção a algum inimigo real ou imaginário, conforme a paranóia de cada um. A doentia obsessão por entidades tenebrosas também surge desse Túnel.

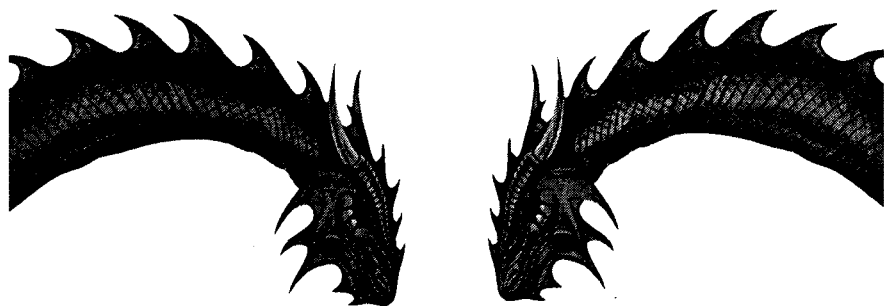
Os vícios de alcoolismo e todas as espécies de perversões sexuais vêm à tona na pessoa mal resolvida consigo mesma, inconsciente, mal influenciada pelo mundo degenerado e imersa no seu Túnel qliphótico pessoal, com dor e prazer ilusórios de suas visões psicomentais sinistras.

É uma obscuridade da alma com as aparições horríveis, distorcidas, fantasmas da personalidade e das imagens sombrias da matéria, criações horripilantes do mundo denso e da escória psicamental. Não estando sob o controle consciente, essas aberrações psíquicas primitivas assombram a pessoa que mantém uma fachada de gente normal, mas que tem horror em encará-las. A estabilidade emocional e mental do indivíduo é duvidosa e sua compreensão sobre questões evolutivas é quase nula, correndo o risco de tornar-se lunático, quer dizer, influenciado pelas vibrações qliphóticas da Lua Negra, ou da terrível deusa tríplice Hécate ou Trívia (lunar, infernal e marinha), um aspecto da Grande Deusa Mãe.

Mas Qulielfi, o lado escuro da Lua, também aumenta o poder da imaginação criativa do ser humano em evolução, torna-o capaz de projeções da consciência no corpo astral e de sonhar lucidamente. Aqui, pode-se contactar a memória genética e da raça humana, as forças primitivas e obscuras do processo evolutivo orgânico no inconsciente coletivo. O Iniciado pode descobrir o segredo da manipulação das correntes astrais inferiores para influenciar a própria vida, gerar e irradiar magnetismo. Aqui também estão as forças elementais mais primitivas da natureza, especialmente das águas.

As portas de Qulielfi podem se abrir no crepúsculo psíquico, ou seja, no limiar entre o sono e a vigília, conduzindo a alma para as profundezas do inconsciente astral onde existe um mundo de seres sombrios e primitivos, mas também elementais essenciais à natureza e outros seres mais evoluídos vivenciando experiências ou trabalhando por sua evolução.

E como já enfatizado anteriormente, as visões e experiências do Túnel, ou qualquer outro Plano inferior, serão de acordo com o temperamento e o grau evolutivo individual, pois Qulielfi é apenas mais um espelho que reflete a realidade nua e crua de cada um.



Trigésimo Caminho e seu Túnel

⌒ XIX

Resh – Raflifu

Resh é o Trigésimo Caminho, o Caminho do Sol, o Arcano XIX do Tarô, que liga a Sefhira Hod a Yesod. Resh significa “cabeça”, pois a cabeça é a sede da inteligência e do intelecto iluminados, desenvolvidos e bem aplicados que surgem de Hod. O Caminho do Sol traz consciência para o indivíduo no plano intelectual e racional e sua relação com seu corpo e mente, porém sabendo que o intelecto puramente racional é limitado e não o leva aos patamares mais altos do espírito.

Em outro aspecto, o Caminho de Resh é por onde flui o poder que controla as constelações zodiacais que também recebem as outras influências planetárias. Os planetas são os “andarilhos” (em grego, *planétes*) que se movem ao redor do Sol e deixam suas marcas ou influências na Terra.

Podemos associar o Sol desse Caminho ao deus gnóstico Abraxas, que representa a passagem do ano solar na Terra (o nosso foco de todas as influências cósmicas). Abraxas tem como valor cabalístico o número 365 (o ano solar), e é representado como um híbrido de homem com cabeça de galo (animal solar) e com serpentes no lugar das pernas. Tem natureza dual, positiva e negativa, sendo às vezes considerado um deus benéfico ou um demônio, o que é pertinente a esse Caminho no qual surge a mente racional e os aspectos da personalidade encarnada.

O Sol é o “controlador” dos signos astrológicos os quais influenciarão todos seres humanos em suas existências físicas. Aliás, essas influências, combinadas ou não, podem influenciar todas as condições e aspectos da vida macrocós mica e microcós mica, dos seres humanos e do planeta Terra e sua natureza, inclusive as obras criadas pelo homem. Ao nascer, cada pessoa terá a regência de determinado signo e planeta em toda sua vida, moldando e caracterizando sua personalidade, seu caráter e suas disposições mentais.

O leitor poderá ver a amplitude das influências planetárias e elementais na obra *Sistemagia*, Madras Editora, já citada.

No Caminho de Resh estão os aspectos duais da personalidade que irá se manifestar em um corpo físico. Tal corpo se desenvolverá e irá se diferenciar em masculino ou feminino, vindo à luz da existência com sua personalidade ainda na infância, inocente e livre dos tabus condicionantes e dos preconceitos inúteis que normalmente o ser humano contrai como uma enfermidade. O indivíduo desenvolverá uma personalidade individual com a predominância característica masculina ou feminina.

Essa personalidade desenvolvida e polida proporciona experiências úteis para o Eu Superior da pessoa encarnada, para que as lições da vida material sejam apreendidas, superadas e deixadas para trás no processo evolutivo. O Eu Superior atua por meio dessa personalidade desenvolvida e de caráter evoluído no mundo físico; a personalidade e o Eu Superior devem tornar-se um para que se faça a iniciação maior do *Logos* Solar (Ti-phareth), em um estágio mais avançado.

Uma das lições da personalidade no Caminho de Resh é aprender a pensar e raciocinar por analogias. O ser humano deve aprender a fazer correspondências entre todas as coisas, em todos os níveis de manifestação, pois essa capacidade mental acelera a evolução e possibilita uma compreensão mais profunda do universo e da vida, facilitando a aproximação do seu Ser interno.

No nível mais mundano, o Caminho de Resh-Sol traz influências muito benéficas. Impulsiona o indivíduo a evoluir espiritualmente e a tornar-se autoconsciente, pode trazer felicidade, sucesso, harmonia e abundância. Torna as pessoas mais sinceras e honestas, mais generosas e respeitosas entre si, eleva o caráter e a moral, infunde o senso de honra e de nobreza.

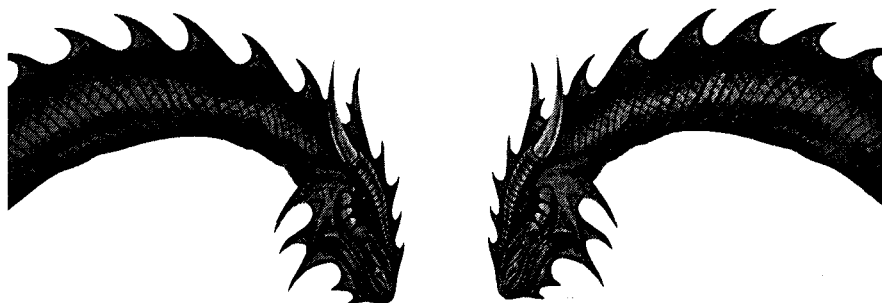
Por outro lado, a força infernal ou qliphótica do Sol, que surge através do Túnel de Raflifu, que liga a Qlipha Samael a Gamaliel, induz as pessoas ao orgulho extremo e fútil, ao exibicionismo, ao egocentrismo tolo, à presunção hipócrita, à vaidade e à arrogância. Muitas pessoas se apegam à auto-idolatria sem autoconsciência e, muito menos, sem conteúdo espiritual. Há um processo de intelectualização grosseira e descontrolada isento de real compreensão interior, gerando presunção e arrogância com a glorificação da personalidade mundana e efêmera. A pessoa fraca e atrasada espiritualmente sofre conflitos internos, confusão mental e alienação com

as influências de Raflifu e pode sofrer ainda uma desfragmentação da personalidade frágil, gerando psicopatologias e obsessões. A vida se dispersa. Não há continuidade de propósitos, nem centralização nem concentração de forças.

Raflifu acentua a ignorância que faz cultos idólatras de personagens do passado e do presente, que cultuam ídolos vazios e transitórios, ídolos que são apenas aparência ou tolice personificada. Podemos observar bem tal fenômeno no mundo atual, onde as influências qliphóticas desse Túnel criam ídolos inúteis, extremamente fúteis, degradados e desprezíveis, por meio das grandes mídias e das massas volúveis e vulgares.

Mas, o Iniciado utiliza o Túnel de Raflifu como fonte da força mental criativa, concentrada e direcionada. Nada no Túnel qliphótico pode afetar sua mente, pois ele está além das coisas deploráveis. O ego pessoal é transcendido para além do estado psicológico atual, mecanizado e impulsivo. Pode-se vislumbrar um reflexo do oculto Eu Superior por detrás das máscaras da personalidade e seu aspecto severo e sombrio, Abraxas como o “malévolo” impulsionador dos ciclos das encarnações terrenas, que guia a evolução.

Todas as máscaras das encarnações do Eu Superior, oculto e silencioso na maioria das pessoas, podem ser encontradas aqui, bem como a inteligência celular do corpo físico com suas influências cósmicas. No Túnel de Raflifu também pode ser vivenciada a inspiração dos gênios criativos e intelectuais e vislumbrada a matéria-prima de seu raciocínio e criatividade.



Trigésimo Primeiro Caminho e seu Túnel

♁ XX

Shin – Shalicu

O Trigésimo Primeiro Caminho é Shin, o Arcano XX, O Julgamento, que liga a Sephira Hod a Malkuth na Árvore da Vida. É o Caminho no qual o Eu Superior avalia e julga o desenvolvimento da personalidade encarnada, o nível intelectual, as disposições emocionais, a compreensão de si mesmo e seu equilíbrio.

O trabalho no Caminho de Shin é difícil e lento. O indivíduo deve em primeiro lugar renascer neste mundo material, ou seja, regenerar seu corpo físico por meio de certos procedimentos, tais como purificação interna, alimentação equilibrada, exercícios de vitalização energética (algumas modalidades sérias de yoga), etc. O corpo físico deve ser o veículo ideal para a manifestação do Espírito, ou Eu Superior, encarnado para cumprir sua missão no mundo e prosseguir seu caminho através das eras.

Aqui, o Eu Superior também exige e busca estabelecer o necessário equilíbrio individual entre os quatro Elementos da totalidade humana em Malkuth: os pensamentos e a mente intelectual, que expressam o Elemento Ar; as emoções superiores da alma, que são o Elemento Água; o corpo físico “limpo”, saudável e forte, manifestado pelo Elemento Terra; a intuição e a energia sexual, que são o Elemento Fogo; e o Espírito ou Fogo espiritual, o qual controla todos os outros Elementos do microcosmo.

No Caminho de Shin, o Julgamento cai sobre toda a humanidade, porém no Iniciado ele é precedido pela avaliação dos novos e úteis conceitos e idéias elaborados por sua personalidade renovada, aprimorada por seu trabalho sobre si mesmo e pela compreensão de seus erros cometidos no passado e do que deve ser feito no presente.

O Fogo metafísico ou espiritual, que é um aspecto da manifestação do *Logos* individual na Terra, purifica e “salva” o indivíduo de seu “túmulo” de matéria e o desperta para uma realidade superior a respeito de si e do universo; um despertar de si mesmo para si mesmo. A ação desse Fogo regenera o corpo, consumindo sua escória enferma e desequilibrada e fazendo-o renascer, ou se renovar, mais sadio e adequado à evolução espiritual. O Fogo purifica o Iniciado e o profano comum e corrente, sendo que este último deve sofrer em sua purgação interior, incinerando toda sua escória inútil de maldade, paixões grosseiras e ignorância que constituem sua vida degradante.

Shin significa “dente”, o dente da severa lei da matéria, da evolução e do Julgamento. Aqui pode ser considerada também a lei do “dente por dente”, significando que o sofrimento e o “castigo” são proporcionais aos atos cometidos e à ignorância, o mesmo valendo para os bons méritos de cada um. É uma lei dura e aparentemente primitiva, mas pode ser mais eficaz e justa em um mundo cruel e desmedido. De fato, é uma lei divina que funciona naturalmente porque é uma lei kármica, porém deveria ser aplicada conscientemente e com justiça no mundo material dos humanos que insistem em cometer toda espécie de desatinos, equívocos e atrocidades. E é nesse mundo dos homens que o equilíbrio começa, possibilitando o acerto, o desenvolvimento da sensibilidade, a evolução psicamental e espiritual.

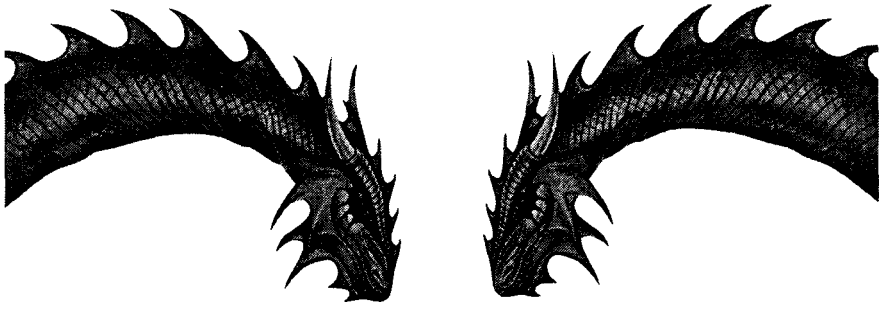
O fluxo de energia no Caminho de Shin converge para a Terra, apesar de imperceptível para a humanidade ainda inconsciente, podendo gerar harmonia, mudanças positivas, realizações e alegrias para as pessoas mais receptivas e sensíveis. Os indivíduos merecedores podem adquirir sucesso, renovação e compensação de seus atos reprováveis moralmente e espiritualmente. Os mais evoluídos aprendem a julgar e fazer justiça com sabedoria e a reagir adequadamente diante das dificuldades. O Iniciado tem seus caminhos abertos para prosseguir, tem sua mente renovada e seu corpo mais sadio, regenerando-se interiormente, libertando-se da opressão da vida material, mas vivendo ainda encarnado.

O indivíduo atrasado que se idiotizou é alvo das forças qliphóticas do Túnel de Shalicu, que liga a Qlipha Samael a Lilith na Árvore da Morte. São forças que o arrastam para a escravidão moral, religiosa e social, infunde medo, culpa e causa uma perda de caráter. Outros têm uma alegria inútil e inconsciente sem motivo algum, tendência ao fanatismo, seja lá qual for, e crença cega em uma ilusória salvação divina, independente de ação e iniciativa próprias para evoluir de maneira consciente, como podemos observar na multidão de cristitas ao redor do mundo.

Contudo, o Iniciado no Túnel de Shalicu poderá adquirir a capacidade de ver mais objetivamente o subdesenvolvimento passado de sua personalidade, o possível futuro da degradação humana e a desordem do mundo, buscando superar suas ameaças e seus efeitos, etc. As possíveis catástrofes aniquiladoras do mundo podem ser vistas aqui, assim como o caos da tecnologia que o assola desenfreadamente sem discernimento espiritual ou moral.

Fora do espaço e do tempo do mundo corriqueiro, é possível libertar-se dos sistemas sociais, nacionais e dos costumes e crenças pré-estabelecidos de maneira condicionante, e vivenciar novas realidades, contactando outras formas de vida extra-humanas, adquirindo novos conhecimentos e uma mudança na própria cultura e visão do mundo. Pode-se ir além da mecanicidade da banal vida cotidiana que condiciona a sociedade em uma existência “zumbificada”, em um sistema social opressor e embotador da evolução.

O Túnel de Shalicu é um canal pelo qual suas forças podem se manifestar no mundo visível, podendo contribuir para a regeneração da humanidade ou levá-la à destruição, o que realmente está acontecendo.



Trigésimo Segundo Caminho e seu Túnel

⌘ XXI

Tau – Thantifaxath

Tau é o último Caminho da Árvore da Vida, o Trigésimo Segundo, o Arcano XXI, O Universo, que liga a Sefira Yesod a Malkuth. Tau significa “cruz”, a cruz de união e equilíbrio entre os quatro Elementos da matéria, do universo manifestado, do mundo, e de sua estabilidade na Esfera de Malkuth. Tau é também a cruz ansata (*ankh*), ou seja, a cruz em T com o círculo ou um laço sobre ela. É a cruz da vida, da senda espiritual (Tao, o Caminho) e da Deusa Mãe Vênus que aqui está em sua derradeira manifestação material. Tau é o Ômega da Criação com todos os Elementos manifestados.

No Caminho do Universo, todas as energias e forças culminam na plena manifestação divina onde a energia formativa primordial da Grande Mãe tem sua expressão mais completa na forma, pois é a conclusão dos princípios da matéria na Esfera de Malkuth, uma expressão inferior e mais densa da Grande Mãe, a Grande Sacerdotisa, a Virgem Stella Maris, a Imperatriz, a Rainha, a Mãe Binah, a Grande Mãe Natura, a Princesa do *Logos*, etc.

No Caminho de Tau surgem o tempo e o espaço que regem a vida e a morte em Malkuth. É o Túnel pelo qual o ser humano mais evoluído passa quando deixa o mundo físico em direção ao plano astral de Yesod. A energia espiralóide da Esfera de Yesod, o sustentáculo da vida, o Alicerce que

“molda” toda a vida, em sua luz astral fluídica e ondulante, cria as formas para a manifestação densa em nosso mundo de Malkuth. É o Caminho final que completa o desenvolvimento de todo o “conteúdo” do Ovo Cósmico do Caminho de Aleph (O Louco) e da Esfera de Kether.

Aqui, Saturno se manifesta como o tempo, o espaço e seus ciclos que estão à disposição para serem manipulados na consciência, convergendo as forças do espaço-tempo para um eterno agora na quarta dimensão, o plano astral, ou seja, o tempo unido à tridimensionalidade em sua forma mais sutil. É a Unidade da matéria e da energia, do espaço e do tempo, vista claramente pelo Iniciado, mostrando que o repouso absoluto não existe no universo manifestado e na vida, que tudo está em contínuo movimento e interação, que todas as coisas no espaço-tempo se alteram e variam em seus movimentos, seja para o bem ou para o mal.

O Caminho do Universo é o primeiro passo do processo iniciático e evolutivo. Aqui estão todos os elementos da personalidade livres da limitação física e da “proteção” corpórea. A Grande Obra da raça humana se inicia em Malkuth, na Terra, na matéria. O indivíduo, por sua própria iniciativa, com discernimento e paciência, busca adquirir graus mais elevados de autoconsciência, para retornar à sua Origem como um ser altamente evoluído e compreendendo que sua Individualidade e o universo formam um todo, que a matéria é o aspecto mais denso das formas e energias sutis.

Assim, para iniciar o Caminho de Tau, o indivíduo deve ter sua personalidade totalmente equilibrada e uma compreensão profunda sobre si mesmo. Caso contrário, encontrará as portas da Iniciação fechadas, pois sem equilíbrio e compreensão os resultados podem ser perigosos para sua pequena psique e sua vida, ficando imerso no caos de ilusões desconexas e fantásticas produzidas por Yesod ou por seu inconsciente.

Mas para aqueles que levam a vida sem rumo ou sem algum objetivo elevado, considerando-se apenas o aspecto material das coisas, as influências do Caminho de Tau podem ainda trazer realizações, conquistas, liberdade e favorecer a conclusão e êxito de objetivos mundanos e materiais, conforme o carma.

O indivíduo mais sensível pode se tornar mais lúcido, prudente, com uma inteligência mais esclarecida, abrangente e profunda, com liberdade de pensamento, capaz de se concentrar e trabalhar para sua evolução, podendo ter até uma vida longa na Terra. As pessoas mais receptivas podem viver com alguma paz e felicidade interiores, amar com vontade e entrega total e serem capazes de superar obstáculos, atingindo seus objetivos mais nobres em segurança e protegidas. O fluxo de Tau também pode favorecer o crescimento constante, porém lento e seguro, de todas as coisas materiais.

Contudo, mais forte parece ser a influência qliphótica do Universo através do Túnel de Thantifaxath, que liga a Qlipha Gamaliel a Lilith na Árvore da Morte. Podemos observar que a humanidade encontra-se evi-

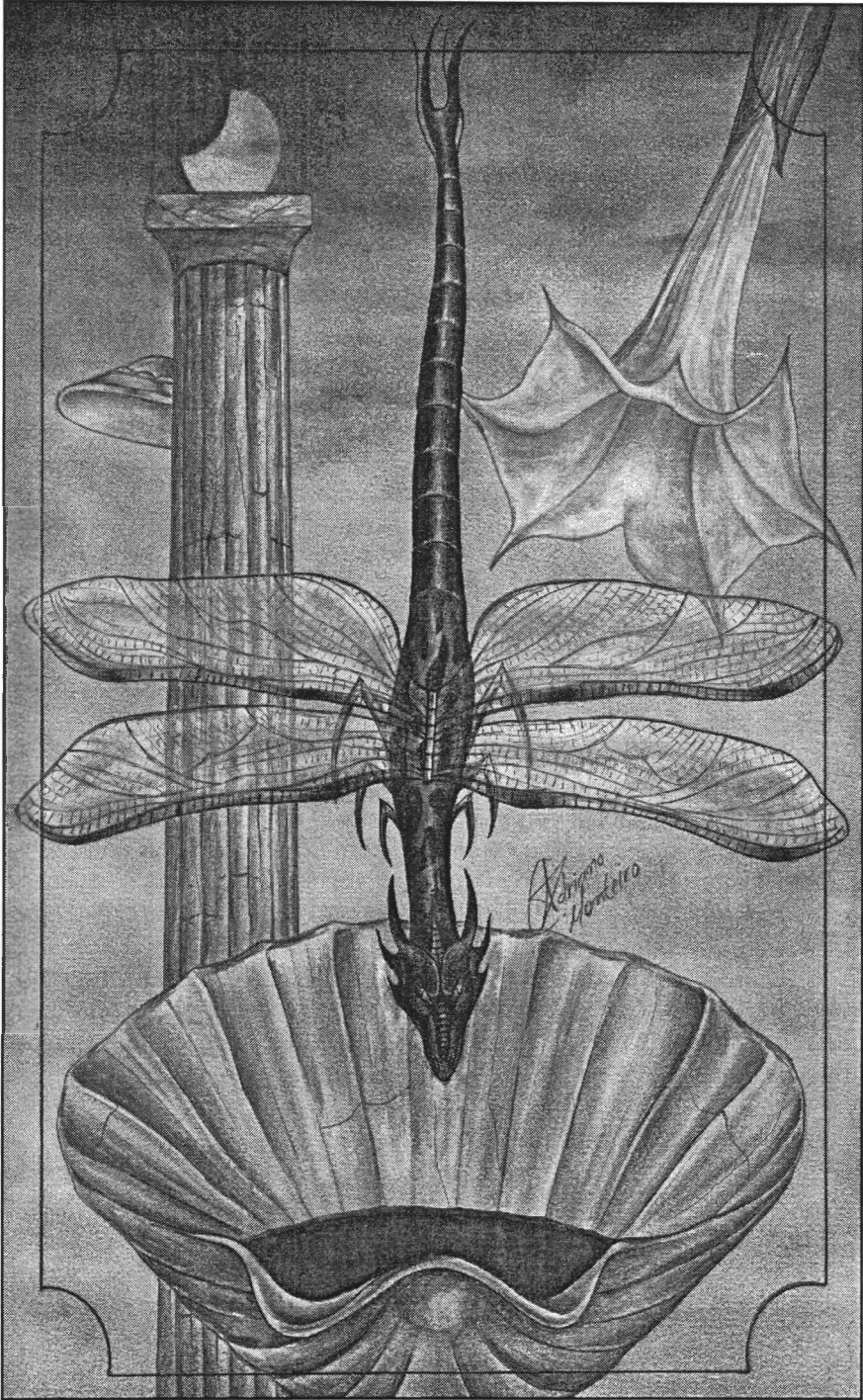
dentemente dispersa, de maneira assombrosa, na corrente material, imersa nas futilidades e vulgaridades materiais, cegamente movida por ganância extrema e cobiça, gerando hostilidade, violência e hipocrisia. A vida material quase se torna um obstáculo à evolução dos que se esforçam para tal, porque sob as influências de Thantifaxath a massa estorva o mundo e cria dificuldades.

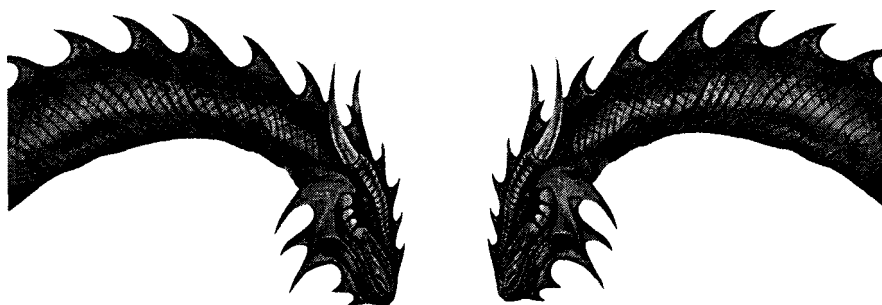
Na humanidade comum e corrente, o medo é generalizado apesar de estar latente nas situações mais triviais e ordinárias da vida. Entretanto, não basta muito para que o medo venha à tona e abale terrivelmente os indivíduos fracos e desequilibrados. As pessoas sofrem medos limitadores e restritivos à evolução, medo da morte, medo da solidão, medo do desconhecido, medo das forças ocultas da natureza, medo de feitiçaria, medo de tudo o que foi “inventado” para se temer. A humanidade foi doutrinada no medo e na ansiedade, na estagnação e na escravidão psicomental e material. São seres humanos sem o conhecimento de sua personalidade e com dissociações psicológicas, doentes mentalmente, vivendo em seu medíocre universo de idiossincrasias e contradições. Afinal, de perto ninguém é realmente normal...

Sob as influências de Thantifaxath a humanidade desequilibrada está destruindo o planeta, por meio de atos ignorantes e inescrupulosos, agredindo, poluindo e contaminando o ambiente, deteriorando a camada de ozônio da Terra, esgotando os recursos naturais, provocando desequilíbrios climáticos, etc.

Apesar de tudo, o Túnel qliphótico do Universo também contém a força para a auto-regeneração e renovação da energia da Terra, em seu estado primordial, após a limpeza da escória. O Iniciado pode fazer incursões em outra dimensão e se comunicar com seus habitantes sinistros. O aspecto sombrio e opressor do espaço-tempo pode ser visto aqui, na quarta dimensão qliphótica, e manipulado para as criações tenebrosas e distorções que iludem o mundo.

Enfim, aqui se completa a *Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, Otz Daath*. E como tudo tem os dois lados da moeda, se alguém quiser uma terá de levar seus dois lados, com consciência e sabendo o que está fazendo.





Posfácio

Concluída esta obra, o que se espera é que ela cumpra seu objetivo: trazer alguns conhecimentos sobre uma matéria pouco difundida e pouco compreendida, e expor algumas idéias acerca das influências que o mundo e nós estamos sujeitos, sob o ponto de vista da Cabala Draconiana aqui apresentada.

Atualmente, vemos um grande aumento do interesse pelas ciências ocultas ou esotéricas, muitas vezes até mesmo superficial e de maneira banalizada, apesar de haver ainda muito preconceito oriundo de várias correntes religiosas, principalmente cristãs, e das correntes científicas materialistas. Por essas correntes esperamos sempre ser rotulados como esquisitos, loucos, servidores do Diabo, malvados, sinistros, sonhadores, etc.

Lamentavelmente, as pessoas falam do que não conhecem, do que não vivenciaram, do que não viram, do que não estudaram. Mas os ocultistas e espiritualistas sérios procuram adquirir um conhecimento sobre tudo o que está ao seu alcance, buscam conhecer as religiões e doutrinas alheias ao seu caminho e tiram suas próprias conclusões. Os hipócritas e fanáticos religiosos, as pessoas crédulas e de fé cega, temem abrir um livro de magia, de espiritualismo (até mesmo os mais “inofensivos”), de ciências não ortodoxas, de filosofia acadêmica, etc. Assim, como podem eles falar sobre outras religiões e doutrinas do mundo, sem conhecimento, sem embasamento, livre de tabus e fanatismo?

Contudo, o mais importante é que cada vez mais as pessoas vão, aos poucos, despertando sua consciência para uma realidade até então desconhecida de si mesmas e do mundo, adquirindo mais conhecimento, discernimento e agindo com responsabilidade e com vontade.

É claro que há muito o que aprender, e o que é exposto nesta obra é só uma pequena parte, que serve para estimular o estudante sério a buscar mais, a conhecer mais e a crescer mais, não se conformando com crenças pré-estabelecidas e pré-programadas, pensando por si mesmo e tendo suas próprias conclusões com embasamento e conhecimento.

A Cabala Draconiana é um sistema de desenvolvimento no qual todos os conhecimentos podem ser dispostos, conjugados, associados e comparados, proporcionando uma visão ampla de todas as coisas. É uma representação do universo, do mundo e do ser humano como um todo, que fornece indicações sobre o processo da Criação e mostra a senda iniciática de evolução espiritual, psicamental e moral.

Não é um trabalho fácil e breve, mas de iniciativa, de coragem para seguir o caminho de luz e sombras de maneira consciente, com o objetivo de ser um deus entre os deuses.

Para isso, precisamos reconhecer e admitir nossos defeitos, erros e desequilíbrios e enxergar além das limitações do condicionamento “normal”, social. Devemos ter a capacidade de ver o que há na Luz e nas Trevas, sem tabus. Como poderemos combater o mal em nós mesmos se não o identificamos e o reconhecemos?

É necessário libertar-se da mentalidade de rebanho, dos tabus e preconceitos, abrir a mente e seguir em frente com a própria luz na própria escuridão, descobrindo os segredos da existência e usufruindo de suas descobertas, tendo prazer no conhecimento, na sabedoria e na vida em suas percepções mais sutis.

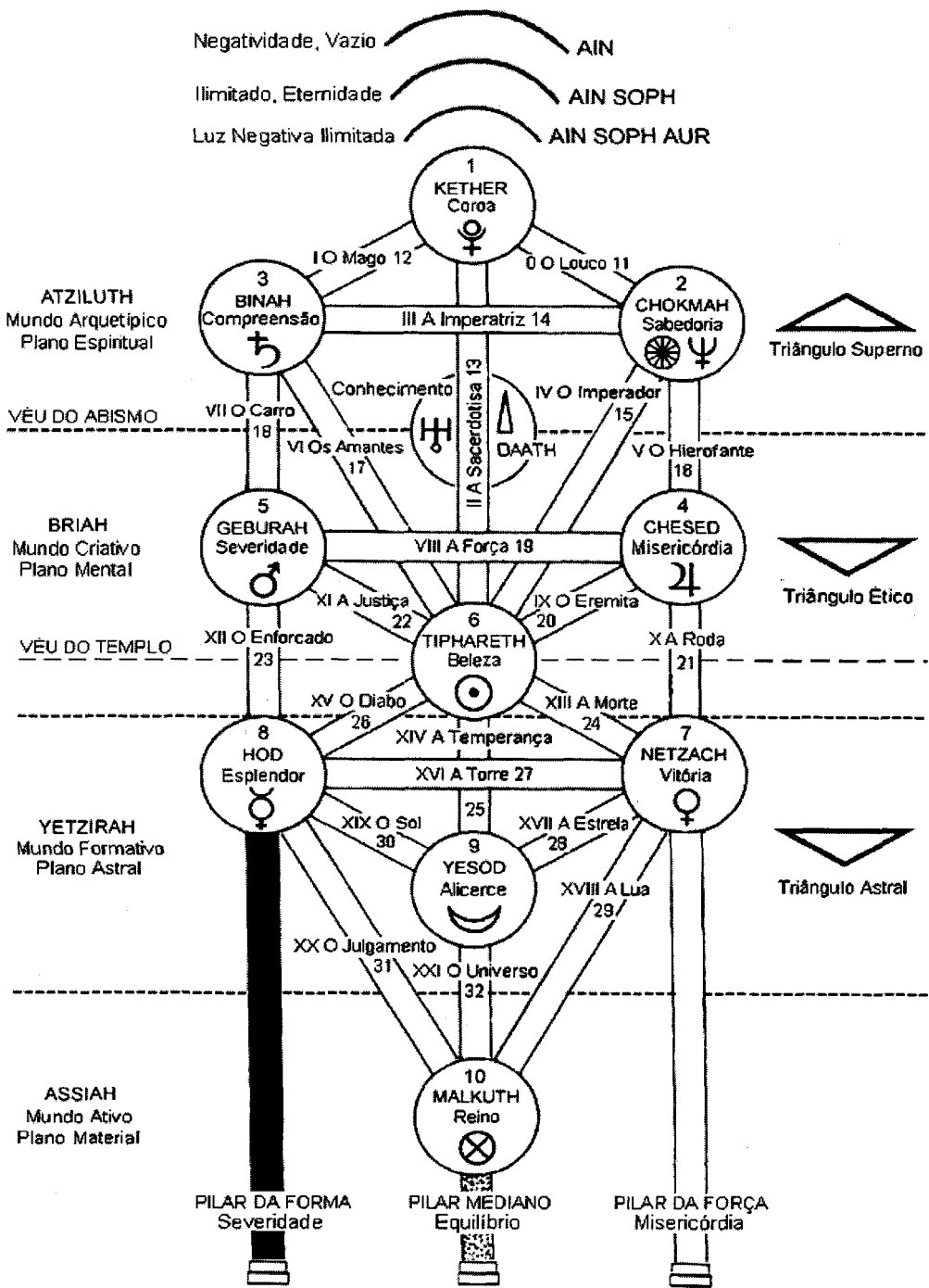


Diagrama I – A Árvore da Vida

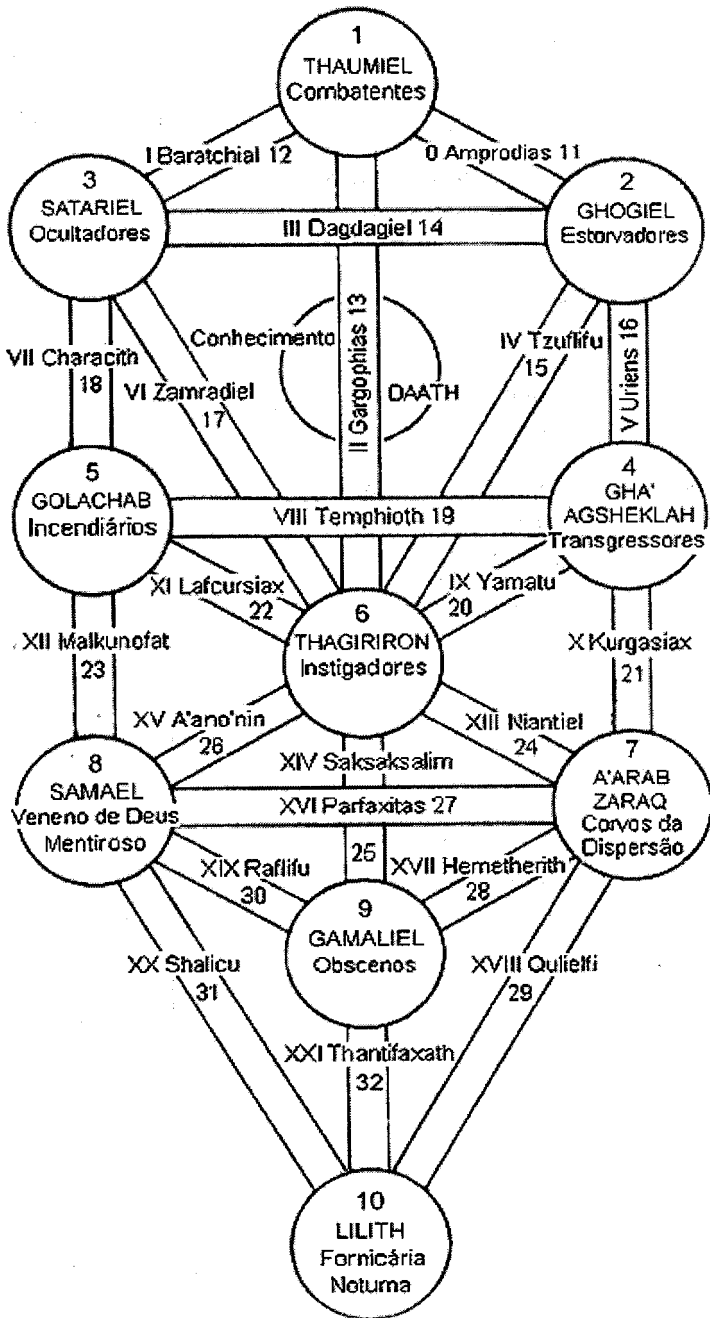
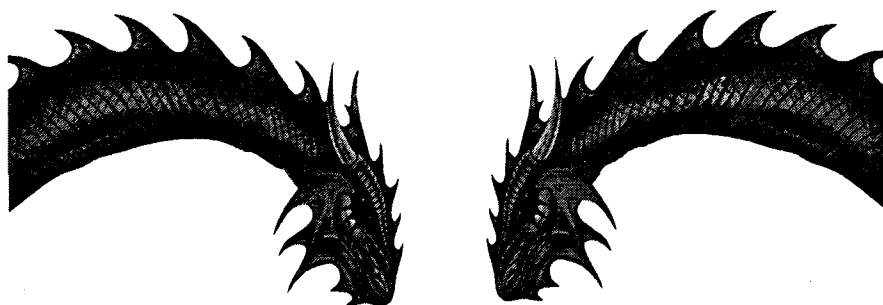


Diagrama II – A Árvore da Morte



Bibliografia

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Editora Abril, 1979.
- BARBEIRO, Heródoto. *Buda – O Mito e a Realidade*. São Paulo: Madras Editora, 2005.
- BARDON, Franz. *Initiation Into Hermetics*. Merkur Pub Co, 2001.
- BLAKE, William. *Matrimônio do Céu e do Inferno*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- BONNELL, Robert. *Dante – o Grande Iniciado*. São Paulo: Madras Editora, 2006.
- BONTEMPO, Márcio. *O Livro da Grande Lei*. São Paulo: Madras Editora.
- BRENNAN, Anne e Brewi, Janice. *Arquétipos Junguianos*. São Paulo: Madras Editora, 2005.
- BRODIE-INNES, J.W. and Mathers, S. L. MacGregor. *The Sorcerer and His Apprentice*. HarperCollins Publishers, 1983.
- BRYNER, Michael e Spilsbury, Ariel. *O Oráculo Maia*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- BUDGE, E. A. Wallis. *A Magia Egípcia*. São Paulo: Madras Editora, 2003.
- CALDWELL, Daniel. *O Mundo Esotérico de Madame Blavatsky*. São Paulo: Madras Editora, 2002.
- CAMPBELL, Joseph. *Mitos da Luz*. São Paulo: Madras Editora, 2006.
- CAPARELLI, David. *Enciclopédia Esotérica*. São Paulo: Madras Editora, 2006.
- CARROLL, Peter J. *Liber Null & Psychonaut*. Weiser Books, 1987.
- CASTAÑEDA, Carlos. *A Erva do Diabo*. Record, 1974.
- CONTE, Carlos Brasília. *Pitágoras – Ciência e Magia na Antiga Grécia*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- COSTA, Wagner Veneziani. *Maçonaria – Escola de Mistérios*. São Paulo: Madras Editora, 2006.

- COSTA, Wagner Veneziani/FERREIRA, Cláudio Roque Buono/
PUGLIESI, Márcio e TORRIGO, Marcos. *O Livro Completo dos Heróis, Mitos e Lendas*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- CROWLEY, Aleister. *Os Livros de Thelema*. São Paulo: Madras Editora, 2001.
- CROWLEY, Aleister e MATHERS, S. L. MacGregor. *The Goetia – The Lesser Key of Solomon the King*. Weiser Books, 2001.
- CUMINO, Alexandre. *Deus, Deuses e Divindades*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- CUMONT, Franz. *Os Mistérios de Mitra*. Madras Editora, 2004.
- DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. Madras Editora, 2004.
- ELLIS, Normandi. *Deusas e Deuses Egípcios*. Madras Editora, 2003.
- ELLIS, Ralph. *Thoth – O Arquiteto do Universo*. Madras Editora, 2006.
- ENOCH. *O Livro de Enoch – O Profeta*. Madras Editora, 2004.
- FALORIO, Linda. *The Shadow Tarot*. Aeon Books, 2004.
- FELDMAN, Daniel Hale. *Qabalah – O Legado Místico dos Filhos de Abraão*. Madras Editora, 2006.
- FORTUNE, Dion. *The Mystical Qabalah*. Weiser Books, 2000.
- GRANT, Kenneth. *O Renascer da Magia*. Madras Editora, 1999.
- HIGGINBOTHAM, Joyce e River. *Paganismo*. Madras Editora, 2003.
- HOPE, Murry. *A Magia Atlante*. Editorial Estampa, 1994.
- IRWIN, William. *Matrix – Bem-vindo ao Deserto do Real*. Madras Editora, 2003.
- JUBAINVILLE, H. D'arbois de. *Os Druidas*. Madras Editora, 2003.
- KNIGHT, Christopher e Lomas, Robert. *O Livro de Hiram*. Madras Editora, 2004.
- KONSTANTINOS. *Nocturnicon*. Madras Editora, 2006.
- . *Vampiros – A Verdade Oculta*. Madras Editora, 2006.
- KURIANSKY, Dra. Judy. *O Guia Completo do Sexo Tântrico*. Madras Editora, 2007.
- LEET, Leonora. *A Doutrina Secreta da Kabbalah*. Madras Editora, 2007.
- LEET, Leonora. *A Kabbalah da Alma*. Madras Editora, 2006.
- LETERRE, A. *A Vida Oculta e Mística de Jesus*. Madras Editora, 2004.
- LEVI, Eliphas. *Dogma e Ritual de Alta Magia*. Madras Editora, 1996.
- . *A Chave dos Grandes Mistérios*. Madras Editora, 2005.
- LEWIS, H. Spencer. *A Vida Mística de Jesus*. Biblioteca Rosacruz, 1995.
- MARTINS, Oliveira. *Mitos da Religião*. Madras Editora, 2004.
- MIN. Tzu. *Chinese Taoist Sorcery*. Vision Press Films, 2000.
- MONTEIRO, Adriano Camargo. *A Revolução Luciferiana*. Madras Editora, 2007.

- . *Sistemagia – O Conhecimento Essencial para a Educação Mágica*. Madras Editora, 2006.
- NEMA. *A Magia Thelêmica de Maat*. Madras Editora, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do Bem e do Mal*. Madras Editora.
- OPHIEL. *A Arte e a Prática da Magia da Cabala*. Madras Editora, 2006.
- PANNU, Sujjan Singh. *Mitos e Mistérios da Índia*. Madras Editora, 2000.
- PAPUS. *O Ocultismo*. Madras Editora.
- PUGLIESI, Márcio. *Mitologia Greco-Romana*. São Paulo: Madras Editora.
- READER'S DIGEST, Seleções do. *Enciclopédia Seleções*. Reader's Digest Brasil, 2004.
- REGARDIE, Israel. *Magia Hermética*. São Paulo: Madras Editora, 2003.
- ROBINSON, James M. *A Biblioteca de Nag Hammadi*. Madras Editora, 2006.
- ROSENROTH, Knorr von. *A Kabbalah Revelada*. Madras Editora, 2006.
- RUSSELL, Jeffrey Burton. *Lúcifer – O Diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras Editora, 2003.
- SAMDUP, Lama Kazi Dawa. *O Livro dos Mortos Tibetano*. São Paulo: Madras Editora, 2003.
- SCHURÉ, Édouard. *Os Grandes Iniciados*. São Paulo: Madras Editora.
- SCOTT-ELLIOT, W. *Lendas de Atlântida e Lemúria*. São Paulo: Madras Editora, 2002.
- SIMON. *The Necronomicon*. Avon Books, 1980.
- SINGER, June. *Blake, Jung e o Inconsciente Coletivo*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- SOLARA. *11:11 – A Abertura dos Portais*. São Paulo: Madras Editora, 2000.
- SMOLEY, Richard. *Gnosticismo, Esoterismo e Magia*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- TEMPLE, Robert. *O Mistério de Sírius*. São Paulo: Madras Editora, 2005.
- TROBE, Kala. *Invocação dos Deuses*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- TYSON, Donald. *Magia Enochiana para Iniciantes*. São Paulo: Madras Editora, 2005.
- . *Necronomicon – As Peregrinações de Alhazred*. São Paulo: Madras Editora, 2007.
- WEBSTER, Richard. *Comunicando-se com o Arcanjo Gabriel*. São Paulo: Madras Editora, 2006.

- _____. *Comunicando-se com o Arcanjo Rafael*. São Paulo: Madras Editora, 2006.
- _____. *Comunicando-se com São Miguel Arcanjo*. São Paulo: Madras Editora, 2005.
- _____. *Comunicando-se com o Arcanjo Uriel*. São Paulo: Madras Editora, 2006.
- WELBURN, Andrew. *A Filosofia de Rudolf Steiner*. São Paulo: Madras Editora.
- WEOR, Samael Aun. *As Três Montanhas*. Movimento Gnóstico, 1994.
- _____. *Sim Há Inferno, Sim Há Diabo, Sim Há Carma*. Movimento Gnóstico, 1997.
- WESTCOTT, William Wynn. *Coletânea Hermética*. São Paulo: Madras Editora, 2003.
- _____. *Uma Introdução ao Estudo da Cabala*. São Paulo: Madras Editora, 2003.
- WILLIAMS, Joseph. *Vodu – Fenômenos Psíquicos da Jamaica*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- WILSON, Robert Anton. *O Gatilho Cósmico*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- _____. *Psicologia Quântica*. São Paulo: Madras Editora, 2007.
- ZENMAR. *The Authorized Dark Zen Meditation Manual of Buddhism*. Dark Star Publications, 2001.

A CABALA DRACONIANA

Esta obra busca proporcionar uma visão clara da Cabala estudada e praticada no Ocidente, abordando também as forças qliphóticas, ou tenebrosas, do universo cabalístico. É um trabalho que trata de diversos assuntos correlatos e de aspectos sombrios da existência que raramente são considerados na literatura cabalística em geral e muito pouco abordados pela maioria dos ocultistas.

A Cabala Draconiana (Cabala Hermética e Setiana) abrange o estudo da Luz e das Trevas em diversos contextos, tendo o dragão como um arquétipo muito considerado.

Aqui, o leitor verá o Caminho da Mão Esquerda (Espiritualidade das Sombras), isento da conotação pejorativa e muito difundida de “magia negra” ou “magia diabólica”, no qual o deus oculto individual, o sexo e a mulher são importantes. E também o Caminho da Mão Direita (Espiritualidade da Luz), porque assim é o universo e o homem com as forças opostas necessárias à manifestação.

O leitor, iniciante ou iniciado no assunto, obterá orientações e procedimentos relativamente eficazes para o desenvolvimento consciente, gradual e contínuo do caráter e da alma, e novos *insights* para seus estudos.

O autor também explica a Cabala pelo mundo em que vivemos, bem como nosso mundo pela Cabala, de maneira inteligível, sintética e sem muitos mistérios. Sendo assim, esta obra pode ser vista como um manifesto cabalista que demonstra a atual situação do mundo sob as influências das Esferas cabalísticas, benéficas e maléficas. Neste livro o leitor verá:

- As diferenças entre Cabala Draconiana e Cabala Judaica;
- Cabala Draconiana, Alquimia, Hermetismo e Setianismo;
- Cabala Draconiana nos contos-de-fadas e o arquétipo de Lilith;
- Cabala Draconiana e as ciências, as artes e as religiões;
- Cabala Draconiana e a mitologia universal;
- Arquétipos arbóreos e arquétipos draconianos;
- Dracologia esotérica e Cabala;
- Otz Daath, a Árvore do Bem e do Mal;
- As Sephiroth e suas Qliphoth;
- Os Caminhos de Thoth e os Túneis de Set;
- Choronzon, Set e Leviatã;
- Daath, Caos e Sírius B;
- Os Arcanjos e os Arquidemônios da Cabala e seu significado, razão e finalidade no esquema do universo e do mundo;
- Símbolos e instrumentos mágicos das Esferas Cabalísticas; etc.

Do mesmo autor de *Sistemagia* e *A Revolução Luciferiana*, este livro dá continuidade a sua série de obras que visam ao desenvolvimento psicamental e espiritual e à educação da vontade.

Bons estudos!



MADRAS

ISBN 978-85-370-0258-2



9 788537 002582